

RETIROS

do Reverendíssimo Padre LUÍS BRISSON O.S.F.S.



Retiros 1893 - 1900

6

Palmeira das Missões - RS - dezembro 1990

ÍNDICE - RETIROS 1893 - 1900

1893

1. A Missão dos Oblatos e a Doutrina da Boa Madre	1
2. Meios para ser bons religiosos (perante Deus).	7
3. Meios para ser bons religiosos (para com o próximo).	12
4. Meios para ser bons religiosos (para com nós próprios)	17
5. Os três vínculos do religioso	24

1894

1. O Retiro	31
2. O Retiro Geral - Os Votos - A Pobreza - A Castidade	37
3. A Castidade - A Obediência	44
4. A Obediência	51
5. A observância pontual das Constituições	57
6. O Memorando diário - A Promoção Vocacional - As provas e as consolações dos O.S.F.S.	65
7. O Capítulo Geral - O Diretório - A Caridade	72
8. A Confissão do Retiro - A Visita - Os relacionamentos com estra- nhos	78
9. A educação da juventude - Os Anais Salesianos	87
Alocução do dia 18 de agosto de 1894	98

1896 (agosto)

1. O Retiro	104
2. Os Votos	111
3. Nossas Obras: os Colégios	118
4. Mais sobre os Colégios - As Obras	127
5. A edificação espiritual	136
Nossas Obras em 1896	146

1896 (setembro)

1. O Retiro e o Diretório	153
2. A vida do Oblato - A Meditação	156
3. Mais sobre a Meditação - A Santa Missa	161
4. O exterior do Oblato	166
5. A união de caridade	170

6. As Obras dos Oblatos	174
7. A penitência e a mortificação dos Oblatos	178
8. A vida do Oblato	181

1897 (agosto)

1. (sem anotações)	
2. A caridade para com o próximo	185
3. O Voto de Pobreza	191
4. O Voto de Obediência	198
5. Recapitulação: a Caridade, a Pobreza, a Obediência - O Voto de Castidade	204

1897 (setembro)

1. A obra do Retiro	212
2. As tentações do Oblato	216
3. Os Votos do Oblato, fonte de sua felicidade	220
4. A Caridade	225
5. "Forma facti gregis ex animo" (Como modelos do rebanho)	230

1900

1. O Retiro	234
2. A Confissão	238
3. A Caridade	243
4. A Caridade para com os Superiores - A Mortificação	250
5. O Credo da Boa Madre	256
6. Nossos estudos	263
7. A Direção Espiritual	268
8. A pregação e a tentação	274
9. O Caminho	282
10. Ação de graças	289

PRIMEIRA PALESTRA

A MISSÃO DOS OBLATOS E A DOCTRINA DA BOA MADRE

Meus amigos, é preciso que nos tornemos religiosos. Em todos os tempos, a Igreja tem precisado de religiosos, pessoas que se dedicam mais especialmente à salvação das almas. Em todas as épocas, os religiosos têm tido parte considerável no trabalho da Igreja, uma porção notável nos seus sucessos. A vida religiosa tem assumido formas diferentes, de acordo com o tempo e os costumes. A vida religiosa, nos séculos de maior fé, era bem mais acentuada do que hoje em dia; suas práticas eram mais enérgicas e declaradas. Havia um grande espaço entre o mundo e a vida religiosa. A vocação religiosa era colocada num pedestal bem alto. Era o sumo que almas jovens e ardentes ambicionavam; via-se nela o meio de realizar coisas grandiosas e, sobretudo, de se aproximar do Bom Deus.

Essas Ordens religiosas de outrora, em parte, existem ainda. Foram obrigadas a modificar muitas coisas e adaptar-se mais aos costumes hodiernos. Não quero dizer que não sejam mais influentes e ativas ou que só subsistam em virtude do seu primeiro embalo e a título de recordação. Tem que se reconhecer, no entanto, que o papel delas se desvaneceu um pouco e que o porvir não lhes pertence tanto. *Simile est regnum caelorum homini negotiatori* (Mt 13,45). O Reino dos Céus é semelhante a um negociante. O que se vendia há cem anos hoje em dia não é mais vendido; o que era moda no ano passado hoje já não o é. As Congregações não são acrescentadas àquilo que está estabelecido já; elas não são um enchimento; formam o âmago da Igreja da nossa época. Não estou desprezando nada, estou tratando de história.

É preciso, portanto, meus Amigos, que considerem a Congregação como algo valioso e como uma coisa sumamente importante. A Ordem de São Francisco de Assis sempre viverá, sem dúvida, e, sem cessar, dará ao mundo, que muito precisa disto, a lição da pobreza e do amor a Deus pela penitência. O mundo sempre necessitará dessa lição. Terá sempre precisão da lição que cada uma das grandes Ordens religiosas lhe deram ao surgirem, isso é verdade; mas, afinal, deve-se constatar ao mesmo tempo que as grandes Ordens sofrem, sem dúvida, em certo declínio. Indubitavelmen-

te preenchem um lugar necessário; mas, diante das novas necessidades do mundo, não é a elas que o futuro está reservado. Será que estou sendo temerário ao afirmar isso? Não, ocupo-me com história, como já disse. Mas essas velhas árvores enraizadas tão profundamente no solo da Igreja, cujos galhos se estendem tão longe, dão ainda sombra, embora não tantas frutas como no passado. Aos seus pés crescem as novas gerações que devem substituir as velhas árvores no pomar da Igreja; devem respeitar essas antigas ocupantes da terra sagrada da Igreja. Mas essas árvores novas, por mais fracas que sejam, miseráveis, meio ressequidas, substituirão suas antigas protetoras; mais tarde, elas, por sua vez, terão que lançar suas raízes no solo, desenvolver-se, alongar seus ramos e cobrir-se de flores e frutos. Essa, meus Amigos, é a opinião que devem ter sobre si mesmos e referente a sua Congregação.

Os Senhores me dirão talvez: Há sem dúvida uma quantidade de Congregações recém fundadas e que, de uma forma ou de outra, se parecem conosco. Elas possuem alguns homens de verdadeiro talento; seus membros levam uma vida edificante. Comparando com essas comunidades, nós não fazemos nada, não somos ninguém. Prestem bem atenção, meus Amigos! É preciso que tenhamos um pouco de fé no sobrenatural. Se os Oblatos existem, não é porque um indivíduo quis fazer o bem. Nossa origem, nosso princípio não depende de uma vontade, de um raciocínio humano. Os Oblatos começaram, a semente foi lançada na terra de uma forma muito particular, com seguranças e sinais bem fortes. Deus não se envolve num grande trabalho para não chegar a nada. Leiam bem a Vida da Madre Maria de Sales; lembrem-se vivamente daquilo que os Sumos Pontífices Pio IX e Leão XIII me disseram e os Senhores verão bem claramente que não existimos ocasionalmente; não devemos nosso nascimento ao simples desejo de fazer o bem por parte de alguma boa alma. É um desígnio todo divino que nos suscitou. Nós não somos apenas os ajudantes para a Igreja, destinados a encher um buraco onde faltava alguma coisa; não somos um punhado de argamassa jogado num vão do muro. Nós nascemos dos desígnios da misericórdia divina, da comunicação das Pessoas Divinas entre si. Nossas percepções, nossas operações, nossos atos são a continuação das operações e dos atos divinos e devem surtir alguns efeitos na Igreja. Eu repito sempre de novo o que os Papas me disseram, o que dizem os que nos observam e aqueles que ouviram falar sobre nós; mas isso deve ser para nós um encorajamento considerável.

É imprescindível que sejamos verdadeiros Oblatos de

São Francisco de Sales, que sejamos religiosos completos, aos quais não falta nada. Nossa Congregação, para voltar à comparação anterior, é uma arvorezinha plantada num solo que não lhe é muito favorável. Atualmente, é certo que fora não encontraremos nada que nos ajudará; nada nos auxiliará. A chuva do céu não cairá nem sobre nós nem ao redor de nós. Nada de fora virá refrescar o campo e seu terreno escaldado. Pobre arvorezinha! só pode secar e descascar! Todas as antigas Congregações, ao surgir, viram-se rodeadas de um concerto de aprovações, de ofertas e devoção; as famílias ricas da vizinhança lhes apresentavam terrenos, tesouros e lhes davam a elite de seus filhos. Era uma honra tão grande ser religioso! A fé mostrava como altamente meritório tudo o que se fazia para os religiosos! Onde encontrar tudo isso agora? Os Senhores serão obrigados a ser bons e santos religiosos; de fora, nada os ajudará. É preciso, contudo, ocupar o nosso lugar, cumprir a nossa missão.

Mais uma vez, eu desejo que estejamos todos totalmente convencidos desta idéia que nosso Instituto não está somente destinado a fazer um bem qualquer na Igreja de Deus. Ele está designado, dentro dos projetos divinos, para fazer um bem todo especial, todo particular e determinado e que corresponde a uma grande necessidade de nossa época, a uma visão toda particular da misericórdia de Deus. O Instituto desenvolverá sua atividade, seu exemplo, não de fora, mas de dentro. É preciso que essa arvorezinha busque no solo árido a substância que lhe é necessária. É forçoso que suas raízes se aprofundem e trabalhem, que ela se fortifique e cresça, que a seiva se expanda por toda a parte e desabroche em ramos, em folhas e flores. Quem fará com que essa seiva seja aproveitada? Será preciso que seja a própria árvore.

Temos, portanto, uma grande missão a cumprir, uma incumbência toda divina. Amparados em nada de fora, é preciso encontrarmos por dentro tudo o que nos for necessário para aproveitar a nossa atividade, nossa vida inteira para o que Deus quer de nós, para o que ele resolveu sobre nós em seus desígnios eternos. Os Senhores me entendem, meus Amigos. Quero que se compenetrem bem dessa doutrina. Devem dizer a si próprios: Devo ser religioso, um verdadeiro religioso!

Minha intenção durante este retiro é, portanto, dizer-lhes o que devem fazer para ser verdadeiros religiosos. Escutem bem as minhas palavras; elas encontrarão repercussão nos Senhores e lhes serão espírito e vida. Elas conduzirão cada um dos Senhores pelo verdadeiro caminho da perfeição religiosa: Euge, serve bone et fidelis, quia in pauca fuis-

ti fidelis, supra multa te constituam (Mt 25,21) (Muito bem, servo bem e fiel! Sobre o pouco foste fiel, sobre o muito o colocarei). Convençam-se profundamente da obrigação que os Senhores têm de ser bons, santos e verdadeiros religiosos. Peço-lhes encarecidamente: não visem outra coisa. Não contem com outras alternativas. Não tentem desviar-se desse objetivo; evitem cuidadosamente tudo o que poderia despistá-los. Firmemo-nos todos vigorosamente nesta posição, durante o retiro. Fixemo-nos neste princípio que devemos considerar-nos religiosos realmente especiais, incumbidos de uma missão totalmente providencial. Durante tantos anos, eu assistia a manifestações do Bom Deus sobre esse tipo de coisas, que agora eu acho realmente ser o meu dever insistir para firmá-los e fundamentá-los, cada vez mais, nessa corrente de idéias. Eu não gostaria de comparecer diante de Deus sem ter feito o possível para desenvolver nos Senhores essa fé. Não me atreveria tomar sobre mim a responsabilidade de calar-me sobre todas essas coisas. Quando eu estava escrevendo ou queria escrever a Vida da Boa Madre Maria de Sales, encontrei-me com Dom de Ségur que me disse: "Padre Brisson, não suprima uma só palavra da vida da Madre Maria de Sales. Isso não lhe compete. São coisas próprias do Bom Deus. Se omitir uma palavra, eu me colocarei atravessado na porta do Paraíso para impedir-lhe a entrada." Todas essas coisas que a Boa Madre me disse - pouco importa como as recolhi, isso não quer dizer nada - eu as vi confirmadas, realizadas por tudo o que aconteceu depois. Tudo o que me era dito se realizou sem falha. Todas as almas vêm, com muito prazer, beber nessa fonte; todos dizem a mesma coisa; todos encontram ali o que é verdadeiro, o que é bom, o que sacia e satisfaz todas as aspirações da alma. Os Papas, os Bispos, os santos Sacerdotes, todo mundo diz a mesma coisa. O bom e venerado Bispo de Riobamba, que temos neste momento entre nós, disse-me ontem: "A doutrina da Madre Maria de Sales é uma doutrina profunda, eficaz, completa para a santificação das almas." O sacristão do Santo Padre, Dom Pifferi, que esteve aqui nos últimos dias, que durante muito tempo se opunha à Boa Madre e que veio rezar no túmulo dela, ele também agora reconhece tudo aquilo. Entretanto, no ano passado e há dois anos, ele dizia, baseado nos seus preconceitos contra a Boa Madre: "A Rémusat será certamente beatificada; a Chappuis, jamais!" Há alguns dias, ele já não me manifestou mais a mesma linguagem, nem de longe. Apertou-me a mão com uma cordialidade incomparável. "Padre Brisson," ele me disse, "há muito tempo que o conheço de nome, tanto pela Vida que escreveu quanto pelas correspondências dos mosteiros da Vi-

sitação. Quero dizer-lhe como achei a doutrina da Madre Chappuis profunda, consoladora para a alma; como também acredito que deve produzir grandes efeitos naqueles que dela se servem." Conversamos longamente sobre a Boa Madre; ele se interessou em tudo o que eu lhe dizia. E quando me despedi, ele me disse ainda: "Agradeço-lhe por tudo o que acaba de dizer-me. Essa Boa Madre merece uma grande veneração; sua doutrina, tudo o que ela ensina é verdadeiro, é fundamental."

Cabe a nós, meus Amigos, a missão de transmitir essa doutrina aos outros. Devo confessar-lhes que tinha um pouco de medo, há algum tempo, que outros ocupassem o nosso lugar. Padre Tissot, o Superior dos Missionários de São Francisco de Sales, de Annecy, tomou a doutrina da Boa Madre muito a peito; ele a prega por toda a parte, nos retiros clericais, ao povo, aos operários. Eu receava um pouco, pensando: "De fato, se não fôssemos tão molóides, nós é que deveríamos fazer isso. Olhe, as outras Congregações vão tomar conta da nossa herança!" Mas eu fiz depois uma pequena restrição que me consolou. Reconheço que Padre Tissot compreendeu bem, sem dúvida, a Boa Madre, mas ele não a vê em toda a luminosidade dela. Ele percebe nela, sim, o testemunho da misericórdia divina; está bem. Mas ele não enxerga talvez suficientemente, como nós, a necessidade prática da fidelidade a Deus, à doutrina do Diretório. "Bom," eu disse aos meus botões, "Padre Tissot não nos roubou a herança; poderemos ainda sair-nos bem, sob a condição de sermos bons Oblatos." Cantaremos as misericórdias do Senhor para sempre: *Misericordias Domini in aeternum cantabo* (Sl 88,2). Vamos cantá-las um pouco, sem dúvida, já na terra; mas primeiramente e antes de mais nada, cantemos, preguemos e pratiquemos a fidelidade.

Há dois aspectos na doutrina da Boa Madre: a parte do Bom Deus e a nossa. O papel do Bom Deus é a misericórdia; o da criatura é a fidelidade. Através desta é que agradamos a Deus e atraímos sobre nós a sua misericórdia. A fidelidade nos fará cantar a misericórdia, e por ela faremos os outros cantá-la. Compenetremo-nos bem dessas idéias.

Esforcemo-nos para atrair-nos as luzes divinas, as graças especiais, obtendo de Deus primeiramente a fidelidade em fazer bem todas as coisas. Os Senhores encontram dificuldade em realizar o retiro. Sua alma está seca, árida, adversa ao retiro: está bem. Apesar de tudo isso, Deus os está chamando. Respondam-lhe: Presente! Ecce adsum! (Eis-me aqui!) Gostando ou não daquilo que fazem, pouco importa. Os Senhores estão fervorosos: está muito bem. Encontram-se indispostos, aborrecidos, enfren-

tando dificuldades: é cem vezes melhor; daí, não se desanimem, mas tentem responder a Deus.

Os exercícios religiosos, os exercícios do retiro sobretudo, são como os sacramentos: produzem efeitos por si mesmos. Os Senhores entram com total boa vontade; esta é a matéria; a graça, como no sacramento, vem ajudar e avivar aquilo que trazem, daí os Senhores estão aderindo à Vontade de Deus.

Os Senhores fazem meditação, mas estão aborrecidos, cansados? Será que Nosso Senhor estava à vontade na Cruz? Os Senhores estão sofrendo física e moralmente? Parecem-se com ele: Deus, Deus meus, ut quid dereliquisti me? (Mt 27,46). (Deus, meu Deus, por que me abandonaste?) O momento da cruz é o da Redenção, da salvação do mundo. Compreendam bem isso. Façam o retiro nesse sentido. Alegrem-se por sofrer e padecer: isso é o que faz o retiro bem-sucedido. *Communicantes Christi passionibus, gaudete* (Pd 4,13) (Na medida em que participais dos sofrimentos de Cristo, alegrai-vos). Assim o retiro lhes será proveitoso. Será a união de nossa alma com Deus, a união com a luz que ele nos comunicará, mostrando-nos nossos pecados, nossos defeitos. Para nós, o retiro não é um tempo extraordinário. É um tempo como qualquer outro. Ao sairmos do retiro, devemos continuar as mesmas coisas como antes. No retiro, esforçamo-nos para fazer melhor o que temos a fazer, para - após o retiro - fazê-las melhor. Mas são absolutamente as mesmas coisas. No retiro, devemos fazer, momento por momento, hora após hora, o que havemos de fazer o ano todo; mas o faremos do modo melhor possível.

Façam, portanto, o retiro bem nesse sentido. Deixem se ajudar por seus amigos, por seus protetores do Céu. Cada um dos Senhores foi educado cristãmente. Cada um, desde a infância, tinha o hábito de fazer pequenas orações simples, afetuosas, confiantes a algum santo. Essas práticas piedosas faziam bem para a sua alma. Elas o farão ainda: usem-nas.

Acrescentem a isso uma devoção filial à Boa Maria de Sales e invoquem-na de todo o coração. Se todos tivessem a felicidade de tê-la conhecido, dirigindo-se a ela na oração, vê-la-iam na lembrança, diante de si, boa e afetuosas; compreenderiam tudo o que havia no coração dela quanto à caridade, à bondade, referente ao poder de afeto materno. O Salvador, na Cruz, deu para a Igreja a sua Mãe para substituí-lo. O Bom Deus nos dá também a Boa Madre Maria de Sales para ajudar-nos, para nos servir de intermediária, de conselheira e de apoio materno. Lembremo-nos disso;

durante o retiro particularmente, aproveitemos isso. Se passarmos provações, se não virmos claro, se não experimentarmos sentimento algum, dirigamo-nos a ela, pedindo-lhe conselho e ajuda, e ela virá em nosso socorro.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

SEGUNDA PALESTRA

MEIOS PARA SER BONS RELIGIOSOS

1. O que se deve ser perante Deus.

Para sermos bons religiosos é necessário aproveitar os meios indicados pela Regra. Esses recursos são muitos, e é difícil abordar todos, durante o retiro, de forma completa e aproveitável. Chegaremos ao mesmo resultado, acredito, colocando-nos - durante o retiro - frente a Deus, aos homens e a nós mesmos.

Parece vago, geral, difícil talvez de executar esse colocar-se na frente de Deus. Lê-se na vida dos santos que eles não perdiam a consciência da presença de Deus. É um aspecto que nos deslumbra talvez. E o pensamento em Deus, o olhar em Deus, a presença de Deus incomodam-nos e nos são um peso. Eis por que é difícil tornar-nos religiosos.

São Bernardo vivia a tal ponto na presença de Deus, que todas as criaturas, tudo o que via, tudo o que tocava, exalava para ele uma sensação da caridade e do amor de Deus, longe de ver nisso - como nós o fazemos por demais - algo instintivo, inevitável e indispensável.

A Boa Madre Maria de Sales, durante toda a sua vida, não fazia outra coisa a não ser conservar-se sob o olhar de Deus. Em suas orações e suas atividades, nos seus sofrimentos e trabalhos, Deus estava diante dela, presidindo a tudo e aclarando tudo com sua luz divina. Notem bem: essa vida na presença de Deus não é um estado ao qual se pode aspirar ou não aspirar; não é tampouco uma perfeição que seja o resultado de grandes esforços e um tributo a algumas almas privilegiadas.

Não se pode viver a vida sacerdotal e religiosa, se Deus não ocupa o lugar completo e superior em todas as nossas ações e determina-

ções. Será que todos nós já alcançamos esse grau? Fora da oração, da recepção dos Sacramentos, da Santa Missa, dos nossos exercícios religiosos, que lugar Deus ocupa em nossa vida? E que podemos fazer sem ele? *Sine me nihil potestis facere* (Jo 15,5) (Sem mim nada podeis fazer). Desde o momento em que não estejam mais comigo, não podem realizar nada. Eu sou o tronco, vós sois os ramos (Cf. Jo 15,5). Se os Senhores não estiverem comigo, não passarão de ramos secos e serão bons para serem jogados ao fogo. Logo, existe a obrigação absoluta de formar em nós um hábito, um estado, que faça com que Deus esteja em toda parte conosco e que ele esteja conosco em todas as nossas ações, de forma que não ajamos, não vivamos e não respiremos a não ser por ele.

Será que esse estado supõe uma situação de contemplação contínua, de prece viva e ardente, formulada a todo o instante? Não. Esse estado consiste na disposição constante de uma vontade que pertence totalmente a Deus, de uma vontade que quer fazer tudo para Deus, em sua presença, tomando e aceitando tudo da mão divina. Recorrer incessantemente a Deus na simplicidade de coração, esforçar-se para viver sob seu olhar, depender inteiramente dele, isso é para nós viver na presença de Deus. Não é cansativo, porque é antes a vontade que trabalha do que o espírito ou a imaginação. Os Senhores doam sua inteligência, seu pensamento, sua imaginação a Deus, ocupam-se dele; está bem, mas é pouco. Deus não olha muito o intelecto. Reparem, ele deixou ao demônio toda a sua inteligência; mas lhe tirou o coração. O demônio julga, compreende, vê, pensa, mas não consegue mais amar; só é capaz de odiar. Amamos a Deus, oferecendo-lhe a nossa vontade, repetindo a todo o instante nossa determinação de pertencer a ele, de fazer tudo com ele e para ele; assim teremos encontrado a verdadeiro meio de pertencer-lhe totalmente. Certamente não me expressei tão bem quanto eu gostaria. É difícil definir um estado de alma, um sentimento, uma paixão. É custoso dar uma idéia bem clara de uma coisa tão abstrata e espiritual. Eu só posso esboçar uma tentativa de dar-lhes uma noção que será compreendida segundo a luz divina que Deus deu a cada um dos Senhores. Mas compreendam bem a necessidade que temos de viver assim na presença de Deus, presença mais de vontade e de ação do que de inteligência ou de imaginação. Deus ocupe sempre o primeiro lugar em todas as atividades de nossa vida. É necessário que o religioso se habitue a não amar senão o que Deus ama, a só procurar o que ele procura, a só tomar decisões na presença de Deus, a só prender-se às coisas divinas e não apegar-se à vontade própria, nem ao orgulho, nem às

paixões, nem tampouco à sua personalidade própria.

Eu via, em toda a vida da Boa Madre Maria de Sales, uma perfeição tão constante, uma coisa tão elevada, acima da natureza humana, que nada do que ela fazia parecia custar-lhe; tudo era simples e natural, nada de particular nem singular; era esta vida constante de união com Deus que divinizava todas as suas ações. É esse estado de união com Deus que faz com que o religioso é verdadeira e totalmente o homem de Deus. Ele age, fala, executa com Deus; este está com ele. Deus é o ar que ele respira, o alimento que o sustenta, a claridade que o ilumina. São Vicente de Paulo andava rezando o breviário, fazendo meditação, celebrando Missa, escutando um, atendendo outro; não fazia outra coisa. Mas tudo o que fazia, realizava-o com Deus; conversava com ele sobre tudo o que o preocupava, sobre os meios de alimentar a região de Lorraine ou a de Champagne e conseguia tudo. Santo Afonso de Liguori, Doutor, estudante, pregador, só fazia isso. São Tomás de Aquino falava com seu crucifixo, que lhe respondia. São Francisco de Sales, em sua missão de Chablais, escalava as montanhas cobertas de neve e dizia ao Bom Deus: "Meu Deus, se meu corpo está frio, fazei com que a minha alma esteja ardente e que eu leve comigo, por toda a parte, o fogo do vosso amor." Compreendamos bem: trata-se de um estado, de uma maneira de ser.

Não pensemos que a atividade dos santos seja um ato puramente pessoal. Certamente eram livres; mas, se faziam tão grandes coisas, é porque operavam em união com Deus Nosso Senhor: "Eu sou o tronco, eu sou a seiva, vós sois os ramos." (cf. Jo 15,5).

Façamos atentamente o exame de consciência sobre isso. Como sacerdote, como religioso, que lugar Deus tem ocupado em nossa existência? Que é que nos sensibiliza, nos interessa, nos aconselha? Que percebemos nós? Nós, sempre nós. E nesse nós, o que há de Deus? Sem dúvida, existe entre nós sempre uma porta pela qual Deus nos dá uma mão, um encorajamento... Mas é suficiente? Em geral, quem é que age em nós? Que é que nos alegra? Onde está Deus? Façamos, então, um exame muito sério sobre isso. Não tivemos, durante a infância o costume de viver assim em presença de Deus. Sem dúvida, não queremos deixar Deus de lado e cometer faltas graves. Vivemos na graça habitual. Mas nossa permanência comum não é em Deus, mas em nós próprios. Todas as nossas ações exteriores, nosso trabalho, donde procedem? Onde vamos procurar a força e a coragem? Quantas vezes, em nossas dificuldades, invocamos e consultamos a Deus? Ao alimentar-nos, recrear-nos ou quando passeamos, não é sobretudo em

vista de nós mesmos que o fazemos? E a parte de Deus está suficientemente presente? Para compreender bem isso, meus Amigos, é preciso tê-lo visto. Não o tendo visto, certamente, é bem difícil. Eu o vi; eu vi essa vida de união com o Bom Deus, incluindo todas as suas fases, como também com todos os seus resultados, durante tantos anos. Eu disse comigo mesmo: "O que é a santidade?" É isso. Daí, durante a vida da Venerada Madre Maria de Sales, eu nunca teria vontade de visitar um outro santo; eu tinha tudo o que precisava. Jamais tinha a ideia de visitar o Cura de Ars ou um outro. Eu teria medo de não encontrar, nem de longe, tudo aquilo que encontrava aqui, a santidade completa, a perfeita correspondência à ação de Deus, a integridade do ser humano em união com Deus. Eu não poderia encontrar nunca o que parecia tão claro, tão desprendido de toda personalidade própria.

Quando se perguntava alguma coisa à Boa Madre, ela começava não dizendo nada, inclinava a cabeça, parecia consultar e escutar, depois respondia simplesmente sim ou não, e não se enganava nunca. É que o próprio Deus a aconselhava e não a abandonava. Esse estado, meus Amigos, tem preço, custa; requer uma fidelidade constante. É o segredo da vida religiosa. Esta efloração de Ordens religiosas que admiramos nos primeiros séculos e em certas épocas da história e que cobriu a terra de mosteiros, de toda a espécie de Ordens e Institutos, não tem outra razão de ser. Tentava-se encontrar a Deus só; para tanto, os eremitas procuravam os lugares desertos, a solidão, onde se ouvia melhor a voz de Deus. Padre Retournat, que fui visitar na Cartuxa, tinha escolhido sua solidão sob uma escada onde passava pouca gente e só recebia luz por uma pequena janela alta. Eu lhe disse: "Padre, por que não escolhe uma cela mais espaçosa, mais iluminada? Isso lhe seria certamente permitido, com sua idade?" Ele respondeu: "Sabe que vêm tantos estranhos aqui que eu ouviria o barulho disso, enquanto neste lugar não ouço nada a não ser a voz de Deus e o grito das águias. Nada me distrai do pensamento em Deus e da presença dele.

A presença de Deus, portanto, deve ser algo íntimo, no fundo do coração. Não praticamos isso suficientemente. É um costume a formar em nós. De manhã, deve-se prever com Deus o que se fizer durante o dia e dizer a ele: "Eu vos oferecerei o vosso lugar. Para ser verdadeiro religioso, é preciso entregar a Deus sua existência inteira; importa deixar-lhe seu lugar integral.

A falta de fé daqueles que nos rodeiam faz com que não encon-

tremos nada ao redor de nós que nos ajude a viver assim. Essa vida, além disso, não é comentada, não se comunica, nem entre amigos. Mas sendo praticada, todo mundo percebe o que está acontecendo, todos o compreendem. É o espírito de toda a Sagrada Escritura. De tardezinha, uma brisa refrescante soprava no paraíso terrestre, e Deus desceu e conversou com nossos primeiros pais (cf. Gn 3,8). Mais tarde, ele dialogava familiarmente com os Patriarcas, com Israel, seu povo escolhido. Lutava com ele, estava sempre com ele. Da mesma forma no Evangelho, Deus não está presente em tudo? Ali tudo não respira sua presença e ação? Todos os escritos de São Paulo respiram a ação e a presença de Deus, a união deste com a alma dos fiéis. Ele é que está lá, ele é quem age de uma maneira direta, nos mínimos detalhes. São Paulo naufraga, uma serpente lhe morde na mão. "É, portanto, um malfeitor," diz o povo, "pois mal escapa de um perigo e cai num outro maior." (cf. At 28,4). Mas Deus estava lá, ele cura o seu servidor. São Paulo cai três vezes no mar, Deus o salva. A alma de São Paulo vivia em Deus, como o peixe vive na água do oceano. Examinemos bem e vejamos que lugar Deus ocupa entre nós, e como deve ser. Repito, não se trata de uma idéia, é uma existência, uma vida, um fato. Um fato se comunica e se enuncia, mas nem sempre se pode explicar. Peçamos com fervor à Boa Madre este dom que Deus esteja conosco como ele estava com ela; ele nos torne, como ela, generosos, sinceros, afastados de toda a mentira, de toda a duplicidade; ele nos dê um coração reto que vai até o fim, sem desistir no caminho. Nossa obediência seja como era a dela, cheia de determinação. Os decididos realizam tudo de forma bem acabada. Quem é que faz essas coisas? Deus conosco, "nobiscum Dominus". Deus conosco, Emanuel (cf. Mt 1,23). Para chegar a isso, o que fazer? Formar um costume, para tanto pensar nisso, fazer algum empenho para isso, sobretudo o querer. É preciso que a gente se diga de vez em quando: O que há de Deus no que estou fazendo? Na humilhação que sofro? O que existe de Deus naquilo que eu como, no que tomo, na minha roupa, no que empreendo?

Peçam com fervor à Boa Madre esse quinhão de Deus. Esse estado, no qual ela vivia constantemente, originava ao redor dela uma tal influência, conforme eu podia julgar e constatava, que ela podia dizer como São Bernardo: "Todos aqueles que me tiverem visto no Claraval verão Deus comigo, no Céu." Todos os que a viam, que viviam perto dela, que a escutavam, a verão no Céu, irão para o Céu. Esta promessa ela fez; até agora tudo parece provar que se realizou. Quanto a nós, o meio mais prático de chegar a esse estado de vida com Deus é tomar o Diretório, é

ser-lhe fiel. Procurem praticá-lo fielmente durante três meses e verão.

Em resumo, não é possível tornar-se um santo religioso e um bom sacerdote, se Deus não é o auxiliador permanente de nossa vida, nossa ajuda, nosso amparo nas fraquezas, nas tentações. Deus conosco, Deus a nosso lado, Deus, Deus em nós!

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

TERCEIRA PALESTRA

MEIOS PARA SER BONS RELIGIOSOS

2. O que se deve ser para com o próximo.

Meus Amigos, façamos o nosso retiro bem feito. O retiro, repito, - e não é demais insistir nisso - é o retiro. Ele acarreta sua graça própria, especial. É um tempo privilegiado, em que as graças do Salvador se nos comunicam de maneira extraordinária. É o tempo da paixão de Nosso Senhor a qual durou três dias. É o tempo da preparação à vinda do Espírito Santo, que durou dez dias. É o tempo no qual o Bom Deus se comunica conosco de modo todo especial, muito íntimo. Tenhamos, pois, muita fé no retiro. Essa fé fará com que cada instante do retiro se passe com grande fidelidade a Deus.

Façam bem a sua meditação do retiro. Apliquem-se a realizar pontualmente, com esmero perfeito, todos os exercícios. É Jesus que vem passando e não voltará mais. Como os Senhores têm fé nos sacramentais, na eficácia da oração, acreditem nos exercícios do retiro. Façam, portanto, o retiro bem feito, quer dizer, façam-no fiel e corajosamente. Além disso, seja ele como for, quanto às luzes e às consolações que lhes porporcionar.

Façam o retiro no monte Tabor, se Nosso Senhor os conduzir a isso: está bem. Mas, então, não façam como São Pedro que acreditava e queria ficar sempre ali e que não sabia o que estava dizendo. Se for o retiro do Calvário que os Senhores fazem, será melhor ainda; este deve durar sempre, sendo seu efeito infinito. Sua eficácia atinge todo mundo, todas as almas, por todos os séculos. Portanto, façam-no de todo o cora-

ção.

Se o retiro não lhes diz nada, se estão cansados, distraídos, com vontade de dissipar-se, de não aplicar-se aos diferentes exercícios, no entanto, superando essa repugnância, triunfando sobre essas dificuldades, ou, pelo menos, lutando corajosamente contra elas, farão um bom retiro. Se, pelo contrário, os Senhores se entregarem, chegarão ao vazio, ao nada.

Entenderam-me bem. Estão se dando conta como estas horas, estes momentos do retiro são preciosos, tamquam aurum et argentum (como ouro e prata). É a pérola preciosa que se procura à custa do sossego. Procurando-a, sacrificando o seu cômodo, suas preferências e inclinações, prestarão homenagem a Deus, um louvor completo e verdadeiro.

Ontem os censurei; não quero fazê-lo hoje. Ontem os repreendi por não oferecerem a Deus o lugar que lhe compete na vida dos Senhores, mantendo-se demasiadamente distantes dele, fechando-se demais em si, enquanto não admitem a influência dele, quando esta não combina com a vontade e as inclinações dos Senhores. Não é assim que se formam os santos, não é assim que fazia o nosso modelo, São Francisco de Sales. São Vicente de Paulo, Santo Afonso de Liguori não faziam assim, nem a Boa Madre Maria de Sales. Todas essas almas estavam totalmente devotadas a Deus. Fiz aos Senhores uma censura merecida. Com relação ao Bom Deus temos muito que fazer; refletamos nisso e mudemos durante o retiro, dando mais atenção à atuação e à Vontade de Deus do que às nossas vontadezinhas pessoais.

Hoje quero dizer-lhes o que devem ser perante o próximo. Nisso, certamente, não tenho a mesma crítica a fazer-lhes. O próximo ocupa um lugar importante na vida dos Senhores, tem um peso enorme. Sendo professor, vigilante, ou encarregado do ministério pastoral, envolvido em trabalhos de estudo ou serviços manuais, para quem é que fazem tudo isso? Evidentemente não é para si. Não ganham nada com isso. O que lhes sobra é a fadiga e, frequentemente, a ingratidão. Por isso, não os censuro a respeito. Pelo contrário, digo-lhes: Euge, serve bone et fidelis (Mt 25,21) (Muito bem, servo bom e fiel). Trabalhar é bom. Trabalhar sem nenhum proveito pessoal é inteligente, pois, afinal de contas, quem trabalha tem direito a receber alguma coisa. Quem dedica o seu tempo, suas forças, a sua vida, deve receber em troca uma recompensa. Esta, meus

Amigos, os Senhores não conseguem ganhar. Fazem como um jardineiro inexperienced que pega a pá, vira e mexe a terra, semeia à toa, sem preocupar-se com o resultado e com o aproveitamento do seu trabalho. Depois de conseguir deixar as frutas e os legumes amadurecerem, seria razoável, se esse jardineiro os deixasse apodrecer na terra? Os Senhores trabalham muito e não sabem tirar proveito do seu esforço, do seu suor. Que fazer, então? O que dizia o nosso Santo Fundador, o que dizia a Boa Madre. Vejam que coisas bonitas nosso Santo Fundador diz sobre o trabalho; como ele quer que o nosso trabalho, feito sob o olhar de Deus, renda bastante e nos conduza à perfeição do amor de Deus. O resultado do nosso trabalho deve ser tão bom, tão rico que nos enfeitemos com isso como uma coroa de glória e que o carreguemos nos braços como os anciãos usavam ricas e esplêndidas fitas. Esse trabalho deve ser sumamente compensador. Por meio de quê? Deve ser feito com espírito de sacrifício de nossa parte, não somente de um sacrifício fácil, mas o sacrifício de empenho, de nossa vida, o sacrifício de nós mesmos, de tudo o que nos pertence. Precisamos desprender-nos totalmente do amor próprio, do que somos nós e da vontade própria. Nosso Santo Fundador deseja que o trabalho que fazemos seja mais frutuoso do que, se o fizéssemos por conta própria. Quem trabalha assim é um bom e verdadeiro servidor; ele cuida melhor do que faz para seu mestre que daquilo que faria para si pessoalmente. Em nossos trabalhos, sejamos nós também os servidores de Deus e de Jesus Cristo, de suas divinas intenções. Em nossos trabalhos, apeguemo-nos à obediência absoluta; façamos generosamente todos os sacrifícios que esta obediência nos solicitar. Então é que seremos verdadeiros servos: *Non veni ministrari, sed ministrare* (Mt 20,28) (Não vim para ser servido, mas para servir). Tu és meu servidor, se fizeres o que te mando.

Explicando melhor: temos uma missão a cumprir. O Senhor é encarregado de pregar um retiro, uma novena, um ciclo de pregações. Como vai fazer? É preciso, dizem nossas Constituições, pedir a bênção do Pároco antes de começar; é um ato de humilhação, de sujeição; não se deve começar nada sem combinar com ele e obter a licença. Deus ligará a graça, não ao que o Senhor fizer por iniciativa pessoal, mas àquilo que o Senhor tiver falado e organizado com o Pároco. O Senhor é Capelão de um convento ou de uma obra? Sem dúvida, o Senhor tem, como Padre, a supremacia no exercício do ministério pastoral; o Diretor, a Superiora não têm o poder, as prerrogativas que o Senhor tem. Nesse sentido, o Senhor é superior, mas não o é num outro. Submetam, portanto, a sua vontade à

ordem estabelecida. Sejam verdadeiros servidores e verão quantos frutos abundantes e duradouros produzirão. O Senhor desaparece, dando-se integralmente; faz o que Nosso Senhor fez; o que possibilitou que pudesse ter êxito no seu ministério divino e eterno. *Nondum venit hora mea* (Jo 2,4): minha hora ainda não chegou. Ele desapareceu, mas aparecerá um dia. Compreendam bem, pois, a maneira como devem exercer o ministério pastoral com relação a outros, sejam quais forem.

O Senhor é professor? Aplique-se a ministrar a aula bem dada, depois de prepará-la bem. Nosso Santo Fundador quer que se faça apaixonadamente bem, de todo o coração, com todo o empenho, tudo o que é de seu serviço e de sua responsabilidade. É preciso serem os operários do Bom Deus, daquele que faz tudo com perfeição. Dêem, portanto, a máxima atenção ao dar sua aula, ao prepará-la, fazendo todo o empenho. Não tenhamos medo de ser, neste sentido também, servos de nossos alunos. Por exemplo, no caso de um aluno fraco, pouco dotado, pouco desenvolvido, dediquemo-nos a ele. Um outro tem um caráter mau, difícil, impossível; procurem, experimentem todos os meios possíveis, tentem penetrar neste coração rebelde, para elevá-lo, sustentá-lo na sua fraqueza, na sua miséria. O Senhores farão assim um trabalho eficaz.

Lembro vivamente, do tempo da minha infância e juventude, a figura de um Padre que toda a diocese de Troyes venerava: Padre Auger. Era um professor muito erudito, muito capaz; ele tratava seus alunos como se ele próprio fosse o último, o menor dos servos. Não faltou um toque divertido, até de gozação; mas ele era extremamente humilde. Todos os seus alunos o respeitavam e o veneravam. Ele teve êxito com essa maneira de agir tão humilde. Formou excelentes alunos; suscitou Padres amáveis, santos. Por quê? Como se arranjou isso? Eu já lhes disse: por seu humilde devotamento, porque era o servidor de todos. O meio deve ser muito bom, já que teve tanto sucesso. Padre Auger se doava, não somente em seu trabalho, em sua obra exterior, mas interiormente também; ele se dava em humildade e dependência. Nosso Santo Fundador dizia que o bem que efetuamos é bom; mas aquele que fazemos outros realizarem é muito melhor, é bem outra coisa. Encantamos assim o coração de Deus. Os Senhores são missionários, devem tratar com povos semi selvagens, pouco civilizados, orgulhosos; que devem fazer? Não convém começar a recriminar. Não, não recriminem, mas coloquem-se bem no lugar em que devem estar. Nosso Senhor não se fez pobre e servo para essas pessoas? Não se aniquilou? *Ego sum vermis et non homo, abjectio plebis* (Sl 21, 7) (Sou verme, não ho-

mem, desprezo do povo). Não tenhamos medo de fazer como Nosso Senhor frente a eles. Façam isso e, em verdade, eu lhes digo, sua palavra atrairá e cativará as almas; os exemplos dos Senhores santificarão a eles. O que digo com relação aos missionários, afirmo-o referente ao menor e ao último dos ofícios, às vigilâncias, aos mínimos servicinhos que lhes forem confiados. Façamos assim e faremos o bem; agiremos como os santos, atuaremos como o Bom Deus.

Eis aí, meus Amigos, a maneira acertada de ir ao encontro do próximo. Agradeçam cordialmente ao Bom Deus, quando os enviar. E eu o agradeço por tê-los enviado e por tudo o que estão realizando. Eu sei de suas penas, de seus trabalhos, de suas inquietudes. Eu as aprecio devidamente. Sei que tudo isso se eleva a Deus como um agradável perfume. Está bem. Mas deixem-me dizer-lhes que não basta ainda. É preciso dar-se a si mesmo. Importa colocar-se abaixo de tudo. Esse será o macaco poderoso que erguerá os volumes mais pesados.

Vejam como era São Francisco de Sales com seus empregados domésticos, com todos os que o rodeavam. Ele não comandava; nunca dizia a alguém: Faz isto ou aquilo... Mas: Se pudesses fazer isto ou aquilo. Alguém se rebaixa ou perde a autoridade, agindo assim? Oh, não! A gente tem em seu favor a força e a graça de Nosso Senhor. Queiram bem, portanto, o seu próximo dessa forma, sirvam-no e serão os amigos do Salvador. Nosso Senhor os escolheu, porque os ama, porque confia nos Senhores. Ele lhes pede que o ajudem em suas obras de misericórdia e na redenção do mundo; e essa é a verdadeira maneira de ajudá-lo.

Tomem, portanto, esse propósito durante o retiro. Examinem-se a respeito. Reparem, se têm servido bem ao próximo, deixando de lado a si próprios; mais uma vez: desprendam-se de si mesmos.

Leiam a vida de São Francisco de Sales, vão encontrar isso. São Vicente de Paulo, a Boa Madre não se santificaram de outro modo. A Boa Madre não encarou jamais as almas de outra maneira. Ela se punha inferior a todos como fazem as criancinhas. Qual era o efeito disso? Ao despedir-se dela, a gente sentia-se dominada por ela com um poder incomparável. Seja isso também o segredo, a força escondida para os Senhores. Serão benquistos e preferidos, porque entre os Senhores haverá verdadeira virtude, a verídica atuação do Salvador.

QUARTA PALESTRA

MEIOS PARA SER BONS RELIGIOSOS

3. O que devemos ter para com nós próprios: afeição à Congregação - amor à vocação.

Eu lhes recomendo os momentos, os minutos do retiro: Affert, affert (cf. Mt 13,23) (Isso é que rende, isso é que dá fruto). É isso o que produz: os minutos bem empregados, segundo o regulamento, conforme a Vontade e a permissão de Deus, referente ao nosso estado interior. Aceitem bem o retiro tal qual o Bom Deus o preparou para os Senhores. Geralmente, durante o retiro, traçamos por demais os nossos planos, não dando atenção suficiente aos do Bom Deus. Assim censurava a Boa Madre. Em vez de empregarmos as forças, as energias e a vontade nossa para arrumar as coisas, seria muito melhor dedicar-nos à aceitação daquilo que o Bom Deus envia, sobretudo durante o retiro. Isso é um exercício de altíssima perfeição. Não se pode fazer nada melhor do que aquilo que o Bom Deus pede de nós, no momento atual. Por isso, o retiro é sempre valioso, porque sempre acarreta luzes, quando é feito fiel e corajosamente. Não aspirem a retiros com muitas consolações e grandes iluminações. Os Senhores sabem o que sobra muitas vezes dessas grandes luzes e imponentes propósitos? O vento leva tudo. Não esperam maravilhas dos seus propósitos. Atenham-se à Vontade de Deus. Não a larguem. Sô nisso e unicamente nisso é que a gente deve apoiar-se. É bom esforçar-se para fazer boas resoluções para si; mas o meio nem sempre é eficaz. Se tomam Deus pela mão e se interessam pelo próximo e continuam assim, não precisam de mais nada. Esse é o grande segredo de São Francisco de Sales; eis aí a sua ginástica totalmente sobrenatural. Um santo religioso, o secretário de Dom Mermillod, disse-me que o melhor estrategista da vida espiritual, aquele que melhor compreendeu os segredos da luta e da vitória, foi São Francisco de Sales. Ele não diz: Dobre à direita ou vá à esquerda, mas: Fique onde está, fique aí, não abandone a Nosso Senhor; vencerá com ele. Pois bem, meus Amigos, isso é o retiro. É o banho salutar que lavará os nossos borrões; é o azeite de que fala São Paulo que fortifica os membros para a luta; é o fogo interior que será o agente de sua santificação. Compreendam bem isso e façam as almas dirigidas pelos Senhores compreenderem. A salvação não está longe. Entremos em nós mesmos. Está aí ao nosso alcance; nós a temos, possuímo-la. Segurem-na com fé e coragem;

não de forma débil e vacilante como os que não enxergam, não ouvem.

O Senhor quer saber, se é um bom religioso? Já lhe indiquei dois meios: veja como está com Deus e como se relaciona para com o próximo.

Um terceiro meio. Este meio é o amor à nossa Congregação. Um dos grandes meios do diabo para impedir o bem é o de desviar os religiosos do amor à sua Congregação, às práticas e ao espírito de sua vocação. É esse o grande segredo do diabo, e há muito tempo o emprega. Vejam as palestras de São Bernardo a seus religiosos: - Ao virdes bater à porta do Claraval, - dizia-lhes - à porta do Vale Iluminado, um raio do céu tocou-vos os olhos, quando o portão se abriu. Mas depois esse raio perdeu seu brilho e desapareceu. Não encontrastes mais nada ao redor, senão muros frios, caminhos pedregosos, o frio e o silêncio do deserto. E, então, cedendo à inspiração má, ao sopro dos diabos, desfizestes a construção que tínhamos feito em vós. O Vale Iluminado era um paraíso e estáveis em escura solidão. Demolistes a casa, peça por peça, e vos expuestes ao frio do inferno; dissestes uns aos outros: Vamos sair daqui!!... Ora - continua São Bernardo - sabeis como podeis julgar-vos e saber se sois fiéis à vossa vocação? Reparai, se enxergais sempre esse raio; se tendes guardado sempre a idéia e o entusiasmo original. Senão, tomai cuidado; onde faltar a disposição interior, o corpo também não se encontra bem. Onde o coração não está contente, logo pensa loucuras, disparates.

É preciso, portanto, meus Amigos, que amem a sua vocação, em benefício de si próprios primeiramente. Digam-me: Onde iriam para encontrar uma teologia mais sã, melhor fundada, mais detalhada, mais confortante fora daqui? Não estou dizendo que aquele que tem vocação para Dominicano não estará bem entre os Dominicanos, ou que quem tem vocação para ser Jesuíta não estará bem entre os Jesuítas e que o Cartuxo não estará bem na Cartuxa, mas afirmo que o Oblato tem, na doutrina de São Francisco de Sales, na direção de São Francisco de Sales, uma coisa mais confortadora, infinitamente mais consolante do que tudo aquilo que ele poderia encontrar alhures. Reparem os velhos reunidos nas casas religiosas, até nas mais santas, nos asilos, nas casas para idosos. Olhem-nos: muitas vezes são tristes e desanimados e dizem aos Senhores: Eu não faço mais nada... Fiz pouca coisa durante minha vida; mas será que fiz bem o

que devia? Encontrei eu o meu caminho? Quis scit an odio vel amore dignus sit? (cf. Ecl. 9,1) (Quem sabe se é digno de ódio ou de amor?) Não é cômodo respirar bem, descansando a cabeça sobre um travesseiro como este. Procurem em toda a parte, mas quase não encontrarão outra coisa. Quando um Oblato for idoso, doente, não terá esses pensamentos aborrecidos. Terá aprendido durante este retiro que cada momento presente acarreta graça de santificação e que a gente é útil e cumpre a Vontade de Deus, tão bem - e até melhor - estando enfermo ou doente, quanto passando bem e em plena atividade. Ele se lembrará que, entre os Oblatos, o estado de doença representa uma situação altamente proveitosa para si e para os outros. Unir-se-á intimamente aos sofrimentos de Nosso Senhor; não voltará ao passado, não acreditará ter perdido o seu tempo, mas permanecerá confiante diante de Deus e do Santo Amor dele. Eis aí a nossa Regra, é isso o nosso espírito.

Onde encontrariam mais liberdade do que entre nós? A liberdade é o dom da verdade, é Deus. Onde encontrarão uma Congregação em que serão tão livres quanto aqui? Eu não quero dizer: livres para falar durante o tempo de silêncio, livres para consentir em a todos os seus caprichos e para ceder todas as suas paixões; mas onde gozarão mais da plenitude de sua vontade? Esta é respeitada; entre nós, não se obedece nem a uma palavra de ordem, nem a imposições que tirem toda a espontaneidade pessoal, a um apito que os reúne ou dispersa.

Vejam que espaço as Constituições deixam à sua iniciativa, à sua atividade pessoal. O professor, que leciona entre nós, tem o seu programa, sem dúvida. Mas ele se move livremente entre esses limites. Não é forçado nem a fórmulas nem a uma penosa dependência com relação aos seus Superiores. Os Senhores agem dentro das demarcações amplas que as Constituições lhes traçam, com a movimentação livre de um peixe na água. Procurem em outra parte uma coisa assim... Será que é por tolerância que se permite isso aos Senhores? Não, é a Regra. Dêem seu coração a Deus; entreguem à Regra a sua obediência; submetam-se ao que diz o Diretório: é só o que se lhes pede. Os Senhores são arregimentados nem por uma idéia política nem por um pensamento ambicioso nem por um parecer humano qualquer; isso é algo de grande valor, meus Amigos. Queiram bem, portanto, a sua Congregação em retribuição pela liberdade que ela lhes concede. E para desenvolver, cada vez mais, uma e outra, apliquem bem a sua vontade, a sua inteligência.

Vejam o campo que é deixado à sua inteligência; ela não fica

circunscrita por estudos limitados e restritos. Os Senhores estudam tanto e da forma que desejam. Podem movimentar-se no terreno designado e que, no fundo, é o mesmo que escolheram naturalmente, pois os Senhores são aproveitados conforme as suas aptidões. Não se sirvam do que lhes disse para afirmar que não somos religiosos, que atuamos conforme a nossa vontade própria como poderia agir um seminarista ou um Padre diocesano que não pretendem mesmo ser religiosos. Não, os Senhores têm a obediência, a sujeição, a direção. Queiram bem, portanto, a Congregação em relação a si próprios e referente ao que ela faz para os Senhores. Não fazemos coisas maravilhosas. Como outras Congregações, temos colégios, obras e missões. Mas notem bem com que espírito atendemos isso. Eu lhes disse ontem que a condição de servir bem o próximo em toda a obra deve ser estabelecida neste princípio: Silenciar o próprio eu e olhar para Deus. Uma coisa me seria muito agradável, meus Amigos, a saber, que se pudesse dizer sempre sobre os Senhores o que se afirmava há alguns anos. Comentavam faz alguns anos: "Conhecendo um Oblato, conhecem-se todos. Todos têm a mesma maneira de julgar, de falar, de opinar." Quase não ousei dizer agora. Isso tem muito a ver talvez com o pecado que se faz e se fez contra a lei que esta noite eu proclamo, ou seja: É preciso amar o nosso Instituto. Um Jesuíta jamais é tão tolo que fale mal de sua Congregação; porque, quando os Senhores falarem mal de sua Congregação, o ouvinte dirá: "Essa gente não tem juízo." Os Senhores são apreciados, quando mostram o seu valor. É verdade que, se um Jesuíta falasse mal do seu Instituto, ele seria bem ingênuo: ninguém o acreditaria, pois o seu Instituto tem um renome universal. Sobre os Oblatos pode-se dizer tudo o que se quiser e fazê-los passar por carne de pastel; não são conhecidos; mas, cedo ou tarde, a verdade se manifesta. Muitas vezes aconteceu uma coisa singular, isto é, alguns que nos deixaram, atacavam-nos sem investidas diretas. Não nos atacavam precisamente pelo lado fraco. - Somos homens como os outros e temos o nosso lado fraco, mas não somos piores do que os outros. - Atacavam-nos, portanto, - é sempre fácil falar mal de alguém - e o que diziam tinha um certo efeito, uma certa repercussão. Coisa singular: os que falavam mais mal dos Oblatos sempre acabavam, um dia ou outro, por pedir ser admitidos ou, pelo menos, davam testemunho de que nosso Instituto era diferente daquilo que tinham afirmado. Quando estavam afastados por algum tempo, comparavam e viram que havia entre nós coisas boas e valiosas! Quem fala mal de sua Congregação é julgado por ela mesma. Um filho fala mal do seu pai, da sua mãe, da sua família:

o primeiro pensamento que surge é que lhe estão faltando delicadeza e juízo. Não se perdoa a um outro o fato de não amar os que deve querer bem. Dêem muita atenção a isso, meus Amigos. A Congregação é boa para os Senhores. Merece reconhecimento por parte dos Senhores, merece estima por motivo do bem que faz na Igreja de Deus. Cada um reflita bem. O que é que cada um de nós vale? Pouca coisa. Non multi potentes, non multi nobiles, sapientes, doctores (cf. 1 Cor 1,26) (Não muitos poderosos, não muitos nobres, eruditos, doutores). Com esses elementos naturais, entregues a si mesmos, certamente, não conseguirão realizar maravilhas. Como se faz com que, por meio desses elementos, o bem seja feito entre nós? Encontrei-me, nestes dias, com o Bispo de Riobamba que me disse: Estou muito contente por ter visto o que vi. Seus Padres, nas Obras, nos Colégios, fazem coisas admiráveis. Vê-se que a mão de Deus está presente. Ele me disse mais uma palavra que não aceitei plenamente: "Os Senhores devem suscitar invejosos." Eu respondi: "Muito obrigado." Essa é a impressão desse venerável prelado: os Oblatos realizam algo valioso e o fazem bem.

Estamos no Cabo; não é fácil. Ninguém conseguiu ficar lá até agora. Defendemo-nos bastante bem lá. Graças a Deus, eu creio que o pouco do bem que se pode fazer ali é realizado realmente. Custa caro, por exemplo, custa suores, amarguras e cansaço; mas, enfim, se consegue, apesar de todas as dificuldades. Lá somos como Nosso Senhor; em geral, ele não tinha onde reclinar a cabeça. Nós não possuímos belas, ricas, brilhantes fundações, cheias de recursos. Não temos, parece, meio algum para fazer qualquer coisa. Entretanto, algo se faz, como disse o bom Bispo de Riobamba. É verdade.

Citei-lhes as palavras de Dom Pifferi, o Sacristão do Santo Padre, que a doutrina da Madre Chappuis contém algo muito elevado que produz nas almas um efeito que não surgiu ainda até agora. As almas que se dirigem a nós vêm motivadas por sinceridade; não incitamos-lhes o entusiasmo. A pessoa é cativada; ela percebe que Deus está presente. Reina aí algo completo, satisfatório, uma coisa simples a qual comunica o Bom Deus. Em toda a parte é assim? Nem sempre. Os Senhores devem, portanto, amar e estimar a Congregação pelo que ela lhes tem feito, por esse bem que ela proporciona a suas almas.

Vejam seus ex-alunos, os que têm a possibilidade de continuar cristãos, porque, relativo a alguns, é preciso reconhecer que isso é quase impossível; reparem como eles têm muita fé, como são bons cris-

tãos. Seu critério é bom, é sadio, é ponderado. Eles não terão uma devoção imaginária, não farão parte - hoje - de todas as confrarias nem irão comungar sete vezes por semana para, na semana que vem, injuriar a Deus, desafiando-o, ao encabeçarem um empreendimento malvado.

Amem a sua Congregação, respeitem-na; falem sobre ela com sinceridade, com verdade, com afeto, como devem falar sobre ela e não segundo as paixões que os agitam. Nossa Congregação é admirada agora. Não tenho profecias a proferir; já estão todas feitas; não posso deixar de acreditar nelas. Quando os profetas de outrora anunciavam o Messias ou algum grande acontecimento, prediziam, simultaneamente, um fato menos considerável que devia realizar-se em seguida, sendo este o sinal da veracidade do outro. As profecias referentes à Congregação se revestiram desse selo de verdade, de certeza. Eram acompanhadas de outras predições que lhes serviam de sinais e que se realizaram. A Boa Madre Maria de Sales, a Irmã Genoveva faziam-me profecias. - Mas, Padre, o Senhor cita sempre mulheres! - Sim, meus Amigos, mas tratem de tornar-se santos como estas duas mulheres e nós os citaremos, então, como uma autoridade semelhante. A Boa Madre disse no final de sua vida: "Ver-se-á de novo o Salvador andar pelo mundo... Oh! como isso será bonito... Se eu tivesse ainda algum desejo..., mas o melhor é querer o que a divina Vontade deseja.

A Irmã Genoveva repetia seguidamente: - Eu vejo no Céu o nosso Santo Fundador. Está muito ocupado junto ao Bom Deus. Este lhe dá uma grande tarefa. Ele tem mais a fazer agora do que jamais em sua vida... Há trinta anos que ela me disse isso; foi muito antes que São Francisco de Sales fosse elevado à dignidade de Doutor da Santa Igreja. - Nosso Santo Padre, o Papa, - dizia-me ela - vai nomeá-lo como um grande sábio. E depois precisar-se-á muita gente para colaborar com ele. Seus Padres é que farão isso. Os que corresponderem bem às intenções de Deus se desempenharão do encargo como ele próprio o teria feito, e até o fim do mundo... Uma Congregação que tem essas promessas - promessas que foram confirmadas pelos Sumos Pontífices - pode avançar seguramente: ela tem pontos de apoio sólidos. Lembrem-se do que o Papa me disse: "Vós estais fazendo a Vontade de Deus; e todos os que trabalharem convosco, estão fazendo pessoalmente o que Deus pede deles..." Isso foi prometido à nossa Congregação quanto ao futuro. Posso, portanto, afirmar tranquilamente que se iguala a atingir a menina do olho de Deus o tocar no renome, na estima, no amor de uma instituição tão admirável e privilegiada, à qual

foi confiada tão grande missão e uma tarefa tão importante. Os Senhores estão vendo que é preciso voltar ao que dizia São Bernardo: "Querem julgar-se sabiamente? Julguem o seu coração. Reparem o que seu coração é em relação a Deus, referente ao próximo e relativo a si próprio. Observem, se o seu pensar, se o seu querer está à altura do que receberam de Deus e do que devem também ao próximo, se os Senhores estão - de verdade - no seu lugar certo, se são religiosos, se há nos Senhores o que é preciso para responder à graça de sua vocação. São religiosos ou não?"

Reflitam bem sobre isso. Tomemos cuidado. Não temos o espírito religioso de maneira suficiente. Eu gostaria de fazer o retiro unicamente sobre este ponto: tornar-se bons religiosos. Com isso cumprimos a vocação que o Bom Deus nos deu, que a Igreja deseja. Completamos tudo o que possa faltar à nossa vida para chegar a esse ponto, que deve ser a nossa finalidade.

Nas Ordens religiosas melhor constituídas, é essa estima, esse amor pela vocação que se procuram inspirar aos noviços desde o início. São exercitados nesse sentido. São instruídos, encorajados a caminhar dessa forma. É essa a primeira meta que lhes é proposta e com a qual atingirão todas as outras: "Domine, ostende nobis bona." (cf. 1 Rs 8,36). Mostrai-nos o bem, Senhor, a boa rota, o caminho.

Façamos isso, meus Amigos; que Nosso Senhor, que seu Coração divino faça com que essa caridade tão bem ordenada, tão admirável chegue ao coração de cada um dos Senhores. "Ordinavit in me caritatem" (Ct 2,4); essa caridade que responde a tudo, que satisfaz a tudo. Peçamo-la insistentemente. Ela faça de todos os corações, de todas as almas, de todas as vontades um só coração com o Coração de Nosso Senhor. Assim seja.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

QUINTA PALESTRA

OS TRÊS VÍNCULOS DO RELIGIOSO

São Paulo usa expressões de linguagem muito forte e de idéias ousadas que só se encontram nos escritos dele e também em algumas outras passagens da Sagrada Escritura. Existem aí dizeres sem par em toda a literatura do mundo pagão. Esta é uma dessas palavras: "Christo confixus sum cruci" (Gl 2,19) (Fui crucificado junto com Cristo). Eu estou preso à cruz com Jesus Cristo. Olhem São Paulo que executa sua obra, estando fixo na cruz com Jesus Cristo. Não é somente com o coração que ele está ligado a Jesus Cristo, mas a idéia expressa nos mostra que também seus membros foram perfurados por golpes, na cruz com Jesus Cristo. E eis por que São Paulo realiza tantos sermões maravilhosos; o vigor apostólico vem do fato de que ele topou o desafio dessa situação; isso foi a condição do sucesso da palavra apostólica. Essa palavra de São Paulo, guardemo-la como a última e suprema palavra do retiro.

"Christo confixus sum cruci" (Fui crucificado junto com Cristo). Nosso Senhor foi cravado na cruz por três pregos. Nós devemos prender-nos a ela por nossos três votos, de obediência, de pobreza e de castidade. Entendamos nesse sentido a palavra tão bela e tão acertada de São Paulo. Fixemo-nos na cruz, numa situação penosa e dolorosa, na qual há o que agüentar e o que sofrer. Estar pregado na cruz significa levar uma vida de mortificações, de morte. Somos religiosos, é esse o estilo de vida que assumimos. Reparem essa cruz à qual precisamos afixar-nos com o Salvador por meio de três cravos. Nosso Senhor está ainda preso na cruz; ele não desceu dali; ele está lá todo o tempo. Não desçamos nós tampouco e fiquemos lá com ele.

Compreendamos bem os nossos vínculos e a maneira como devemos ficar pregados em nossa cruz; demo-nos conta da necessidade que há de tirarmos todo o fruto que devemos esperar de nossos votos. Se Nosso Senhor não fosse crucificado, não teríamos Nossa Senhora como Mãe, não teríamos todo o benefício da Redenção; o bom ladrão não teria recebido a promessa do Paraíso. E os Senhores também querem inspirar a devoção à Nossa Senhora nas almas? Querem salvar as almas dos maiores pecadores? Fiquem bem presos na cruz. Está nisso o aspecto mais impressionante de nossa missão: salvar as almas, perdoar-lhes as faltas, abrir-lhes o Céu: "Hodie mecum eris in paradiso" (Lc 23,43) (Hoje estarás comigo no Paraíso).

so). Não poderemos realizar tudo isso, a não ser ficando bem presos à cruz.

Observem os três pregos da cruz. A obediência primeiro. Somos obrigados a deixar-nos crucificar pela obediência. Somos pecadores, é preciso fazermos penitência por nossos pecados, e a obediência é a primeira das penitências. Não nos admiremos em achá-la difícil. É um cravo que nos prende; não seremos religiosos, a não ser estando bem desvinculados da terra e da natureza e bem apegados à obediência. Não seremos apóstolos senão a esse preço. Um triplo motivo nos leva a cumprir tão perfeitamente quanto possível esse voto de obediência, tão bem, além disso, quanto os outros dois; estamos comprometidos a isso como pecadores, como religiosos e como apóstolos. Esse cravo da obediência é o prego da mão esquerda, o lado da coração. É o mais doído. Ele requer de nós mais vontade, mais energia. Por que não obedeceríamos completa, inteira e cordialmente, já que devemos pagar a Deus nossa dívida? Com as dívidas que contraímos, se não fizermos penitência, pereceremos (cf. Lc 13,5). A penitência mais agradável a Deus é o cumprimento dos nossos deveres, de nossos votos. A obediência nos custa. Será que não merecemos o sofrimento por nossas faltas, nossas negligências, nossas sensualidades? Em verdade, eu lhes digo, somos obrigados a fazer penitência, e essa é a melhor penitência a fazer. Faltam elementos em nossa educação, não temos suficientemente o senso da penitência e do pecado. Atualmente, muita gente, especialmente mulheres, se confessam sobre coisas horríveis, sem a menor dúvida; e isso passa quase despercebido. A gente não se retira mais na solidão; não se usa mais roupa de penitência, o cilício, o jejum; não se sabe mais privar-se de qualquer coisa. Outrora todos compreendiam a obrigação da penitência; hoje ninguém pensa nela. Estamos por isso dispensados da obrigação da penitência? Acreditamos poder escapar sem ela da Justiça de Deus? (cf. Lc 13,5) Não. São Francisco de Sales, que apresenta uma doutrina muito acessível, não abre mão referente à penitência. Leiam de um lado a outro e verão. Leiam-no do início até o fim e perceberão. Leiam a sua vida e constatarão as mortificações grandes e constantes que ele se impunha; como ele aceitava tudo o que se apresentava em espírito de expiação; como a mortificação de sua vontade sobretudo era permanente. Façamos penitência nós também, mortificando a nossa vontade, ao obedecer. A obediência não é um dom natural, ela é difícil. Mesmo obedecendo, acontece às vezes que a gente quer escapar da

obediência. A autoridade é dividida: escapa-se dela por um lado, para se atirar para outro, onde a obediência parecerá mais fácil. Procura-se ampliar a obediência e salvar o couro próprio, mas os frutos salutares se sumirão. Releiam as Constituições. Verão, de modo especial, que o Superior Geral é o Superior de todas as casas, de todos os membros da Congregação. A obediência que se deve a ele segue imediatamente à que se deve ao Santo Padre. Ele é delegado pelo Papa para todos os assuntos da Congregação. O poder, a autoridade que o Papa tem na Igreja, o Superior Geral os tem, por delegação, na Congregação. Prova disso é que, quando o Superior Geral cumpre os deveres de seu cargo, quando executa e faz executar as Constituições, o próprio Papa não tem em que intervir referente ao que o Superior faz; o Papa só interpõe sua autoridade, se as Constituições forem violadas. No Superior Geral, pois, reside uma autoridade maior do que todas as outras; todas as outras autoridades, entre os Oblatos, desaparecem face à dele. Daquilo que estou lhes falando não quero fazer uma questão pessoal. Na minha idade, a gente olha além daquilo que é pessoal. Todas as vezes que o Superior Geral faz executar as Constituições, que ele age dentro dos limites das suas atribuições, deve-se a ele obediência absoluta. Essa mesma obediência, dizem as Constituições, prestar-se-á a todos os outros Superiores, tanto locais quanto provinciais.

Se for difícil obedecer, se custar fazer como indicam as Constituições, com prontidão, alegria e perseverança, simples, cordial e integralmente, lembremos que esta é a nossa cruz: "Christo confixus sum cruci" (Gl 2,19) (Fui crucificado junto com Cristo). O prego na mão dói e atormenta. É penoso obedecer, sem dúvida: "Homo peccator sum" (Lc 5,8) (Sou um homem pecador); tenho que submeter-me a uma penitência. Lembremos nossa vida, tudo o que houve de deplorável; não merecemos mil vezes o inferno? Quanto mal feito ao próximo, quantos escândalos dados às pessoas, quantas faltas nos deveres essenciais, com relação a Deus! Se tivéssemos contrição! Se soubéssemos chorar as nossas faltas como São Luís Gonzaga; se, como Santo Afonso de Liguori, aos oitenta anos de idade, soubéssemos humilhar-nos em nossa miséria...; ele tremia diante da idéia de celebrar a Santa Missa. "Miserere mei," dizia ele, "quia homo peccator sum" (Tende piedade de mim, pois sou um homem pecador); e se batia no peito. Santo Afonso, no entanto, sabia suficiente Teologia para não se iludir sobre os deveres para com Deus. E nós não pensamos em nossas faltas!

Querem um outro motivo? "Jam non dicam vos servos," disse Nosso Senhor, "vos autem dixi amicos, quia quaecumque audivi a Patre meo nota feci vobis" (Jo 15,15) (Não mais vos chamo de servos...). Os outros são os meus servos, muito bem; mas vós sois meus amigos; tudo o que o meu Pai me disse, eu vos dei a conhecer. Nós somos os amigos do Salvador; nós recebemos dele a compreensão dos seus segredos, recebemos o entendimento do Evangelho e das coisas da vida religiosa: esse dom da compreensão é testemunho do amor do Salvador por nós; devemos isso à sua ternura, à sua amizade. Será que não lhe daremos nada em troca, ou lhe oferecemos apenas coisas que não lhe interessam? A obediência é o que ele pede, essa é que lhe encanta o coração. Existem dois caminhos para chegar a Deus: a penitência e o amor. Sirvam-se dos dois; não será demais.

A pobreza também é custosa, é gravosa, ela faz sofrer. Sem dúvida, não levamos a prática da pobreza a tal ponto como faziam alguns santos. Nós vivemos como Nosso Senhor vivia. Nosso Senhor em Nazaré não mendigava, ele trabalhava. Em Nazaré, tinha sua pequena cozinha, sua modesta mobília. Vão à Casa Santa de Loreto e verão essa modéstia e essa pobreza. Nossa Senhora cuidava da roupa de Nosso Senhor, ela cuidava dele, enquanto cansado, em suas viagens. É conforme o espírito de nossa Regra, de nossas Constituições lembrar-nos da vida de Nosso Senhor; e nesses limites vivemos o nosso voto de pobreza. Nada de supérfluo! A simplicidade! Aprendamos a privar-nos de muitas coisas. Pratiquemos a pobreza, porque pecamos, porque abusamos das coisas criadas. "Christo confixus sum cruci" (Gl 2,19) (Fui crucificado com Cristo). Imaginem-se que os Senhores têm a mão direita presa na cruz.

Um outro motivo. Os Senhores amam a Nosso Senhor? Uma alma de um gênio incomparável, de uma delicadeza extrema, de um espírito de caridade todo especial, São Francisco de Assis, procurava o que poderia fazer para imitar mais a Nosso Senhor. Ele achava que era abraçar a pobreza. Desde então quis conformar a sua vida inteira à vida pobre e sofrida de Nosso Senhor. Ele andava de pés descalços como Nosso Senhor; usava uma simples túnica, viajava a pé, alimentava-se miseravelmente do resultado da mendicância; deixava-se conduzir, numa palavra, levado por um amor tão grande que ele se transformava, de alguma forma, na pessoa do Verbo divino. E Nosso Senhor mostrava claramente como essa imitação de sua pobreza lhe era agradável, concedendo a Francisco a graça notável de seus santos estigmas. Tratemos nós também de poder dizer: Senhor, eu

faço como Vós. Os Senhores acham que não lhe seríamos muito agradáveis e que ele não atrairia, com muita ternura, a nossas almas a si? "Christo confixus sum cruci" (Gl 2,19) (Fui crucificado junto com Cristo). É uma palavra bem enérgica; e o fato que ela menciona é bem enérgico também. Tenham, pois, muito amor à pobreza, por espírito de penitência e, sobretudo, por amor a ele que a inventou. "Vós amastes a pobreza," dizia São Francisco de Assis, "nunca a deixastes, desde o presépio até a cruz e ao túmulo." Nós temos medo de não ter isto ou aquilo; alguma coisa nos falta no refeitório; há alguma coisa que incomoda na roupa... Lancemos uma rápida olhada a Nosso Senhor. Ele nos acolherá com sinais visíveis de seu contentamento e de seu amor. O Paraíso é o amor de Deus. Todas as vezes que ele introduz no coração um pouco do amor de Deus, trata-se de um raio do Paraíso. E a prática da pobreza proporciona certamente esse raio do amor de Deus e do Paraíso. Muitas vezes tenho reparado isso. Nas comunidades bem piedosas, recebe-se muito do Bom Deus, na capela e no refeitório. Ali, no lugar da obediência e no recinto da pobreza, é que se recebe as maiores graças de Deus e os sinais mais evidentes de sua bênção. São essas considerações superfinais e sutis? Não. É uma coisa muito simples. Quando uma mãe dá de comer a seu filhinho, ela lhe dá os alimentos mais simples, mingau, por exemplo, mas é de coração e com toda a manifestação do seu amor que ela lhe dá.

O outro prego da cruz, que é o mais doloroso, é a castidade. Nosso Senhor, sem dúvida, está fixo pelas mãos, mas são principalmente os pés que lhe suportam o peso do corpo; devia sentir nos pés as dores mais atrozes. Era esse o sacrifício permanente, sacrifício perpétuo (Dn 8,11; 11,31; Ez 46,14). Não era apenas a paixão, chegando ao auge de sofrimentos, era sobretudo a expiação suprema de toda a nossa procura de satisfações sensuais, de satisfações sentimentais fora de Deus. Eis aí a castidade em sua totalidade.

A castidade negativa em primeiro lugar. Por que, no momento da tentação, não pensar em Nosso Senhor na cruz ou apoiar, como Maria Madalena, nossos lábios sobre as santas chagas, pedindo-lhe a aplicação do Sangue que escorre da cruz: "Christo confixus sum cruci" (Gl 2,19) (Fui crucificado com Cristo)? É uma defesa bem eficaz nas tentações. Façam isso na tentação e os Senhores verão o diabo fugir bem depressa; seus sentidos se acalmarão e terão a força de resistir a todas as tentações. E depois de vencida a tentação, o que experimentarão? O olhar do Bom

Deus que descansa sobre os Senhores e lhes dará uma sensação inefável. Terão a consciência da fidelidade recompensada, de sua esperança e de sua confiança fortalecida e aumentada, e de vitórias garantidas para o futuro. Nosso coração, então, vai apoiar-se naturalmente sobre o Coração de Nosso Senhor. Não o amamos mais do que jamais o tínhamos feito? Não dissemos verdadeiramente: "Dominus meus et Deus meus"? (Jo 20,28) (Meu Senhor e meu Deus?) Aproveitemos, pois, a palavra de São Paulo também nessa circunstância. A castidade assim praticada, com uma constância enérgica, oh! que recompensa ela merece! Por que o Bom Deus não escolheu os Anjos para fazer deles os seus religiosos e seus sacerdotes? Porque os Anjos não poderiam ter o mesmo mérito como os religiosos e os padres. Aqueles não têm lutas; não têm, portanto, nem vitórias nem méritos. A quem iremos nós, Senhor, pois Vós tendes palavras da vida eterna? (Jo 6,68). Eles não poderiam lançar esses gritos de socorro e confirmar a força de vontade que faz obter a vitória sobre os inimigos. São Paulo disse: "Sou forte naquele que me fortalece" (Fl 4,13). Três vezes pediu a libertação de suas tentações, e três vezes Deus lhe respondeu: "Sufficit tibi gratia mea" (2 Cor 12,9) (Basta-te a minha graça). A virtude possui uma perfeição infinita. Sob qual condição podemos aspirar à virtude? "Christo confixus sum cruci" (Gl 2,19) (Fui crucificado com Cristo).

Essa é a parte negativa do voto. Alcançaremos a parte positiva pelo exercício e a prática contínua do Diretório que, permanentemente, nos fará chegar a atos de amor a Deus e sobretudo à união e reunião constante do coração à Vontade de Deus, que não nos deixa mais viver, respirar e aspirar a não ser por Deus, como diz São Francisco de Sales. Ficando assim unidos e ligados a Nosso Senhor é que cumpriremos o nosso voto para a maior glória de Deus e a maior felicidade de nossa alma e para a salvação dos outros. Prestem muita atenção a isso. Para chegar a praticar o voto de castidade, para alcançar essa união tão íntima com Deus, é preciso exercitar-se, dedicar-se à prática freqüente dos atos de fidelidade, à prática da direção espiritual. O soldado se exercita muito tempo no manejo das armas; chega a gostar disso e somente dessa maneira se torna hábil. Leiam a vida de todos os santos religiosos; é assim que eles faziam; é essa a conduta que tinham; tem que se voltar a isso. Só serão religiosos sob essa condição. Essa é a essência de nossa virtude religiosa, de nossa castidade. Eis aí os elementos dos quais a nossa vida deve ser formada e que a devem caracterizar, Quando a cozinheira faz

um bolo, - perdoem-me esta comparação trivial, mas verdadeira - ela pega ovos, farinha, leite. Nós somos a farinha. Se esta fica sozinha, não sendo misturada e amassada, servirá para quê? Não prestará para nada e só se estragará; será comida pelos ratos e camundongos. Sendo amassada e manuseada pelos encarregados, ela se transforma numa massa gostosa. E nós, deixemo-nos triturar e modelar, tornando-nos a farinha de Cristo, como diz São Policarpo.

Meus Amigos, eu gostaria que repetissem ininterruptamente e sem fim: Eu sou religioso! Reparem o que têm que fazer sem cessar perante Deus, para com o próximo e referente à Congregação.

Eu termino por esta despedida e pelas palavras de São Paulo: "Christo confixus sum cruci" (Gl 2,19) (Fui crucificado junto com Cristo). Levem-nas muito conscientemente no seu coração e realizem-nas. Tornem-se bons e santos religiosos; o resto não importa! Nosso Senhor, na sua grande misericórdia, nos faça compreender isso muito bem. Nossos santos Padroeiros, São Francisco de Sales, a Boa Madre Maria de Sales, a Irmã Genoveva, todos os nossos amigos que já nos deixaram, relacionados com nossa Fundação e estando agora diante de Deus, rezem, intercedam e proporcionem a todos nós a firme vontade de nos deixar sempre fixar à cruz como Jesus Cristo e com ele. Tenhamos gosto em ficar junto a ele a fim de que vivamos bem nele e morramos bem com ele. Assim seja!

Fim do retiro de 1893.

RETIRO GERAL DE 1894

PRIMEIRA PALESTRA

O RETIRO

Meus caros Amigos, eu dou muita importância ao retiro este ano. Assim como disse Nosso Senhor: "Non multa loquar vobis" (Jo 14,30) (Não vos falarei muito), não terei mais muito tempo para falar-lhes. Desejo muito que o que lhes disser fique para os Senhores como um testamento, um testamento de respeito e de fé que lhes seja um apoio e uma base, um ponto de partida para toda a sua vida. Todos nós precisamos muito deste retiro. Não somos pessoas de má vontade; não somos egoístas, longe disso! Não somos pessoas que trabalhamos por interesses próprios. Ninguém dentre nós, sem dúvida alguma, tem essas intenções. O que nos falta, então, para ser bons religiosos?

Até agora talvez não compreendêssemos ainda suficientemente o que significa ser um bom religioso. Este entendimento completo da vida religiosa é, realmente, uma especialidade que se torna rara hoje em dia. Em outra época - e já faz muito tempo - sabia-se o que era um religioso; nas famílias cristãs, aprendia-se isso no colo da mãe; todas as instituições sociais o proclamavam; estava presente nos costumes. As próprias leis civis garantiam o princípio e o objetivo; elas protegiam e asseguravam as regras religiosas e impediam prejudicá-las. Hoje todos os tipos de apoio faltam à vida religiosa. É fácil constatar isso. As vontades continuam boas, sem dúvida; não se deseja fazer mal, a gente está bem decidida a cumprir os deveres essenciais em relação a Deus; mas o toque religioso falta. É difícil remar contra a correnteza do rio; é penoso superar as correntes que nos levam a uma margem ou outra.

É preciso reagir. Mas reagir é fazer esforço; e fazer esforço não é da natureza de todo mundo. O esforço é a atividade de um instante, de um momento definido; não se pode fazer esforço todo o tempo; terminado o esforço, é preciso repousar; é forçoso que se retome a atitude de costume.

Seria diferente, meus Amigos, se fôssemos profundamente religiosos e exatamente por isso somos obrigados a tornar-nos religiosos. Reparem os tempos passados; os meios que garantiam a vida religiosa eram

meios coercitivos; caminhava-se entre duas muralhas, não se podia ir à direita ou à esquerda sem machucar-se, sem despedaçar-se; agora nada mais de exterior protege o religioso; nem um muro, nem uma cerca, nada; ao contrário, parece que o caminho é mais resvaloso em direção às beirras; está mais inclinado e puxa insensivelmente... Que meio empregar, então, para nos proteger? Aquele de São Francisco de Sales, o meio preventivo: levar uma vida interior, muito unida a Deus; e seremos protegidos contra as tentações exteriores. Como meios exteriores, o Diretório e as Constituições nos serão suficientes, se lhes formos fiéis: a palavra escrita no livro e a palavra falada que recebemos da boca dos nossos Superiores. Essas são as duas condições que farão de nós verdadeiros religiosos. Com isso teremos, dentro de nós, tudo o que for necessário. Estaremos facilmente unidos e ligados a Deus. Isso é o segredo. Com isso viveremos na dependência, na submissão, cumprindo exatamente todas as obrigações de nossa vida religiosa.

Deveremos, portanto, estudar seriamente, durante o retiro, o que temos que fazer, cada um de nós em particular, para entrar nesse caminho, para caminhar nessa direção. Todos precisamos mudar-nos; é preciso modificar os nossos hábitos interiores e exteriores, nossa opinião sobre o que temos que fazer todos os dias. É necessário compreender a importância dos mínimos atos da vida religiosa; é imprescindível que saíamos do retiro totalmente armados, prontos a empreender a luta, a combater bem e suportar valentemente todas as provas, confiantes que o Bom Deus nos ajudará em tudo isso e não nos abandonará.

Durante o retiro meditaremos sobre nossos votos, nossas obrigações; tentaremos compreendê-los melhor. Geralmente, não se liga muito para os votos. Não digo entre nós, sem dúvida! Mas em muitos lugares, em locais que deveriam ser santificados, a generosidade, a confiança na prática dos votos religiosos está muito frouxa; a ignorância, a falta de coragem e de renúncia, pouco a pouco, invadem tudo. Não devemos agir assim. Estudaremos, portanto, os nossos votos, as obrigações especiais que deles decorrem, o espírito que deve nos dirigir na prática de cada um deles. Estudaremos os meios que nos são dados pelos votos para avançar vitoriosamente no caminho ao qual o Bom Deus nos chamou.

Este retiro, portanto, é muito necessário para cada um de nós. Façamo-lo bem, de todo o coração. Rogo-lhes isso com instância, pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, para o bem de nossas almas. Venite

adoremos (Vinde, adoremos). Venham adorá-lo em si, venham adorar o Verbo, a palavra da Vontade de Deus sobre os Senhores, a luz que Deus lhe dá, para que brilhe constantemente, a fim de que os Senhores não desviem os seus passos. Este retiro nos colocará diante da verdade; teremos uma percepção, uma luz para compreender e amar o que Deus pede de nós e o que pede de nós em cada momento. Precisamos fazer muito bem este retiro; isso devemos a nós mesmos e devemos-lo a todo o Instituto; é a nossa obrigação perante a Santa Igreja. Somos Oblatos de São Francisco de Sales, e é preciso que o sejamos de fato; nosso retiro é que nos ajudará a sê-lo. Um Oblato de São Francisco de Sales é algo muito especial; não é nem um Capuchinho nem um Jesuíta nem um Redentorista; ele tem sua vocação especial e perfeitamente definida. Somos os verdadeiros herdeiros da doutrina e dos meios de São Francisco de Sales. Todo mundo o diz e devemos acreditá-lo; além disso, sabemos bem que é verdade. Somos, ademais, os herdeiros dos recursos e da doutrina da Boa Madre Maria de Sales; podemos estar certos disso. A nós é que ela confiou o dom que o Bom Deus lhe concedeu para a salvação das almas; ela nos afirmava isso seguidamente. E os Oblatos - acrescentava ela - devem levar a luz até os confins do mundo. É isso o que a Boa Madre assegurava; e o Bom Deus confirmou essa promessa por mil provas bem certas e indubitáveis. Esquecemo-nos disso por demais. Os jovens se consideram facilmente como seminaristas; os anciãos, como padres à altura - sem dúvida - , mas secularizados um pouco em demasia. Os professores são ordinariamente bons e respeitáveis professores, mas não se mostram suficientemente religiosos. Os que estão envolvidos nos trabalhos do ministério pastoral limitam-se demais, não pretendendo fazer mais do que os outros Padres numa situação análoga. Não é isso, porém, o que nós devemos fazer, meus Amigos. Não devemos colocar-nos acima dos outros Padres, sem dúvida, mas - sendo Religiosos - temos que tentar mirar mais alto do que o alvo que os outros são solicitados a visar.

Vejam como os Padres Jesuítas estão longe de paracer-se com os Capuchinhos. Existe uma distância enorme, uma diferença imensa entre eles. Cada qual serve a Deus à sua maneira. Entre nós, à primeira vista, é difícil distinguir o nosso caráter particular, nossa fisionomia própria. Perguntam-nos: "O que os Senhores têm de especial?" Certamente, se usássemos uma veste diferente dos outros, a gente nos distinguiria imediatamente. No entanto, meus Amigos, se fôssemos mesmo o que devemos ser, logo nos reconheceriam.

Um Oblato de São Francisco de Sales tem sua maneira especial de ser e não se parece com todo mundo, tanto na sua vida interior quanto na sua atividade pastoral e na sua própria aparência exterior que deve refletir o dom que Deus lhe deu.

Sejamos fiéis em guardar zelosamente este dom de Deus, pois o dom que nos deu também pode retirar de nós. É o tesouro que Deus nos confiou, mas é preciso fazer com que dê frutos. Os Senhores conhecem a parábola. O patrão, ao partir, deu talentos a cada um de seus servidores: a um, cinco; a outro, dois; a um terceiro, um só. Aquele que recebeu apenas um talento foi enterrá-lo num buraco. "Serve nequam (Lc 19,22), servo mau!", disse-lhe o patrão. É necessário prestarmos atenção a isso, meus Amigos. Aquele servo não era um homem desonesto; não dissipou o talento que lhe fora dado. Não era maldoso. Afinal de contas, não havia grande coisa a recriminar. Ele não quis dar-se o trabalho de levar o dinheiro ao banco. Estava com medo de empregá-lo mal e o devolveu ao seu senhor tal como o havia recebido dele. Serve nequam (Servo mau)...

Compenetremo-nos profundamente também da grande obrigação que assumimos, tornando-nos Oblatos de São Francisco de Sales. Durante o retiro verão isso melhor talvez do que nunca. A Congregação dos Oblatos, hoje, são os Senhores. A Congregação, daqui a dez anos, serão os Senhores; daqui a cem anos, a duzentos anos - se ela ainda existir - serão ainda os Senhores, os Senhores mesmos, compreendam-no bem. É uma herança que receberam e que passarão a outros. Que não se deteriore em suas mãos! Não se resgatará o que tiverem perdido; não se tornará a dourar o que tiverem gastado; não se consertará o que tiverem estragado. É uma responsabilidade tremenda essa. Eu, pessoalmente, experimento todo o peso dessa responsabilidade no que a mim diz respeito. Vacilei muito tempo antes de dar ouvido à Boa Madre, mas agora eu tenho uma convicção muito profunda e muito viva dentro de mim. Preferia, eu acho, comparecer no juízo final carregado de todos os pecados do mundo a ser culpável por ter faltado a essa responsabilidade, a ter me esquivado por minha culpa, a ter esbanjado o dom que Deus me deu para a salvação das almas. Cada um, pois, pense bem nessa responsabilidade, durante o retiro. Veremos juntos os meios para ser fiéis a isso, sendo verdadeiros e sinceros Oblatos.

Devemos também à Igreja de Deus, meus Amigos, o empenho de fazer bem este retiro. Por que a Boa Madre apareceu nesta época? Por que o Bom Deus quis revelar caminhos totalmente novos para guiar as almas no

caminho de sua santa Vontade? Qual a razão dessas luzes admiráveis e maravilhosas? Já lhes citei muitas vezes as palavras que Dom Zitelle me disse: "Padre, o Senhor não pode imaginar o que a doutrina da Boa Madre Maria de Sales produzirá na Igreja. Os resultados serão imensos." Olhem aí, portanto, o tesouro que nos foi confiado. Foi nos depositado nas mãos puro e verdadeiro, sem liga. Devemos à Santa Igreja a obrigação de manter esse depósito intato e fazê-lo produzir frutos. Poderão encontrar esse patrimônio integralmente na Vida da Boa Madre, na sua maneira de ser, de falar, no que ela escreveu, na sua doutrina. É ela que aparece aí integralmente, não como alhures, pela metade ou com representação de apenas três quartos. A quem foi confiada essa herança? Quem a possui atualmente? Nós, sem dúvida. Cada vez que se quis tirar alguma coisa da doutrina da Boa Madre, que se tentou aumentar ou modificá-la, o Bom Deus quebrou o instrumento - por melhor que fosse - que desviava da linha correta. O Bom Deus só quis proteger - e o fez visivelmente - o que ela fizera, o que ela tinha dito. Quem deve continuar essa obra da Boa Madre? Nós. Quando um Bispo consagra um Padre, aplica-lhe o santo óleo nas mãos, ele as unta e consagra; é a realização definitiva daquilo que já tinha dito ao diácono: "Mundamini qui fertis vasa Domini. Purifiquem-se os que manuseiam os vasos sagrados do Senhor." O Sacerdote não somente deve carregar os vasos sagrados, mas deve tocar no Corpo de Nosso Senhor mesmo; eis por que as mãos dele são consagradas. Purifiquem-se também os Senhores que devem trazer as graças imensas que Deus destina aos homens, os tesouros de sua doutrina, de sua força e de sua prudência. Os Senhores são os depositários disso; são as mãos, as palavras, os atos, a doutrina, o coração dos Senhores que devem expressar essa doutrina, torná-la visível ao mundo que tem tanta necessidade dela.

Dai, meus Amigos, a obrigação para nós de viver verdadeiramente como Oblatos. A prova sensível do que lhes estou dizendo está naquilo que os Senhores já puderam obter, no que já realizamos. Comentam-nos em toda a parte: "Isso lembra a Deus, ele é que está lá, percebe-se isso, a gente o vê." A alma apanhada nessa rede encontra a felicidade; ela se deixa conquistar bem depressa; compreende que não é mais prisioneira; ela se abandona a Deus. Ela o ama, dá-se a ele em cada momento; e Deus responde em cada instante, através de suas graças. Os Senhores dificilmente encontrarão isso no mesmo grau, em outra parte. Sejamos, pois, bons religiosos. Façamos, então, um bom retiro, para nós, para a Congregação e para toda a Santa Igreja.

Será que é difícil o que estou lhes pedindo? Não. Eu o repito para os Senhores pela milésima vez. Não é custoso. Não é preciso querer fazer, mas deixar fazer; não é necessário operar, mas deixar operar em si. Reconheço que isso é, às vezes, bem mais difícil. Mas, meus caros Amigos, acreditem no retiro, na santificação pelo retiro. Façam os seus exercícios com grande pontualidade, com sumo respeito. Desempenhem cada exercício de todo o coração, com toda a boa vontade. Não lhes mando que experimentem atração interior ou consolações. Essa atração é a gota de óleo que o Bom Deus põe nas engrenagens. A máquina pode andar sem ele; as engrenagens rangerão, é verdade, mas funcionarão. Tomem a peito, portanto, cada um dos exercícios do retiro. Sirvam-se de cada um deles como de sacramentais. Usa-se a água benta para expiar os os pecados; façam também os exercícios de retiro para expiar seus pecados, e cada exercício lhes trará sua graça especial de perdão e de ajuda eficaz.

O Sacramento de penitência é um sinal perceptível que traz consigo a graça. Os exercícios do retiro também são sinais sensíveis que ocasionam graça. Façam isso e viverão (cf. Lc 10,28); acreditem nisso e o Bom Deus os esclarecerá, iluminá-los-á à medida da fidelidade que terão dedicado a cada um desses exercícios.

Eu recomendo, portanto, uma grande pontualidade na obediência. Não façam nada sem pedir licença, sem submeter-se. O jugo do Senhor é suave e seu fardo, leve. (Cf. Mt 11,30). Tomemos, pois, esse jugo nos ombros. Se alguma coisa especial for necessária, peçamos permissão, com toda a fidelidade. Mantenham o seu espírito num silêncio religioso e receberão abundantemente a riqueza dos dons de Deus. E se Deus não lhes der nada, se suportarem o peso do dia e do calor (cf. Mt 20,12) sem consolação, se ceifarem em campo árido onde é preciso recolher penosamente seus feixes, espiga por espiga, avancem corajosamente: o Salvador lhes aparecerá no fim do dia. Os Senhores não terão feito muita coisa, poderá parecer-lhes, mas - mesmo assim - receberão o seu denário (cf. Mt 20,2). E os outros, que tiverem podido recolher e render mais, só terão o seu denário como os Senhores. A recompensa será a mesma, já que empregaram tanta boa vontade quanto eles.

A Boa Madre Maria de Sales seja realmente a luz e a inspiradora deste retiro. Coloquem-se todos sob sua amável e materna proteção. Ela nos ajude a fazer retiro como ela fazia. Quando ela vinha pedir-me o auxílio das minhas orações, o que ela me dizia era bom demais, muito to-

cante; eu me servia disso para dirigir-me ao Bom Deus, e isso me ajudava grandemente. Venha ele também ajudar-nos e dizer-nos algumas boas coisas durante o retiro.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

SEGUNDA PALESTRA

O RETIRO GERAL - OS VOTOS - A POBREZA - A CASTIDADE

O retiro se destina a fazer o bem aos religiosos e deve ser um ponto de muita atenção dos Superiores que respondem a Deus pela conduta de seus subalternos.

De que maneira se deve fazer os religiosos realizarem o retiro? Há muitos prós e contras. Fazer um retiro geral, convocar todos os religiosos no mesmo lugar pode, certamente, reavivar a caridade fraterna, a piedade, a fé, a confiança. Isso pode excitar e estimular o espírito de Deus, tão abundantemente recebido no dia da profissão e da vestição. Pode ser, portanto, uma coisa excelente. Mas há objeções a fazer contra esse método. Se todos os religiosos fossem perfeitos, não haveria nenhuma inconveniência. Infelizmente, não o são, e certos fatos vêm, às vezes, abalar um pouco as convicções que se podem ter sobre o sucesso dos retiros pregados para muita gente.

Eu poderia contar-lhes determinadas histórias, a começar pela Comunidade das Oblatas. Não é caridoso falar das Oblatas, mas será para o bem. Sabem os Senhores por que não continuei a organizar retiros gerais com pregações para as Oblatas? Sabem por que não as animarei jamais a fazer pregar retiros para si? Havia, naqueles tempos, entre as Oblatas - felizmente não estão mais entre elas - duas ou três cabeças perturbadoras. Que faziam durante o retiro? Essas senhoras reuniam-se em conciliábulo, num cantinho, e lá fofocavam à custa do Padre: "Ele tomou esta ou aquela medida, foi mesmo uma pena! Ele oprime realmente esta ou aquela Irmã; ele a transferiu! Estão vendo? Dar transferência a uma freira..., dir-se-ia realmente que se trata de um Pároco de uma paróquia!..." E as palavras choviam sobre a Mestra de noviças, sobre a Superiora, sobre a comunidade inteira. E não ficou por aí. Iam até a Boa Madre Maria de Sales. "Eram essas as idéias que 'nosso Padre' se tinha

formado, sua doutrina? Mas o que era isso? Muita gente discutia essa sua doutrina! Faziam tanto barulho da santidade dele, e até agora não se viram grandes maravilhas." Eis o que diziam essas senhoras...

Ora, essas cabeças desequilibradas podiam adquirir adeptas; os espíritos um pouco frágeis, que elas sabiam envolver habilmente, iam naturalmente com elas. Toda mãe religiosa pende naturalmente para esse lado. Graças a Deus, hoje a Comunidade das Oblatas está livre desse flagelo que, certamente, é um perigo enorme para um Instituto. Essas senhoras saíram. A Comunidade das Oblatas vai bem. Poder-se-ia, caso se quisesse, voltar agora - sem muito perigo, eu creio - para o sistema dos retiros gerais. Mas há três ou quatro anos, repito, teria sido extremamente perigoso.

Suponham - o que é possível - que a mesma coisa aconteça entre os Oblatos: que espíritos estrambóticos, maus religiosos - e existem em toda a parte - comecem a aproveitar da aglomeração, na ocasião do retiro, para falar contra a autoridade, contra 'nosso Padre', contra a administração, contra as medidas tomadas, contra isso, contra aquilo... Um retiro geral se tornaria, então, um perigo evidente. Os Padres vêm de todos os lados reunir-se e repousar; e eis que nesse lugar mesmo reina uma epidemia. Não todos serão atingidos, sem dúvida; mas muitos ficarão doentes e alguns morrerão. Eis o grande perigo dos retiros gerais. Portanto, peço encarecidamente ao Padre Lambert que me substitua aqui, junto à Comunidade, para velar sobre isso; deixo isso a sua consciência e fico descansado disso. Ele veja com o máximo cuidado se não há grupinho confabulando à parte. Por outro lado, confio que o Bom Deus não o permitirá. Esse é, pois, o perigo dos retiros gerais e essa é a razão por que faço as Oblatas observarem a solidão. Entre elas é mais fácil que entre nós. Elas têm a Mestra de noviças, a Superiora; elas lhes prestam contas mais facilmente; elas se abrem mais prontamente que os homens, que os Padres. O homem não tem necessidade de uma direção tão imediata; ele se apóia um pouco mais do que a mulher na sua convicção, sobre seu livre arbítrio. Ele está acostumado a conduzir os outros e não gosta muito que o conduzam tão pessoalmente. Mais tarde, meus Amigos, quando estivermos bem compenetrados de nosso espírito, quando tivermos tomado a peito o âmago da nossa vida, ver-se-á se não é preferível substituir os retiros gerais pela solidão individual. O futuro dirá o que convém fazer.

Seja como for, eu lhes assinalei o perigo. Por favor, prestem muita atenção a isso e reflitam nisso diante do Bom Deus! Se alguém den-

tre os Senhores se sentisse inclinado a isso e não estivesse bem resolvido a remediá-lo, que vá embora, não fique conosco! É a morte! Não se deixa um cadáver no meio dos viventes. O Senhor é um cadáver, se tem essas disposições. Eu não estou exagerando de forma alguma. Pode haver pequenos descontentamentos contra os Superiores. Estes não são mais inteligentes ou perfeitos que os outros. Mas eles têm a autoridade, e esta vem de Deus. Os Senhores fizeram os votos, é preciso dar atenção a isso.

Para muitos, os votos são uma carga ligeira. Os Senhores sabem, no entanto, que os três votos, a saber, de pobreza, de castidade e de obediência são para nós o 11º, o 12º e o 13º mandamentos de Deus. E esses últimos mandamentos acrescentados nos obrigam tanto quanto os outros, tanto quanto o 1º, o 2º e o 3º. A obrigação de nossos votos não têm outro termo e se determina exatamente pelos mesmos limites. A obrigação de nossos votos é a dos mandamentos de Deus. Abram o seu livro de Teologia; os Senhores todos estudaram ou estão ocupados com isso; olhem e verão! Os Senhores se impressionarão, quando souberem tudo o que a Teologia diz, tudo o que São Tomás afirma sobre o assunto dos votos. Este era, no entanto, um teólogo de espírito muito amplo, muito suave na aplicação da moral. Ele, pois, não quer que os heréticos sejam molestados para fazê-los voltar à fé, mas admite apenas os meios suaves e de conciliação; ele não quer nada constrangido. Perguntem a esse Santo tão amável o que ele pensa sobre a pobreza, a castidade e a obediência religiosa. Ele diz coisas terríveis sobre a obrigação dos votos.

É pelos votos que se é religioso. São Francisco de Sales tinha desejado formar uma Congregação religiosa fundada sobre o único voto de caridade. Haveria somente esse voto, e teria sido o mais difícil de todos. O bom Santo, que não se enganava, visava assim o mais perfeito. Ele viu que era perfeito demais. Demasiadamente poucas almas poderiam chegar a este voto, observado em toda a sua plenitude. Quanto a mim, não sei se jamais poderia me resolver a pronunciar um voto destes.

Os três votos compreendem a essência da vida religiosa: sem o cumprimento fiel deles, não há religioso, ou antes um mau religioso. Eles nos obrigam exatamente como os mandamentos de Deus; obrigam-nos mais do que os mandamentos da Igreja. Nós mesmos podemos dispensar-nos de certos mandamentos da Igreja, sem que ninguém precise intervir; estando impedidos por doença, nos é impossível ir confessar-nos; podemos estar dispensados pela mesma razão da obrigação de assistir à Missa, de

jejuar ou fazer abstinência, de confessar-nos ou comungar. Não podemos dispensar a nós mesmos das obrigações ligadas a nossos votos; só podemos fazê-lo em virtude de uma licença de nossos Superiores. Nossos votos, pois, impõem uma obrigação análoga à dos mandamentos de Deus que obrigam sempre, "semper et pro semper" (sempre e para sempre). Assim, todo o tempo temos que ser obedientes, pobres, castos; não há motivos para isenção como não há para os mandamentos de Deus. Podemos ser dispensados de uma ou outra prática determinada de pobreza, de obediência; mas nós próprios não podemos dispensar-nos disso. E - apesar dessa dispensa que se refere a este ou aquele ponto particular - a obrigação de praticar a obediência, a pobreza permanece sempre; obedecemos, não mais executando a prática da qual fomos dispensados, mas conformando-nos à vontade do Superior que dispensou.

O primeiro dos nossos votos é o de pobreza.

Apeguemo-nos à pobreza religiosa. Esta se observa entre nós por meio de pequenas práticas; ela se sustém de ninharias: são as privações, os sacrifícios de pouca importância, mas frequentes e repetidos que nos acompanham em cada momento de nossa vida. Façamo-los todos com generosidade e amor. Reparemos como se comportam os pobres, notemos todas as suas privações; imitemos a eles. Consideremos Jesus Cristo pobre e façamos o que ele fez e por amor a ele.

Não praticaremos séria e completamente os votos, a não ser que o façamos piedosamente. Não somos máquinas; não devemos nos privar dos bens terrenos simplesmente pelo prazer de nos desfazer deles: "Voluntaria oris mei beneplacita fac, Domine" (Sl 118,108) (Aceita, Senhor, a oferta de minha boca [= meu coração - tr.]). Temos que agir envolvendo o nosso coração, a nossa vontade dedicada e amante. "O que eu faço, sendo pobre, ó Jesus, é por Vós e convosco que o realizo, unindo-me a Vós na pobreza."

É assim, meus Amigos, que se deve compreender a pobreza; o que ela traz consigo de fadiga, de incômodo, de sofrimentos será, a partir de então, muito aliviado: a pobreza se tornará viável e suave. Sejam pobres nas mínimas coisas. Economizem um selo, uma folha de papel; tenham cuidado de sua roupa; aceitem as inconveniências do seu serviço, as privações que a vida em comum acarreta, o que os contraria na alimentação, na roupa. Aceitem tudo isso em vista do amor a Nosso Senhor, em união com tudo o que ele aceitou de parecido e de bem mais mortificante. Se a

gente começa a pechínchar com a pobreza, a calcular, a gente é miserável... Então pratica-se o voto de pobreza como um robô que funciona bem no momento exato, mas que age sem compreensão e sem coração.

A pobreza nos obriga a não ter nada como propriedade, a usar as coisas que se fornece a todo o mundo. Se a gente tem necessidade de alguma coisa especial, é somente a obediência que pode proporcioná-la. Mas, para nós mesmos, não podemos ter nada como propriedade, dispomos de nada livremente; não temos nem a gerência, nem o uso de nossos bens propriamente dito. Não nos pertencem mais, ainda que a lei civil os deixe constar em nosso nome.

É próprio da pobreza ainda, meus Amigos, não gastar, restringir as necessidades e as exigências. O que pertence à comunidade não nos pertence a nós particularmente. De tudo o que gastarmos além do estritamente necessário, prestaremos conta a Deus. Leiam o que dizem os autores espirituais e os teólogos a respeito. Roma é mais severa referente à pobreza do que nunca. Parece que atualmente a Igreja deseje restringir esse voto ao máximo. Se faltarem, portanto, à pobreza, os Senhores vão de encontro a toda a doutrina da vida religiosa.

Não somos suficientemente pobres; não temos o senso de pobreza. O que mais me edificou na vida foi minha primeira visita na Visitação de Troyes, isto é, a vista dessa pobreza toda religiosa e muito real. Tudo era como entre pobres: velhos armários para a roupa, velhos móveis na administração, velhos baús na despensa, alguns velhos cestos; no entanto, havia lá senhoras da elite, nascidas e educadas no seio de famílias bem abastecidas. Essa prática de uma pobreza assim é muito difícil e ocasiona grandes méritos entre senhoras; servir-se dos mesmos hábitos, da mesma roupa branca... Assim se formam verdadeiros pobres, almas que amam apaixonadamente a pobreza. Essas pequenas práticas de pobreza não são infantilidades, é toda a vida religiosa ou, pelo menos, em grande parte. A gente é religioso ou não o é. A pobreza nos obriga, repito, exatamente como os mandamentos de Deus e os da Igreja. Um religioso que usa coisas da comunidade fora das regras, independente de toda a obediência e licença, é como se fosse um ladrão, e a gravidade da falta é igual ao roubo. Leiam os teólogos, todos lhes dirão a mesma coisa.

Esta obrigação tem o seu lado duro, sacrificante. O meio de sair-se bem é fazer como era costume de São Francisco de Sales e da Boa Madre Maria de Sales, praticando a pobreza com o coração, com seu amor por Nosso Senhor. É muito necessário que meditemos sobre isso. A pobreza

quase não está mais presente entre os hábitos e costumes. Outrora, quando os costumes eram mais cristãos, compreendia-se melhor a pobreza religiosa. Quando o Senhor Chappuis enviava dinheiro a suas filhas, era para entregá-lo - dizia ele expressamente - à Superiora, para que ela dispu- sesse disso. Vejam como falavam e pensavam os hoteleiros naquela época; eles tinham o senso da vida religiosa. Eu me recordo também da história do rei da Espanha junto ao qual um monge veio queixar-se das perseguições e rapinas por parte do seu Senhor. "Falais a verdade," gritou o rei, "e nem dizeis tudo!" E, apontando os sapatos elegantes e abertos, que não combinavam muito com a pobreza do monge: "Ele vos rouba tudo, mesmo o couro necessário para fazer fortes e reforçados sapatos de religiosos!"...

Sabem os Senhores que a pobreza religiosa é como um sacramento permanente que estende as graças de Deus sobre nós? Ela nos proporciona a ocasião de oferecer algo a Deus a cada instante; coloca-nos em comunicação íntima com ele; vivemos de sua vida; seguimos as pisadas dele; fazemos o que ele fazia, quando estava aqui na terra, passando os seus dias a pregar e noites a rezar, não tendo onde repousar a cabeça.

Uma palavra final ainda sobre o voto de castidade.

O voto de castidade tem duas facetas: o lado negativo e o positivo. A parte negativa proíbe os atos, os pensamentos, as palavras que são contrárias à virtude da pureza. Precisamos ter a consciência suficientemente esclarecida sobre isso. Sabemos o que podemos nos permitir e o que é oposto ao sexto e ao nono mandamentos de Deus. Estamos obrigados a tudo isso mais estreitamente ainda em virtude do nosso voto de castidade.

Tenhamos coragem nas tentações; o Bom Deus não abandona jamais os que confiam nele. Essas lutas secretas, às vezes, são terríveis: a natureza parece prevalecer sobre a vontade mais decidida. Deus está presente, se recorremos a ele. Sem que o vejamos, ele assiste ao combate; de trás da muralha, ele encoraja os nossos esforços; não o vemos, não lhe ouvimos a voz. Estamos no escuro; as trevas parecem surgir do coração à cabeça. Não entendemos mais nada do que fazemos; temos apenas a sensação da tentação e do mal: "Domine, salva nos, perimus!" (Mt 8,25) (Senhor, salva-nos, que perecemos!) Será que é necessário espantar-nos? Não - Onde estivestes, Senhor? - Eu estava aí. Com um grito do coração, lançado para Deus, ele nunca nos rejeitará. Deus é um bom Pai; ele tem

piedade de sua criatura; basta chamá-lo, e ele vem: "Ecce venio!" (Ap 22,12) (Eis que venho.) Ele não nos esquece, mesmo que pareça tardar um pouco. A coragem, portanto, não nos falte jamais; rezemos e recorramos a Maria. Digamos-lhe também: "Minha boa Mãe, fui livrado de tentações muito violentas, quero vos amar; tantos outros, que não têm o desejo de vos amar, escapam a essas provas, e vós as deixais para mim!"... Cada um tem seu pequeno meio particular, que foi indicado pelo confessor ou inspirado pelo Bom Deus, para escapar aos ataques da tentação. Aproveitemo-lo. Será sempre eficaz, desde que nos agarremos a ele com fé e coragem: o trabalho intenso, uma distração, um pensamento agradável, um estudo cativante...

Precisa-se ter medo dessas tentações? São muito penosas, mas qual será seu efeito último, afinal de contas? Quanto mais tiverem sido tentados, tanto mais o Bom Deus estará com os Senhores, convocando-os à santidade. Fortaleceu-os na tentação. Querem saber qual será o grau exato de virtude, de amor ao Bom Deus que podem alcançar e que ele lhes pede? Será em proporção precisa com a intensidade da violência com a qual a tentação se desencadeou contra os Senhores. Essa é a proporção exata do bem que farão para as almas. O Padre mais útil para os outros é aquele que sofreu mais tentações. Ele resistiu, venceu. Ele terá a experiência e o conhecimento para preservar as almas, para compreendê-las e ajudá-las. Sua luta penosa e vitoriosa lhe deu, sobre o coração de Deus, direitos que os outros não terão jamais. Não temam, portanto, não fiquem espantados; quanto mais forem tentados, tanto mais a sua colheita será grande na Santa Igreja. As almas virão ao Senhor; terá o poder de livrá-las. Quando os egípcios, quando os israelitas levantaram as pedras de 6 a 8 metros de comprimento, 5 ou 6 de largura para o cume das pirâmides, precisavam empenhar enormes esforços; mas reparem o resultado: essas pedras ainda estão lá, depois de 40 séculos; se, como Jó, eles tivessem construído casas de barro ou dessas moradias sem fundamento, sobre areia movediça - como diz o Evangelho (cf. Mt 7,26) - o vento, a chuva e a tempestade teriam levado tudo há muito tempo!

Acabei de falar sobre máquinas. A tentação é a máquina mais poderosa, tem o efeito mais eficaz e mais certo. Falaremos amanhã sobre a segunda parte do voto de castidade.

Outra vez, meus amigos, chamo toda a sua atenção, toda a so-

licitude de sua consciência às obrigações de nossos votos. Tenham medo dos seus votos, tenham receio de não os cumprir bem. No dia do Juízo será preciso prestar contas disso. Mas, sendo-lhes fiéis, a amizade de Deus nos está garantida. Jam non dicam vos servos (Jo 15,15): Com seus votos, não são mais meus servidores, mas meus amigos. Não estão mais às minhas ordens; eu é que obedeco às suas. O que meu Pai me disse ao ouvido do coração, seu segredo, seu amor, eu lho comunico; é a partilha dos Senhores para sempre.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

TERCEIRA PALESTRA

A CASTIDADE - A OBEDIÊNCIA

Ontem falamos sobre o voto de castidade e dissemos que havia dois pontos a considerar: a castidade negativa e a positiva. O que não se deve fazer e o que se precisa fazer.

Geralmente, quando se fala sobre a castidade, só se trata do primeiro aspecto. Quase todos os autores, menos São Francisco de Sales, consideram apenas a parte negativa. Mas, diz nosso bem-aventurado Pai, não somente a gente não se deve apegar aos prazeres maus, às coisas e às afeições terrestres, mas prender positivamente o nosso coração a Deus, a Nosso Senhor, à sua santa humanidade. Não se deve esquecer e desconsiderar o coração. Estamos muito ocupados com os estudos de Teologia, Filosofia, de Letras e Ciências; tudo isso nos ativa a inteligência. Se nos restringimos a tudo isso, só ao que é nosso estrito e rigoroso dever, o coração não terá vez. Por isso é que os teólogos, em geral, esquecem a parte positiva, a parte afetiva do voto de castidade. É uma grande lacuna, uma grande falha. O homem, porém, não é de pedra! E, como disse o santo homem Jô, minha carne não é de bronze, e meus ossos não são de ferro!

Nós seguiremos, então, um outro caminho. Ao trabalho de nossa inteligência, de nossa vontade, acrescentaremos ainda uma outra coisa: o amor do coração, a afeição, o sentimento. Geralmente se despreza por demais o sentimento. Parece que isso seja assunto antes de mulheres do que de homens. Mas observemos os santos. O que é a nota predominante em São Francisco de Sales? Não é o amor a Deus? Santo Afonso de Liguori

era um grande teólogo; mas se é famoso por sua doutrina, não o é menos por sua piedade, pelos sentimentos afetuosos com que se aproximava do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora. O que predomina em São Vicente de Paulo? Não é o terno e afetivo amor a Deus, bem como às obras de apostolado e de misericórdia? Vejam São Paulo, reparem os Senhores todos os Apóstolos, São Pedro, São João: que impulsos ardorosos de amor por Nosso Senhor. O homem é composto de corpo e alma, de espírito e coração: é preciso dar tudo a Deus. O que é que o Bom Deus olha com preferência? "Deus autem intuetur cor" (1 Sm 16,7) (Mas Deus olha o coração). Ele é quem criou a nossa inteligência, mas - contanto que ela não abuse das luzes que ele lhe dá - não é ela que atrai mais a atenção dele: "Deus autem intuetur cor" (id.); principalmente para o coração é que ele olha.

É bom, meus Amigos, é mesmo necessário que o Oblato de São Francisco de Sales participe, se envolva nessa ginástica; que ele prepare seu coração para fazer dele uma fornalha ardente de amor a Deus; aproveite ele de tudo o que tem a fazer, de todas as circunstâncias que se apresentarem para alimentar e aumentar sua piedade. Na meditação, na Santa Missa, nas tentações, nos problemas, nas dificuldades, nas fraquezas e enfermidades de sua alma, que vá se prostrar aos pés do Salvador, vá se aquecer perto dele e não fique, como disse Davi, parecido com a ave solitária no telhado (Sl 102,8). Ponha um pouco de amor a Deus em cada um dos seus atos, em cada um dos seus pensamentos.

Mais uma vez, não procurem somente os atos, o exercício do pensamento, da inteligência: "Deus caritas est" (1 Jo 4,8) (Deus é amor). Ele nos fez à sua imagem; ele nos fez para o amor, fez-nos para amar a ele. Reparem todos os santos padres, todos os santos religiosos: a tônica de sua vida é o amor a Deus. Por que o Cura de Ars era tão santo? Pois amava muito o Bom Deus. Nós esquecemos demais esta parte da vida cristã e de nossas obrigações; não cultivamos suficientemente o nosso coração. Parece que o sentimento seja uma exigência demasiada que não faz parte de nossos deveres reais, de nossas obrigações.

É isso, precisamente, a parte positiva do nosso voto de castidade. Este nos obriga a cultivar o coração, a reaquecer, a reanimar-nos os sentimentos e dar a Deus o ardor e a afeição do coração.

Eu me recordo que no seminário, no primeiro ano em que eu era professor, recebi a visita de um Padre que era muito original. Ele se chamava Padre Frère. Era belga e de uma família muito célebre nesse

país. Diversos de seus parentes ocuparam altos cargos no governo. Esse Padre nos disse que tinha recebido uma missão toda especial de Deus. Ele entra no meu quarto e diz: - O Senhor é católico? - Evidente! - Reza ao Espírito Santo? - Claro. - Reze cinco ou seis vezes por dia: "Veni, Sancte Spiritus" (Vinde, Espírito Santo). Mas acredita mesmo, e praticamente, no Espírito Santo? E estou convencido de que não poucos cristãos ficarão muito surpresos quando, no dia do Juízo final, virem a Santíssima Trindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Até lá tinham esquecido o Espírito Santo; não fizeram nada para ele!... E Padre Frère desenvolvia muito eloquentemente esta idéia, esta tese, que pregava a todo o seminário, que é preciso pôr de novo o Espírito Santo no devido lugar. O Pai representa a criação; o Filho lembra a reparação; mas o Espírito Santo é a santificação, é a vida da graça, é a alma e a vida da Igreja e do povo cristão. Não se ama ao Bom Deus, porque não se tem caridade, pois não se tem o Espírito Santo. Pensemos como Padre Frère e compreendamos que São Francisco de Sales tinha toda a razão quando ele distinguia duas partes no voto de castidade e dando à parte positiva maior valor e a maior importância.

Lembre-mo-nos nitidamente de que nosso voto de castidade nos obriga a aproveitar e a usar todos os meios da caridade, do santo amor. Amemos ao rezar, ao celebrar a Santa Missa, rezando o Ofício; amemos em nossos sacrifícios, em nossa sujeição à observância.

Nos temos um exemplo aqui, em Troyes, o Senhor Chapelle, o chefe da estação, falecido infelizmente por uma morte precoce, há alguns anos. Ele se destacava por sua inteligência; tinha grandes qualidades; a gente sabia disso e o estimava. Era muito piedoso, e quando a ocasião se apresentava, o Senhor Chapelle não tinha medo de abordar muito francamente a grande questão com os colegas de serviço: - Você é feliz, meu amigo? - Não muito. - É porque não ama Nosso Senhor Jesus Cristo. Procure rezar a ele e obedecer-lhe, amá-lo e encontrará a felicidade, o amor, a união dos corações. É fácil, experimente!

Um outro grande cristão, o Senhor Harmel (que promete sempre visitá-los, mas nunca encontra tempo) o Senhor Harmel, digo, não sabe dizer outra coisa à sua gente, a seus operários e operárias: amem o Bom Deus; pensem habitualmente nele! E ele encontra nessa recomendação - que sabe apresentar solicitamente, em todos os momentos esta intensidade de força admirável, este fogo sagrado que lhe faz produzir tão grande bem em toda a parte onde ele passa.

Nosso voto de castidade, portanto, deve nos fazer decidir a avançar neste caminho do dom de nosso coração, de nossos sentimentos, de nossos íntimos afetos para com Deus, Nosso Senhor. Essa é a parte positiva de nosso voto. Saibamos encontrar o Bom Deus onde se encontra, em nossa meditação, na Santa Comunhão, na visita ao Santíssimo Sacramento, nos momentos difíceis e penosos, ao sentirmos a cruz pesar muito nos ombros, depois de a amargura invadir-nos a alma. O verdadeiro amor, então, consiste em dizer: Eu faço a Vontade de Deus; eu me prendo e me agarro a ela.

Quais Apóstolos ficaram mais perto dele? Pedro, Tiago e João. Ora, reparem o que ele disse a Pedro: "Tu me amas?" (Jo 21,16) Pedro era todo fé viva e ardente; precisava ser também amor. Três vezes Jesus lhe faz essa pergunta para fazer-lhe saltar do coração este grito de amor: "Senhor, tu sabes bem que eu te amo! (Jo 21,16). João era o Apóstolo bem-amado; Tiago participava dos sentimentos afetuosos de João. São esses três Apóstolos que ele leva consigo, convidando-os para perto de si, na intimidade de sua moradia em Cafarnaum, os mesmos que o seguem no Tabor e no Jardim das Oliveiras; com eles é que eles mais está, com estes que mais o querem.

Peçamos à Boa Madre a graça de amar Nosso Senhor como ela mesma o amava. Toda a sua alma era consumida pela chama do amor a Deus, tanto nas Comunhões, quanto nas provações, nos sofrimentos e nas tentações, ela dava largas a seu coração para amar a Nosso Senhor. É o que a fez crescer tanto aos olhos de Deus, seu amor. Está nisso, meus Amigos, a perfeição do voto de castidade; é isso o que temos que visar.

Acrescento ainda uma palavra sobre o voto de obediência.

A respeito disso, meus Amigos, temos que aprender muita coisa. Entretanto, não é muito difícil compreender o que se precisaria fazer.

Observem o exército, os soldados. Isso é a escola da obediência mais absoluta. O militar é obrigado à obediência em tudo: seus sapatos, seu equipamento, os botões de sua farda; não pode faltar, seja no que for, à ordem dada, mesmo nas mínimas coisas. A todo o momento tem que passar por uma inspeção; a cada instante precisa agglutar as exigências mais detalhadas e com a obediência mais passiva e mais absoluta. Por que não nos lembraríamos muitas vezes desse modelo? O bom soldado se ajeita logo quanto à obediência; não lhe custa lá tanto, logo se resigna; toma isso a peito. Não é raro ver bons oficiais inferior-

res gostarem de sua profissão e se habituarem completamente a esta vida que se lhes torna uma segunda natureza. Nós ainda não chegamos bem a esse ponto, no que diz respeito à obediência religiosa. Custa-nos harmonizar-nos com essa norma. Aceita-se e rejeita-se. Acolhe-se o que agrada e recusa-se o que desagrada. O bom soldado, meus amigos, não age assim. Eis a palavra chave da vida religiosa: somos soldados; o regime militar é totalmente nosso. Nós também devemos manifestar uma obediência completa, inteira e - acrescento - cordial. Só nisso se encontra a verdadeira felicidade, a verídica satisfação espiritual. Nisso encontraremos a garantia de nossa vida e estaremos totalmente em casa. Meus Amigos, isso nos faz falta de modo considerável.

A primeira coisa que nos falta é que não compreendemos que temos que obedecer. Se o militar compreende ou não, pouco importa. Sabe que a cela da cadeia o espera, se não obedece; e obedece sem vacilação. Nós não temos cela policial; não temos punição; e parece que uma infração da obediência não seja nada, pois não há sanção exterior imediata. Eu já me perguntei muitas vezes, se não seria urgente ter um tipo de vida mais severo, uma organização mais cerrada, sendo mais exigente quanto à formação das pessoas. Isso apertaria mais o vigor da disciplina; isso tornaria a nossa vida de comunidade mais homogênea e maciça. Mas, meus Amigos, se cada um pratica bem o Diretório, como verdadeiro religioso, se se impregna bem do espírito desse, certos rigores exteriores não serão necessários. Apelo ao parecer dos Senhores para julgar e se pronunciar nessa questão. Mas, por favor, baseemo-nos bem no espírito do Diretório, o espírito da obediência. Eu vejo que decaímos nesse sentido. É-se seminarista, é-se um pouco Pároco do interior ou Vigário de cidade, um pouco homem do mundo. - Oh! eu não cometo grandes faltas! Não há nada de muito excepcional!... Mas o compromisso da obediência, a lei, a Regra, não são compreendidos; a gente não se deixa encerrar e escapa; não se é mais religioso.

Meus Amigos, será necessário que cada um de nós medite seriamente sobre o voto de obediência. Repito: é o 13º mandamento de Deus para nós. Esse voto de obediência não nos obriga sempre sub gravi (sob pena de pecado mortal), mas todas as vezes que a violamos de forma considerável trata-se de um pecado grave; todos os teólogos lhes dirão isso. - Eu não peço gravemente! - Sim, mas o estado habitual de pecado venial leva em seguida ao pecado mortal. Essa falta de obediência habitual em pequenas coisas conduzirá a infrações graves contra a obediên-

cia. Não somos, portanto, suficientemente religiosos nesse sentido. Meditemos sobre isso. Peçamos ao Bom Deus que possamos compreender bem o que é a obediência. Em toda a Ordem religiosa, o voto de obediência é considerado como o primeiro e o mais constringente. Reparem o que se diz entre os Jesuítas: "perinde ac cadaver" (bem como um cadáver); isso é o modelo, a máxima sobre a obediência para eles. Certamente São Francisco de Sales não quer que sejamos cadáveres; ele quer que tenhamos plena vida, que nosso coração bata fortemente para Deus e que lhe obedecemos com essa obediência querida e amada que nos engrandece a alma, porque ela a toma totalmente para uni-la à Vontade de Deus, e isso, envolvendo toda a nossa capacidade e vontade.

A obediência é difícil, sem dúvida. É a imolação de nossa liberdade, dessa liberdade que o próprio Deus quis respeitar. O homem é mais atingido pelo voto de obediência do que por qualquer outro voto, qualquer outro liame. A obediência toca a própria essência do nosso ser, os nossos direitos pessoais. Mas será que Deus não nos ajuda a fazer um sacrifício destes?

Será muito bom, portanto, que nos dediquemos de todo o coração à obediência. Onde se puder, em cada casa onde for possível organizar-se para este fim, será conveniente que se dê a obediência numa hora determinada. Quando for possível, será dada após o almoço e depois do jantar como acontece em todas as Ordens religiosas. Nesse momento é que se pedirão permissões. Esse costume seja estabelecido assim mesmo em todas as casas. Se a obediência não se pode dar depois das refeições, que se procure um outro momento em que seja dada regularmente duas vezes por dia. Não se saia nunca à cidade sem antes pedir licença à obediência. Todas as permissões sejam solicitadas fielmente nesse momento, se se precisa ser dispensado de algumas horas de trabalho, de algum exercício de piedade, se se necessita providenciar algum objeto indispensável. Façam isso com fidelidade para acostumar-se à obediência. E, além disso, cada um dos Senhores faça o firme propósito de cumprir o voto de obediência na integridade e com exatidão. Sejam submissos às ordens que os Superiores nos dão. Nossos Superiores ficariam muito felizes, se não tivessem nada a mandar-nos. Mandar não é tão agradável! Se o fazem, é por obrigação, em consequência do seu estado: facilitemos-lhes a tarefa.

Voltaremos ainda a esse assunto.

O que deve estimular-nos, meus Amigos, a estudar seriamente

este tema dos votos é a nossa salvação eterna. Estejam atentos. A vocação religiosa é uma situação toda especial. O Senhor entra na vida religiosa, é postulante, noviço, faz os votos e realiza sua vocação. Pensa que se sai bem assim? Conseguirá sua salvação? Se for infiel ao apelo de Deus, salvar-se-á? Deus me livre de condená-lo, mas lhe digo que sua salvação será difícil, que não se salvará senão passando 'per aquam et ignem' ((cf. Sl 65,12) (pelo fogo e pela água). E isso será uma prova da grande misericórdia de Deus para com os Senhores, se forem condenados a levar uma vida de sofrimentos e de adversidades, se forem cumulado de humilhações e amarguras. Só por esse caminho irão para o Céu. Poderá acontecer que caiam; mas, se o dia em que caírem é exatamente o dia em que Deus os vem buscar, para onde irão? Deus non irridetur (Gl 6,7) (De Deus não se zomba). Nada magoa mais o coração de Deus do que faltar à própria vocação. É quase como o pecado contra o Espírito Santo. Certamente, esse pecado não é imperdoável, mas não será perdoado a não ser após ser sujeito a uma grande quantidade de provações e de expiação. O que aflige muito a Santa Igreja é exatamente constatar a indiferença das almas por sua vocação, a falta de correspondência que elas mostram relativa às solicitações da graça de Deus. O que mais fere o Coração de Nosso Senhor é isso. Lembrem-se do jovem do Evangelho. Será que se salvou? Ninguém o sabe. Como foi embora? Tristis (Mt 19,22) (Triste). Não prestou ouvidos a Nosso Senhor e se afasta tristis. Essa é a última palavra do Evangelho sobre ele. Toda a sua vida é caracterizada por esta única palavra: triste. Assim é a vida da alma que foi infiel ao apelo de Deus; ainda bem que possa expiar, não caindo em desespero e na condenação!

Acabo de receber uma carta do Padre Charie que me conta que a Irmã Maria Donat está passando muito mal. Ele recém foi visitá-la na Visitação para administrar-lhe os Sacramentos. Deu-lhe a indulgência plenária. Disse-lhe que estamos em retiro e que iria escrever-me para recomendá-la às orações de toda a Comunidade. Ela parecia muito feliz com isso e pediu para os nossos Padres que a recordassem junto ao Bom Deus, em memória do que ela tem sido e sempre será para os Oblatos de São Francisco de Sales.

QUARTA PALESTRA

A OBEDIÊNCIA - PROMOÇÃO VOCACIONAL

Hoje de manhã, eu lhes disse que seria bom, talvez, termos uma Regra mais austera para fixar bem os nossos primórdios, fazendo-os mais sólidos e mais evidentes. Isso eu disse hoje de manhã, mas esta noite - depois de pensar bem - não o digo mais. Se, de fato, compreendemos bem o voto de obediência, se nos damos conta de que ele obriga 'semper et pro semper' (sempre e para sempre), que é para nós o 13º mandamento de Deus, teremos seguramente a que nos atrelar e com ligações bastante estritas para ser bons e santos religiosos. Com a obediência, não levaremos uma vida mortificada? Nossa vida de cada dia não é para todos uma vida de sacrifícios contínuos? A maioria dos Senhores se ocupa com a educação, com a formação da juventude; nada é mais penoso e difícil que esse tipo de trabalho. É vinte vezes mais fácil ser marceneiro, fundidor, mecânico, que executar bem o que os Senhores fazem. Seu trabalho é o mais cansativo, o mais enervante. Precisa-se muita força física e ainda mais energia moral para ser bem-sucedido nisso. Nenhum outro ofício exige tanto. Se, às vezes, eu parecia facilitar um pouco, sendo um tanto indulgente para com alguns dos Senhores, se não dava muita atenção a certas permissões que eu concedia - e de que se podia abusar - não me censurem demais; eu sei o que os Senhores têm que aguentar e sofrer. Em outros Institutos, que não estão dedicados de forma tão geral à instrução, pode haver, por vezes, um pouco de lazer, de recreio, de descanso. As tarefas são mais variadas; entre nós, é todos os dias a mesma coisa; nunca há distensão. É, pois, um tipo de vida sumamente sacrificada, meritória de modo diferente das austeridades que o bom Padre Capuchinho queria introduzir em nossa Regra.

Agora que estamos de retiro, tiremos boa vantagem da dureza e da aridez do retiro; aproveitemos bem de tudo o que temos a dar e a oferecer ao Bom Deus; não percamos nada desses tesouros, de todas essas pérolas preciosas. Agora que nos encontramos a sós, utilizemos esse repouso de que fala Nosso Senhor: "Venite, requiescite pusillum" (cf. Mc 6,31) (Vinde, descansai um pouco). Reflitam seriamente sobre si mesmos, sobre sua infância e sua juventude, sobre sua preparação ao sacerdócio e à vida religiosa, sobre sua vida desde que entraram na Congregação. Sofreram; mas também fizeram Nosso Senhor sofrer. Observem todas essas

coisas detalhadamente; uma após outra; e sosseguem-se a alma junto a Nosso Senhor, com suavidade, com arrependimento e confiança. Será uma espécie de pomada, um bálsamo que aplicam sobre tudo o que possivelmente os magoou ou fez sofrer. Essa será a vantagem dos seus dias de solidão.

Não lhes recomendo o recolhimento e o silêncio; eu ficaria muito humilhado, se tivesse que dar-lhes uma recomendação destas, se - ainda que fosse um só entre os Senhores - não compreendesse a necessidade dessa seriedade do retiro. A esse eu diria que abandonasse o retiro. Peça-me licença para ir passear pela cidade e lha darei! Lá poderá prostrar-se à vontade.

Manter-se-ão, portanto, na paz, na tranquilidade, sob o olhar de Deus: "Venite et requiescite" (id.) (Vinde e descansai). Repousem-se ao lembrar o amor que o Bom Deus tem pelos Senhores. Esqueçam suas faltas, suas ingratidões, pois ele mesmo quer esquecê-las. Tranquilizem-se.

Voltemos ao voto de obediência. O que particularmente é preciso compreender bem a respeito é que ele abrange toda a nossa vida.

A quem devemos obediência primeiro? Devemos obediência ao Papa, ao Superior geral, aos Superiores locais, dizem as Constituições; a todos aqueles que nos mandam em consequência de um mandato que a obediência lhes confiou. Devemos obediência a todas as Constituições, e especialmente ao capítulo das Constituições que se refere à obediência. O conjunto e os detalhes de nossa vida estão sujeitos a esta necessidade de obediência: o levantar, a meditação, a Missa, o recreio, as refeições, o trabalho, o deitar-se. Eis o campo do voto de obediência.

Este impõe uma obrigação estrita. Não podemos nos considerar como seminaristas que observam o seu regulamento ao acaso. Nossa obrigação é bem outra; e esta se aplica a todos os pontos de nossa vida religiosa, sem exceção. Nossa vida religiosa só consiste em atos de obediência. Tudo o que não se faz sob esse impulso da obediência não é digno de nós. Nem podemos isentar-nos validamente de uma obediência a não ser em virtude de uma permissão que não é outra coisa senão uma nova obediência que se nos impõe, substituindo a primeira.

Eu espero que, a partir deste retiro, nossas diferentes casas - não tendo mais tantos auxiliares e podendo por isso levar mais facilmente uma vida comunitária - vão começar a dedicar-se a uma vida de

obediência mais séria. Conformamo-nos ao que as Constituições presecravem. Quando, hoje de manhã, eu lhes disse que ainda não podíamos ser completamente religiosos talvez, eu me enganei. Toda a vida religiosa, com toda a sua perfeição, está compreendida em nossas Constituições. Vamos, a partir de agora, começar a observar perfeitamente as nossas Constituições e seremos assim, perfeitamente e em todos os sentidos, bons religiosos. É para nós uma obrigação de primeira importância e que não podemos adiar por mais tempo. Doravante não teremos mais os impedimentos que temos tido até este ano. Será preciso que no "São Bernardo", em todos os nossos colégios e todas as nossas casas, a Regra seja observada, da mesma maneira, com a mesma solicitude e a mesma fidelidade e de um modo verdadeiramente religioso. Depois de vinte anos de existência, vinte anos de preparação penosa, vamos começar a ser verdadeiramente religiosos! Todo mundo se dedique a isso logo depois deste retiro!

Todos temos que empenhar-nos de todo o coração e começar de verdade. Os Superiores de cada casa são obrigados, daqui em diante, a fazer observar a Regra em sua totalidade, não somente em linhas gerais, mas também nos mínimos detalhes.

Abordemos alguns desses pormenores e vejamos até onde deve chegar a nossa obediência.

Não se entrará nas celas dos outros; a Regra o proíbe. - Mas por quê? Preciso de um livro. O que há a temer? Eu não quero criar um espírito mau. - Não, mas as Constituições recomendam que não se o faça e vamos começar a observância fiel das Constituições. A grande precisão de todas as nossas Comunidades é tomar a peito a Regra escrita. A obediência pessoal, a obediência aos Superiores está sendo bem observada. Graças a Deus, nunca encontrei resistência em religioso algum. O que não se encontra tanto entre nós é a obediência cega e fiel àquilo que está escrito, ao que está marcado, como se diz na Visitação. Mais uma vez - repito sempre as mesmas coisas é como o fim das estrofes das canções populares, são sempre os mesmos estribilhos que se retomam para que fiquem melhor gravados na memória - eu repetirei sem cessar, a fim de que todo mundo se compenetre bem disto que toda a nossa vida religiosa está incluída em nosso voto de obediência e que é uma falta grave, uma grave desordem desobedecer costumeiramente à Regra. Falta-se a um detalhe da Regra; certamente não é um pecado mortal, nada mais do

que uma leve maledicência ou uma pequena mentira; não são pecados mortais. Mas se - começando por pequenas desobediências - o Senhor se deixa levar, pouco a pouco, a cometer grandes, se sacode este jugo da obediência, qual é o estado de sua consciência? Prometeu obedecer e não obedece. Olhe, o Senhor se comprometeu a tomar essa carga nos ombros e isso sob pena de pecado grave, e não a toma, mas a joga no chão. O Senhor observa só uma mínima parte? O Senhor está em estado de pecado mortal; todos os teólogos lhe afirmam isso.

É isso, então, meus Amigos, o que é o voto de obediência e a maneira correta de compreendê-lo, e saber com quanta seriedade deve-se considerá-lo. Julguemo-lo assim daqui em diante, sem nos preocupar, se é bem da mesma forma que se o encarou em outra parte. No seminário, quem falta, quem falta freqüente e voluntariamente ao regulamento, faz mal, sem dúvida; mas ainda pode ser bom; pode não estar em estado de condenação. Um mau seminarista poderá se tornar um Padre razoável, até um bom Padre; conheço exemplos. Mas um religioso, um noviço que não observa a Regra está muito abaixo de um mau seminarista, bem inferior a um homem do mundo que faria as mesmas coisas que faz esse religioso.

Convém, pois, que reflitamos durante este retiro, sobre o que a obediência nos pede; a obediência que se estende a todos os atos de toda a nossa vida; a obediência que é a atmosfera na qual se deve desenrolar toda a nossa vida. Tudo está incluído, tudo está determinado, tudo é envolvido e vivificado pela obediência. Quem, durante este retiro, compreender bem essas coisas, as executará; ele viverá e será feliz: "Vir obediens loquetur victorias" (cf. Pr 21,28) (O obediente falará sobre vitórias). Essa é realmente uma vida vitoriosa, uma sucessão contínua de triunfos.

As Constituições, como lhes dizia há pouco, querem que se obedeça a cada Superior. Exigem que, com relação a cada Superior, prestemos cordialmente o respeito e o bem-querer que filhos bem-educados manifestam a seu irmão mais velho, àquele que substitui o pai, tanto quanto se fosse o próprio pai, igualmente aos outros membros que estão à frente da família. Isso se fará de todo o coração; obedecer-se-á também muito fielmente a todas as proibições e prescrições particulares das Constituições. Eu não posso tratar de todas detalhadamente. Eu repito com ênfase especial que não se entrará nas celas dos outros, sem permissão. É uma obrigação absoluta! Eis dois confessores, ou dois professores que precisam de uma entrevista particular: que observem a Re-

gra, que peçam licença na hora da obediência que se dá depois do almoço ou da janta. Aja-se assim cada vez que se precisar de uma permissão.

Quando houver necessidade de licenças gerais - são elementos que precisam ser estabelecidos juntos, isso é outra coisa... - que se peça uma autorização geral, enquanto se observa bem que é preciso fazer como na Visitação, renovando a permissão de vez e quando, no fim do mês, por exemplo.

Anotem isso para não esquecê-lo e observem-no fielmente no futuro. As Constituições proíbem escrever cartas sem a permissão do Superior. Não escrevam, portanto, a não ser com licença. O Superior é que julga sobre a oportunidade desta ou daquela correspondência mais ou menos frequente. Todas as cartas, como também dizem as Constituições, devem ser entregues ao Superior, que tem o direito de abri-las e ler. A gente se conforme a esse costume que, quando se manda uma carta, ela seja entregue aberta ao Superior que a lê, se o acha necessário ou útil e a remete ao destinatário. As cartas, portanto, sejam entregues abertas. Cabe à discrição do Superior resolver, se ele deve dar uma olhada na carta, sim ou não. Esta prescrição das Constituições é bem ajuizada, e a não observância pode ter consequências enormes da responsabilidade dos Superiores. Recebi ontem uma carta do Arcebispo de Paris em que me perguntava como é possível que um Oblato escreveu diretamente ao Arcebispo, por própria conta, para pedir cartas testemunhais. Se este Oblato, que reside num certo colégio, tivesse cumprido bem a Regra, teria ele se atrevido a pedir, à queima-roupa, ao Arcebispo de Paris - que não o conhece de modo algum e ignora completamente sua existência - as cartas testemunhais que lhe seriam dadas prontamente a pedido dos seus Superiores? São essas as pequenas e as grandes coisas que tornam a administração de uma Congregação extremamente dolorosa. Que pensam de nós e que idéia podem se formar disso? São - devem dizer evidentemente - pessoas que se precipitam irrefletidamente! Não há vigilância sobre os jovens naquelas casas ali!

Acaba de acontecer, em Paris, um fato extremamente grave e que teve uma certa repercussão. O Diretor de uma Obra muito importante, e que é religioso, teve a temeridade de escrever uma carta política ao Diretor de um jornal famoso que a publicou, fazendo grande barulho. Isso lhe custou a interdição do Arcebispo de Paris e a substituição no seu cargo, por parte do seu Superior. Olhem, isso é uma mancha que marcará sempre esse religioso que, no entanto, é um bom e digno sacerdote,

um homem inteligente, zeloso, e que tem uma atuação boa junto à juventude. Que idéia e que precisão ele tinha de escrever uma carta destas a essa gente? Se tivesse entregado a carta antes ao seu Superior, será que um semelhante escândalo teria-se produzido?

Todas as vezes que os Senhores tiverem que escrever uma carta fora das atribuições bem específicas e bem determinadas - que possivelmente lhe foram concedidas seja como ecônomo seja como superior seja como professor ou como diretor espiritual, fora de tudo o que é dessa abrangência bem determinada - eu repito e especifico claramente: não escrevam jamais sem permissão. Entreguem sempre suas correspondências abertas ao seu Superior. Os Superiores serão discretos e delicados. Imaginem uma carta de direção espiritual que um Padre escreve ou recebe; ele tem licença; foi julgado suficientemente sério para isso; o Superior terá a discrição, evidentemente, de não as ler; mas, mesmo assim, ele fará bem abrindo-as antes de entregar. Eis umas cartas pessoais da família, confidências, as coisas tristes ou penosas que não se destinam a qualquer um. Nisso também, os Superiores locais serão muito discretos e reservados. Terão a delicadeza de não ler o que julgam que possa tratar de assuntos sensíveis para os coirmãos. Mas o inferior entregue sempre suas cartas abertas e que ele as recebe abertas. Cabe a ele simplesmente dizer ao Superior que ele não gostaria que fosse lida uma carta um pouco confidencial ou delicada; e compete ao Superior julgar, com toda a discrição, o que ele tem que fazer. Nessas cartas íntimas, nas cartas de direção por demais frequentes, nas correspondências seguidas e continuadas com aquele ou aquela, se enfiam muitas vezes pequenas serpentes que se tornam grandes um belo dia, como diz a Sagrada Escritura e que devoram aqueles que as manejam. Toda a correspondência, pois, esteja bem sob a vigilância e a responsabilidade do Superior que agirá com toda a discrição e delicadeza.

Cada um seja muito fiel a todas as outras prescrições de obediência recomendadas pelas Constituições. Seja-se fiel a cada um dos artigos das Constituições. Toda a nossa vida, repito, deve ser vivificada pela obediência: o levantar, a meditação, a Santa Missa, os diversos exercícios do dia, as tarefas que nos são confiadas, os recreios, as refeições, tudo nos é estabelecido pela Regra, e, se faltarmos em qualquer coisa, precisamos confessar-nos. A obediência é a primeira das nossas obrigações e a mais importante. Não abordo outras recomendações detalhadamente esta noite. Voltaremos talvez ainda a algumas. Os Senho-

res mesmos, durante o retiro, revisem todas as obrigações da vida religiosa, consolidem-se e detenham-se nisso de uma forma bem determinada e enérgica. Todo mundo se dedique a isso, tendo um só coração e uma só alma. O *modus vivendi* (modo de viver) seja o mesmo em toda a parte. Depois de alcançarmos isso em cada casa, o resto da obediência será fácil de observar.

Bendigo ao Bom Deus por ter feito chegar esta hora e este momento em que poderemos viver verdadeiramente em comunidade, em que não mais seremos divididos e dificultados pela presença de estranhos entre nós. Por mais boa vontade que tenham os auxiliares, nunca se pode desejar deles que assumam completamente o nosso espírito, que sigam perfeitamente a nossa Regra.

Uma palavra final. Para viver uma vida verdadeiramente comum, uma vida de obediência, precisa-se de gente apta, bem disposta e muito dócil. Quase não temos essas pessoas, infelizmente! Somos poucos. Peça-mos ao Bom Deus que envie operários a sua vinha. É para nós uma obrigação de consciência. Como é possível que um Pároco do interior, nas localidades ímpias, possa encontrar vocações, que nós não as descobrimos, enquanto nos movemos no meio de tantos jovens educados cristãmente, formados por nós? Será, então, que não amamos o nosso estado? Será, então, que nós não compreendemos as vantagens? Será que nós não somos felizes na vida religiosa? Sim! Pois bem, então por que não ter zelo para fazer outros participarem dessa felicidade e dessa vida? Pensem bem nisso. Cada uma de nossas comunidades se torne, de fato, verdadeiramente religiosa e o Bom Deus nos abençoará.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

QUINTA PALESTRA

A OBSERVÂNCIA PONTUAL DAS CONSTITUIÇÕES

Atualmente, meus caros amigos, estou fazendo um relógio para o colégio São Bernardo. Será um instrumento astronômico muito complicado, também muito instrutivo e interessante. Ora, para realizar essa máquina, por mais que eu fizesse combinações e calculos - até invenções que seriam pequenas revelações para a ciência - por mais que eu me empe-

nhasse, não chegaria a nada, se não encontrasse uma oficina onde se pudesse executar e efetuar exatamente todos os meus planos. Se se tratasse apenas de fantasias da imaginação, eu não teria necessidade de meus cálculos; mas, para levar a efeito esses planos, é preciso outra coisa; é necessário haver por perto um artesão inteligente, é imprescindível que esse profissional, além disso, tenha em sua oficina máquinas bem ajustadas, instrumentos de precisão, ferramentas da primeira qualidade que possam dar ao aço mais duro, ao bronze a forma desejada; é mister que as engrenagens sejam trabalhadas com todo o capricho, não mais ou menos, mas milimetricamente exatas; é imperativo que a medida indicada seja exatamente executada, com uma fidelidade rigorosa e absoluta. Nessas condições, o resultado será perfeito.

Minha comparação se aplica em todos os sentidos. Olhem a Congregação dos Oblatos de São Francisco de Sales. Seus estabelecimentos começam a se expandir por todos os lados; ela há de produzir frutos abundantes: as promessas totalmente divinas estão aí para afirmá-lo; ela deve executar e completar múltiplas obras. É difícil. Precisa-se muita unidade de ação, uma coordenação perfeita, uma harmonia completa para chegar até a finalidade tão exatamente determinada e para que, afinal de contas, saia uma obra bem cabal, funcionando sem parar, na qual todas as engrenagens participam e funcionam impecavelmente. Basta um artesão fazer mal o seu serviço e toda a obra ficará comprometida. Caso não empenhar todo o seu brio profissional e todo o capricho, se seu golpe de vista não for certo e seu trabalho não for consciencioso e preciso, tudo será prejudicado; o empenho dos outros não será bem-sucedido. Minha comparação se aplica perfeita e exatamente.

Uma comunidade é uma grande oficina onde cada um tem sua peça a fabricar, produzindo-a com extrema delicadeza de detalhes; não se deixa passar nada a não ser as peças confeccionadas com alta precisão, conforme o modelo, e apropriadas, em todos os sentidos, para o uso previsto. Se, portanto, entre os Senhores há quem é relaxado, quem não põe todo o seu empenho no trabalho, quem deixa tudo correr a esmo, quem não se importa com coordenar o seu serviço com a totalidade dos esforços dos seus irmãos, faz um trabalho que não presta. Que não fique entre nós! Pessoas assim desconsertariam e estragariam a máquina inteira.

Todas as Constituições estão baseadas nessa idéia. Orientam e animam todos os esforços individuais, convergindo todas as cooperações individuais para um resultado feliz, completo, satisfatório, eficiente.

Somos um conjunto de artesãos espirituais. Os obreiros que trabalham nesse sentido garantem para si e atraem sobre a casa o tesouro das bênçãos de Deus. Os que não colaboram nesse sentido estancam a fonte de graças; não fazem nada eles próprios e causam o fracasso e a inutilidade de da dos outros.

Isso é verdade, pois quando a Congregação começou com inícios bem modestos e pobres, havia em todos os nossos Padres tamanha boa vontade, tanta uniformidade de espírito e de ação que todo mundo me dizia: "Quando se vê um Oblato, vêem-se todos; quando se ouve um Oblato falar, ouve-se todos falarem." Isso agora não me dizem mais tanto. Será porque as medidas não são perfeita e exatamente observadas? O resultado, daí, não será fiel; a finalidade não será atingida!... Deve ser assim: façamos tudo em unísono. Cada um coopere na obra comum, cumprindo fielmente as Constituições; cada engrenagem funcione e se engate com toda a perfeição. A máquina, então, andarã e renderã abundantemente.

Como se explica que não temos mais vocações? É isso mesmo. Se todas as peças da máquina funcionassem corretamente, se tudo isso caísse na vista como algo em boas condições, se se enxergasse nisso um conjunto bem coeso - e o conjunto seria coeso, se cada um observasse bem as Constituições - seria, meus Amigos, uma poderosa alavanca de atração rumo a nós; a gente viria ao nosso encontro. Cada vez que desviamos do cumprimento do nosso dever estritamente religioso e de Oblato, corremos o risco de fazer recuar alguma boa vontade. Vem-se a nós e não se vê nada, não se encontra nada; e, de fato, não há nada, se o que está marcado não é executado com perfeição.

Estou-lhes falando longamente sobre isso, porque espero que vamos começar a dedicar-nos a isso. Iniciaremos de verdade no dia em que a fiel observância de todos os exercícios, das Constituições e do Diretório será honrada e praticada em cada casa.

Mais uma vez, neste ano que estaremos mais livres, porque teremos menos auxiliares, no "São Bernardo", no "Santa Ana", em todos os nossos colégios, vamos aplicar-nos a isso de todo o coração e com todo o carinho. Daqui em diante seremos "unius linguae" (cf. Gn 11,1) (falaremos a mesma linguagem). Foi a era boa naquele então, e o Bom Deus reinava sozinho, pois o povo era da mesma linguagem ("populus unius linguae"). Além disso, os homens eram poderosos em obras e, num momento de desatino, eram capazes de sonhar com uma torre que se elevaria até o céu; mas, no dia em que havia diversos idiomas, em que não se podiam

entender mais, todo o grande e gigantesco empreendimento tornou-se impossível.

É, pois, absolutamente necessário que, em todas as nossas casas, se siga a ordem indicada, o horário, as Constituições e os diversos exercícios. Tudo seja feito fiel e uniformemente. Não será mais preciso dizer: existe este ou aquele costume aqui ou lá. Não admitimos mais isso. Tudo será parelho, tudo será conforme a Regra. Com essas ferramentas poderemos fazer um relógio admirável, aparelhos a serviço da Física ou da Astronomia de uma precisão exata. Dessa oficina poderão sair todo o tipo de instrumentos, porque teremos um equipamento completo. Poderemos arcar com todas as exigências e fornecer bons professores, bons educadores, bons diretores espirituais, bons missionários. Prestem fiel observância às Constituições, às obrigações da vida religiosa, e não nos faltará nada. Esta condição bem preenchida fará imensos serviços à Santa Igreja que está tão atormentada atualmente. A gente se mexe por todos os lados, fazem-se muitas coisas e com muita razão; é muito necessário, mas tudo isso levará a quê? O impulso é que é decisivo; quem dará o movimento? O movimento depende de uma coisa escondida, a saber, a vida que temos em nós, no mais íntimo do nosso ser. E por isso é preciso - se queremos alcançar alguma coisa - que tenhamos o motor, ou seja, a fidelidade ao apelo de Deus, a sintonia com a graça, com a vida religiosa, as Constituições e a observância religiosa. Não se deve dizer: "Isso não importa!" Não, porque é essencial! A sine-ta toca. Os Senhores se movimentam ao primeiro sinal. Está certo, os Senhores compreendem a fidelidade religiosa. Deus está com os Senhores, e serão bem-sucedidos. Mas esperam, demoram! Onde está sua vida religiosa e cadê a graça de Deus? Que pode ela efetuar?

No deserto, Moisés bate no rochedo com sua vara, por ordem de Deus. O que significa uma varada, quando se trata de fazer jorrar água para matar a sede do povo?... Ele bate uma segunda vez; os Senhores sabem o castigo de Deus por essa falta de fidelidade. Moisés não entrou na terra prometida. Cada exercício que nos é marcado pela obediência tem essa importância.

Tomaremos a peito, portanto, dedicar-nos à observância exata e pontual da Regra em todas as nossas casas, durante este ano. Para que seja mais fácil observar completamente as Constituições, lembrarão que é preciso relê-las ao menos uma vez, todos os meses. Em todas as casas, se fará essa leitura fielmente, seja em particular seja em público, no

refeitório. Terá que se fazer isso. Cada um se lembre bem que está obrigado a isso. Cada semana, o Superior deverá ler, sempre no começo, alguma passagem das Constituições ou do Diretório e ele a comentará; acrescentará alguma coisa do que eu mesmo pude dizer a respeito nos Capítulos realizados aqui, ou em nossas palestras de retiro. E cada religioso se esforçará para gravar bem o que for dito assim e para observá-lo durante toda a semana, com a maior exatidão.

Existem ainda outras observações que não estão especificadas nas Constituições, mas que foram decididas nos Capítulos Gerais. É preciso ser tão fiel a estas como às outras.

Primeiro, eu proíbo, mais uma vez e absolutamente, a leitura de jornais. O Superior tenha uma publicaçãozinha sobre acontecimentos atuais, para colocá-lo a par do que se passa; não há nada melhor. Pode-se utilizar "La Croix": é mais um periódico que conta fatos em forma de notícias condensadas sobre ocorrências do que um jornal político. "La Croix" é bom: tem idéias acertadas, é bem católica. Além do que permito ao Superior, não leiam jornais. Temos muitas outras coisas a fazer! Terão tempo para ler o jornal, mas não o terão para fazer meditação ou preparar as aulas! Não leiam jornais políticos; nem por isso serão menosprezados, descartados! Pelo contrário, distinguir-se-ão de uma forma excelente. Não é que todos lêem jornais políticos hoje em dia? Todas as costureirinhas lêem jornal, indo ao trabalho de manhã. Não há um só operário da fábrica Poron que não tenha o seu jornal em mãos. Não é, portanto, uma ocupação muito elevada e inteligente! Se procuram alguma coisa que lhes dê um certo toque de distinção, é muito simples: não leiam jornais! Ler jornais é uma terrível escravidão. Depois de pouco tempo, a gente fica avassalada às idéias do jornal; ele se impõe nas idéias dos Senhores, nos seus critérios; os Senhores pensam como ele. Ele os dirige e impõe-lhes a sua vontade. Não são mais livres. (Não se permitam leituras a não ser - acréscimo do tr. para emendar onde parece haver lacuna no texto -) dentro dos limites da licença do Superior, a saber, revistas científicas, literárias, religiosas; numa palavra, tudo o que é necessário para pôr-se a par das diversas descobertas, das conquistas da ciência, da defesa da religião. Tudo isso é muito bom. Mas, repito, não quero jornais políticos. Vou cuidar muito disso, a partir de "São Bernardo".

Se um operário tem uma assinatura de um jornal, não se pode lhe impedir isso; mas deixem para ele esse jornal; não o peçam empres-

tado dele, não o toquem; eu o proíbo.

Uma outra coisa perigosa também é que aniquila o espírito de comunidade são as relações de amizade, os relacionamentos particulares com pessoas de fora.

Nosso Senhor disse a seus Apóstolos, enviando-os ao mundo: Eu vos envio como cordeiros no meio dos lobos: Sicut agnos inter lupos (Lc 10,3). Certamente Nosso Senhor não quis dizer que todos, não sendo apóstolos, eram lobos. Os Senhores vivem em comunidade; Deus me livre de afirmar que todos os que não fazem parte da sua comunidade sejam lobos, gente perdida! Nem todos a quem os Senhores se dirigirem são lobos; mas os Senhores se comportem, no entanto, com relação a eles, como fazem os cordeiros no meio dos lobos.

Nolite portare sacculum (Lc 10,4) (não leveis bolsa): não carreguem bagagem, não se munam de jornais políticos, não colecionem uma sacola de dizeres, de histórias, de gracejos do uso das pessoas do mundo com quem os Senhores têm contato. Os Senhores têm a Regra, as observâncias; não precisam carregar sacolas. Quem é que proibiu isso? Nosso Senhor.

Neque peram (Lc 10,4) (nem alforje). Não levem dinheiro; não tentem conquistar as pessoas por meios humanos; confiem-se aos meios divinos. Não é por seu talento, por sua inteligência, por sua habilidade que devem procurar obter sucesso. Deixem de lado destrezas naturais, para confiar-se inteiramente às qualidades sobrenaturais. Neque peram (id.) (nem alforje): não pensem em comprar tudo; não procurem tirar tudo a si como se estivessem sozinhos a realizar a obra de Deus; deixem lugar a outros...

Neque calceamenta (Lc 10,4) (nem sandálias); não levem calçados bem guarnecidos de uma ponteira de ferro; não se fiem muito no apoio humano, naquilo que os faz andar na terra, na ajuda gratuita ou eficaz que se lhes presta, neste ou naquele amparo; acreditam os Senhores caminhar de pé firme, porque têm seguranças humanas? Tenham uma só certeza, um só sustentáculo: Jesus Cristo.

Neque per viam salutaveritis (Lc 10,4) (A ninguém saudeis pelo caminho): Não comecem a saudar as pessoas que encontrarem pelo caminho, detendo-se junto com eles e fazendo-lhes confidências. Os Senhores são religiosos; não têm que deter-se com ninguém. Não precisam fazer amizade com ninguém, mesmo que sejam Párocos, Vigários e membros do clero.

Não há necessidade de assumir as idéias e a maneira de ver deles, imitando-os ou receber os conselhos deles, acolher a maneira de ser e de agir deles. É um grande perigo para os jovens religiosos; muitos se deixam abalar em sua vocação. Um Pároco pode ser um homem muito respeitável; pode mesmo ser muito bom e ter muitos méritos aos olhos de Deus, embora tendo um espírito e modos muito diferentes dos nossos. Nós não valemos tanto quanto muitíssimos Párocos; a prova disso é que, se nós estivéssemos em seu lugar, há muito tempo talvez tivéssemos perdido nossa alma e a dos nossos paroquianos. Tenhamos, portanto, muito respeito por eles, como o Diretório recomenda; mas não nos sujeitemos jamais à sua maneira de ver e de agir. Abstenhamo-nos de procurar pregar como fulano, de falar como beltrano, de adotar os critérios, de julgar estes ou aqueles, uma ou outra Congregação... Evitaremos atentamente andar nesse caminho. Será que isso é orgulho, amor próprio? Não, mas evitamos, porque queremos ficar com nossa pequenez que queremos bem. Admiramos todos os outros; mas reservamos todo o afeto do coração para nossa própria pequenez.

Tenhamos, como diz o Evangelho, a prudência da serpente e a simplicidade da pomba (cf. Mt 10,16). Em nossos contatos com as pessoas do mundo, com nossos conhecidos, com os familiares, com os membros do clero, relacionemo-nos de boa fé, simplesmente, como a pomba, sem nos gabar, sem procurar fazer-nos valer ou atrair os olhares, sem exaltar nossa pequena Congregação acima dos seus méritos. Mas tenhamos sempre também a prudência da serpente. Seguidamente acontece que jovens Padres, procedendo irrefletidamente, começam a falar a torto e a direito com os Vigários, com os Párocos; contam-lhes diversas coisas mais ou menos sensatas; colocam-nos a par de suas impressões, de suas pequenas ambições, de suas pequenas queixas e tudo em grande prejuízo da Comunidade; tudo isso faz rebaixar, desmerecer, desprezar. A gente se julga capaz de tudo; ostenta o seu talento; prega sem preparação e dessa forma se faz com que julguem mal primeiramente da gente e, depois, da Congregação.

Eis por que insisto mais energicamente do que nunca no artigo das Constituições que proíbe almoçar na cidade. O Senhor prestou serviço a um Pároco; fez uma viagem para isso; claro que pode aceitar a hospitalidade e almoçar com ele. Mas quando é na cidade mesmo onde os Padres moram, não aceitem nunca o almoço; e se não devem fazê-lo com relação a Párocos, menos ainda com referência a leigos.

A prudência da serpente!... Reparem como a serpente procura sempre proteger a cabeça. Os Senhores também tenham a mesma prudência; defendam sempre a cabeça, os Superiores, a casa, o Instituto. Não digam jamais uma palavra que possa ser interpretada contra eles; não exponham a cabeça a golpes que poderiam ser perigosos para si mesmos. O Senhor fala mal dos seus Superiores, do Instituto e deplora sua sorte: tudo isso não virará prejuízo próprio? Se a cabeça é atingida, todo o resto sofrerá e o Senhor mais que os outros.

Esses meios são essenciais para conservar o espírito de comunidade, a boa imagem do Instituto. É assim, meus Amigos, que, observando os limites marcados por Nosso Senhor, escapamos ilesos no meio dos perigos; conservaremos a honra e a estima da nossa Congregação; produziremos frutos reais e abundantes. Dessa forma nos apegaremos, de todo o coração, ao nosso Instituto; dar-lhe-emos o nosso bem-querer, porque lhe teremos oferecido os nossos sacrifícios, a nossa generosidade. Agarremo-nos firmemente também à nossa Regra, à nossa casa, à nossa Congregação. Esse afeto será precisamente o bálsamo que nos curará as chagas, que nos tranquilizará a alma. Não temam essas pequenas provas da vida da comunidade; não se amedrontem com esses grandes sacrifícios: por esse preço é que se apegarão a ela. Qual criança ama mais carinhosamente o pai ou a mãe? A que foi criada com um pouco de rigor. O amor verdadeiro é sempre fundado sobre o sacrifício, não nos esqueçamos disso.

Compreendamos bem essa doutrina e vamos andar. Façamos este propósito do retiro; anotemo-lo para não esquecer e peçamos à Boa Madre que ajude a sermos fiéis a ele.

Os mosteiros por onde passava a Boa Madre ficavam muito edificadas; tornavam-se verdadeiros paraísos, porque, perto dela, compreendia-se o que observar a Regra significava. Dediquemo-nos a isso, apeguemo-nos a isso e alcançaremos o objetivo, esta finalidade que é a promessa de São Paulo: "Qui regulam secuti fuerint, pax super illos et misericordia" (Gl 6,16) (A todos os que pautam sua conduta por esta regra, paz e misericórdia sobre eles).

SEXTA PALESTRA

O MEMORANDO DIÁRIO - A PROMOÇÃO VOCACIONAL AS PROVAÇÕES E AS CONSOLAÇÕES DOS O.S.F.S.

Continuemos o nosso retiro com coragem. Vou lhes dizer mais uma vez e vou repeti-lo sempre de novo: o retiro, os exercícios do retiro é que proporcionam a graça para a alma. Pouco importam os sentimentos, as disposições naturais, as impressões, os desânimos inclusive, de nossa vontade. O retiro age por si mesmo, e nós encontraremos infalivelmente os frutos, se não fraquejarmos, se formos fiéis, apesar de tudo, a todos os exercícios. Quando eu estava na Visitação - e então eram bons tempos para todo mundo, eu acho - eu observava que as almas mais privilegiadas pelo Bom Deus em tempo normal, passavam os dias mais penosos durante o retiro. Não conseguiam mais rezar, não percebiam mais nada de Deus. Tinham a tendência de contradizer tudo o que elas viam, tudo o que encontravam, tinham um problema inaudito para fazer os exercícios mais obrigatórios. É uma constatação que eu fazia e que era quase geral referente às almas que o Bom Deus parecia amar mais particularmente. Mas, depois, os frutos de tais retiros eram muito visíveis e notáveis. As luzes, a ajuda interior abundavam, as graças se faziam sentir na hora exata, no momento da precisão; e essas graças me pareciam relacionar-se bem à intensidade dos problemas, da aridez e das provas do retiro.

Continuem, portanto, fazendo o retiro bem feito, 'toto corde' (de todo o coração); e peçam ao Bom Deus que estenda a mão e lhes dê tudo o que, nos desígnios de sua misericórdia, reservou para os Senhores. Já que, durante o retiro, não temos tempo para entrar em todos os detalhes de nossa jornada e de nossa vida de Oblato, e como o primeiro fruto de nosso retiro deste ano deve ser o apego mais estrito do que no passado a cada um de nossos exercícios religiosos e porque queremos que este retiro seja uma renovação, ou antes um verdadeiro começo, desejo muito que cada um de nossos Padres tenha no seu livro de Ofício o pequeno memorando que nos foi distribuído há alguns anos, e que seria bom procurar de novo.

Na primeira página, se encontrava a estampa que nosso Santo Fundador tanto apreciava, porque representava Nosso Senhor no coração da alma fiel como sentado no seu trono. Nesse memento encontravam-se

todos os exercícios da jornada do Oblato, as 16 ou 18 coisas que ele deve atender todos os dias. As pessoas que trabalham e têm que calcular o peso de diferentes materiais e precisam calcular números extensos e difíceis, se servem de um pequeno caderno de contas já feitas anteriormente que chamam de tabela. Precisamos ter também a nossa tabela; será este pequeno memorando que nos ajudará a pagar a nossa dívida diária, a calcular os nossos esforços e nosso trabalho. Criemos gosto nisso. Habent sua fata libelli (Livrinhos contêm suas predições). Esse cartãozinho de cartolina nos conduzirá infalivelmente para o Paraíso. Executem isso e serão santos. A obra do homem não é nada; a de Deus é tudo. A partir daí, os Senhores estarão em união contínua com ele; as obras dos Senhores feitas para ele, assumirão um caráter divino. Recomendo-lhes muito esse pequeno memorando. Coloquem-no, todos os dias e várias vezes durante o dia, diante dos olhos. Seja ele norma, metro com que medirão a sua vida, a fim de que, no seu último dia, quando forem medidos por tudo de bom que tiverem feito, não sejam encontrados curtos demais para entrar no Paraíso. Esse memento não é uma ajudazinha qualquer, é um meio supremo.

Hoje de noite, vou fazer-lhes uma observação sobre um assunto muito importante que já abordamos uma vez.

É muito raro constatar, em qualquer diocese, que um bom Pároco não tenha preparado alguns dos seus jovens paroquianos para o seminário. É raro; só poderia ser, então, que esse Pároco se encontrasse em condições excepcionalmente lastimáveis e numa paróquia absoluta e totalmente perdida, ou então que esse Pároco fosse muito desajeitado. Como é possível que nós, religiosos, não ajamos da mesma forma? Não há bom Pároco que, em sua existência sacerdotal, não tenha fornecido ao seminário um sacerdote. De outra forma, o clero não seria renovado. O clero não se recruta muito de famílias ricas, abastadas; essas famílias não têm mais luz nem a experiência de fé viva nem o espírito de sacrifício. Não põem as crianças alerta nesse sentido, porque aí se exige renúncia; receiam a vocação eclesiástica e religiosa para os filhos. Os pais se espantariam a altos brados, se fossem abordados sobre a consagração de seus filhos ao Bom Deus. Logo que vêem a oportunidade de lhes proporcionar um capitalzinho, de lhes encaminhar um comérciozinho ou de colocá-los numa administração da estrada de ferro ou de papelada qualquer, julgam os seus sonhos realizados e, por enquanto, não desejam

mais nada. Ficariam muito surpresos e mesmo chocados no seu amor próprio, se a gente assinalasse algum indício de vocação no seu filho. O recrutamento torna-se, por isso, muito difícil; isso não desanima os bons Párocos e eles atingem seus fins. Ainda que tenham, em sua paróquia, somente uma ou duas famílias boas, eles não esquecem seus deveres essenciais de sacerdote; dizem uma palavrinha à mãe, procuram o pai, dizendo-lhes: - Olhem um menino que tem condições; se a gente o colocasse no Seminário? - Isso custaria muito caro... - Eu conheço o Superior, eu me entenderia com ele para conseguir um abatimento. Está resolvido então! - Resolvido. Isso não se consegue sempre na primeira tentativa, mas muitas vezes dá certo. Dessa forma é que se encontram as vocações. E nós não fazemos isso por quê?

Como é possível que nós, sendo vigilantes, professores, confessores e tendo os alunos nas mãos - muito mais do que um Pároco pode tê-los em sua paróquia - como é possível que não saibamos arranjar-nos vocações? Por que não dizemos diante do Bom Deus: Tal criança é piedosa e inteligente, seria um bom Padre! Então, se regamos com nossas preces e nossa solicitude esse terreno propício, se - sábia e prudentemente - tentamos fazer brotar essa vocação por uma palavrinha de estímulo, uma animação para a piedade, um bom conselho, sobretudo tendo essa alma presente conosco na meditação, na Santa Missa, em nossas Comunhões e nossas orações, acabaremos, meus Amigos, conquistando essa alma. Eis como germinam e amadurecem as vocações; é o meio mais comum e mais certo. Como pode ser, então, que, tendo assim todos os elementos nas mãos, não pensemos nisso! Então, não somos bons religiosos? Se todos fôssemos bons religiosos, se relêssemos cada dia atentamente o cartão do nosso memorando, pensaríamos nisso! E será necessário que pensemos!

Precisamos dizer e repetir-nos seguidamente: O Bom Deus me deu uma graça de destaque, escolhendo-me entre milhares, com sua proteção e ajuda; deu-me a fonte inexplicável de toda a alegria e de toda a satisfação a partir deste benefício da vocação religiosa. Não quero guardar esse dom só para mim; quero que outros compreendam e experimentem essa felicidade. Não quero gozá-lo egoisticamente. Amando ao Bom Deus e sendo feliz por amá-lo, é impossível que não se fale e não se aja assim; é impensável que a gente não se empenhe em partilhar essa felicidade com outros.

Quando uma infeliz criança é inclinada ao mal, quando se apaixonou pelo mal, ela faz com que outros o cometam. A paixão, seja qual

for, é sempre contagiosa. Se os Senhores tivessem a paixão do amor a Deus, teriam a paixão das vocações, e tanto uma como outra seriam contagiosas.

Pensem bem nisso, é a maior caridade que se pode praticar para alguém. Imaginem uma cândida alma de criança, boa, simples, casta, à qual o Bom Deus fala e se revela de vez em quando por iluminações de fé e de amor: é um precioso sinal de predestinação. E os Senhores não a acolherão? Os Senhores, que têm condições para fazer alguma coisa para ela, abandona-la-ão e a deixarão cair na lama? Enterrarão esse talento que Deus lhes confiou de certa forma? Envolvê-la-ão num lenço para bota-la num buraco no jardim, acreditando que, então, o Bom Deus os abençoará? O Bom Deus é zeloso dos seus dons e quer que a gente os faça valer tanto em si mesmo quanto nos outros. Ele colocou, na alma de uma criança, sua vida, seu espírito, seu sangue e os Senhores não fazem nada para cultivar esse tesouro, para apresentar-lhe o cêntuplo do que Deus quer que renda? Os Senhores facilmente poderiam oferecer essa alma ao Bom Deus. Ela não será para ele talvez. Um fruto delicado estraga facilmente; corrompe-se e se torna tanto mais detestável. Sabem, meus Amigos, por que o mundo é tão malvado? Porque há uma quantidade de vocações religiosas falhadas. Vejam Claraval de nossos dias; não é mais um 'vale iluminado': é um covil de ladrões.

A gente não pensa em tudo isso. Mas a consequência é catastrófica igual, e de modo infalível. Há alguns anos, a cidade de Zug se afundou num lago. Fazia muito tempo que isso ameaçava acontecer e que se dizia aos habitantes: - Tomem cuidado, o lago está minando os seus terrenos. O pessoal ficava tranqüilo; há muito tempo já se dizia isso! - Vamos ver!... E, então, um belo dia, se viu: uma parte da cidade desapareceu!

Os Senhores não estão atentos! Não enxergam o mal que ameaça essas almas que lhes são confiadas; estão cochilando com relação ao futuro; o porvir não lhes interessa! Estão encarregados do presente, mas este não é a base e a preparação para o futuro? O que ameaça o bem-estar dessas almas, a vida, o espírito de Deus nelas, o vigor, a graça, tudo isso deve ser objeto de suas constantes solitudes. O mal age nessas almas: é falha dos Senhores! É porque não escutaram a Deus, não rezaram e nem prestaram atenção. Não souberam ver o perigo que as ameaçava!

Estamos nós encarregados de almas? Claro. Tanto quanto o Páro-

co de sua paróquia e ainda mais do que ele, pois as almas das crianças nos são confiadas de forma mais completa. Se nos esquecêssemos das almas, o que seríamos então? Vendedores de pão, de sopa e de latim? De jeito nenhum. Por que não compreendemos isso? Porque não pusemos em nosso Ofício e no coração o cartãozinho do nosso memorando.

O recrutamento das vocações será, portanto, para nós objeto de uma atenção e de um cuidado todo especial. Cometemos uma injustiça às almas, quando nos esquecemos disso; remetemo-las à prisão! Se a vocação é real, e se é por nossa negligência e nossa falta que ela não se realiza, vejam que mal estamos fazendo, meus Amigos, tanto a essas almas quanto à Congregação. Até agora, de verdade, não pensamos bastante nisso.

Bem sei que o número dos Oblatos não pode ser muito grande já já; bem sei que temos muitas coisas a fazer e que todos temos boa vontade. Mesmo quando eu lhes falo tão enfaticamente, é sempre com sumo respeito pelos Senhores que o faço, porque conheço sua atividade, seu trabalho e os seus sacrifícios. Eu sei o que a vida que levam encontra de duro, de humilhante, de contrário à natureza, de arrasante para a sua personalidade. O que a Congregação lhes confia é pouco, é pequeno, é humilhante para o amor próprio e a natureza. Eu estava, nos últimos dias, no Secretariado de Propagação da Fê. - Os Oblatos, - dizia-me o Secretário - eles é que são os últimos missionários do mundo, os mais miseráveis, os que têm mais a sofrer e menos a realizar de grande e de vistoso. É o que me disse Dom Guasco. Nosso papel é modesto, restrito e limitado. Para desempenhá-lo precisa-se uma vontade firme, generosa e devotada. Não se trata de entregar-se heroicamente à morte, ao martírio ou de fazer obras consideráveis que suscitem admiração, entusiasmo e assombro ruidosa. É preciso consumir-se no escondido e em fogo brando, sob o olhar só de Deus. É necessário carregarmos sem cessar o nosso jugo, dia e noite, e contar só com Deus. que fará tudo. Não é fácil ser Oblato. Mas, por outro lado, se formos fiéis, o que nos prometeu Nosso Senhor, a Boa Madre, o nosso Santo Padre, o Papa? Vejam que rumo já tomaram os pequenos esforços que, muito modestamente, tentamos.

Se, naturalmente falando, não é muito atraente e encantador ser Oblato, as idéias mudam, quando se comece a saborear e a apreciar as graças que Deus sabe dar àqueles que vêm a ele, simples e generosamente, para levar a nossa vida, para seguir as pisadas dos bons exemplos de São Francisco de Sales, da Boa Madre Maria de Sales. Uma vez

compreendendo este tesouro, que é nossa riqueza, o que se pode encontrar neste mundo de mais belo, de mais grandioso e feliz? Olhem como todas as outras comunidades, todas as outras Congregações são mais custosas, mais penosas à alma do que a Visitação e como, por meio das regras de São Francisco de Sales, a alma da Visitandina fica mais livre, mais desprendida, mais feliz. Ela goza mais de sua segurança e de sua felicidade do que em qualquer outra vocação. É a bênção especial do espírito de São Francisco de Sales: via plana ac tuta (caminho plano e seguro). O que representa o tesouro das filhas do Santo Doutor é também a riqueza dos seus filhos. A Irmã Genoveva dizia-me: "Padre, vejo nosso Santo Fundador, lá em cima, diante do Bom Deus; está mais ocupado do que nunca; ele é bem mais importante do que quando estava na terra; tem muito que fazer, porque ele apresenta ao Bom Deus tudo o que deve ser realizado em seu nome, depois de sua vida na terra. Eu ouço - acrescentava ela - vozes que cantam que ele será proclamado um dos maiores sábios do Céu. O que ele fez não é nada em comparação com o que lhe resta fazer. Isso é uma profecia; e como querem que eu não acredite nisso, quando, volta e meia, ela me fazia outras nas quais eu tinha que acreditar? Um dia em que eu lhe tinha pedido que rezasse por um pecador, ela me disse: "É um Padre! E não tem mais do que dois anos de vida!" Uma e outra coisa era verdade. Era preciso, portanto, que eu acreditasse no que ela me dizia sobre São Francisco de Sales! Eu recebia dela seguidamente dessas revelações, verdadeiramente maravilhosas, de simplicidade e de grandeza e de tal forma apoiados sobre fatos evidentes e palpáveis que eu não podia duvidar. Ela não me disse nunca qualquer coisa sobre os Oblatos, sobre a obra que eles tinham que cumprir sem acrescentar imediatamente uma predição que se realizava logo e com evidência. Eu era, portanto, obrigado a acreditar em tudo o que ela me dizia e crer nisso integralmente.

Os Oblatos, portanto, são chamados a fazer grandes coisas na Igreja de Deus. O Santo Padre me disse isso explicitamente: "Aqueles que trabalham com o Senhor fazem pessoalmente a Vontade de Deus referente a eles." Familiarizem-se bem com seu caminho. Os Senhores têm a vocação de Oblatos; é uma vocação de penas e de contrariedades, sem dúvida, mas também uma vocação de confiança e de santa segurança em Deus. Estamos certos de fazer, cada um pessoalmente, a Vontade de Deus relativo a nós. Os Senhores estão certos de estar no caminho onde o Bom Deus os quer. Cem vezes ouvi bons Padres, bons religiosos idosos dize-

rem: "Se pelo menos eu soubesse que estou no meu caminho, que não me enganei, que fiz a Vontade de Deus! Sou digno de amor ou de ódio?..." Que nos disse o Papa a nós, Oblatos? Que fazíamos pessoalmente a Vontade de Deus?... Meus Amigos, vamos querer bem a nossa santa vocação; e, para amá-la ainda mais, nos serviremos do nosso pequeno memorando. A gente aprecia muito o que faz com trabalho, sofrimento e renúncia à natureza.

Quem ama mais sua casa paterna, seu país natal? Será que é o filho rico de Ministro a quem não faltou nada e que tinha tudo em abundância? Não; é o pequeno pastor dos Alpes, é o pequeno infeliz dos Vosges, da Sabóia ou da Suíça. Quando, depois de uma longa ausência, ele revê sua choupana, ouve o som dos sinos de sua igreja, reencontra as terras áridas onde seu pai trabalhava, experimenta uma alegria, uma felicidade sem par. Por quê? Porque ele sofreu lá, porque suou e se fatigou. A Congregação dos Senhores é a sua terrinha: trabalhem-na, suem, ofeguem... Verão como a amarão!

Venham! e estarão com o Salvador. Os Senhores sabem o que ele disse aos Apóstolos que lhe perguntavam onde ele morava: Venham e vejam (Jo 1,39)... Venham comigo e os farei pescadores de homens (Mt 4,19). Compreendam a vida que eu levo e vivam-na também. Eu os escolhi para isso!... (cf. Jo 15,16). Observem, se estão levando a mesma vida que o Salvador vivia. Sua roupa, sua comida, o próprio trabalho, não são idênticos aos do Salvador? Venham e vejam, ele nos diz; eis a minha vida e eis a sua. Ela seja totalmente semelhante à minha. Pensemos muitas vezes nessas coisas; sintamo-las. Experimentemos a necessidade de parecer-nos com o Salvador e também de dar-lhe as almas, as crianças, os jovens que ele também chama a viver a sua vida: venham e vejam! Grave-mos todos esses sentimentos profundamente no coração. E, então, ó meu Deus, nós vos agradaremos; Vós lançareis um olhar de amor sobre o que fizermos e esse olhar será a nossa felicidade aqui na terra e a nossa bem-aventurança eterna no Céu. Amém.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

SÉTIMA PALESTRA

O CAPÍTULO GERAL - O DIRETÓRIO - A CARIDADE

Neste ano, meus Amigos, realizamos um Capítulo Geral. Havia diversos assuntos importantes a tratar, eleições a fazer e certas emendas a acrescentar às Constituições. Daqui a dois anos, pediremos a Roma a aprovação definitiva das nossas Constituições. É preciso, portanto, que examinemos bem se elas podem satisfazer às exigências da Congregação, sem haver alguma coisa a agregar ou a retirar. Precisamente por causa disso, é que a Igreja primeiro aprova as Constituições dos Institutos Religiosos só para um tempo determinado. Fizemos algumas modificações cujo texto lhes entregaremos e as submeteremos humildemente à Roma a fim de que sejam ratificadas e incorporadas definitivamente em nossas Constituições.

Foi feita, então, a leitura de uma parte da Ata do Capítulo Geral. Essa Ata se encontra na íntegra, no Livro de Atas dos Capítulos Gerais.

Há ainda duas ou três outras questões a tratar na Ata do Capítulo Geral cuja leitura lhes é inútil agora, porque já falei longamente sobre isso durante o retiro ou pretendo falar ainda, concernente à pobreza, à obediência, à caridade, às vocações e aos Anais Salesianos... Isso é ou será, pois, assunto das palestras do nosso retiro.

Em cada Ordem religiosa, meus Amigos, há um lema especial. Os Jesuítas dizem: *Ad maiorem Dei gloriam* (Para maior glória de Deus). Os Cartuxos têm uma divisa que data da Idade Média e se inspira um pouco na forma literária dos escolásticos da época: *Sol, si, vi permanet Carthusianos in vi*. Isto é: através da solidão, 'solitudine'; através do silêncio, 'silentio'; através da visita, 'visitatione'. *'Sol, si, vi'* o Cartuxo se mantém em vigor, com força, *'in vi'*.

Nós poderíamos formar, meus Amigos, um lema análogo:

Di, car, vi permanet Oblatus in vi;

Directorio, pelo Diretório; caritate, pela caridade; visitatione, pela visita, o Oblato conserva seu vigor e sua força, *permanet Oblatus in vi*.

Primeiramente, **pelo Diretório.**

Sem sombra de dúvida, se nós, cada um em particular, formos

fiéis à prática do Diretório, essa prática nos transformará em bons e santos religiosos. Isso é claríssimo. Volto sempre de novo ao mesmo assunto. Todas as minhas palestras, todas as minhas recomendações a todos os nossos Padres retomam constantemente esse tema e versam imutavelmente sobre o Diretório. A experiência feita, pois, tem sido muito concludente. O que foi que santificou São Francisco de Sales? O Diretório. E São Francisco de Sales, através do Diretório, tornou-se um santo completo. Existem no Paraíso muitos santos que tinham lacunas, que seriam incompletos, que tinham defeitos. Podiam ser santos e ser incapazes de ser bons Párocos ou bons professores de Teologia. Houve santos originais, santos que tinham defeito de caráter - se unicamente fosse São Columbano! - santos com quem era muito difícil conviver, santos com inclinação acentuada para a prática de certas virtudes particulares que nem sempre são virtudes sociais. Enquanto, pelo contrário, São Francisco de Sales é aceito por todo mundo; é acessível aos religiosos, aos padres, às pessoas do mundo, aos idosos e às crianças, aos homens e às mulheres. Sua doutrina é fácil, está ao alcance de todos; é segura e produtiva, 'via plana ac tuta' (um caminho plano, seguro). A base da doutrina e dos recursos de São Francisco de Sales é o Diretório. Seja ele também o fundamento da nossa vida religiosa; sobre esse fundamento estabeleceremos uma vida religiosa, estável e sólida.

A caridade.

São Francisco de Sales teria desejado fundar uma Ordem religiosa alicerçada no único preceito de caridade. Ele julgava que a prática de caridade seria suficiente para elevar as almas ao mais alto grau de santidade. Tinha razão. O que há de mais penoso, de mais difícil no mundo, é a prática completa e perfeita da caridade; esse vínculo - a gente podendo suportá-lo - substitui seguramente todos os outros e, mais do que qualquer outro, une intimamente a Deus. Nós tentaremos, portanto, praticar, tão perfeitamente quanto possível, a caridade mútua. Com relação à caridade, não será mal que eu faça uma pequena observação hoje de manhã. Há entre os Senhores os que são muito caridosos, por demais caridosos até, a julgar por sua linguagem. A caridade deles chega a fazer amizade íntima com todas as pessoas, e tratam quase todo mundo como companheiro. Isso é terminantemente proibido. Outros - ou os mesmos - se permitem suprimir as indicações que precedem os nomes. A gente diz 'Gilbert', 'Perrot'; por que não 'Brisson' também? Aliás, é o que provavelmente se faz! Isso não é bem o nosso estilo,

meus Amigos. Quando estávamos no Seminário Menor, ensinaram-nos a tratar os outros com respeito, a dizer 'Senhor', falando entre nós. Seria a mínima coisa que nós também agíssemos respeitosamente uns para com os outros e, falando sobre um religioso, que se diga 'Padre fulano'. O mandamento da caridade bem entendida deve nos inspirar o respeito uns para com os outros. Deve proibir-nos esses modos de falar demasiadamente livres e inconvenientes. Evitemos cuidadosamente entre nós todo o tipo de familiaridade na linguagem. Ao ser informado, senti essa pequena desordem. Farão bem, avisando os que não estão, para que a coisa não se repita.

Existe a tentação de assumir um pouco atitudes liberais, de tratar-se mutuamente com uma liberdade que nem sempre edifica. São Francisco de Sales queria basear todas as virtudes na caridade e, por isso, dava indicações muito detalhadas sobre a prática dessa virtude, mãe e inspiradora de todas as outras. Os Senhores acreditam que ele teria tolerado tais expressões e maneiras semelhantes? Preste-se muita atenção a isso no futuro.

A caridade, pois, nos termos e nas expressões! A caridade também nos contatos entre si! a gente seja muito indulgente, perdoem-se facilmente: nada de amargura entre nossos irmãos. Saibamos suportar não somente sua incomodação, mas também seus defeitos, suas fraquezas e faltas. Nossa caridade não alcança até lá. "Mas isso não é nada, são ninharias!" A prova de que não pensamos assim está no fato de que achamos tão difícil perdoar essas bagatelas. Tomemos isso a peito durante o retiro: examinemos lealmente todas as nossas faltas em preparação à nossa confissão geral. Reconheço que é difícil não faltar nunca à caridade para com o próximo! E conheço bem de perto alguém - aquele mesmo que conheço melhor neste mundo - que falta muitas vezes... Quando alguém nos irrita, quando nos põe à prova, enfrentemos isso com amabilidade; tratemo-nos com condescendência; falemos uns sobre os outros com consideração. Uma comunidade é como uma pessoa: os que, como nós, fazem parte da mesma comunidade são parte do mesmo indivíduo, do mesmo ser moral. Abaixar este ou aquele é diminuir a nós mesmos, é aviltar a Congregação da qual fazemos parte. Sempre, pois, que lhes falarem mal de um dos seus irmãos, que lhes disseram: 'Ele tem este defeito, ele faltou de tal maneira', defendam-no. Defendam pelo menos a intenção, a sinceridade, a simplicidade dele, se for preciso. E, especialmente, não arrasem nunca um dos seus irmãos em proveito próprio. É uma falta, uma

desgraça enorme.

O Oblato de São Francisco de Sales precisa ser magnânimo e de caridade aberta para não cair numa falta tão deplorável. Para tanto, é preciso ter uma certa dignidade de caráter, um determinado juízo também, que é o fundamento da caridade. Cometemos muitas faltas desde a nossa existência; uma quantidade delas, de fato, se originaram daí. É que nos esquecemos desse preceito, desse princípio do respeito para com nossos irmãos, do respeito pelas suas idéias e opiniões; esquecemo-nos de não procurar desfazer o que eles fizeram. Reparem os pedreiros que constroem uma igreja; se os do lado direito demolissem o que se edifica à esquerda e vice versa, jamais a construção sairia do chão. Esse ponto é talvez o mais esquecido. Será que julgamos que não sofreremos as conseqüências disso e que uma coisa destas não causou uma impressão muito má a nosso respeito, muitas vezes? Quanto a mim, em diversas oportunidades me contaram que um jovem Padre, almoçando com um Pároco amigo, conversava a torto e a direito, fazendo suas considerações, ao tagarelar sobre este ou aquele, sobre Padre fulano ou Padre beltrano: "Há isto de bom nele - naturalmente, não muita coisa - e o resto não vale nada!" A conclusão do ouvinte é bem simples: Aquele não vale nada e os outros não valem muita coisa, a partir do tagarela indiscreto e pouco caridoso. Todo o mal que disserem de um dos seus irmãos sempre será acreditado e se julgará dos Senhores também; pensar-se-á dos Senhores segundo o mal que tiverem dito dos outros. Eu insisto, com toda a ênfase, nesta observação que estou-lhes fazendo.

Escutem bem, meus Amigos; claro, nem todos podem ter a mesma maneira de agir: uns são mais vivos, mais fogosos, mais decididos; outros preferem retardar, ir suavemente, esperar e não apressar nada. Uns dizem a todos os ventos: Sou franco, digo o que penso! Outros gostam mais de não manifestar seus pensamentos e dizê-los a toda a hora. Inevitavelmente surgem atritos às vezes. Um é apurado, outro vai devagar; estão no mesmo caminho; encontram-se e se chocam. Importa que tenhamos suficiente compreensão de que quem é rápido e se gaba disso a todo o momento, deve, forçosamente, ter algum defeito. Não será sempre tão prudente, tão sábio, tão ponderado quanto as circunstâncias requeriam. Mas devemos compreender também que quem atrasa, quem sempre e sem parar reflete, bem pode misturar no seu jeito algo de amargura, de malícia e mesmo de maldade. Pessoas humanas são assim, todas parecidas. Somos religiosos, sem dúvida, mas infelizmente somos homens ainda e ho-

mens mais do que os outros, pois bem mais freqüentemente nos encontramos conosco próprios. O Oblato precisa elevar-se acima de si mesmo; ele precisa dizer: Eu não sou nada; a palavra, a ação de Deus, a atuação de Deus nas almas é tudo. Se o Bom Deus tem diferentes maneiras de agir, não preciso eu julgar, mas aceitar. Perante nossos Padres, perante todo mundo, nunca farei mal. Farei tudo o que puder para não ter pensamentos contra a caridade e para não faltar mais contra ela interiormente do que exteriormente. Tenhamos um pouco, meus Amigos, essa abertura espiritual, essa magnimidade que faz superar toda a mesquinhez e pequenez. Subamos mais alto! Estejam muito unidos com seus irmãos, queiram bem a comunidade e estarão bem com Deus. Ele não afirmou que, todas as vezes que dois ou três estivessem reunidos em seu nome, ele estaria no meio deles (cf. Mt 18,20)? Mas é imprescindível a união, a harmonia dos corações.

Quem tem uma tarefa deve cumpri-la bem. Deve-se empenhar de todo o coração para estar à altura da incumbência. E a Constituição diz que os outros não devem se imiscuir. Quem tem uma classe a dirigir, uma obra, uma comunidade, deve se dedicar a seu cargo; é a ocupação dele, deve agir segundo o que lhe foi indicado e recomendado. Muito bem. Mas, se na sua classe lhe é agregado um vigilante ou um assistente, se, no seu serviço, lhe é dado alguém para partilhar a responsabilidade, se, na sua comunidade, algum Padre é enviado para pregar, confessar ou atender um serviço qualquer, o que fará ele, se ele começa a demolir o ajudante destinado a trabalhar com ele, porque ele mesmo quer ficar só? Meu Amigo, o Senhor não devia tornar-se religioso. A condição do religioso é estar ligado a alguma coisa ou a alguém: é de estar ligado - antes de mais nada - à obediência, visar - antes de tudo - o bem das almas. Considerem seguidamente o dom de Deus em seus irmãos; se Deus pôs na alma do seu irmão uma faiscazinha do seu Espírito Santo, enquanto o Senhor julga dispor de uma grande chama, um braseiro ardente, quem lhe diz que o Bom Deus não aprecia mais essa chispinha do que a fornalha do Senhor? Quem lhe garante que ele não operará mais por meio do irmão do que pelo Senhor? Os critérios de Deus são insondáveis. Cada um que recebeu alguma coisa do Bom Deus tem direito à estima, à afeição, tem direito a ocupar o lugar que Deus e a obediência lhe designaram. Mais uma vez: convençamo-nos bem disso. Cada qual recebeu do Bom Deus um dom; a partir daí ele é querido ao coração de Deus. Tudo o que vem de Deus é excelente; e é preciso ter um afetuoso respeito por tudo o

que vem de Deus. Nolite extinguere Spiritum Sanctum (cf. 1 Ts 5,19) (Não extingais o Espírito Santo), diz São Paulo: evitem abafar, inutilizar o dom De Deus; agiriam diretamente contra o Espírito Santo.

Não é isso o que nos recomenda São Francisco de Sales? Não dêem tanto valor a fazer o bem, diz ele, quanto a vê-lo fazer por outros; o bem que os Senhores ocasionarem será maior e mais aproveitável do que aquele que os Senhores mesmos fizerem. Tem-se confiança nos Senhores, está bem. Se, além do Senhor, em sua comunidade, em sua Obra, se aceita um outro Padre, o Senhor não lhe faça oposição, mas o ajude a fazer o bem. E São Francisco de Sales diz que nisso está a perfeição!

A Boa Madre dizia isso de maneira admirável. Eu perscrutei isso nos mínimos detalhes; eu gostaria de penetrar totalmente em seu espírito, em sua maneira de agir. Era admirável. Todas as vezes que se apresentava uma questão a ser discutida, uma decisão a ser tomada, a Boa Madre escutava o que cada um dizia; quando necessário, sugeria discretamente alguma boa idéia. Depois de escutar todas as opiniões, ela acrescentava sua palavrinha: "Sim, eu também acho. Faremos como a Irmã fulana disse". Ela dava sempre à Irmã a honra da decisão que, muitas vezes, ela mesma tinha sugerido. A Irmã tinha sempre razão. Como a Boa Madre sabia maravilhosamente respeitar também o dom de Deus, o toque de Deus em cada Irmã. Como comentava isso com amor; numa, era a devoção ao Santíssimo Sacramento; numa outra, o amor aos pobres; em outras, que pareciam totalmente inexpressivas, eram alguns traços de caridade e de condescendência. Ela sabia discernir o dom de Deus e respeitar a pessoa que era a depositária. Essa é a doutrina dela que deve ser nossa; isso é a caridade. É preciso, meus Amigos, que ao menos observemos uns para com os outros o que se faz nos Seminários Maiores, ou seja, usar termos de respeito mútuo e de boa educação. Não nos permitamos jamais essa familiaridade de palavras que é inconveniente entre pessoas bem educadas, entre religiosos sobretudo. Coloquemo-nos acima de pequenas rivalidades, de mesquinhez que procura atrair tudo a si, em prejuízo dos outros. Evitemos fechar-nos nesse círculo restrito em que só a gente mesmo vale, e o que provém dos outros não presta para nada. Não sejamos estranhos para nossos irmãos. Que as divergências de caráter não influam nunca nas relações mútuas de nossa caridade e não venham jamais ocasionar, em nossas comunidades, não sei o quê que impeça os corações baterem em uníssono.

Será que é mais fácil, meus Amigos? Sei muito bem que é o que

existe de mais árduo no mundo. É mais difícil que praticar fielmente os votos de pobreza, de castidade e de obediência; mas também é mais meritório, mais santo e mais perfeito; é o que a Boa Madre e São Francisco de Sales pregaram com palavras e exemplos. Podemos estar certos que será a melhor garantia de sucesso para nossa Congregação.

À noite, veremos a terceira palavra do nosso adágio: **a visita**. O Bom Deus, meus Amigos, nos encontre de acordo com o que lhe prometemos no dia de nossa Profissão, para que, quando chegar o dia da recompensa, possamos adormecer sem receio, nos seus braços; e nosso fim seja tanto mais agradável quanto mais dificuldades tivermos encontrado para cumprir o que Deus nos pediu. Assim seja.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

OITAVA PALESTRA

A CONFISSÃO DE RETIRO - A VISITA - OS RELACIONAMENTOS COM ESTRANHOS

Aproximamo-nos do fim do nosso retiro. Sigamos caprichando de forma que, até o último momento, todos os exercícios de retiro nos sejam proveitosos. Estamos fazendo a colheita agora. Não é sem trabalho, sem contratempo, sem fadiga, mas - afinal - é a colheita. Os frutos estão aí na verga, as espigas se amontoam. Até o fim, não percamos o fruto de um só de nossos exercícios. Acautelemo-nos contra a dissipação do último momento que pode fazer desaparecer, num instante, todo o benefício das boas resoluções.

Não vou tratar da sua Confissão do retiro. Costumam fazê-la bem; façam-na melhor ainda durante o retiro. Seja ela bem perfeita, franca e completa. Não temam descer, com a lâmpada do santuário na mão, até os últimos recantos, até o fundo da consciência. Não fiquem com embaraços, coisas duvidosas, esses resquícios que são, às vezes, pequenos deuses, pequenos ídolos. Não façam como aquela mulher da Sagrada Escritura que colocou, às escondidas, pequenos deuses no alforje do seu camelo (cf Gn 31,34). Coloquem tudo isso à descoberta diante do Bom Deus, através de um bom exame, e diante do seu confessor, por uma Confissão sincera e franca. Não deixem isso para uma outra vez, um outro dia, num tempo mais favorável. Este é o dia favorável. Eis agora o dia da salva-

ção (cf. 2 Cor 6,2).

Esta Confissão de retiro seja tão bem feita que sirva de modelo para todas as outras Confissões do ano. Seja feita piedosamente, portanto, com grande amor ao Bom Deus no coração, num grande e profundo recolhimento. As palavras de acusação que dizem são matéria do sacramento; digam-nas, portanto, com muita devoção, com viva fé no ministério sagrado ao qual vem recorrer. O confessor é sempre inspirado por Deus no que lhe disser e no que lhe aconselhar. Escute-o. Considere as palavras dele como a expressão da Vontade explícita de Deus, referente à sua alma; acolha-as com profundíssima humildade. Faça assim e encontrará no Sacramento da Penitência uma ajuda poderosa, onde não somente se purificará a alma das faltas, mas a restabelecerá e a rejuvenescerá. A graça descerá superabundantemente sobre o Senhor. Terá a santa alegria da inocência recuperada. Para a pobre alma do pecador, peregrina neste mundo, a Confissão de retiro é uma parada, um oásis, um descanso, uma restauração. Confesse-se bem, de todo o coração, de toda a alma. Manifeste sua alma totalmente tal qual é. Apresente-a mesmo aos pés do seu confessor. Escute com atenção, com boa disposição, com fé, as palavras que lhe são ditas e que trazem graças consigo. É isso mesmo o que lhe falta; é disso que precisa. Não se faça de juiz; o Senhor é o criminoso. Aceite humilde e confiantemente o que o Bom Deus lhe envia. E terá, no fundo do coração, uma grande paz.

Hoje de manhã, eu lhes falava sobre toda a alegria do Oblato que, com o Diretório, tem a garantia de um passaporte para o Céu nas mãos. Poderá dizer a Nosso Senhor com toda a confiança: "Senhor, eu soube fazer somente isso!" O Diretório não é nada, alguns pensamentos, algumas intenções; estamos seguros, no entanto, de estar no bom caminho. A Confissão do retiro completa o Diretório, perfaz a garantia de nossa vida, purifica as nossas faltas, resgata-nos as imperfeições. O que pode nos faltar a partir daí para estar inabalavelmente seguros?

Façam atentamente, portanto, sua Confissão de retiro. Que sirva de modelo, repito, de modelo acabado para suas Confissões durante o ano. Mais uma vez é preciso estimar, acima de tudo o que podemos supor, os benefícios que se recebem de uma boa Confissão. É o remédio do pecado e da fragilidade; ela repõe a alma decaída e aflita na graça completa de Deus.

Tenham uma profundíssima devoção ao Sacramento da Penitência, e - dirijo-me aos confessores - os Senhores comunicarão essa convicção

aos seus penitentes. Só se pode dar o que se tem. Cultivem um grande respeito, uma fé viva, uma confiança absoluta, no que lhes concerne, na Confissão; e as almas das quais foram encarregados participarão dessas disposições, delas se nutrirão, e a Confissão será para essas pessoas um imenso benefício.

Façam, portanto, com cuidado muito particular, esta Confissão de retiro. Anotem seus bons propósitos; é necessário para que a gente se lembre e os ponha em prática. Tenham seu caderninho de retiro, algumas folhas nas quais lançarão alguns bons pensamentos com seus propósitos. Registrem aí as promessas que fizeram ao Bom Deus. Revendo-as, de vez em quando, perguntar-se-ão, se as têm cumprido; retomarão - como estão fazendo hoje - os meios para ser fiéis a elas.

Faltou-nos explicar, hoje de manhã, o terceiro elemento do nosso lema: **Vi.** Pelo Diretório, pela caridade e pela visita, o Oblato se conserva com todo o vigor do seu Instituto.

Antes de começar essa explicação, penso que todo mundo sabe e se dá conta de que o Capítulo Geral tem força de lei. Assim é o caso em todas as Congregações. O Capítulo Geral é a reunião oficial dos religiosos que se reúnem para determinar e formular decretos que têm força de lei. Sem dúvida, a autoridade não é totalmente igual àquela das Constituições autorizadas pelo Papa e pela Santa Igreja; mas é uma lei específica, destinada a facilitar o cumprimento da primeira. A Constituição é análoga aos mandamentos de Deus; e o Capítulo Geral, aos mandamentos da Igreja. Têm-se realizado e continuam sendo realizados Capítulos Gerais em todas as Ordens. Os Anais de Cîteaux relatam que houve um Capítulo Geral em Cîteaux, pouco tempo depois da morte de São Bernardo, e que se decretou ali que, no futuro, não se apresentaria mais nenhuma causa de beatificação à Cúria Romana. O motivo desse decreto era que essas causas tornavam-se cada vez mais numerosas no Instituto e era motivo de estorvo demasiado nas casas. Nós não precisamos, ainda, formular um decreto destes!

A Visita. O que é a Visita?

Há dois tipos de Visita: a Visita anual, oficial e outras Visitas que se podem fazer em outros momentos.

A Visita deve ser feita pelo Superior Geral. Quando, em virtu-

de de grandes responsabilidades, por motivo de sua idade, de doenças, estiver impedido de fazê-la pessoalmente, ele se fará representar. O Visitante é, então, designado pelo Superior Geral; ele deve receber as ordens diretamente do Superior Geral, a fim de poder cumprir bem a sua missão e, na execução, limitar-se apenas às atribuições, que o Superior Geral lhe designou.

A Visita oficial deve ser feita uma vez por ano. Ela se reveste de um certo aparato, uma determinada solenidade. Em toda a parte, o Superior será recebido por todos os religiosos. Dirigem-se à capela; rezarão o 'Vení, Creator' (Vinde, Criador) e o 'Benedictus' (Bendito seja o Senhor). O Visitante recordará sua missão em breves palavras e os principais itens a tratar com cada religioso. Preparará os ânimos, numa palavra, para receber bem os benefícios da Visita. Ele deve predispor as almas à confiança. Deve colocar-se à disposição de cada um para receber as confidências e acolher a manifestação do que cada um possa ter de sofrimentos, problemas e dificuldades. Deve encontrar-se, sobretudo, com o Superior de cada casa com quem deve falar sobre tudo o que se refere à boa coordenação da casa. Deve ter para com o Superior todo o respeito possível; deve agir de forma que o Superior seja seu maior apoio em relação aos outros religiosos, seu grande apoio também e sua consolação no meio das dificuldades e dos trabalhos que lhe incumbem.

Examinará conscienciosamente todas as tarefas da casa; verificará a manutenção da boa ordem tanto no que toca ao material quanto ao espiritual; interrogará o Superior para saber como a Regra é observada; se é cumprido pontualmente tudo o que foi recomendado.

Cada religioso não deixará de realizar uma entrevista com ele em particular, sem exceção alguma - tanto aqueles que julgam precisar da Visita quanto os que acreditam não ter necessidade dela; e isso para testemunhar o respeito que têm não só pelo Visitante como também pela missão da qual a autoridade o encarregou. O Visitante os encorajará, os estimulará a aspirar com todo o empenho à caridade, ao devotamento, à obediência que nos são necessários para cumprir bem a nossa tarefa; fará, com toda a caridade, as correções que julgar apropriadas; dará os conselhos que considerar úteis; e tudo o que ele disser terá certamente um efeito muito benfazejo.

A Visita terminará com um encontro na capela onde o Visitante fará outra vez uma palestra e recomendará os principais pontos a refor-

mar, se houver, e tudo acabará com a visita ao Santíssimo Sacramento e o 'Te Deum' (A Vós, ó Deus, louvamos).

As outras Visitas que serão feitas durante o ano terão outro caráter. Especialmente o Prefeito dos Estudos fará uma; ele se informará, se os programas estão sendo bem cumpridos, se os estudos se desenvolvem nas condições indicadas. Entrará nos diferentes detalhes; poderá dar aos professores as recomendações convenientes e necessários para que desempenhem perfeitamente sua tarefa. Entender-se-á com o Superior, para que os abusos que poderiam ter surgido sejam remediados.

Essas Visitas se tornaram uma coisa absolutamente necessária, já que nenhuma comunidade pode existir a não ser que haja a mesma vida, o mesmo espírito, a mesma Regra, as mesmas observâncias. Vejam os Jesuítas; entre eles todas as coisas são do mesmo jeito, tudo é semelhante em toda a parte. As Visitas terão, entre nós, o mesmo resultado.

Durante o retiro, Meus Amigos, convençamo-nos profundamente da necessidade de limitar-nos a nós mesmos. Cada um deve aperfeiçoar-se segundo sua vocação, como diz o nosso Santo Fundador; e não tomemos nunca dos outros qualquer coisa que não condiga com nosso Instituto, por melhor que pareça ser e, de fato, seja, mas não o será para nós. Portanto, em nossos relacionamentos com as pessoas de fora, com os membros do clero, observemos bem as normas que recomendei. Prestemos muita atenção sobretudo a que, na direção das nossas casas, dos nossos colégios, não temos que consultar senhoras da cidade. A Senhora tal não tem nada que meter-se em nossa cozinha, olhar na nossa panela, examinar este ou aquele doente, suscitar conversas deste ou daquele professor, dizer gracinhas ou dar conselhos... Isso é digno? Será que o Bom Deus pode abençoar essa maneira de agir? Não é uma afronta?

O Visitante estará encarregado de ver especialmente, se não se introduziu nada deste tipo em alguma casa; eu lhe recomendei isso insistentemente. Claro que não suponho que se associe a isso qualquer pensamento maldoso. Mas, se não há nisso uma falta teológica, existe uma falta moral, uma falha enorme que compromete a existência mesma de um colégio. O Superior tenha contatos com os pais, com as pessoas de fora - os relacionamentos inerentes a seu cargo - está certo, é necessário. Os pais vêm lhes falar sobre os filhos; vêm lhes pedir conselhos, apresentar-lhes suas pequenas queixas. Está bem. Eles mesmos aceitam a influência benfazeja dos Senhores nesta obra difícil da edu-

cação de seus filhos. Mas que esta influência seja de todo o respeito, de toda a confiança. Seja revestida de dignidade, que apresente essa característica de autoridade moral, de sabedoria, de prudência que leva as almas a Deus. Mas, por favor, esses contatos não sejam para meter-nos sob o domínio de mãos ou pés de outros para conduzir-nos a mercê e ao bel prazer do Senhor fulano ou Senhora beltrana.

O que estou dizendo é de capital importância. Quem quer que seja que se deixe assim dominar - os homens não procuram tanto monopolizar dessa maneira, é mais próprio de senhoras - quem quer que deixe tomar conta de si desse modo por uma mulher está perdido. Será que o Bom Deus encarregou essa senhora de uma missão especial para instruir e conduzi-los? Qual é o sacramento que pode comunicar essa graça? Que se preste muita atenção a isso. Como diz a Sagrada Escritura: Está nisso o perigo, o risco maior.

A quem devem recorrer, em seus dissabores, em suas incertezas? A quem devem testemunhar toda a sua confiança? Ao seu Superior, ao seu Visitante, aos seus Padres e Irmãos. Quem é que foi enviado por Deus e quem recebeu a missão de Deus para esclarecer, para dirigir, para conduzir? O Papa na Igreja. E quem é que Deus colocou entre o Papa e os Senhores? Seus Superiores. Aí se encontra a luz, e aí está o poder. Não vão procurar em outra parte.

O que estou dizendo referente a senhoras vale também relativo a Párocos e a Vigários. O Senhor dá sua confiança, sua amizade íntima a um Vigário, a um Pároco; ele logo adquire uma influência sobre o Senhor. Dirige-o, um belo dia, sem que o Senhor o perceba. Ele lhe impõe suas idéias e seu parecer, sua maneira de ver, as opiniões do seu jornal. Isso não é muito melhor, meus Amigos, do que se fosse a Senhora fulana!... Ele não tem missão de dirigi-lo tampouco. Não é para isso que ele é Pároco ou Vigário. Se é um santo homem, bem intencionado e muito ajuizado - e isso nem sempre coincide no mesmo homem: existem santos no Paraíso que tinham o espírito um pouco mal formado - se é um santo homem, em tais condições, venere-o de todo o coração. Escute as observações que lhe faz; tire proveito disso. Ele lhe indica uma ou outra coisa que não anda muito bem, muito bem; repare bem e preste atenção, para que melhore no futuro. Mas não se deixe governar nem pelos santos.

Será que a moral de tudo o que acabo de dizer-lhes é que precisam comportar-se frente a todo mundo como gente grosseira? Não! Obe-

deçam fielmente a essa prescrição que acabo de lhes fazer. Sejam polidos, amáveis, bem educados. E serão estimados à medida que se mantiverem reservados e não deixarem ninguém tomar conta dos Senhores. Prestem serviços e, então, só os seus serviços serão apreciados. Em todos esses contatos que devem ter com as pessoas de fora, sejam bem religiosos; apliquem o comedimento que comentei e serão respeitados, estimados e terão influência. Mas jamais aquele que tiver os Senhores religiosos sob seu domínio, terá o menor respeito ou a menor estima pelos Senhores. Ele os levará a seu gosto e zombará dos Senhores.

Bem sei que se pode apresentar, às vezes, uma terrível tentação do diabo. Existem todos os tipos de seduições, e esta da qual estou-lhes falando não é rara e é muito perigosa. Procurem compreender bem o que estou dizendo. Acontece seguidamente, ocorre sempre que, quando nos sentimos um pouco penalizados, quando se tomou uma medida qualquer que nos contrariou; sentimo-nos atingidos emocionalmente. Não foram muito bem interpretadas as nossas boas intenções; fez-se uma transferência que cheira a desconfiança a nosso respeito, a uma espécie de desgraça: sentimo-nos profundamente magoados. Vamos fazer nossas confidências lá fora, a um Pároco, a um Vigário: - não é totalmente um estranho, fica-se contente por aliviar um pouco o coração, é preciso que se diga o que se tem contra este ou aquele da comunidade que certamente está, de uma forma ou outra, metido na medida tomada. É muito natural, sem dúvida; sim, mas o mal que cometemos é muito considerável. A gente se compadecerá do Senhor; dar-lhe-ão razão contra a autoridade. E eu, até o fim, lhes recomendarei não dar razão jamais a ninguém contra a autoridade, contra o poder. Não dêem nunca razão a uma esposa contra seu marido, a crianças contra os pais ou mestres, a empregados contra o patrão, a religiosas contra sua Superiora, a noviças contra sua Mestra. Procurem explicar, justificar o modo de agir da autoridade. Se não é justificável, - e isso acontece por demais - desculpem, dêem uma interpretação tão favorável quanto possível; encorajem, sobretudo e sempre, a obedecer: é a Deus que se obedece! Conduzam sempre à obediência os que vêm se queixar diante dos Senhores. Um outro modo de proceder seria indigno de um Oblato, indigno de São Francisco de Sales que afirmou sempre e em todas as circunstâncias essa norma de conduta.

Não falem nunca mal dos Superiores, dos seus menos ainda; e tomem cuidado para nunca oferecer a ninguém oportunidade de fazê-lo. Se eu soubesse de um só entre os Senhores que estivesse inclinado a esse

vício, que tivesse a tendência de falar mal e de suscitar maledicência contra seus Superiores, eu o conjuraria, em nome de Nosso Senhor, que fosse confessar-se imediatamente e prometer não recomeçar. Se ele ainda não está comprometido pelos votos perpétuos e se não se sentisse em condições para sustentar um compromisso destes, que se vá! Se tem os votos perpétuos, que se vá igualmente! O Santo Padre o dispensará dos seus votos. Eu não me refiro àquele que teve a infelicidade de se esquecer deste ponto uma, duas ou três vezes, mas a quem tem em si essa propensão e não se sente com coragem para superá-la.

Numa comunidade, esse espírito é bem mais perigoso e prejudicial do que qualquer mau espírito. Imaginam um indivíduo pervertido, escravo de suas paixões, que arrasta um outro ao mal; isso é menos perigoso, certamente, do que os efeitos do mau espírito do qual acabo de falar. Como assim? Porque quem foi arrastado para o mal ouvirá, sem dúvida, no fundo de sua consciência, uma reprovação interior, uma voz que lhe gritará: Converte-te! Confessa-te! E o fará. Arrastando um dos seus irmãos para o mau espírito, o Senhor o faz entrar num caminho onde a consciência é pervertida, enganada, onde ele se perderá de maneira mais perigosa e mais certa. Não estou dizendo que o pecado cometido será em si mais grave do que o primeiro do qual falei, mas ele é bem mais terrível nas suas conseqüências para uma comunidade.

Entre minhas recordações, tenho numerosos exemplos do que estou-lhes dizendo, referentes a comunidades de homens, e mais numerosos ainda de comunidades de senhoras. Os Senhores não podem aplicar a ninguém em particular o que estou-lhes dizendo e isso é muito certo. Quanto às Oblatas, fiz a observação que de todas aquelas que deixaram a comunidade, em conseqüência das insinuações do tipo de que estou falando, não ficou uma só uma boa cristã. É muito triste reconhecer: a maioria se comportou mal. E isso, porque um ou uma miserável veio dizer-lhes alguma coisa contra seus Superiores, contra sua comunidade. O estado dessas infelizes almas é sete vezes pior do que se tivessem ficado no mundo e jamais tivessem sido religiosas (cf. Lc 11,26). Não estou exagerando nem um pouco, meus Amigos. Digo-lhes isso na presença de Nosso Senhor; peço-lhe que ele mesmo me ponha suas palavras na boca.

Eu fui repreendido uma só vez, no Seminário Maior, e foi pelo meu professor de Teologia, Padre Chevalier. Eu tinha um colega, um bom jovem, mas muito leviano, muito desatento. Um dia ele se converteu e assumiu atitudes mais sérias, mais piedosas. Fiz um pouco de troça dele

por sua conversão imprevista. Padre Chevalier, que estava presente, re-preendeu-me severamente: "Tome cuidado," ele me disse, "você está cometendo uma falta que pode ter terríveis conseqüências. Se a graça de Deus tocou verdadeiramente este jovem, ele pode tornar-se um santo Padre, um apóstolo. Se sua gracinha o desconcertar e ele voltar para trás e não encontrar mais a graça divina que tem hoje, veja que desgraça! Que terrível responsabilidade; é um escândalo!"

Portanto, meus Amigos, teremos que evitar esse tipo de tentação, não estabelecendo relacionamentos confidentes com pessoas de fora; cuidemo-nos disso com atenção. Não façamos confidências a não ser a nossos Superiores. É, às vezes, uma bebida um pouco amarga de engolir: façam o sinal da cruz e tomem-na corajosamente. Entre duas ave-marias, isso passará.

Dispensa comentário que, ao recomendar-lhes que evitem relacionamentos de intimidade com pessoas de fora, incluo nesta advertência as visitas inúteis e demasiadamente freqüentes, os almoços, as participações nas festas e reuniões. Isso é absolutamente proibido. Não vão almoçar com ninguém. Eu deixei talvez esta lei afrouxar-se um pouco demais. Voltemos a observá-la bem. Vai-se prestar um serviço a um Pároco; não é na vizinhança; não lhes proíbo almoçar com ele; o Senhor não pode voltar ou ficar todo o dia em jejum. Mas não se dirijam nunca, nestas condições, aos Párocos, a não ser para prestar serviço; não vão festejar com eles. O Senhor foi convidado para pregar num dia de festa; é preciso participar da refeição, sem dúvida, mas, então, observem atentamente todas as regras da modéstia nas refeições. Vigiem-se, sejam muito prudentes e discretos para sempre edificar em vez de escandalizar. Não é para irem à festa alguma simplesmente pelo prazer de ir lá, a nenhuma reunião, conferência, nenhum banquete ou coisa parecida. Não tomem a liberdade de aceitar seja o que for, na casa de quem quer que seja. Não aceitem nada tampouco fora das refeições, na casa de ninguém. Não façam nada sem permissão. O Senhor precisa de alguma coisa, está fatigado da aula, está resfriado; peça licença. Não existe verdadeira vida religiosa sem sobriedade. Quando não se sabe sujeitar-se assim, a gente logo assume hábitos que estão longe de ser costumes religiosos. A gente se acostuma a tomar café. Se seu estado de saúde, sua idade, sua constituição necessitarem o consumo de café, peçam permissão. Mas que não se tome café nas comunidades a não ser em circunstâncias muito raras. Por exemplo, um estranho que chega no momento do almoço; convi-

dem-no, sem dúvida, se não ficar bem fazer de outra maneira. Tratem-no segundo sua condição, mas não comecem a convidar por iniciativa sua. Não estabeleçam relacionamentos de refeição com quem quer que seja. Todas as vezes que se tornar necessário fazer uma exceção dessas recomendações que acabo de fazer-lhes, peçam sempre a permissão do Superior Geral, a não ser num caso totalmente inesperado e absolutamente necessário. Observem os Jesuítas e reparem, se eles começam a dar refeições assim e a ir de casa em casa. Almocei uma vez com eles, um dia de Santo Inácio, - come-se bem ali - mas isso foi tudo. Eles me convidaram uma vez na vida. Não abusemos nós tampouco.

É, portanto, regra estabelecida para sempre e que não sofrerá exceção, a não ser em casos muito particulares - que não corram nunca o risco de se transformar num hábito - e com permissão muito especial do Superior Geral.

Meus Amigos, cerremos as fileiras, formemos um feixe bem denso, bem unido. A ligação será Nosso Senhor; isso será a nossa norma. Nessas condições, podemos prometer a cada um de nós uma vida perfeita, feliz e boa. Nossa vida tem um sentido, dirige-se a Deus; ele está conosco. Sejam os acontecimentos felizes ou desagradáveis, seja a vida doce ou amarga, aprazível ou penosa, da mão de Nosso Senhor é que recebemos tudo e somos felizes de estar com ele, aconteça o que acontecer. Não vivemos solitários, isolados, desanimados e infelizes; não somos escravos abandonados e desprezados. O dom de Deus está aí, encontra-se na observância fiel, está no amor da comunidade. Como a vida é bela assim! Vemos e sentimos Deus 'per speculum, in aenigmate' (1 Cor 13,12) (em espelho e de maneira confusa). Depois virá a morte, e depois, o Céu onde o espelho e o enigma desaparecerão e onde veremos a Deus sem véu, face a face (id.). Não nos queixemos: não somos infelizes, nossa sorte é muito invejável. Assim seja.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

NONA PALESTRA

A EDUCAÇÃO DA JUVENTUDE - OS ANAIS SALESIANOS

Hoje, às cinco horas da tarde, teremos a cerimônia de admissão ao Noviciado e de Profissão. Recomendo às suas preces os nossos jovens

Padres mais diretamente envolvidos. Peçam ao Bom Deus que saibam entrar bem na vida religiosa, para que encontrem, entre nós, todos os meios que serão úteis e bons para suas almas. Tanto eles como nós participaremos desta cerimônia com toda a devoção possível. Até lá os Senhores continuarão o retiro no recolhimento e na união com Deus. Aproveitem bem todas as graças, todas as palavras divinas do retiro; depositem, no celeiro de sua alma, este grão celeste; conservarão piedosamente tudo isso e, no dia em que precisarem dele, o encontrarão para o bem de sua alma e a dos outros.

Eu dou muita importância ao retiro que estamos terminando, meus caros Amigos. Originalmente, eu não tinha pensado em dar-lhe tanta importância. Refletindo, vi que era absolutamente necessário que todo mundo dele participasse e que fosse realmente geral. Os Senhores começaram, outros continuarão. Aqueles dos nossos Padres que não estão aqui e que não fizeram este retiro, virão participar de um outro que pregaré e que começará no dia 16 de setembro, em São Ouen. Virão ouvir verbalmente o que eu lhes disse aqui. Não haverá exceção para ninguém. Acho que nenhum dos que não estão, possa apresentar razão alguma de impedimento para participar. Os Senhores estarão em casa para os substituírem nos colégios. Todo mundo estará de volta das férias. Assim todos terão ouvido claramente de minha boca o que tenho a dizer e o que os Senhores devem fazer neste ano. Todos o colocarão melhor em prática, e a partir do primeiro momento, depois de escutá-lo à viva voz.

Continuo a explicação das resoluções do Capítulo Geral. O espírito que temos deve manifestar-se em todas as obras que devemos atender. Todos aqueles com quem precisamos tratar, todos os que encontrarmos em nosso caminho devem apreciá-lo: ora, eles não apreciarão a não ser o que lhes mostrarmos; só compreenderão o que formos diante deles.

A maior parte do nosso ministério está dirigida atualmente à educação da juventude. Os colégios absorvem a maior parte do nosso pessoal; a educação, portanto, é a parte principal de nossas obrigações. Tenho que dizer uma coisa sumamente séria a respeito disso.

É preciso compreender a doutrina de São Francisco de Sales, seu espírito em relação à educação da juventude. Precisamos compenetrar-nos disso, porque não faremos o bem e não seremos bem-sucedidos a não ser sob essa condição. Ora, o ponto mais importante dessa doutrina, desse espírito é o respeito pela alma da criança e do jovem.

Como respeitar um rapaz que quase não merece respeito?... Os antigos, no entanto, já diziam: *Maxime debetur puero reverentia*. (Deve-se o máximo respeito à criança.) O Senhor não respeita esta criança. O Senhor a trata com desprezo, como uma nulidade. Por isso, ele fica magoado. Ele percebe e avalia este sentimento interior. Ele não estima mais sua alma do que os Senhores a apreciam. Ele não tem idéia alguma de sua dignidade moral, do valor dos seus atos, porque nem os Senhores têm nenhum respeito. Aos dez anos de idade é que ele tem essa opinião sobre si mesmo, na época em que - como dizia Dom Dupanloup - o homem moral já está feito. Eis o que se esquece com frequência demasiada, meus Amigos. A gente trata a criança com rudeza, porque ela é desagradável; às vezes, a gente surra, apesar das leis civis e de nossas normas religiosas; a gente é impaciente; a gente a trata como um ser sem valor algum, não merecendo nenhuma consideração. Mas o Senhor ofende essa criatura feita à imagem de Deus; o Senhor insulta a família dela que a confiou ao Senhor para educá-la. Como pretende cumprir assim uma missão tão delicada? Tenho aqui no meu bolso uma carta muito forte, mandada por uma família que se queixa de que, em um dos nossos colégios, bateram em crianças. Essa carta declara que é impossível confiar jovens a professores que não sabem respeitar-se a si próprios, nem respeitar as crianças que lhes são confiadas nem tampouco respeitar as famílias que, dessa forma, depositam neles confiança. Nunca ouvi dizer, meus Amigos, que um Jesuíta tenha espancado uma criança; e diversos dentre nós se permitiram isso. Entre os Irmãos das Escolas Cristãs dá-se uma penitência a quem bateu numa criança; e diversos dentre nós se permitiram isso. Entre os Irmãos das Escolas Cristãs, dá-se uma penitência a quem bateu numa criança. Nós daremos uma penitência também àquele que, no futuro, poderia ultrapassar dessa maneira. Dar-lhe-emos uma humilhante penitência.

Estamos em família, posso dizer tudo. O Arcebispo de Atenas escreveu-me que bateram em crianças lá... No entanto, somos os filhos de São Francisco de Sales! Todo mundo, portanto, estará bem prevenido para o futuro, do aspirante até o mais antigo dos professores; doravante, quem bater num aluno comerá de joelhos, no refeitório. Essa será a sua penitência. Não vale dizer: É uma reação de impaciência. As grandes faltas, os grandes crimes também se cometem quase sempre por uma reação de impaciência, por um impulso de paixão. Nem por isso são mais perdoáveis. Aqueles, pois, que tiverem batido nalguma criança farão as culpas

sobre isso e comerão de joelhos.

Vejam como um descuido desse tipo pode ocasionar efeitos deploráveis. Se o Arcebispo de Atenas escreve isso a mim, os Senhores acham que o dirá somente a mim? Que isso não chegará até o próprio Papa? Olhem até onde alcançará a bofetada... O que se pensará e se dirá dos Oblatos a partir daí? Que são mestres de escolas do mais baixo quilate, que maltratam as crianças.

Façam bem o seu dever, dêem suas aulas, atendam a vigilância como está marcado, como lhes foi recomendado; dediquem-se religiosamente às obediências dadas, e nos mínimos detalhes. Façam fielmente a reta intenção, e o Bom Deus lhes dará a graça. O que eu lhes disse sobre as vocações, há dois dias, repito referente aos alunos. Vão estranhar talvez um pouco, mas só digo a verdade. Os Senhores têm a responsabilidade pela alma de seus alunos, dos alunos de sua classe e das crianças da nossa obra. O pai e a mãe são muito responsáveis pela alma de seus filhos. Os Senhores lhes devem também não só a vigilância, os cuidados materiais e intelectuais; são religiosos, devem exercer seu cargo como religiosos. Devem rezar por essas crianças, devem apresentá-las ao Bom Deus, tendo, sem cessar, a alma delas diante dos seus olhos, ao dedicar-se, de corpo e alma, a essa preocupação. Será que sou exigente demais? Não, meus Amigos, é esse o único meio de fazer algum bem a seus alunos. Se, nesta grande obra da educação, não empregarem a alavanca dos meios sobrenaturais, se não forem haurir do Coração de Jesus o que lhes é necessário para seus alunos, na Visita ao Santíssimo Sacramento, na meditação, na Missa, no Ofício, o que será que seus alunos encontrarão de especial nos Senhores? Latim? Matemática? Pão? Não valeria a pena, então, frequentar um colégio cristão; encontrariam tudo isso também em outra parte. Os Senhores é que não cumprem os seus deveres para com seus alunos. Rezem por eles, falem sobre eles a Nosso Senhor e tornar-se-ão bons professores, bons vigilantes. Isso é o grande método a ser aplicado. Eis um aluno que não é fácil; não é muito inteligente, tem mau caráter, espalha um mau espírito, tem defeitos, é muito limitado de compreensão, torto de alma e deformado moralmente. Está enfermo moralmente. É preciso aceitá-lo como ele é e tratar de conseguir alguma coisa. Essa enfermidade moral é tão real quanto uma doença física. No fundo, não é culpa dele, se foi feito assim. Por isso os Senhores vão maltratá-lo, tratá-lo com rudeza? Será isso razoável? Assim é que farão o seu dever? Se acolherem este pequeno ser, se cercarem de solitudes

este espírito enfermo, se rezarem por ele, se o ajudarem, se o rodearem, e sustentarem, conseguirão dele alguma coisa. Os Senhores o curarão de sua enfermidade. Serão, então, verdadeiramente professores, vigilantes cristãos, religiosos.

- Padre, é muito fácil dizer isso. O Senhor observa de cima; mas encontrando-se diante de tais alunos, a gente muito mais facilmente se impacienta do que reza. Antes a gente tem vontade de servir-se dos punhos ou do pé que de recorrer a meios suaves. - Não estou dizendo que seja fácil. Não estou fazendo um apelo a sentimentos, nem tampouco à razão. Estou apelando à toda a sua fé, à toda sua generosidade, a todas as forças de sua alma e de sua obediência religiosa. Precisa-se de tudo isso para executar o que lhes peço.

Façam isso, meus Amigos, com relação a todas as almas das quais estão encarregados. Quando temos que cumprir algum dever do ministério pastoral, rezemos pelas pessoas. Nosso ministério encontrará as almas dispostas mais ou menos à medida das nossas orações. Ajudem estas almas com nossos sufrágios, com nossa caridade.

Esforcemo-nos para fazer isso, nós que somos religiosos. Se fossem professores comuns eu não faria questão de dizer-lhes isso. Se eu fosse Superior de um seminário, não lhes diria isso de forma tão categórica; não teria a coragem de levar as coisas até o ponto em que as coloco diante dos Senhores; nem todo mundo é obrigado a ir tão longe quanto o religioso que se consagrou, que se devotou de corpo e alma. Além disso, não é cada um que tem a capacidade para compreender tudo isso. O Bom Deus não exige isso de todo mundo, mas o pede aos Senhores. Ele o solicita dos seus religiosos; ele o requer muito especialmente dos Oblatos de São Francisco de Sales. Não tenhamos medo de seguir este caminho; não será rude demais, nem demasiado difícil. Uma vez que nos decidirmos cordialmente a isso, que tivermos posto os pés no bom caminho, tudo se resolverá; as coisas mais humilhantes, que nos pareçam primeiro as mais esmagadoras, tornar-se-ão auxílios valiosos. Só nesta condição é que os Senhores serão verdadeiros vigilantes, verídicos professores, segundo o espírito de São Francisco de Sales. Tentem a partir deste retiro e logo perceberão.

Sei muito bem que esta multiplicidade de solicitações, de recomendações fatiga, aborrece, torna-se fastidiosa; é verdade. Mas olhem, é preciso fazer de tudo como no caso do Diretório. Afirma-se que, para o começo, é bom sujeitar a alma, dobrá-la para cada exercício e

para cada intenção e pensamento indicados; pouco depois, ao cabo de algum tempo, quando a alma estiver suficientemente ajeitada e desacanhada, todos esses múltiplos exercícios se convertem numa disposição habitual de fazer sempre a Vontade de Deus. A gente se prende, a todo o momento, à Vontade de Deus como meio de união a ele. Mas foi preciso começar com a multiplicidade, agindo pormenorizadamente, unindo a vontade atual em cada ação com a Vontade de Deus. O mesmo vale quanto à pregação. Não é necessário, no início, escrever tudo, decorar tudo? E não é só mais tarde - quando se está bem formado e acostumado - que se pode dispensar de aprender de cor, de não escrever tudo detalhadamente? Continua sempre preciso preparar-se com cuidado, sem dúvida, mas o pronunciamento torna-se mais fácil, as idéias surgem ordenadamente; tendo um contato mais direto com os ouvintes, a gente pode instruir as pessoas de uma forma mais proveitosa do que pela palavra escrita e decorada. O mesmo vale para os exercícios da vida interior. Igualmente relativo ao cuidado e à cura de almas. Exercitando-nos em tudo o que nos é pedido - e que inicialmente pode muito bem parecer múltiplo - chegaremos facilmente à união constante com a Vontade de Deus, e então se realizará a palavra de Nosso Senhor: O meu jugo é suave, e o meu fardo é leve (Mt 11,30). Nada é mais suave do que carregar o jugo de Nosso Senhor; em lugar de sobrecarregar, ele sustenta e dirige.

Teremos, portanto, muito respeito para com a criança; tratá-la-emos com muita delicadeza; a própria criança tem às vezes - sem que o esperávamos - uma grande delicadeza de alma. Quando a criança parece rude, pouco inteligente, insensível, não nos enganemos; as impressões que ela recebe se gravam muitas vezes mais profundamente do que numa criança mais inteligente. Uma coisa de pouca importância que as tiver tocado pode determinar-lhes o rumo de toda a vida. Tem-se percebido que belas e magníficas vocações se desenvolveram assim em pessoas e circunstâncias que pareciam quase não prestar para isso. Sixto V, na infância, cuidava de porcos. Viu um monge passar e o observou curiosamente. O monge se interessa por ele, vê nele um ar inteligente, dirige-lhe algumas palavras amáveis e benevolentes. Voltaram a ter contato e o pequeno zelador de porcos entra no convento e se torna Papa. Se o monge que passava tivesse sido rude com o menino curioso, se o tivesse maltratado, Sixto V teria tratado os porcos por muito tempo e não se teria tornado nunca o Papa Sixto V. É uma questão sumamente delicada, esta da educação. Numa Obra, não há tanta precisão de cuidado. Mas

quando a gente se encarrega da educação completa da criança, para torná-la um homem, um cristão, e quando se tem a responsabilidade total dessa criança, a coisa é bem diferente. Um só diretor é suficiente numa grande Obra para jovens. Olhem quantos vigilantes e professores são necessários para um colégio. Precisa-se fazer aí algo de maior dedicação, de forma mais completa. Coloquem-se todos nesta perspectiva, a fim de que realizemos realmente a obra de São Francisco de Sales.

Dom Mermillod me disse: Com São Francisco de Sales, a gente pode formar homens perfeitos; somente seria necessário ocupar-se disso. Reparem as Visitações, acrescentava ele: as pensionistas não são muito numerosas, são educadas realmente; daí surgem mulheres admiráveis. Oh! como eu gostaria de ver a mesma coisa para os jovens. Verdade é que não seria tão fácil obter sucesso: a matéria prima não é tão flexível; mas o bem seria mais durável; os efeitos sobre a sociedade, maiores. Eis por que eu desejava ver a fundação dos Oblatos e colégios dos Oblatos.

Meus Amigos, o que nós realizamos não representa nada, se fazemos como todo mundo faz. O que não se fará jamais tão bem como nós é precisamente isto: respeitar sumamente a alma dos nossos alunos e cercá-los de nossa solicitude, sobretudo com relação ao Bom Deus.

Nas recomendações do Capítulo Geral, existe uma referência aos Anais. Lanço um apelo a todos os nossos Padres relativo aos Anais. Eles são o órgão de comunicação do Instituto. É um meio modesto, sem dúvida; não entramos em nenhuma polêmica nem fazemos política, não nos ocupamos tampouco de literatura. Os Anais são simples folhetos destinados a nós e àqueles que se interessam por nossas Obras. Contam o que se faz entre nós e aquilo que pode se referir a isso de alguma forma. É, portanto, o órgão muito modesto e muito simples da Congregação. Desejo ardentemente vê-lo difundir-se; ele é que torna nossas Obras conhecidas, que suscita interesse de estranhos nelas; diversas vocações de Oblatos já são resultado desse periódico e pode-se esperar que o número irá aumentando. Eles já originaram diversas ofertas materiais para o sustento de nossas Obras. É preciso, pois, que cada um assuma sua parte dos Anais. Nisso também daremos prova de um forte espírito de comunidade.

Às vezes, os Anais foram tratados um pouco superficialmente; banca-se o entendido e se aproveita para criticar algumas páginas. Destacam-se alguns artigos com um tom um tanto malicioso que, às vezes, pode fazer mal; vamos cuidar disso. Em última análise, qual é a idéia

Íntima dos que criticam tudo, dos que têm defeitos a pôr em tudo? É esta: Olhem para mim, admirem a mim, só eu é que sou a perfeição em pessoa, somente eu sou inteligente; eu sou o único que tem juízo; unicamente eu sou capaz de fazer alguma coisa, e tudo o que se empreendeu fora das minhas idéias, das minhas convicções, não vale absolutamente nada. Se um estranho diz isso sobre o que estamos fazendo, está bem; não nos ocuparemos disso. Mas o assunto se torna bem mais grave, meus Amigos, quando um religioso desconsidera os seus irmãos e o seu Instituto, quando o que ele diz pode desanimar aqueles aos quais os Superiores confiaram uma missão. O mal que ele faz assim pode ser de grande repercussão. Sejamos mais religiosos, mais generosos, mais bem-educados também.

Alguma coisa aparece nos Anais que não lhe agrada, que lhe parece pobre, mal expresso; claro que o Senhor pode ter sua opinião; diga-a a Padre Mayerhoffen; ele o receberá bem. Se for dizê-lo ao Pe. PQQ, primeiro ele o mandará plantar fava, ele sustentará que é o Senhor que não entende nada e, depois, acabará reconhecendo que o Senhor tem razão...

Não falem mal, portanto, dos Anais, nem entre si nem com pessoas de fora. Façam mais. Devem colaborar com os Anais. O Senhor trabalha num colégio, numa obra, está a serviço do ministério pastoral. Olhe aí um aspecto muito interessante, edificante; aproveite-o para os Anais. Façam como os nossos missionários que me escrevem fielmente, contando-me coisas muito interessantes. É o que há de melhor nos Anais. As missões, no entanto, ocupam só um pequeno lugar entre as obras e atividades do Instituto. Temos mais colégios do que casas de missionários; as almas com as quais lidamos em nossos colégios, em nossas obras, são tanto mais numerosas do que em nossas missões.

Recolham cuidadosamente, portanto, todos os fatos edificantes que encontrarem. Se gostamos mesmo do que fazemos, meus Amigos, se tomamos a peito a prosperidade de nossas Obras, de nossas casas, encontraremos alguma coisa a dizer. Isso é evidente. Olhem o povo grego: era um povo de nada: o seu território tinha o tamanho de uma Província, de um Departamento francês. Os encantos do país, a beleza de suas paisagens, tudo isso é medíocre. Tiveram alguns homens; estão presentes em toda a parte. Sua literatura envolveu tudo isso e fizeram disso maravilhas. Por quê? Porque amavam o seu país, porque falavam sobre ele com toda a afeição da alma. Não mentiam; era bem verdade o que diziam; fa-

lavam como sentiam. Todas as vezes que se sente vivamente, todas as vezes que se fala sobre o que se ama, a gente é eloquente. Eis por que esse povo foi um grande povo. Pectus est quod disertus facit. O coração é que faz os oradores; ele também faz os homens e as coisas. Amem aquilo que fazem e encontrarão muito a dizer e se expressarão bem, de uma maneira que suscitará interesse.

Será um sinal muito bom, quando os nossos Padres tiverem alguma coisa a escrever para os Anais; e será um sinal muito bom também, quando cada um de nós fizer o que pode para angariar assinaturas, contribuindo assim para a prosperidade dos Anais. As despesas correm completamente por nossa conta. Atualmente eles pagam as despesas, mas nem sempre foi assim; e se dessem um pouco de margem de lucro, não seria nada mal. Seria bem desejável. Pode-se dizer mesmo que não cobrem as despesas, considerando a parte artística. As gravuras são de um artista eminente, o Senhor Dargent, que consagra uma parte dos seus esforços e do seu talento admirável à ilustração dos Anais sem cobrar nada. É em reconhecimento de uma grande graça alcançada através da Boa Madre. Considerando bem tudo o que é preciso de trabalho, de paciência, de verdadeira arte, para levar a bom termo uma dessas gravuras extraordinárias como estão nos Anais e das quais muitas são caracterizadas por um aprimorado talento, compreende-se que a colaboração séria de um artista não é pouca coisa ou algo a desprezar. Convém agradecer e encorajar esse Senhor que se nos ofereceu tão gentilmente. Ele é de uma família de artistas. Seu pai era, outrora, muito conhecido meu em Troyes. O Senhor Yan'Dargent é um grande pintor e um artista cristão. Animemo-lo todos, portanto, pela colaboração que prestamos à obra, à qual ele quer dedicar o seu talento, seu tempo, até seu pão; artistas nunca são muito ricos!

Posso dizer isto aos que não o sabem. Os Anais são bastante lidos, muito estimados. Todas as pessoas que os têm em mãos me dão um testemunho muito elogioso. Pode-se estender um pouco o seu plano e disposição e torná-los mais modernos, mais atuais. Certamente não trataremos de política; mas o terreno da literatura religiosa é vasto. Resumos de obras interessantes, livros e fatos que podem interessar em matéria de história e de literatura podem fazer parte do nosso programa. O Padre Bony, que é muito hábil neste tipo de trabalhos, dará sua contribuição. Ele julga bem, tem um estilo excelente. É preciso pedir a Deus que sua saúde melhore para que ele possa fornecer-nos, de vez em quan-

do, algum artigo interessante e que será certamente estimado e apreciado.

Os Anais não são lidos somente na França. Há muitas assinaturas também na Suíça, na Itália, na Espanha, na Alemanha e no Vaticano; um pouco em toda a parte. O Arcebispo de Pérugia os estuda com interesse. Inspiram-lhe o desejo de ter Oblatos e Oblatas em sua diocese. É inteligente, este Arcebispo. Ele conta a sua sobrinha, a qual admira muito, os relatórios sobre o bem que se opera nas Obras: é uma verdadeira poesia! Com isso, ele quer dizer que os resultados ultrapassam os limites normais.

Interessemos-nos em tudo o que se relaciona a nossas obras. Recém, isto é, na última semana, encerramos aqui o retiro das jovens operárias das Obras. No domingo, houve 400 Comunhões. Isso já é alguma coisa, meus Amigos. Não são Comunhões feitas ao acaso, com ostentação ou levandade. Foram o resultado de uma fé muito viva e consciente, de uma coragem, de um embalo que não são comuns. E essas jovens precisam de força para conservar-se boas em meio à corrupção que encontram nas fábricas, nas lojas, e algumas até na família. Elas gostam de ouvir a palavra do Padre que dirige a Obra. Fazem o que ele recomenda fazerem e isso lhes parece fácil, porque são generosas. Nossa Obra de jovens, em Troyes, vai bem igualmente. Eles compreendem que a doutrina de São Francisco de Sales lhes serve muito bem. Acabam de dar testemunho de sua boa vontade também no retiro que o Padre Courtois recentemente lhes pregou e que obteve muito bons resultados.

Em Paris, o Padre De la Charie está encarregado de uma grande Obra freqüentada por 500 ou 600 crianças e jovens. Há 300 no domingo e outro tanto de escolares nas quintas-feiras. O venerado fundador dessa Obra, o Senhor Legentil, me disse: "Padre, eu lhe agradeço, porque ninguém me prestou o serviço que o Senhor me oferece. Os últimos Padres que tivemos foram excelentes; no entanto, foi impossível trabalhar bem com eles. Não conseguiram se entender com o Diretor. Eu precisava de Padres como os seus..." O Diretor - que é um bom e santo leigo não raras vezes, é um pouco original. Ele prega e confessa, quando lhe der na telha. Testemunho disso é o pobre Padre Delaage. Este sobe ao púlpito, num domingo, para fazer sua pregação. No momento em que ele quer começar a falar, o Diretor, que está aos pés do púlpito, abre a boca e diz: Crianças, o Padre vai lhes falar e lhes dirá isto e aquilo... E ele faz o sermão do Padre durante uma meia hora. Passada a meia hora, olha o

seu relógio: o tempo passou! E o Padre desce bem humildemente do púlpito. É isso também um pouco o que faz o Padre De la Charie, sucessor do Padre Delaage. Quando o enviei para lá, eu lhe disse: Deixe-o fazer, sem se irritar; a gente invadirá as atribuições e o ministério do Senhor. Não diga nada e dedique-se sempre. O bom Diretor, no entanto, não ousou ir tão longe com Padre Delaage; ele continua, sim, ocupando-se com uma quantidade de detalhes que são um pouco o terreno do capelão, do sacerdote. O Padre De la Charie fecha os olhos e se dedica quanto mais possível. O Diretor o respeita cordialmente, os jovens o querem bem e o escutam. Este resultado é devido ao fato de que o Padre tem sido um bom Oblato, de que tem praticado bem a reta intenção, de que tem aceitado da mão de Nosso Senhor tudo o que se apresentava e de que tem posto todo o coração e toda a boa vontade a serviço do bom sucesso de sua obra. Eis aí o espírito de nosso Santo Fundador. E o bem se realiza em São Carlos; é uma das Obras mais prósperas para jovens, em Paris.

Olhem os nossos missionários. Enquanto bem imbuídos deste espírito, como são bem-sucedidos, apesar das dificuldades, das provas e das contradições. Recebemos boas notícias do Cabo: é admirável a influência para o bem que nossos Padres exercem ao redor deles. Por que o bem não é feito em toda a parte tão perfeitamente como ali? Por que, em nossos colégios, não temos a mesma influência como nossos Padres no Cabo e nas Obras? Os Senhores mesmos dêem a resposta.

Todos se didiquem à sua tarefa com um devotamento semelhante, uma abnegação parecida; todos sejam generosos; e os resultados serão idênticos em toda a parte.

Concluo. Nós teremos, por nossos alunos, sejam quais forem, este respeito da fé que percebe, na alma da criança, a manifestação brilhante, a pequena chama do espírito divino, mesmo na alma mais miserável, no caráter mais detestável. Padre Lacordaire disse: O sacerdote, quando deixar cair da patena uma migalha da Santa Hóstia, se ajoelha, adora e a recolhe respeitosamente para não a deixar profanar. Lá, onde os Senhores vêem alguma parcela da divindade numa alma, prosternem-se, adorem-na, recolhendo-a com respeito, por medo de que se manche e se perca.

No que diz respeito aos Anais, queiram-nos bem como se quer bem o que é da casa, como se amam os amigos e benfeitores. Cooperem, à medida de seus talentos, na redação deles; mandem suas anotações. Sem dúvida, poderá acontecer que não se aceita tudo ou não se insere tudo.

Haverá, alguma vez, uma seleção de que o seu amor próprio não vai gostar talvez. - "Não se aproveitou verbalmente tudo o que eu tinha escrito; não enviarei mais nada!" Somos religiosos, meus Amigos; se nem tudo foi colocado como tínhamos dito, é que houve alguma boa razão que não conhecemos, mas que devemos aceitar com toda a humildade e cordialidade.

Procurem assinantes dos Anais e evitem levantar obstáculos contra eles. É o defeito de muitos; é por demais comum, entre nós, fazer a guerra àquilo que está do nosso lado. Não somos malvados; mas, às vezes, somos tentados a desprezar um pouco, a cair por cima de um ou de outro. Sejamos verdadeiramente fiéis servidores de Nosso Senhor e imitemos a Boa Madre Maria de Sales, e o Bom Deus estará conosco; e o que tivermos feito ficará.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

ALOCUÇÃO DO DIA 18 DE AGOSTO DE 1894

O DOM DE DEUS

Alocução para o encerramento do retiro e para uma cerimônia de admissão ao Noviciado - do Senhor Demoulin - e de profissão religiosa - dos Padres Boucher, Rafael Pernin e José Durand. Sexta-feira, dia 18 de agosto de 1894.

Nosso Senhor, cansado de longa caminhada, sentou-se perto do poço de Jacó. Era meio-dia. O Salvador estava esgotado. Estava esperando os seus discípulos que foram buscar comida na cidade. Uma mulher da Samaria vem buscar água. Nosso Senhor lhe diz: "Dá-me de beber". Muito surpresa de ver um judeu falar a uma samaritana, pedindo-lhe de beber - pois os judeus desprezavam os samaritanos e se recusavam a falar-lhes - essa mulher diz a Nosso Senhor: "Como, sendo judeu, tu me pedes de beber a mim que sou samaritana?" E Nosso Senhor responde: "Se tivesses o dom de Deus, se conhecesses quem te pede de beber, tu é que me pedirias de te dar água, tu é que me pedirias de beber na fonte que jorra para a vida eterna" (Cf. Jo 4,7-10). E Nosso Senhor aproveita a ocasião para instruir essa mulher; ele lhe revela os mistérios de sua

vida. A mulher se converte. Volta a Deus de quem se mantivera afastada. Dirige-se à cidade: "Venham e vejam," grita ela a seus conterrâneos, "olhem, se não é o Messias, pois ele me disse tudo o que eu tinha feito!"

Meus filhos, hoje de noite, eu lhes direi o que o Salvador disse à samaritana: "Se conhecesse o dom de Deus, se conhecesse quem é que lhe fala e soubesse o que lhe pede! Se entendesse a graça com a qual serão investidos logo em seguida, dando o primeiro passo na vida religiosa, fazendo sua primeira profissão."

Deus nos dá, mas não pode dar tudo o que ele tem. A criatura tem limites que são também os confins dos dons divinos. Deus não nos pode dar sua vida, sua sabedoria, sua justiça; não pode dar-nos sua divindade. Mas, quando ele dá a alguém a graça do chamado ao estado da vida religiosa, pode-se afirmar tranquilamente que ele dá tudo o que pode dar-lhe e que não pode dar mais; as graças das quais ele cumula a alma são todas divinas de forma toda especial, se se pode falar assim. Ele esgota os tesouros de felicidade interior e também da felicidade temporal que ele pode oferecer à pessoa.

Oh! meus Amigos, se compreendessem bem o que significa ser amados pelo Bom Deus até esse ponto, pertencer-lhe e realizar a obra dele no meio dos homens, representando-o na terra! O religioso que ouve e segue o apelo de Deus é marcado, desde então, por um sinal divino na alma; torna-se não mais o servidor, mas o amigo: Jam non dicam vos servos, vos autem dixi amicos (cf. Jo 15,15) (Não mais vos chamo de servos, eu vos chamo de amigos). Nosso Senhor não esconde mais nada para ele: Omnia quaecumque audivi a Patre meo notum feci vobis (id.) (Tudo o que ouvi do Pai eu vos dei a conhecer). Tudo o que o seu Pai lhe revela, ele o revela a nós.

Vivia, há algum tempo, na Visitação de Troyes, a Irmã Maria Genoveva. Todas as vezes que eu ia ao locutório, ela me dizia: O Bom Deus me disse isto ou aquilo. E dava certo, pois tudo o que ela me anunciava se comprovava à risca. Os Senhores também, meus Amigos, terão comunicações muito particulares de Deus sobre as questões das quais forem encarregados, sobre as quais tiverem que falar, com relação aos contatos com o próximo, referente à direção espiritual, no tocante à educação das crianças, relativo ao ensino e o conhecimento. Seus conhecimentos levarão as almas a Deus. Nosso Senhor lhes inspirará o que ele sabe. Nosso Senhor não pode dar coisas mais preciosas do que a amizade

com Deus, a segurança de que o Bom Deus nos ama, que ele está conosco e nos ajuda, que nós teremos parte em sua alegria e sua felicidade eterna. Não se pode dar nada de mais valioso a uma alma, aqui na terra. Quanto a nós mesmos e às almas que nos são caras, nada supera, portanto, a vocação religiosa.

O que o Bom Deus pode dar de melhor? Os Senhores desejariam talvez poder dar esmolas. Se o Bom Deus lhes enviasse grandes riquezas e um coração suficientemente generoso para responder a essa necessidade de compaixão, para apreciar o dom de Deus que lhes teria feito assim, seria bom, seria algo precioso. Ainda assim, o que significaria esse dom temporal, essa esmola que só oferece o pão cotidiano da vida material, alívio nas misérias físicas? E os Senhores, no entanto, irão levar às almas o pão da vida eterna. Irão espalhar a vida, a salvação, a felicidade em toda a parte. Nenhuma esmola à alma ou ao corpo do próximo se pode igualar à esmola que os Senhores poderão dar às almas.

E, se o Bom Deus os chama hoje, meus Amigos, se é agora que ele os colocou nesta terra, nesta época, nestes anos, apreciem que mesmo assim é uma graça imensa. Este tempo nos pertence; não pertenceu aos que nos precederam; não pertencerá aos que nos seguirem; e não temos por que queixar-nos da escolha que Deus fez para nós. Esta época está marcada de uma característica toda especial na história da Igreja. Poucos períodos, talvez nenhum, reclamam tanto o apostolado, o devotamento. Nunca a palavra de Deus foi mais necessária do que na hora atual.

Inauguramos, há algum tempo, uma estátua de Joana d'Arc. Falou-se muito sobre ela. É um assunto que não vi apoiar suficientemente. Foi o enlouquecimento, o embotamento, o embrutecimento do espírito patriótico na França, naquele tempo. Aceitava-se que a França não fosse mais uma nação, que fosse subjugada, aniquilada; jogavam-se nos braços de um povo estrangeiro e inimigo, entregando-se a ele. Todos os franceses estavam loucos naquele momento; é realmente inconcebível. Como se explica um tamanho deslize? Como um povo civilizado e cristão pode atirar-se num semelhante desânimo, abraçando, com alegria no coração, a mais vergonhosa servidão? Na França, no tempo de Joana d'Arc, não havia mais, portanto, nem inteligência, nem coração?

A época atual é quase igual. Parece que a França não quer mais continuar sendo uma nação. Ela se desfaz cada dia, de coração faceiro, abandonando a lei de Deus. Nosso Senhor atuava pela França; ele a conduzia a gloriosos destinos. A França não chegou ao primeiro lugar entre

as nações, a não ser por Jesus Cristo e pela fé cristã. Nesta hora, como no tempo de Joana d'Arc, as cabeças se desviam, e os corações se congelam. A França marcha arrastada por pessoas que parecem ter perdido completamente o bom senso, que se aniquilam deliberadamente, que - por si mesmas - destroem toda a sua atividade. Quanto mais obstáculos põem contra o ressurgimento do país tanto mais acreditam ter feito algo de bom, exatamente como fizeram no tempo de Joana d'Arc.

O Bom Deus, naquela época, salvou a França pelo braço de uma simples camponesa. A oração de Joana d'Arc, no cubículo de Domrémy, quartinho de paredes de barro e aberto só para o lado da igreja, marca o início da salvação da França.

E nós também, que nos encontramos numa época parecidíssima àquela de Joana d'Arc, rezemos, ajamos. Nossos esforços, por humildes que pareçam ser - exatamente por serem humildes e pequenos - suscitam imensos resultados; Nosso Senhor trabalha conosco.

A Boa Madre não me disse muitas vezes quais seriam os efeitos de nossa Obra? É preciso que acreditem nisso, meus Amigos, mais do que eu mesmo acreditava. Os Oblatos chegam na hora certa; devem ajudar a França a retornar a Deus. Não foi essa a palavra que o Papa nos disse, a Padre Deshairs e a mim: Vão para a França!

Digam-me, quando Joana d'Arc - depois de ter recebido a inspiração divina - se preparava para a luta, ela não era muito mais fiel ao Bom Deus? Não se confessava e comungava mais seguido? Sua oração não era mais constante, mais generosa, e sua conduta, mais fiel? É isso mesmo o que temos que fazer. Eis o que é preciso realizar; é incumbência especialmente dos Senhores, meus Amigos, que se preparam para correr a mesma carreira. E farão as mesmas maravilhas no meio deste povo que também sofre uma verdadeira desorientação intelectual e que não se entrega aos ingleses, mas ao próprio diabo.

Si scires donum Dei! (Jo 4,7) (Se conhecesses o dom de Deus!) Compreendam por que Deus nos chama e o que lhes diz essa voz que lhes fala ao ouvido do coração e da inteligência. Levantem-se, andem e façam o que Deus lhes disser. Essa voz é um dom de caridade, é um dom de amor imenso para os Senhores. Acreditam os Senhores que Deus não amava, de um amor todo especial, de complacência e de ternura, a criancinha de Domrémy? E vejam quais foram os efeitos imensos e infinitos do amor divino presente no coração deste pequeno ser. É também um sinal de um grande amor, de uma ternura inefável, quando Deus chama uma alma infan-

til, juvenil, quando chama a trabalhar para a salvação das almas. E os efeitos produzidos são incomensuráveis. Independentemente dessa visão de nossa vocação, que é um pouco elevada, podemos procurar outras, meus Amigos, igualmente concludentes e eloquentes, ao examinarmos o dia a dia de nossa vida, as nossas ocupações de cada jornada. Lá também - e eu diria mais ainda - vale o "si scires donum Dei" (id.), se compreendesse o dom de Deus! O Bom Deus escolheu para si a alma do Senhor; o Senhor, seu representante e seu ministro, pertence a ele. Alguém, uma pobre alma desgarrada ou angustiada se apresenta ao Senhor para pedir-lhe a luz, para pedir qual o caminho a seguir, a respeito daquilo que ela deve fazer para encontrar Nosso Senhor e não deixá-lo. E o Senhor lhe abre a porta do amor divino e lhe diz o que é preciso para que ela veja, para que tenha compreensão de Deus. O Senhor é o porta-voz, o canal, o instrumento da graça divina e da salvação das almas. Essas coisas são o seu tesouro; são para o Senhor. É um dom que Deus não deu a todos, não o deu nem a seus anjos. Estes não dispõem, como o Senhor, dos segredos de Deus para a salvação das almas. Eles não recebem o que o Senhor recebeu: uma parte do Sangue de Nosso Senhor, uma parte das luzes e da força todo-poderosa do Espírito Santo para iluminar os espíritos e fortificar as vontades. É algo que não se pode comunicar a não ser ao Senhor. Ah! se soubéssemos bem isso!... Se compreendéssemos bem como todo o nosso ser, em virtude da nossa vocação, é posto totalmente à disposição de Deus, participa da plenitude da força divina, da profundidade dos segredos divinos; como proporcionamos assim o próprio Deus, a substância divina às almas!... Além disso, meus Amigos, no que diz respeito a nós, o dom de Deus não é somente um dom geral, universal, é o dom da Boa Madre Maria de Sales. Existe nisso uma revelação, uma iluminação toda particular para as almas às quais esse dom é concedido. Há pouco, eu li a esse respeito uma carta de um religioso eminente, o Procurador Geral dos Irmãos das Escolas Cristãs. As considerações de sua carta, o que ele diz sobre a Boa Madre, sobre a conveniência do dom dela para levar as almas a Deus, e sobretudo as pessoas religiosas, são realmente impressionantes. O que ele diz mostra quanto ele se compenetrava disso e quanto aproveitou disso para si mesmo.

É algo valioso, uma doutrina assim; e os Senhores é que dispõem dela! Si scires donum Dei! (id) (Se conhecesses o dom de Deus!) Como os Senhores o compreendem? Por sua fidelidade, por suas comunicações com Deus na meditação, na Santa Missa, na reta intenção, nos mo-

mentos de provação pelos quais passarem. Então é que o Salvador virá aos Senhores. Sentiremos sua presença; compreenderemos que ele está presente por esta pulsação interior do coração que manifesta sua caridade. Si scires donum Dei (id.) (Se conhecesse o dom de Deus!)

Todos nós, portanto, somos chamados a participar desse dom de Deus, cada um à medida da vocação que Deus lhe deu. A parte será maior ou menor, mas todos o partilharemos. Quando o pai de família corta o pão para seus filhos, todos ganham sua parte, segundo o seu tamanho e necessidade. O menor, que só recebe um pedacinho, é tão generosamente servido quanto o maior, que recebe uma parte maior. Uma distribuição equitativa não é necessariamente de partes exatamente iguais, mas de acordo com as necessidades de cada um, levando-se em conta a quantidade de força moral ou física que cada um deve empregar.

Hoje, meus Amigos, todos viremos, seguindo a samaritana, ao redor do poço de Jacó, ao redor da fonte de bênção, onde o Salvador se revela tal como é para a alma que ele ama e que chama. Rodeemo-lo, escutemo-lo dizer a nós também: Si scires donum Dei (id.) (Se conhecesse o dom de Deus). Respondamos a Nosso Senhor com a samaritana: "Ah! Senhor, dai-me desta água, fazei jorrar no meu coração essa fonte que corre para a vida eterna e que dessedentará minha alma de maneira que ela não tenha mais sede de outra coisa, que ela fique saciada para a vida eterna."

É esse o sentido do seu engajamento, de seus votos. Sejam, pois, felizes por dar-se ao Bom Deus. Ele lhes conserve, todos os dias da vida, a abundância das graças que hoje lhes dá; essas graças aumentem até o dia em que ele os introduzir nos tabernáculos eternos. Assim seja.

Fim do retiro de 1894.

R E T I R O D E A G O S T O D E 1 8 9 6

(pregado no "São Bernardo")

PRIMEIRA PALESTRA

O RETIRO

Meus caros Amigos, todos os retiros têm alguma coisa em comum. São os mesmos exercícios, quase as mesmas palestras; são as mesmas obrigações a cumprir. E, no entanto, existem em nossa vida retiros que são bem mais importantes que outros, que são de uma importância capital. Assim é que considero este retiro muito importante. Non multum loquar vobiscum... (Jo 14,30) (Não vos falarei muito). Estou ficando velho. Quem sabe os desígnios de Deus? Talvez os Senhores não tenham oportunidade de ouvir-me muitas vezes ainda, e as palavras que lhes digo, cada vez mais, terão um eco vindo de um passado longínquo. Convém, portanto, que tragam para este retiro a boa vontade de que são capazes para aproveitá-lo bem.

O retiro assume grandes proporções para nós, quando consideramos suas conseqüências. Estamos começando... Há muito tempo que lhes venho dizendo que estamos começando... Em verdade, até agora não temos disposto de muito pessoal. Nossa organização tem sofrido disso. Nós tivemos grandes empreendimentos e poucos trabalhadores para realizá-los. Tivemos grandes labutas e pouco amparo em nossa volta. Um número reduzido de pessoas veio bater à nossa porta; entre esses poucos, houve muitos que não puderam ficar firmes e deram volta, seguindo por outro caminho. Estamos, portanto, verdadeiramente nos primórdios ainda. Pois bem! Importa começarmos de verdade.

O retiro, temos que fazê-lo pessoalmente para nós; mas é preciso também que o façamos para todas as nossas obras, os nossos colégios e as almas que nos são confiadas; para a multidão das almas que - conforme os desígnios de Deus - hão de receber um dia, por nosso intermédio, a inspiração, a luz, as graças... A Boa Madre estava no seu leito de morte, prestes a dar o último suspiro; ela me disse diante de toda a comunidade reunida: "Eu gostaria muito que o Bom Deus me desse ainda algum tempo para ver o que ele vai fazer. Será grandioso o que

vai fazer; será muito bonito, muito bonito!... Ver-se-á o Salvador andar ainda sobre a terra... e seu espírito difundir-se nas almas." Essa é uma profecia, meus Amigos...

Dom Ravinet, bispo de Troyes, que nos admitiu no Noviciado, fez-nos uma pequena alocução naquele dia; ele nos disse: "Hoje estou semeando a sementinha de mostarda. Este grãozinho logo crescerá e os pássaros do céu virão repousar nos seus galhos. O que os Senhores começam hoje terá grandes efeitos e não ficará estéril na Santa Igreja de Deus." Eis uma outra profecia. Surgiu de um santo Bispo.

Ambas as profecias, provindas dos santos, se originaram certamente da luz divina, da inspiração do alto. Através de nós é que elas devem cumprir-se. Examinaremos, durante este retiro, se estamos realmente à altura dessas promessas, se cada um de nós tem respondido bem como devia às graças divinas, se compreendemos bem, se nos damos conta, se - percebendo a vinda dessas graças - não desviamos o olhar para ficarmos indiferentes, frios, procurando dar a nós a parte devida a Deus, em vez de nos doar totalmente a ele, ao calcularmos para dar ao próximo o menos possível. Examinemos bem os nossos pensamentos, nossos sentimentos, os motivos que nos fazem agir. Isso é o princípio e o ponto de partida.

Vamos fazer o nosso retiro, portanto, para que os nossos colégios, nossas obras, recebam luz e impulso, para que sejamos - entre essas almas e Deus - meios de comunicação fiéis; para que recebamos dele os meios, os termos exatos que transmitirão inteira e totalmente a palavra divina a estas almas e que as envolverão inteira e totalmente no movimento que Deus quer imprimir-lhes. Meus Amigos, todas as graças que podemos espalhar nas almas, todo o sucesso que podemos ter, visa isso mesmo. Cada um de nós deve ser somente intermediário fiel de Deus e nada mais. Afirmo-lhes isso em nome de Deus e com toda a convicção de minha alma; entre nós, nada será levado a cabo, nada será abençoado e não terá sucesso a não ser sob essa condição. É preciso que Deus esteja conosco, que ele seja o nosso centro, a respiração de nossa alma, de nossa vida, de nossas obras. Fora dele, não realizaremos nada, absolutamente nada. As almas às quais nos dirigirmos ficarão áridas, os corações insatisfeitos, as inteligências tapadas... Por quê? Será um castigo da justiça de Deus. Ele nos colocou um dom imenso nas mãos e quer que usemos os meios para aproveitá-lo.

Se tivessem vindo ontem à igreja de São João, teriam visto

quatrocentas moças do povo comungarem, operárias jovens de nossas Obras. E teriam visto, na conduta delas, na sua fisionomia, aquela irradiação, aquela alegria, a candura, aquele não-sei-quê próprio de um dia de Primeira Comunhão. Devido a quê? Em grande parte, eu acho, graças à nossa doutrina, aos meios que empregamos, ao auxílio que o Bom Deus nos dá, devido à luz com a qual ele acompanha nossas palavras, devido às graças com as quais ele enriquece nossos esforços junto às almas. Não estamos aqui somente como seminaristas, como sacerdotes no ministério pastoral, como uma comunidade de religiosos dedicados à meditação e à mortificação. Estamos aqui para aderir à doutrina e aos meios de São Francisco de Sales e da Boa Madre Maria de Sales. Encontraremos o caminho para as almas tanto mais segura e eficazmente quanto nossa personalidade viver dessa vida, respirar essa atmosfera. Assim, somente assim, é que havemos de valer alguma coisa.

Vamos fazer o retiro, portanto, em vista dos nossos colégios, das nossas obras, das nossas missões...

Nossas missões sofreram muitas provações neste ano. Continuam sofrendo ainda agora. Mas como o Bom Deus as abençoa! Que resultados magníficos! A que se deve isso? Não nos iludamos. Quando tivermos belos resultados, não devemos nunca atribuí-los a nossos talentos, a nossas virtudes, mas antes à graça que o Bom Deus liga ao nosso ministério. E essa graça - mais uma vez e ainda mil vezes - é totalmente o resultado de nossa vida de Diretório, do esquecimento de nós mesmos para pertencermos totalmente a Deus. Nossos missionários sofreram corajosa e fielmente: a graça veio em abundância.

Devemos também nosso retiro a nossos pregadores, aos que dirigem as almas, àqueles que se dedicam ao ministério pastoral. É aí sobretudo, meus Amigos, onde se poderá conhecer-nos e apreciar-nos. É nesse campo sobretudo, onde se compreende nossa vida, onde se encontra o pão que alimenta as almas, onde essas almas encontram os auxílios apropriados, correspondentes à sua necessidade, sendo meios eficazes para chegar à santificação da vida, das tribulações e dos sofrimentos. É tão notável tudo o que nossos Padres me dizem, tudo o que me escrevem de todos os lados. Não vejo quase ninguém que não seja sensível a esses meios, que não acabe por render-se com satisfação, totalmente feliz.

Diante desses fatos, poderíamos nós ficar indiferentes?... Talvez me dissessem: Eu sou professor de retórica, sou vigilante, sou isto ou aquilo. Como o Senhor quer que eu responda a essa graça? Como

deseja que eu me alimente desses pensamentos? Exatamente porque o Senhor é vigilante ou professor, é preciso nutrir-se disso e procurar que os que o Senhor tem que vigilar ou ensinar, tirem proveito. É mister lembrar-se da presença de Deus, em seu estudo, em sua sala de aula. É necessário que o Senhor faça isso como o Diretório indica, como lhe ensinaram a fazer no Noviciado. Sob essa condição somente, é que podemos ser bem-sucedidos e conquistar as almas e as vontades de nossos alunos e dos que vêm a nós.

Eu sou velho, meus Amigos. Podia, durante muitos anos, fazer experiência; aproveitei também experiências que outros fizeram antes de mim. Afirmo-lhes diante de Deus que os meios dos quais dispomos são os mais seguros e eficazes de todos. Esses meios nos foram confiados a nós; são propriedade nossa. Foram tirados, dizia-me a Boa Madre, do tesouro da caridade divina. Esse tesouro foi entregue em nossas mãos e não nas de outros. Dêem-se conta da obrigação diante da qual nos encontramos, a obrigação de fazer valer esse dom de Deus, fazê-lo conhecido, apreciado e fazê-lo frutificar. É o que os Senhores vão preparar durante o retiro.

Não somente no momento presente, somos obrigados a preparar-nos para fazer o dom de Deus frutificar, é preciso também preparar-nos para o futuro. Somos os primeiros, meus Amigos; outros virão. Que herança vamos deixar-lhes? Estejamos muito atentos a isso! Deus é um Deus zeloso, severo, inexorável em relação àqueles aos quais ele confiou seus tesouros e os deixaram perder-se. Esse tesouro que nos é confiado, devemos-lo a nós e aos outros: devemos conservá-lo e transmiti-lo àqueles que virem depois de nós. Se o dissiparmos, por nossa negligência, se o deixarmos perder-se, e se não sobrar mais nada, que encontrarão os que devem suceder-nos? Eu não tenho medo de ameaçar com a justiça de Deus - eu tenho constantemente provas disso - os que não guardarem esse dom, os que não o transmitirem a seus sucessores...

É uma coisa muito particular, meus Amigos; todos aqueles que foram contra a nossa doutrina, todos os que a combateram, de uma forma ou de outra, tornaram-se vítimas... - eu não sei como expressar-me, faltam-me as palavras... - sim, sem dúvida alguma, as vítimas da justiça divina, e de maneira horrível. Não há uma só alma dessas, acredito, que não tenha sofrido castigos incríveis. Acho que seria conveniente recolher e registrar esses fatos em nossos Anais...

Quando São Pedro, no começo da Igreja, disse a Ananias: "Por

que mentiste ao Espírito Santo?" e a Safira: "Eis os pés daqueles que levaram o teu marido, e eles vão levar-te a ti também!" (Cf. At 5,3-9), São Pedro não era cruel, não era um tirano, era apenas o executor de uma justiça amarga e terrível; e, no entanto, os Senhores sabem o que aconteceu... Por quê? Porque essas coisas são o dom de Deus, o dom de sua predileção e do seu amor. Ora, Deus é implacável todas as vezes que se encontra face à negligência completa e diante do desprezo dos dons de seu amor; ele retira a mão e deixa a alma ingrata cair no fundo do abismo...

Recorram a suas recordações, meus Amigos, verifiquem em sua volta e constatarão que não estou exagerando nada... Mas por que isso? Deus dá muito valor a esses dons íntimos de seu coração; faz questão deles de maneira ilimitada; quer que tiremos proveito deles, e que façamos os outros aproveitarem os mesmos. Se não o fizermos, ele nos castiga.

Vamos fazer este retiro, portanto, meus Amigos, para tornar-nos verdadeiros Oblatos, para compenetrar-nos dessa Vontade Divina, para fundamentar-nos nela, isto é, nessa intenção eterna de estabelecer sobre a terra uma Ordem de caridade, de santidade que dispense amplamente os méritos do Salvador. É uma Ordem que - como o repetia muitas vezes a Boa Madre Maria de Sales - deve estabelecer sua morada no mais íntimo da Caridade divina, que deve reimprimir o Evangelho pormenorizadamente, palavra por palavra, escrito pelo punho do próprio Salvador... Esse dom de Deus foi-nos entregue e posto nas mãos em sua totalidade. Temos a responsabilidade absoluta dessa tão grande graça. Durante quarenta anos, eu acompanhava isso; escutava essa doutrina, mais ou menos duvidando; eu o reconheço: com um bom tanto de incerteza. Vejo claramente que o fundo era caracterizado por uma suprema verdade e por uma elevada doutrina. Assistia diariamente ao desenvolvimento, à realização de tudo isso. Quando a Boa Madre me fazia alguma profecia, e - alguns dias depois - eu via a realização palpável da mesma, (aqui não posso entrar em detalhes) eu era obrigado forçosamente a render-me. A ação de Deus era clara como o dia... Quando eu via a Boa Madre voltar da Santa Comunhão, da meditação e me falar de todas essas coisas, eu experimentava o Bom Deus, sentia que isso vinha do Céu; eu não podia negá-lo. "É o dom dos Oblatos," ela me repetia, "está destinado a eles!..."

Sou, pois, obrigado a dizer-lhes isso, meus Amigos, para fazer-lhes compreender nitidamente todos os recursos que existem à dispo-

sição, para fazer-lhes entender claramente que há graças que os Senhores não encontrarão em nenhuma outra parte, porque foram entregues somente a nós. Isso é tão confiável quanto a pedra de toque; é como um corpo carregado de eletricidade que não pode ser tocado sem produzir um choque. Tudo o que a Boa Madre disse produz o seu efeito a serviço e para a salvação das almas: nisso consiste o nosso patrimônio.

Invoquemos para nós, durante este retiro, a luz divina que ilumina nosso caminho, que nos mostra por quais meios poderemos chegar a aproveitar inteiramente esse dom, iluminar os outros e realizar os desígnios de Deus com relação a nós. O retiro é exatamente para isso. Vamos fazê-lo como estamos acostumados a fazer sempre os nossos retiros.

Existem certas advertências a fazer, como sempre. É preciso chamar a atenção para certas coisas que facilmente são esquecidas... "Padre," poderá alguém dizer, "eu não compreendo muito bem o que o Senhor diz: isso me parece muito místico!..." Um outro não está tão bem disposto: "O retiro me cansa e me aborrece. Fadiga-me o corpo e me importuna o espírito... Não me alimento como de costume, durmo mal, estou pouco à vontade, estou totalmente fora do meu ritmo, encontro-me constrangido, sinto-me forçado por uma vontade que não é a minha; eu soffro..."

Oh! o que o Senhor diz aí é verdade. E é muito bom que carregue um pouco a cruz. Faça seu retiro em meio a essas angústias; quanto mais disso houver tanto mais seu retiro será bom. Digam: "Fiat" (Seja feito), avancem decididamente, e a graça de Deus operará. O Bom Deus providencia os grãos e as gotas do orvalho para os passarinhos do céu; creem os Senhores que ele não lhes preparou também as graças do retiro? Acreditam os Senhores que ele não estendeu sua mão providencial sobre cada uma das circunstâncias do retiro? Está presente, totalmente, quem os observa e os ama. Adorem-no nessa idéia maçante, nesse aborrecimento e desânimo, nesse incômodo que experimentam, nas trevas e na aridez de sua alma. Repetir-lhes-ei pela décima vez que vi, na Visitação, as mais santas almas passarem seus retiros dessa forma. A Irmã Maria Genoveva nunca o fazia de outro modo e era uma grande santa!

Sejam fiéis ao regulamento do retiro: seja para os Senhores algo santo, sagrado, que respeitaremos como os filhos de Israel respeitavam a arca do Senhor. Não se deve tocar nisso, nem meter a mão, sob pena de morte. Seria a morte de nosso retiro, o aniquilamento de todos

os nossos bons propósitos.

Façam isso, meus Amigos, compreendam bem essas coisas. Ensinem àqueles aos quais os Senhores pregarem para que façam assim o retiro. Desse modo ele se realizará com facilidade, com boa disposição e um grande desejo de pertencer ao Bom Deus, como nos ordena.

Quanto às meditações de retiro, será bem como na Visita ao Santíssimo Sacramento sobretudo; os Senhores sigam a atração da graça para cada um. Falta-lhes soal. Falta-lhes a fé? Frequentemente nos falta. E por quê? Por incapacidade, devido ao pecado original e também em consequência de nossas faltas, de nossas pequenas infidelidades. O raio divino não chega mais tão puro, tão direto à nossa alma. Falta-nos a fé em nossa vida de religiosos, falta-nos a fé no Diretório, falta-nos a fé na obediência... Meditemos sobre isso e peçamos a fé: Domine, adauge nobis fidem! (Lc 17,5) (Senhor, aumentai-nos a fé).

Falta-lhes coragem? Meditem sobre isso. Estão sujeitos a distrações, sofrem divagações de espírito? Redite ad cor (Is 46,8) (Caí em vós mesmos). Concentrem-se, voltem a Deus que está aí, em sua frente, na Santa Missa, no sacrário, no seu coração. Peçam ao Bom Deus que não deixe o seu espírito e seu coração se dissiparem.

Façamos dessa maneira o nosso retiro. Repito-lhes que o considero muito mais importante do que um retiro do clero, porque os Senhores devem dispor, seja de uma forma seja de outra, de graças mais amplas, mais profundas ainda que no ministério sacerdotal simplesmente, em favor das almas que lhes forem confiadas. Seu retiro deve ser melhor do que qualquer outro, não somente por esse motivo, mas sobretudo - e aqueles que compreenderem isso serão chamados bem-aventurados - porque o Bom Deus nos escolheu entre mil, entre dez mil. Escolheu-nos e chamou, não para colocar-nos na extremidade da mesa, lá na ponta, como Judas; não para colocar-nos no centro da mesa, rodeados dos outros Apóstolos, mas para colocar-nos bem perto dele, com São João, o Apóstolo bem-amado, para que repousemos sobre o Coração de Jesus, para que compreendamos o que ele nos diz e que o façamos compreender e amar pelas almas; para que tenhamos aquilo que ele nos destinou desde toda a eternidade.

Durante o retiro, na Visita ao Santíssimo Sacramento, venham como São João e peçam ao Salvador que lhes revele o que ele é para os Senhores e o que devem ser para ele!

SEGUNDA PALESTRA

OS VOTOS

Sustinete Dominum (cf. 26,14) (Aguardem o Senhor). Esperem a ação do Senhor. Façam o retiro como ele o preparou para os Senhores; aceitem-no como ele lhes dá. Os Senhores não têm outra coisa a fazer durante o retiro senão acolher a graça de Deus. Não é aquilo que os Senhores podem fazer por própria conta, por empenho pessoal, ou segundo um ou outro método determinado que garante um retiro bem feito. É Deus conosco. Venite seorsum in desertum locum (Mc 6,31) (Vinde vós, sozinhos, a um lugar deserto). Caprichem, portanto, durante este retiro, aceitando tudo de coração aberto, praticando perfeitamente o Diretório, não faltando a nada do que lhes é indicado; observem com exatidão, à risca, as prescrições do horário. Baseiem-se inteiramente na Regra; ela permeie todo o seu ser; então ela operará.

Ensinem bem esta doutrina às almas que hão de conduzir a fazerem retiros. Sem dúvida, não todas as almas passam pelo mesmo caminho. As graças são diferentes; diferem de uma alma para outra como se diferenciam os traços do rosto, o timbre da voz; os espíritos sempre são diversos, mas existe uma maneira de ser que combina com todo o mundo, a saber, fazer o retiro como lhes indico, isto é, fazendo o retiro com o próprio retiro, ou seja, com os exercícios do mesmo, com os incômodos, o aborrecimento, as repugnâncias, os desânimos, pouco importa o quê. Considerem isso como coisas preciosas, como sendo a expressão direta da Vontade de Deus sobre os Senhores. E seu retiro será perfeito.

O retiro se estende sobre todo o ano, deve durar toda a vida. O retiro não é somente passar quatro ou cinco dias perto do Bom Deus, mas é para que ele fique com os Senhores o ano todo como durante o retiro. Isso se precisa compreender bem e aceitar plenamente. Façam assim, meus Amigos; ser-lhes-á sumamente vantajoso.

Enquanto Nosso Senhor vivia no mundo, nos anos de sua pregação evangélica, quando a multidão o rodeava, dava-lhe somente pão; uma vez só lhe deu um pouco de peixe. Depois de sua ressurreição, porém, não somente lhe dava pão e peixe, mas acrescentou um favo de mel. Assim é sua maneira de ser... Ele lhes dá pão seco? Pelo menos têm alguma coisa para comer. Acrescenta ele alguma coisa a seu pão? Um favo de mel? Agradeçamo-lo: Dominus est (Jo 21,7) É o Senhor!

Coragem, portanto! Sustinete Dominum (Sl 26,14) (Esperem o Senhor). Aguardem, aceitem tudo o que o Senhor envia; isso tornará seu retiro excelente e perfeito. É melhor do que a meditação, que a leitura, que a pregação, que tudo o que quiserem. Segurem isso e o aproveitem, agora e mais tarde, para si mesmos e para os outros. Eu vejo com satisfação que o retiro é feito com recolhimento, que cada um pensa seriamente na sua alma, que cada um tem o desejo de se revigorar na vida religiosa, começar uma vida mais perfeita, com maior entrega ao Bom Deus.

Desejo dizer-lhes, esta noite, algumas palavras sobre os votos. Antigamente, quando os votos eram revestidos de uma grande solenidade, quando as leis humanas os protegiam e mesmo os garantiam, - de tal maneira que quem tivesse feito o voto de pobreza não podia possuir mais nada no mundo, que aquele que tivesse feito o voto de castidade não podia jamais contrair matrimônio, e quem tivesse feito o voto de obediência ficava sempre [por parte da lei civil] na dependência de seus Superiores - os votos, então, pareciam ser algo imponente e faziam grande impressão.

Eu me lembro de uma carta do Senhor Chappuis, o pai da Boa Madre Maria de Sales, que enviou dinheiro a suas filhas Visitandinas e recomendou: Será preciso dar este dinheiro à Madre Superiora para que ela disponha dele a seu critério, desde que vocês mesmas não podem mais fazê-lo. Naquele tempo todo mundo sabia disso... Todos sabiam um pouco de Teologia, em vez de se ocupar - como agora - de coisas ridículas.

Em Troyes mesmo, nos primeiros tempos do meu sacerdócio, conheci um certo número de idosos que tinham estudado Teologia e cumpriam bem os seus deveres religiosos e que estavam perfeitamente a par de tudo o que tinham que fazer para a salvação de sua alma. Hoje quase não se encontra mais gente assim, infelizmente... A falta de Sacerdotes se faz sentir...

Na Itália, na Alemanha, na França, em todos os países católicos, a necessidade impeliu os Bispos a fazerem reclamações insistentes junto ao Papa para que os religiosos que não perseveraram em sua vocação pudessem ser aceitos no clero diocesano. E muitas permissões foram dadas. Foi um grande golpe, um grande abalo aplicado à pirâmide tão sólida da vida religiosa!

Pois bem, meus Amigos, no fundo, o que será que pode ocasionar essa mudança de discípulo, segundo a opinião íntima de cada um de nós? Será que os votos que fizemos ao Bom Deus têm a mínima coisa a ver com uma questão de lei civil ou de polícia? Será que as dispensas que a Igreja concede *ad duritiam cordis* (cf. Mt 19,8) (por causa da dureza de coração), nos deixam livres, no íntimo da consciência, de faltar, sem razão válida, aos compromissos que assumimos perante Deus? Faltando à palavra dada a um homem, não observando as obrigações assumidas com relação a ele, o Senhor é um elemento desonesto; se isso se refere a uma sociedade comercial, o Senhor é considerado ladrão; tratando-se de simples relacionamentos de amizade, o Senhor será qualificado como desprezível e sem caráter. Digam que os votos que os Senhores fizeram a Deus no íntimo do seu coração obrigam estritamente e para sempre, ou então nenhuma promessa, nenhum compromisso pode ligar-nos ou obrigar-nos neste mundo. Então tiveram muita razão em inventar o divórcio! O que sobra de sagrado sobre a terra, se os votos feitos a Deus não o são mais? Nada mais...

Os votos, pois, são algo respeitável, meus Amigos. Podem ser considerados sob vários aspectos.

Os votos religiosos acarretam uma obrigação. Pesquisem todos os livros que tratam da questão; todos falam longamente da obrigação que o voto traz consigo. Mas nem isso é tudo. A obrigação dos votos: sim, a expressão é correta; é uma coisa incontestável, mas é somente uma obrigação? E quem faz o voto não toma nada mais do que um jugo nos ombros? Somente encontra dificuldades e sofrimento, somente algemas e travas do cativo? O religioso não tem outra posição na Igreja senão a de um escravo? A maioria dos tratados sobre a vida religiosa abordem-na um pouco nessa ótica. Por quê?... Talvez porque não tivessem a noção completa, certa e concreta dos votos...

É este o conceito. Os Senhores fazem os votos de pobreza, castidade e obediência, segundo a Regra que lhes ensina a praticá-los. Obrigam-se sob pena de pecado mortal. Sejam solenes sejam simples, pouco importa; a obrigação do voto é igual; uma vez feito o voto, o que assumiram obriga como os mandamentos de Deus e da Igreja os obriga. Eis a doutrina. Na vida religiosa os Senhores têm treze mandamentos de Deus, em vez de dez. Ou, se preferem, têm nove mandamentos da Igreja, em vez de seis. Os votos seriam, então, uma obrigação a cumprir a nada mais?... Não mesmo! O voto é uma ajuda muito valiosa, sumamente encan-

tadora, para fazer-nos suportar os deveres da vida religiosa. Em vez de ser uma corrente, uma argola de ferro no pescoço, são uma porta à liberdade. Não nos mergulham num cárcere tenebroso onde os raios de luz não podem chegar à nossa alma; não, é a luz da vida. Não nos sepultam como outrora Jugurta, numa gélida prisão, mas espalham ao redor de nós uma atmosfera suave e amena.

Não pretendo demorar longamente nos detalhes de cada voto em particular.

Uma palavra sobre a obediência.

Os Senhores são religiosos; estão obrigados a obedecer. Mas escutem-me bem! Todas as vezes que tiverem uma obediência a cumprir - seja ela agradável ou desagradável - pensem que no mundo, como na vida religiosa, a gente muitas vezes é obrigada a obedecer. Os Senhores têm o seu voto que os coloca em contato imediato com Deus, em relação direta com ele. O que teriam feito contra vontade, vão fazê-lo de bom grado, com a ajuda de uma graça toda especial de Deus. O Bom Deus dá sua graça ordinária a todos os homens de boa vontade; mas os Senhores, como religiosos, agem com uma graça de escol a qual torna os seus atos de obediência simplesmente perfeitos e cumula os Senhores da graça divina. Isso representa a santidade para os Senhores. Ter bastante fé no voto de obediência, será a luz para os Senhores, implicará, sem cessar, em atos de suprema santificação e de imensa consolação. Os Senhores têm um mérito não somente comum, mas - segundo São Tomás - nós duplicamos, triplicamos, centuplicamos nossos méritos, em virtude de nosso voto. Nosso voto de obediência, portanto, é uma ajuda, uma ocasião de méritos bem maiores do que todos os que poderíamos encontrar em outras circunstâncias.

Compreendamos o voto de obediência bem dessa forma. Todas as vezes que tivermos que obedecer, não seja uma obediência mecânica, ou então um ato que humilha e rebaixa nossa vontade, mas seja uma ação que une nossa vontade à Vontade de Deus, um ato de santificação e que nos torna agradáveis a Deus. Nada pode ser mais meritório e mais agradável a Deus do que o ato de obediência feito em virtude do voto.

Portanto, todas as vezes que fizerem um ato de obediência, que não seja uma obediência puramente passiva, como de quem diz: Eu devo obedecer; prometi obedecer; tenho consciência e ânimo; sou um homem honesto; obedeço. Está certo. O Senhor está disposto assim, mas um outro

não tem as mesmas disposições. Essa obediência o repugna; ele não a compreende; não lhe entra na cabeça. Então, ele se lembra de que o ato que se lhe pede é um ato religioso, um ato de amor a Deus, um ato de grande mérito aos olhos de Deus. Ele obedece, e Deus aceita a obediência como bem mais meritória e agradável a seus olhos do que aquela feita simplesmente a partir da razão, ou mesmo por consciência. Repito, é o ato mais meritório que se pode realizar. São Tomás não diz que os religiosos têm um lugar à parte no Céu? Existem duas ordens, duas categorias no Céu, dois tipos de lugares: o dos religiosos e outro dos que não o foram.

Os Senhores fazem um ato de pobreza; privam-se de alguma coisa; é um ato razoado que manifesta a força e a generosidade de sua vontade, do vigor do seu caráter. Os Senhores o fazem por Deus, por mortificação, espírito de penitência ou de pobreza; muito bem, está perfeito. Mas fazendo-o em virtude do seu voto de obediência, esse ato que lhes custou mais ou menos lhes proporciona riquezas infinitas, recursos imensos que os outros não têm e não terão jamais. A obediência religiosa é a chave de ouro que nos permite penetrar nos domínios mais secretos e mais íntimos da Divindade.

A Castidade. Fazemos o voto não somente de não contrair matrimônio, de abster-nos de todas as liberdades sensuais e de dar a Deus somente toda a afeição do nosso coração. Esse voto, aos olhos de Deus, é de uma perfeição incomparável. Do homem faz um anjo; faz dele até um ser, de certa maneira superior a um anjo, pois - como diz São João Crisóstomo - o anjo não precisa lutar e combater como nós para conservar a pureza; ele não conhece a rebeldia da carne e da concupiscência. Qual é o resultado desses combates vitoriosos? Ultrapassamos a própria criatura espiritual, elevamos nossa carne até a dignidade divina. Não estou exagerando: *Ut efficiamini divinae consortes naturae* (cf. 2 P 1,4) (A fim de vos tornardes participantes da natureza divina). Essa luta nos purifica, nos revigora, nos eleva a Deus, o eterno lutador contra o mal. Faz-nos participar das forças divinas, porque foi dado ao Salvador derrubar o demônio.

Aí os Senhores têm, pelo próprio fato de seus votos, cem vezes mais méritos, preparando-se para o Céu um lugar eminente. De passagem, chamo a atenção ao seguinte: todos os grandes santos, todos os que mais fizeram o bem no mundo, como São Paulo, são os que tiveram que enfren-

tar as lutas mais rudes e mais árduas, sobretudo quanto à castidade. Deus o permite e prepara para essas almas recursos imensos para a santificação do próximo. Esse é o segredo de Deus, meus Amigos; está nisso a razão da força, do poder das graças que ele deposita numa alma de sacerdote e de religioso. No meu longo ministério junto às almas, pude observar inúmeras vezes que as almas - que são provadas por tentações e que delas não se amedrontam, mas as dominam e vencem, podendo assim brilhar acima das nuvens escuras e das tempestades - têm um poder imenso sobre o coração de Deus e uma força imensa sobre o coração dos homens. Deus se lembra do que esse sacerdote fez para ele e o recompensa magnificamente com os dons que põe à sua disposição.

Os Senhores percebem que o voto de castidade não é tampouco um laço humilhante; não é uma corrente que nos encadeia ao nosso dever. Pelo contrário, é o carro de fogo de Elias que nos leva até o Céu (cf. 2 Rs 2,11). Não digo mais nada, meus Amigos. Tirei isso dos livros? Não o li em nenhuma parte, mas o constatei nas almas.

Portanto, meus Amigos, queiram bem os seus votos; pratiquem-nos como eu lhes digo que pratiquem o retiro. Aí reencontrarão toda a força, todo o amor.

Pensam os Senhores que São Bernardo encontrou de outra forma o seu espírito, seu gênio, sua santidade? Pensam que foi noutro lugar, não sendo nos seus votos religiosos? Eu lhes digo que não. O que fez São Bernardo é exatamente a prática de seus votos religiosos. Em Clara-val, sua primeira cela era um pequeno sótão embaixo do telhado. Quando o Abade de Montiéramey veio visitá-lo durante a doença dele, ele o encontrou nessa espécie de reduto sem nome; não encontrou onde sentar-se a não ser um cantinho da parede; as próprias telhas formavam o teto de sua cela. Eis São Bernardo com o seu voto de pobreza.

Vejam-no agora com o seu voto de castidade. Reparem o que ele mesmo diz sobre os ataques do demônio, as tentações da carne, da fuga do mundo; observem as aflições dele e os sofrimentos penosos de coração que as separações e o luto lhe ocasionavam a ele cujo coração era tão tenro, tão amável, tão afetuoso. Escutem-no chorando seu irmão Geraldo... O que formou São Bernardo e este seu coração tão diferente de todos? O voto de castidade.

Seu voto de obediência? Durante todo o tempo em que São Bernardo estava no mosteiro, ele levava a pontualíssima obediência à Regra até as últimas consequências. Fazia o mesmo, enquanto possível, em suas

viagens. Observamo-lo, quando de passagem em Troyes; quando parava nos diversos lugares circunvizinhos a Claraval; com que exatidão, com que perfeição ele cumpria os mínimos deveres da vida religiosa; realizava todas as mínimas práticas dos seus votos de pobreza, de castidade e de obediência. Como obedecia a Deus, à Regra, às circunstâncias em que se encontrava...

A Boa Madre Maria de Sales, o que é que a formou? Seus votos religiosos. Todos os segredos de sua alma, de sua virtude estão aí, nos seus votos.

Eu volto a São Bernardo. Tenho aqui uma pequena pintura sobre couro; todos me dizem que é antiga, e eu acredito. É a imagem de São Bernardo com sua figura emagrecida pelo jejum. Ele aperta no coração a lança, os pregos, a coroa de espinhos... Ele mesmo nos dá, em algum lugar, o sentido desta representação: - No começo de minha vida religiosa - ele contou a seus monges - recolhi todos os objetos que serviram à paixão do Salvador: a cruz que lhe pesava nos ombros, a esponja impregnada no fel amargo, o vinagre que bebeu no auge de sua dor, a lança que lhe atrevessou o Coração, os pregos que lhe prenderam os pés e as mãos, e de todos esses objetos preciosos fiz um feixe, um ramalhete que aperto amorosamente no coração, para que me substituam todos os méritos que, conforme eu sei, me faltam. São essas, mais ou menos, as palavras de São Bernardo; e são precisamente as mesmas que o autor do meu pequeno retrato desejou traduzir.

Igualmente, a Boa Madre Maria de Sales era tão amante da pobreza que fazia, com devoção incomparável, o menor ato de pobreza. Era tão afeiçoada à obediência que se aplicava, com uma atenção sem igual, em cumprir bem cada recomendação da Regra ou da observância. Era tão devotada à castidade que seu coração estava sempre intimamente unido a Deus, mesmo nas circunstâncias mais penosas e difíceis.

Eis o segredo, meus Amigos; isso é a verdadeira doutrina de nossos votos. E os votos assim cumpridos, assim amados, assim praticados tornam-se o sustentáculo, a consolação, as delícias de nossa alma. É dessa forma que devemos encarar os nossos votos. Mea doctrina non est mea, sed ejus qui misit me... (Jo 7,16) (Minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou). Essa doutrina, eu a apresento aos Senhores como sendo a dos santos que são nossos modelos e cujas pisadas devemos seguir.

Aprendam a praticar assim os votos, vivendo-os com amor, com

generosidade, com atenção. Estejam satisfeitos com as tentações que lhes puderem ocasionar. A tentação nos aproxima de Deus. A pobreza nos faz semelhantes ao Divino Mestre. A obediência nos une intimamente àquele que disse: Hora mea nondum venit... (Jo 2,4) (Minha hora ainda não chegou.) Cibus meus est ut faciam voluntatem patris mei (Cf. Jo 4,34) (O meu alimento é fazer a vontade do meu pai). Assim é que os Senhores unem a sua vontade à de Nosso Senhor. Vejam como isso eleva, sustenta e torna a vida religiosa produtiva.

São essas umas simples considerações que lhes apresento somente para ocupá-los mentalmente? Não, é o fundo, a verdadeira base; é toda a vida religiosa. Avancemos nesse sentido e somos verdadeiramente religiosos, agradáveis a Deus; somos almas eleitas, almas de escol; somos as tochas que trazem a luz a Israel; somos os anjos precursores da graça divina: Ecce Dominus adest (Jo 11,28) (O Senhor está aqui).

Eis os seus votos; procurem compreendê-los bem; peçam ao Bom Deus, de todo o coração, a compreensão disso; peçam-lhe que, pela intercessão da Boa Madre, saibam formar uma idéia exata sobre eles e - como os santos - amá-los, agarrar-se a eles, não somente com a vontade, mas também com toda a sua inteligência e de todo o coração. Quod Dominus vobis concedat per misericordiam suam, in nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti (O que o Senhor lhes conceda por sua misericórdia, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo).

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

TERCEIRA PALESTRA

NOSSAS OBRAS: OS COLÉGIOS

Meus Amigos, continuem o retiro como o começaram, com tudo o que o Bom Deus lhes envia; o que ele nos envia é vantagem nossa. É o pão que Deus enviava a São Paulo, primeiro eremita no deserto, para alimentá-lo. São Paulo vivia uma vida totalmente dedicada à união com Deus, sem distrações humanas, na solidão e no retiro, sem comunicação alguma com o mundo; essa é a verdadeira imagem do retiro. E o Bom Deus lhe enviava sua alimentação por meio de um corvo... Eis o verdadeiro solitário, o ermitão por excelência, o grande padroeiro dos retiros e dos dias de recolhimento particular. Que come para nutrir-se? O que o

Bom Deus lhe envia. Façamos a mesma coisa durante o retiro; alimentemo-nos daquilo que o Bom Deus nos envia, do que ele permite que nos aconteça. É essa uma disposição muito preciosa para a alma. Não podem imaginar os efeitos salutareos que ela produz, quando a alma está totalmente entregue e abandonada à Vontade de Deus. É a vida santa por excelência, e não é possível enganar-se. O que podemos ler na Vida dos santos, nos tratados sobre a vida espiritual, é bonito, é bom, é excelente. Mas o que é melhor ainda e mais prático para nós é o que eu lhes digo. Recebam, portanto, com gratidão o pedaço de pão de cada dia. E, quando for necessário partilhar, quando o dever o pedir, o Bom Deus lhes enviará, como a Santo Antônio, uma dupla porção de pão e suas consolações abundantes. Habete fides (Cf. Mc 11,22). Tenham fé, e que essa fé não tenha outros limites que a caridade do Bom Deus para conosco. Continuem o seu retiro, pois, com coragem, com generosidade. É cansativo, é uma mortificação contínua, mas quanto isso lhes renderá!...

Falei-lhes sobre as disposições que deviam trazer para o retiro e abordei os votos. Não entro em outros detalhes pessoais. Prefiro tratar com os Senhores dos meios que o Bom Deus põe à nossa disposição. Quero mostrar-lhes que suas atividades - entre todas que poderiam desejar - são o que há de preferível e o que existe de melhor para a santificação de sua alma. Quero mostrar que as Obras para as quais a obediência nos chama devem e podem ser o nosso alimento em cada instante. São meios de santificação que alcançam limites que ninguém e que nada pode ultrapassar.

Quais são essas Obras?

Em primeiro lugar, são os nossos colégios. Um colégio é o quê? Todos sabem e todos lhes dirão que é uma instituição onde se recebem jovens para prepará-los para o futuro, especialmente para o futuro dos seus exames. É preciso cuidar da conduta deles. E todo mundo sabe que somente pelo trabalho e pela abnegação é que se pode chegar ao resultado material que a gente se propõe. Muitas vezes o resultado espiritual parece faltar totalmente. Os colégios?... A maioria dos Senhores está destinada a trabalhar neles. Dessa maneira precisamos santificar-nos. Eu vou mais longe: somente com isso é que poderemos tornar-nos santos, já que é a ocupação, o dever que Deus nos dá. O que é preciso para tornar-se santo num colégio? A oração, a mortificação, o sofrimento. Ora, mortificações e sofrimentos não lhes faltarão nos colégios. De todas as nossas obras é a mais penosa, a mais desanimadora. É mais fácil, bem

mais fácil sair em missão, dedicar o seu esforço, sua palavra às almas reunidas ao seu redor. É bem mais fácil destinar os seus cuidados às almas que a gente confessa e dirige. É bem mais fácil ir para a América ou para a África. As outras obras, os patronatos, têm suas dificuldades, mas não é nada em comparação com os colégios, sobretudo atualmente, ao precisarmos lutar contra a falta de fé dos pais e das crianças, contra um governo maçom, contra todas as malevolências imagináveis. Também em âmbito interno, não é fácil dirigir um colégio: o mau espírito, as más impressões recebidas, as normas enganadoras e ímpias que reinam em toda a parte exigem da educação conscienciosa um trabalho imenso, sem par. Acrescentem a isso a fadiga corporal, dia e noite, perpetuamente e que tira de antemão toda a atração por esse trabalho. Verdade é que temos o prazer de ensinar; gostamos de História, de Literatura, de Matemática... Isso quer dizer que, de vez em quando, chupamos uma balinha... e isso é tudo!

Entre todas as nossas obras, portanto, os colégios são mais apropriados para santificar-nos, porque lá teremos muito menos consolações e encorajamentos que em outros lugares; não teremos quase nada para o coração e pouca coisa para o espírito e nada para satisfazer o nosso zelo para dar-nos algum prazer nos curtos momentos que temos para nós.

É sumamente importante, pois, que saibamos servir-nos de nossos deveres, de nossas obrigações, de nossas sobrecargas para encontrar exatamente ali a santificação de nossa alma. Encontraremos aí sacrifícios bem mais meritórios do que aqueles das Ordens mais austeras, mais severas, pelo jejum e pela penitência; porque o trabalho que temos a fazer atinge a nossa inteligência e as forças do corpo, a alma, a saúde, e todo o nosso ser. A prova? Observem o Evangelho, olhem o que o Evangelho indica como o trabalho mais difícil do apostolado: o cuidado, a proteção, a educação da infância. Reparem aquela criança atormentada pelo demônio. Os discípulos vêm: Senhor, cumprimos a missão que nos confiou; percorremos os povoados; expulsamos os demônios; mas houve um que não conseguimos expulsar... Onde, então, estava alojado esse demônio? No corpo de um jovem de quatorze ou quinze anos. Jesus lhes diz: Este tipo de demônio, vocês não o expulsarão por esse poder comum que foi posto à sua disposição; é preciso oração e jejum: *Hoc genus in nullo potest exire nisi in oratione et jejunio* (Mc 9,28) (Esta espécie não pode sair a não ser com oração e jejum). O diabo não sairá do jovem

a não ser em virtude de suas orações e mortificações. Por que isso? O demônio tem as almas bem mais no seu poder, nessa idade. Ele sabe muito bem que, apoderando-se deles nessa época, há muita chance de que a conquista seja para sempre. Todas as dificuldades, todas as oposições que os Senhores encontram na educação surgem principalmente daí, da ação do demônio. Os Senhores estão diante de crianças e jovens rebeldes, preguiçosos, tendo mau espírito e mau coração, oferecendo não-sei-o-quê de repugnante, que desagrada aos Senhores e os enerva... Isso lhes ocasiona um efeito contra o qual sentem não poder agir: nisi in oratione et jejunio (a não ser com oração e jejum). É o úncio, mas todo-poderoso remédio.

Realizamos, portanto, um trabalho extremamente penoso e duro. Nas Ordens antigas, entre os Jesuítas, os Dominicanos, colocavam-se somente jovens religiosos nos colégios. E, ao fim de alguns anos, eram retirados. A prova tinha sido suficiente; eram colocados, então, a serviço da pregação, para confessar, para a direção espiritual. Era como um segundo Noviciado que tinham que fazer lá, nos colégios, para que se conhecessem melhor as aptidões.

Os Senhores observam, meus Amigos, que o Bom Deus nos dá nisso o meio certo para uma santificação completa. A parte que nos toca é certamente a mais penosa, a mais ingrata e, por isso, a mais meritória.

No entanto, essa obra dos colégios é uma obra absolutamente necessária. Determinadas comunidades religiosas, devido às dificuldades atuais, às leis perseguidoras, ao mau espírito que reina em toda a parte, abandonam as obras de educação e o ensino. Minha vontade, nem a dos Senhores, não é de abandonar os nossos colégios. Temos outras obras, sem dúvida, obras populares obreiras, está certo! Continuemos a nos dedicar a essas obras. Mas, sem os colégios, que meios nos restarão para atingir a outra parte da sociedade, a classe não operária?

Por que fundamos os nossos colégios? Nosso objetivo absoluto e único é conservar a fé e os bons costumes, é desenvolver ambos nas crianças, nos jovens que nos são confiados. É somente para isso que temos colégios. Sem isso, não os quereríamos. Reparem atentamente que essa finalidade que chamo de absoluta, única, não exclui outros objetivos secundários. Longe disso; é, pelo contrário, um meio seguro de sucesso nos estudos. Todas as vezes que tivermos que julgar uma questão de colégios, de alunos ou alguma coisa atinente, coloquemo-nos logo em face deste grande motivo: trata-se de uma alma, são almas a salvar; é para

fazer conhecer e amar a Jesus Cristo. Consideremos atentamente isso e ajamos de forma consoante. Nossos colégios foram criados unicamente para isso.

O primeiro artigo de nossas Constituições nos diz muito explicitamente que fomos fundados para santificar-nos pessoalmente, trabalhando para a santificação do próximo, pela educação cristã da juventude. E essa obra, em si, não é uma das obras mais excelentes que se possa realizar? É o que afirmava São Crisóstomo diante do povo de Constantinopla, ao louvar os sacerdotes e os fiéis devotados à educação da juventude. O que há de mais elevado no mundo, dizia, do que modelar as almas, do que formar os costumes da juventude? Requer certamente mais habilidade do que a de todos os pintores; aquele que domina a arte de ajeitar para o bem a consciência e o caráter dos jovens, quem sabe criar no homem a imagem e a semelhança de Deus, aquele, pois, que sabe comunicar-lhe uma postura espiritual que manifesta sua similitude com Deus, tem seguramente mais gênio do que todos os escultores, sejam quais forem os artistas.

Certamente a educação escolar tem uma influência enorme sobre o resto da vida; e atualmente, ou pelo menos por demais, a família esquece a educação cristã da criança; este dever fica exclusivamente a cargo dos professores cristãos. Comprova-se isso pelo fato de que o que dizemos e fazemos é novo para a maioria das crianças, quando chegam às nossas mãos.

Nosso método é bom; com o espírito de São Francisco de Sales, alcançamos um excelente resultado. Formamos homens completos, muito equilibrados, com juízo acertado, que se comportam segundo os princípios da fé e da razão, junto aos quais a fantasia, a exaltação, o exagero não têm vez, homens que avançam sem rodeios, decididamente, homens que agarram uma rota certa. É coisa simples isso.

Alhures talvez façam uma coisa mais esplêndida, algo que chama mais a atenção por meio de sociedades, com exhibições estrondosas... Poderíamos nós também falar mais a nossos alunos sobre o seu papel social, com idéias e palavras grandiosas. Poderíamos pintar-lhes um futuro brilhante e exaltar o porvir que os espera, o destino diante do qual eles se encontrarão sem demora, no dia de amanhã. E, então, o que acontece muitas vezes? A desilusão, o desgosto do dever por demais austero e quedas profundas e freqüentes. Nós não temos esse perigo a temer com nosso sistema de educação... Sim, meus Amigos, eu aprecio o que estamos

fazendo e o estimo muitíssimo. Eu não digo que estamos atuando melhor do que os outros, mas afirmo que o faremos muito bem assim. Aqui não cabem comparações.

Devemos, pois, querer bem os nossos Colégios e continuar a nos dedicar a eles como o temos feito até agora para corresponder a todas as exigências. Pediremos ao Bom Deus que nos dê coragem; e ele não recusará, porque não nos ocupariamos com isso, se não fosse por ele.

Mas de todo o nosso trabalho, então, não sobra nada? Mas os Senhores mesmos o constatarem; cada ano, em nossas reuniões de ex-alunos, vemos que o que semeamos não caiu em solo infrutífero. Se levamos em conta o meio no qual eles se vêem colocados, saindo de nossas mãos, encontramos esses jovens, ao voltarem a nós, dignos de nosso bem-querer e respeito. O que eles fizeram para se manter e conservar, para lutar victoriosamente contra as idéias e os exemplos daqueles que os rodeiam, é digno de nossos elogios e de nossa admiração.

O que representa mesmo a educação da criança e do adolescente? Os Senhores já pensaram bem em que consiste, em resumo, a educação da criança? São primeiramente os cuidados com os quais a gente a rodeia, claro; depois são os bons conselhos que se lhe proporcionam; e, finalmente, os bons exemplos que lhe são dados. Eu sempre fiquei impressionado com o papel preponderante que o exemplo desempenha na educação.

Lamartine, nos seus últimos anos de vida, escreveu suas memórias. "Por que me tornei poeta?" ele se perguntava. "Quem me fez poeta foi o Padre Martin. A ele devo o desabrochar do meu talento poético." E ele conta que o Padre Martin era um dos seus professores no colégio, um camponês de Picardia, escuro e frio. Ele rezava a Missa cada manhã, e Lamartine era o ajudante. Durante a Missa, o Padre às vezes sofria tanto que, mal e mal, conseguia pronunciar as palavras. A criança precisava de movimento e de ar livre; o Padre Martin estava encarregado de acompanhá-lo no passeio. Iam indo os dois sem falar, sem trocar uma palavra, beirando os matos lá fora. Lamartine via esse homem discreto, mortificado; parecia-lhe um santo. Adquiriu uma tal veneração por Padre Martin que sua simples presença, seu gesto, seu porte davam-lhe a mais feliz impressão, estimulando-o ao bem, à virtude. À noite, assim ele conta, ia à capela onde tinha servido a Missa de manhã. Escondia-se atrás de um pilar e aí, diz ele, sentia sua alma toda invadida por Deus; havia nele verdadeiras revelações; entendia o Belo e o Bem. Experimentava sentimentos que elevavam-lhe tanto a alma, afirma ele, que ela pô-

de penetrar nos átrios da poesia; as portas lhe foram abertas precisamente por observar o Padre Martin, pela impressão que tinha feito na sua alma de criança.

O Senhor Lenfant, prefeito de Romilly, já falecido há alguns anos, era um bom cristão; contou-me que atribuíra a preservação de sua fé ao Superior do Seminário Menor, o Padre Fournerot e à impressão que a santidade dele tinha causado. Um dia o Padre Fournerot lhe deu um sinalzinho: Vamos fazer uma volta! E levou a criança a dar um passeio pelo jardim. Não lhe dirigiu uma palavra; somente, ao entrar, disse: Está muito calor hoje! A criança estava tão emocionada, tão impressionada por ter caminhado ao lado desse santo homem que disse de si para si: Que bonito ser santo! Se não puder tornar-me um santo, quero, pelo menos, ficar sempre um bom cristão.

Existe em nós, meus Amigos, há em cada um de nós, um manancial de graças. Somos chamados pelo Bom Deus à educação da juventude. Desde então o Bom Deus deve confiar-nos tudo o que é necessário para cumprir esta tarefa, tudo o que devemos comunicar às almas dos jovens e que lhes será transmitido de uma maneira que só Deus conhece e com uma eficácia incrível. Não somos, em nossos colégios, professores remunerados, professores de universidade; não somos grandes sábios, mas podemos ser grandes santos; e tornar-nos-emos grandes santos, fazendo somente o que lhes disse. E sua influência sobre as crianças será poderosa, incomparável.

Para isso não há problema durante o retiro. Mas durante todo o ano, se apresentam tantos trabalhos e amarguras, tantas fadigas e lutas que tudo isso é demais e nos sufoca. Ficamos aniquilados! Meus Amigos, acreditem-me; fiquemos sempre firmes. Recolham todos os espinhos do caminho. Quanto mais densos e numerosos forem, tanto mais os farão parecer com o Salvador. Encarem sua tarefa dessa forma. Considerem-na nessa ótica. Para isso se precisa uma grande fidelidade à graça. Se não fossem Oblatos, nunca lhes falaria assim. - Mas, Padre, não dá para tragar tudo o que nos está dizendo. E não vemos como jamais íamos aceitá-lo. O Senhor está dizendo que não pregaria isso nunca diante de pessoas que não fossem Oblatos; e o Senhor tem toda a razão. O que o Senhor está falando não é viável, não é praticável. São idéias, não passando de belas e heróicas utopias; mas basta o primeiro sopro de vento e tudo voará!... - Não, meus Amigos... Os Senhores podem executar tudo o que estouvos-lhes dizendo e o farão com o Diretório. Façam a reta intenção antes

de cada ação; dirijam seu amor e sua vontade a Deus e ao Salvador, ao desempenhar-se de suas tarefas; então poderão realizar, e com facilidade, o que lhes disse. Por que, em suas meditações, em suas confissões não se examinam neste sentido, quanto aos pensamentos do Diretório e referente ao oferecimento de suas ações? Por que não contariam as faltas cometidas e não as diriam, para que - numa outra vez - sejam menos numerosas?... Estejam convencidos das minhas palavras. - Mas é muito difícil! - No fundo, meus Amigos, não é tão difícil quanto parece à primeira vista. Com um pouco de fidelidade chegaremos lá. - Mas eu estarei sempre atucanado e pressionado; não terei nunca liberdade de ação!... - Meus Amigos, freqüentemente a Boa Madre me dizia: Deixe somente o Bom Deus tomar conta do Senhor e começar o trabalho e verá que tudo irá bem e que o Senhor estará bem à vontade, muito mais do que se ele não estivesse aí! Façamos isso mesmo.

Em nossas atividades escolares, a cada instante, cinquenta vezes por dia, façamos a reta intenção. Aí está um aluno mal-intencionado ou incapaz ou brutal; ele fere a sensibilidade do Senhor; ele o enerva... Façam, renovem a reta intenção; e esse aluno experimentará a repercussão desse ato que o Senhor acaba de fazer; ele melhorará, acreditem-me! O Senhor está sobrecarregado de aulas, de vigilâncias? As coisas não vão como deveriam... Está desanimado, cansado e irritado... O que fazer? Façamos a reta intenção, aceitemos todo o sofrimento e mortificação que o Santo amor depositou para nós, nessa ação.

Então, meus Amigos, seremos verdadeiramente educadores da juventude, então teremos uma influência para o bem sobre nossos alunos, a qual nunca mais se perderá. Sempre nos quererão bem, nos respeitarão, serão satisfeitos ao rever-nos. Será para eles uma alegria, uma felicidade.

Vejam quanto a doutrina de São Francisco de Sales vem em nosso auxílio, e isso nos mínimos detalhes; como ela nos abre uma porta acessível para penetrar e agir nas almas; como ela ilumina todos os nossos empreendimentos; como leva ao objetivo que nos propomos atingir; como ela nos conduz pelo caminho que leva a esse fim!

Continuem de bom grado o seu retiro, com suas ocupações cotidianas, projetadas assim em Deus. Façam o propósito de renovar muito freqüentemente a reta intenção... Repito muitas vezes a mesma coisa, meus Amigos; mas é que desejo vivamente ver-nos todos seguir esse caminho, realizando tudo o que temos que fazer com a ajuda de Deus, pedin-

do-lhe auxílio para cada coisa e a todo o momento. O Bom Deus não incomoda; ele não restringe a liberdade; não inibe a iniciativa, somente a desenvolve e a estende na luz e na verdade. É esse, meus Amigos, o caminho da santificação perfeita. Dizem às vezes que os Oblatos não têm norma, que não são organizados, constituídos, regulamentados como os outros religiosos... Não se sabe que tipo de religiosos são esses!... Faltam facilmente à observância, por uma coisinha qualquer... Não têm um Noviciado sério, não têm nada!... Meus Amigos, não me ofendo com todas as tolices que certos elementos andam repetindo... O dia em que tivermos um noviço, um religioso que compreende bem o que acabo de lhes dizer, dirão que os Oblatos são religiosos perfeitos. Serão santos, simples e despretensiosamente. Para isso não precisamos ser arregimentados, obedecer a uma apitada, a uma palavra de ordem; não temos necessidade de que nos ensinem a cantar uma modinha. Compreendam bem que toda a nossa vida de Oblato está naquilo. Para tanto é preciso, com a graça de Deus, firmeza e energia. É preciso ser determinado, como dizia a Boa Madre. É necessário entrar neste caminho de bom grado e não sair mais. Importa segurar e não afrouxar: *Tenui, nec dimittam...* (Ct 3,4) (Agarrei, não vou soltar). É imperioso manter na mão o cabo do arado e não parar a fim de olhar para trás (cf. Lc 9,62). Será que para isso se precisa mais energia do que um fantoche? Basta uma inteligência degenerada? Não, é forçoso um coração generoso e bom; é imprescindível uma vontade e um raciocínio completos e equilibrados. Com isso se vai adiante... Não se trata, certamente, de práticas que supõem grande gênio.

Leiam Bossuet... Reparem toda a sua doutrina; estudem as idéias dele... Dêem-se conta de Bossuet e verão se esse grande gênio tinha outros meios que os dos quais estou-lhes falando: a volta constante a Deus... Repararão, se ele não aplicava aí toda a sua fé. Ali é que ele tirava toda a sua energia, sua inspiração, sua ciência, seu gênio. Bossuet... Era um homem da corte, um grande orador. Fundamentou toda a sua vida sobre esta base: o recurso incessante a Deus... Era esse o ponto de partida; era a base e o fundamento do seu edifício espiritual e sobrenatural. Com isso se conservou santo, no meio da corte da França; é um apóstolo e um grande diretor espiritual; foi o maior dos oradores cristãos.

E será que São Francisco de Sales tinha outros procedimentos, outros meios em tudo o que dizia, em tudo o que praticava, em todos os

seus ensinamentos? Era isso mesmo o fundo de sua alma e do seu pensamento. Ajam assim, meus Amigos; sigam esse caminho onde encontrarão o desabrochar de sua inteligência, de sua vontade, de sua força, de seu coração. Os atos que fizerem serão sumamente razoáveis; serão verdadeiramente atos de cristãos, de religiosos, de apóstolos. São coisas do Céu. É o raio do coração de Deus que cai no coração do homem. Avançando nesse sentido, andam no 'caminho real', como São Francisco de Sales o chama, onde nada é leviano, nada impróprio, nada incapaz, ou onde tudo está à altura dos serviços que Deus e a Igreja esperam.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

QUARTA PALESTRA

MAIS SOBRE OS COLÉGIOS - AS OBRAS

Continua o retiro, que já se aproxima do seu fim. No verão, no fim da estação quente, passa-se a ceifar; no fim do outono acontece a vindima; no fim do trabalho é entregue o salário. Redobrem a coragem e a energia. Parece que estou querendo animá-los... Mas é que se precisa. O retiro tem suas amarguras, seus aborrecimentos, seus desgostos, suas fadigas. Sabendo que essas coisas são excelentes, que - sem dúvida - se trata da melhor parte, é mais fácil aceitar e admitir as dificuldades que ocorrem e chegar são e salvo ao fim da batalha.

Se eu não tivesse visto essas coisas no decorrer do meu ministério, não poderia falar-lhes assim; mas como as vi, não somente numa pessoa, mas em duas, três, quatro, dez pessoas, como constatei em muitas oportunidades que o retiro é tanto mais proveitoso quanto mais se é provado e se acha árido, só consigo pensar que - todas as vezes que no retiro uma alma passa por essas provas - é para ela uma grande vantagem. Digam isso claramente a todos aqueles e aquelas que os Senhores dirigirem num retiro. Durante o retiro, sem dúvida, é preciso fazer o exame de consciência; é necessário pôr ordem nos assuntos espirituais e tomar resoluções. É absolutamente necessário. É mister acertar as contas, pôr em dia a contabilidade com o Bom Deus... O resto não nos interessa. Isso se deve deixar à Vontade de Deus, à permissão divina; importa aceitar tudo o que Deus envia. Com isso o retiro é perfeito e completo; não lhe falta nada. Os Senhores só têm que dar continuidade

durante todo o ano e juntarão tesouros infinitos. Eis a grande doutrina de São Francisco de Sales; certamente é a mais clara, a mais compreensível para todos os espíritos; e, ao mesmo tempo, a mais eficaz.

Nossas obras, meus Amigos, não se reduzem aos colégios. Nossos colégios são necessários em primeiro lugar - como dissemos ontem - para atingir uma certa parte da população cristã. Fora dos colégios, existem determinadas famílias que os Senhores não poderiam alcançar de forma alguma. Fora dos colégios, não conseguirão lançar as sementes da fé na alma de uma numerosa classe de jovens. Onde irão eles procurar a verdade? É uma grande e terrível justiça de Deus sobre a população da classe média que faz com que a grande maioria de seus filhos, de seus jovens, sejam aprisionados nos trilhos do inferno, como dizia São Bernardo; parece que sejam os corredores, as avenidas da perda eterna... O ensino, a educação errada que recebem não levam a outra coisa. Não é ainda o inferno, sem dúvida, mas conduz fatalmente a cair no inferno!... Quem irá estender uma mão compassiva a esses infelizes? O que se pode fazer para eles? Pregam-se missões na paróquia deles. Não põem, porém, os pés na igreja... O único meio de atingi-los é o colégio.

O colégio é uma obrigação da vocação dos Senhores; esse dever do ensino cristão da juventude está escrito no início de nossas Constituições. Ambos os Papas Pio IX e Leão XIII me repetiam a mesma coisa. Toda a catolicidade diz em alta voz o quanto é necessário chegar a essas famílias para tomar os seus filhos e torná-los cristãos. É um empenhamento muito duro, é verdade; faz-se necessário um devotamento quase incompreensível; a gente não se pode dar conta disso, enquanto não se trabalhou mesmo nesse serviço...

Os Senhores se defendem bem entre os indígenas... Por que não teriam sucesso lá? A alma de um filho de um merceeiro, de um bodegueiro valem tanto quanto a alma de um hotentote. Devemos ter a mesma dedicação para essa classe, a mesma caridade. É preciso ir a eles com o mesmo amor do Bom Deus que os estimula na África ou entre os índios da América. Esta também é uma verdadeira missão como entre os nativos. Compreendamos bem que as funções que poderíamos desempenhar lá e as que realizamos aqui são as mesmas. Se não partimos desse princípio, fazemos um serviço de insensatos, querendo remar contra a correnteza, pretendendo soprar contra a tempestade como gente sem juízo...

Recordo o que me disse o Senhor Chapelle. Ele era o chefe da estação de Troyes, que vinha comungar aqui todos os dias, em nossa ca-

pelinha. Antes de ser chefe da estação, era professor, diretor de pensionato. "Todas as noites," me contava ele, "eu caminhava pelo dormitório, enquanto os alunos se deitavam. Cuidava deles com atenção. Um dia eu disse comigo mesmo: Meu Deus, eu faço um serviço útil às famílias, à humanidade; mas será que não tenho ainda uma outra coisa a fazer; não será isso uma missão, uma missão divina? Ora, aqueles deveres sagrados, não os estou cumprindo. Sou cristão, tenho fé... Mas há muito tempo não pratico mais, nem confesso, nem rezo mais. Estas crianças têm alma; esta deve ter relações com Deus. É meu dever conduzi-las a Deus. Mas como levá-los a fazer o que eu mesmo não faço?... Depois dessas reflexões," continuou o Senhor Chapelle, "fui me confessar. Prometi a Deus destinar os meus cuidados não somente à inteligência mas também à alma de meus alunos, ensinando-lhes a rezar, a elevar-se. E isso consegui..."

Estão vendo, meus Amigos, que nossa missão é realmente de escola, é totalmente celeste. Quem se encarregará disso senão nós? Que tipo de pessoas é necessário para colégios? Religiosos, Padres zelosos, devotados que não recuarão diante do cansaço, desgostos, angústias, que saberão resistir à tentação de abandonar tudo, alegando não poder mais... Nós, meus Amigos, nós ficaremos.

Os colégios... Além dessas obras, existem as de patronato para rapazes e as para moças.

Essas obras são absolutamente necessárias para conservar a fé e a prática religiosa na classe popular. Sem as Obras é impossível, em meio às nossas classes operárias, conservar cristãos. O Padre Nioré fez, no ano passado, um sermão de caridade na Obra da Juventude e disse: "Eu fui educado pelos Irmãos das Escolas Cristãs. Conheci ali cerca de quatrocentas crianças de minha idade. Perdi de vista um certo número deles, sem dúvida, mas com a maioria tenho contato ainda. Pois bem, dessas quatrocentas que conheci ninguém perseverou, a não ser eu!... Portanto," ele acrescentou, "uma Obra de Juventude é a obra por excelência, é a Obra das obras. Nas famílias abastadas, pode-se escolher um bom colégio para matricular e fazer educar os seus filhos, mas nossos pobres operários, onde encontrarão uma casa onde a alma de seus filhos esteja em segurança? Em nenhum lugar. Talvez se encontre um patrão cristão... Mas não é fácil encontrar um destes; e se é achado, terá ele alguma influência sobre seus trabalhadores? Não desconfiarão dele? Quem protegerá a pobre criança contra a sedução das paixões, contra os maus

exemplos e os maus conselhos? Unicamente as obras de patronato. Não sobram mais homens cristãos na cidade de Troyes, fora de raras exceções, a não ser os que freqüentaram os patronatos.

Quem pode gerir essas obras e ser bem-sucedido? Sem dúvida, há para isso uma Congregação especial, os Irmãos de São Vicente de Paulo que praticam admiravelmente a caridade nesse particular. É uma fundação que a Madre Maria de Sales queria bem e abençoava. Conheci os fundadores. Eles visitavam a Boa Madre em Paris. Eles começaram há menos de cinquenta anos... Sed quid hi inter tantos? (Mas que são estes no meio de tantos?) O que é uma Congregação zelosa, mas forçosamente restrita? O que representa também o zelo de alguns Vigários que se dedicam, muitas vezes um pouco apesar do seu Pároco? Os Párocos são freqüentemente contrários a que se estabeleçam obras de patronato em sua paróquia. Por quê? No fundo, eles não entendem patavina disso, mas farão todo o possível para desfazê-las. Quem fará, então, essas obras?... Os Senhores vêem que o campo nos está amplamente aberto. A alma de um aprendiz, de um trabalhador vale tanto quanto de um hotentote... As obras para moças são talvez mais necessárias ainda, porque a jovem nunca se conservará boa numa fábrica, numa sociedade imoral ou ímpia; é impossível. Não é possível tampouco para um rapaz. E ela é mais fraca, tem inteligência menos esclarecida, age por sentimentos, nem sempre se dá conta do que faz, daquilo que ela diz e do que pensa. Ela vai na onda e esta é bem ruim... Eu poderia citar-lhes muitos fatos que comprovam isso. Não faz muito tempo, uma jovem veio pedir-me um conselho. - Padre, estou enjoada de ficar como sou; se eu fizesse como as outras... Se eu escutasse certas propostas que me fazem, seria muito mal?... - Mas, minha jovem, quem lhe deu essas idéias? - As outras!... Todas elas fazem isso. É bem mais interessante do que a vida que levo, ficando "comportadinha"... A gente tem uma pequena moradia, tem com que se enfeitar, pode aparecer e se mostrar!... Eu fico na miséria; nem tenho condições de me comprar um vestido...

Eis a situação que é oferecida a uma parte da humanidade e à parte mais interessante do ponto de vista da educação... Pois, afinal, a jovem será mãe um dia; ela é que criará o filho, o homem de amanhã; ela é que lançará na alma dele o raio divino que nunca se apagará por completo. A mãe é que deposita na alma da criança o que há de bom, de santo, de edificante; ela a cunha com as primeiras impressões, muitas vezes indelévels. A mãe suscita no coração do seu filho a fé, a fé em

Deus, a fé no amor de seus pais, a fé naquilo que ele deve amar, naquilo que deve temer, naquilo que deve fazer um dia. Ora, quem ensinará essas coisas à jovem nestes tempos? Quem a fará só pensar nisso? Quem lhe falará sobre isso? Ninguém! Nada! Ela não vai mais à Missa, se não frequenta a Obra. O que a fé representa para ela? Com exceção das que vêm à Obra, as jovens da classe operária não sabem mais nada de tudo isso. Não têm noção de Deus; não sabem fazer o sinal da cruz; sabem, sim, zombar do padre e da devota. Mas não sabem os rudimentos da criação, da Redenção, dos Sacramentos ou do que for que seja. Eis uma jovem que, dentro de dois ou três anos, será mãe de família; como instrução religiosa não tem nada; como fé, nada e como afetividade, nada. Onde poderia ter encontrado afeto, quem jamais lhe mostrou um pouco o verdadeiro amor? Ninguém... Seu pai a amava talvez um pouco, quando não estava tomado de álcool. Sua mãe não a amava muito. Seus irmãos e irmãs são egoístas que fazem troça dela. Verdadeira e boa afeição ela não conhece; nunca a experimentou.

Em compensação, em seu caminho já topou mais de uma vez com tentações de seduições; só deste jeito a olham com certo agrado. Eis, portanto, uma alma cristã, resgatada pelo Sangue de Jesus Cristo; ela está à beira do abismo; empurram-na, e ela não tem o menor apoio nem o mínimo recurso! Quem porá essa alma no bom caminho, se a Obra não se abrir para ela? O que será dela? Cadê a família da qual há de ser o tronco?

Mas felizmente os Senhores recolheram essa jovem na Obra... Talvez não fosse batizada ainda; não tivesse feito ainda a Primeira Comunhão; nunca ouviu falar talvez sobre o Bom Deus. Agora ela está confiada aos cuidados de religiosas dedicadas; aos poucos esclarecem essa alma. Encorajam-na com boas palavras e bons conselhos. Os Senhores comunicam verdadeiramente, gota por gota, a vida a essa alma, a esse coração. Sob essa influência abençoada, os Senhores, pouco a pouco, vêm fazer tudo germinar, florescer, recomeçar. Os Senhores resgatam e reconstroem com paciência, com perseverança e chegam ao fim que se propuseram. É uma alma de elite; eu vi mais de uma tornar-se religiosa. Ou, pelo menos, será uma boa mãe de família que conduzirá seus filhos ao Bom Deus, ensinando-os a lembrar-se dele e escutá-lo. Ela lhes terá inculcado profundamente a fé na alma. E mais tarde, se circunstâncias adversas, se o tempo chegarem a enfraquecer esse raio de fé nessas crianças, depois de crescidas, saberão onde reencontrá-la. Ela se recuperará

ao menos no momento da morte, como o fogo que se conservava no fundo do poço, do qual se fala no livro dos Macabeus. Sim, o fogo divino se reacenderá nessas almas.

Dediquem-se, portanto, a esse tipo de Obras. Os Senhores percebem que é o único meio para conservar a fé na alma da jovem operária, como na alma do jovem.

Nossas missões.

O Bom Deus mostra não raras vezes que nossas missões lhe são agradáveis. Comprovam isso os frutos da dedicação, do heroísmo manifestado por nossos Padres e Irmãs no Equador e no Cabo. Eles passaram por todas as provações: sofreram fome, sede, perigos de toda a espécie, a mais completa miséria. As Irmãs de Zicalpa, há dois anos, não puderam receber nada... Que comem elas? O que a caridade lhes alcança.

No Cabo, de que vivem nossos Padres atualmente? De grãos esmagados na própria pedra; e, depois de fazer fogo, fervem aquilo para, com isso, fazer um mingau. Que escreve Padre Davi? - Padre, estamos atravessando terríveis provas, mas temos confiança na Providência, e ninguém de nós gostaria de uma mudança... O Padre Simon escreve: - Estamos morrendo de fome; sentimos, no entanto, que o Bom Deus nos ajuda e não nos abandonará. Esses sentimentos de nossos missionários nos provam claramente a bênção do Bom Deus sobre as nossas missões.

Na Grécia, é a mesma coisa. Começamos ali algo numa situação verdadeiramente terrível. A Grécia nos deu toda a classe de desgosto, de aborrecimentos, de ódio, de preconceitos. Foram bater até à porta do Vaticano; é uma luta sem igual, como não se poderia imaginar... O Bom Deus permita que passemos sãos e salvos através de todas essas provações e que possamos estabelecer ali alguma coisa sólida, que possamos fazer compreender a esses povos o que é o catolicismo, que ele não é tão horrível. Possamos fazer algum bem para os jovens que nos enviam. Aproximá-los-emos, pouco a pouco, da verdade. Trabalhamos à distância para a unidade, a uniformidade de fé e de religião. Há muitas dessas almas que sentem uma atração, um apelo misterioso à verdade. Essas pessoas sofrem. Não é o clero ortodoxo que pode, nesse sentido, dar-lhes ajuda e aconselhá-los. As jovens de Naxos, as pensionistas das Ursulinas, disseram ao Padre: Por que não quer confessar-nos? Oh! como os católicos são felizes! Nada nos consolaria tanto quanto uma boa confissão... Sentimos que muitas coisas nos faltam em nossa religião... O-

lhem, meus Amigos, uma boa porta de entrada para chegar a essa união que o Santo Padre tanto deseja.

Na Inglaterra, não há grande sucesso. Entretanto, o Padre Isenring faz o bem; sua palavra é compreendida; muitas almas a apreciam; começa-se a querer bem São Francisco de Sales; isso é preciso. Uma senhora de Londres disse há pouco ao Papa: A doutrina dos Oblatos é que convém principalmente na Inglaterra. Ela reanimará e vivificará as almas ressecadas pela heresia. O Papa era da mesma opinião. Ó meus Amigos, com São Francisco de Sales temos tudo o que se precisa.

A pregação.

Como lhes dizia e ensinava cem vezes, preguem - peço-lhes encarecidamente - para as pessoas que se encontram diante dos Senhores. No começo é absolutamente necessário estudar livros de sermões, fazer como fazia Bourdaloue, isto é, escrever e aprender de cor os seus sermões; mas cuidem para não fazer imitações literárias de Bourdaloue, assumindo o tom e as formas oratórias dele. Seria necessário evocar os ouvintes antigos de há cento e cinquenta anos para compreender os Senhores! Depois de escreverem conscientemente o seu trabalho, releiam-no atentamente e verifiquem se o sermão serve realmente às pessoas para as quais devem pregar. Muitas vezes tive esta idéia e um dia vou realizá-la, ou seja, dar a nossos noviços, a nossos jovens Padres um sermão de Bourdaloue para adaptá-lo e pô-lo ao nível de diferentes classes de ouvintes que a gente pode encontrar diante de si...

Existem diversas classes de ouvintes. Pode haver diante de si crianças, escolares, jovens, trabalhadores, moças, pessoas devotas, pessoas do mundo, a platéia paroquial comum da cidade ou do interior, religiosas, que sei eu?... Suponho que queiram pregar sobre a Confissão; deverão expresssar de seis ou sete maneiras diferentes, pelo menos, os pensamentos do sermão de Bourdaloue sobre a Confissão, como os Senhores os assimilaram, para transmitir a doutrina dele para cada um, de forma que todo mundo possa compreender e fixar alguma coisa.

Acreditam que esse método seja muito fácil e que não custa muito trabalho e esforço?

Eu estava num domingo em Genebra. Dom Mermillod devia pregar na igreja paroquial de Nossa Senhora. O auditório se compunha de bons paroquianos... Oh! não eram pessoas de classe alta, mas trabalhadores, trabalhadoras, pequenos comerciantes, domésticas, pessoas de condição

modesta. As grandes personagens, as pessoas de posição brilhante vão à Missa do meio-dia. - Hoje - o Bispo me disse - vou falar aos meus trabalhadores e trabalhadoras. Sobe no púlpito e faz uma homilia sobre o Evangelho do dia. Fiquei muito impressionado pela simplicidade de suas palavras, da clareza de sua exposição, do seu tom paterno e familiar. Terminou com uma ardente exortação. Todos bebiam, literalmente, suas palavras. - Senhor Bispo - eu lhe disse - a última vez que o ouvi foi em Paris, na 'Santa Clotilde'. O Senhor pregou sobre a Igreja. Permita-me dizer-lhe que a instrução desta manhã me tocou mais profundamente ainda... - Minha instrução aos operários da 'Nossa Senhora de Genebra' - respondeu-me - foi mais difícil e me custou mais trabalho do que o meu sermão sobre a Igreja de 'Santa Clotilde'

É preciso seguirmos esse caminho, meus Amigos, e lembrar-nos que, com São Francisco de Sales, temos tudo o que é necessário para falar a todo mundo.

A Confissão e a direção espiritual.

Mais tarde, meus Amigos, lhes serão dados conselhos referentes à direção espiritual, ou seja, às regras a seguir no santo tribunal. Deveremos conformar-nos a eles e ficar bem fiéis aos ensinamentos de São Francisco de Sales quanto às orientações que é preciso dar na Confissão, referente ao método que devemos utilizar para interrogar os penitentes para levá-los também às disposições necessárias de contrição e bons propósitos. Certamente haveria muita coisa a dizer sobre isso. Compenetremo-nos profundamente de tudo o que o Diretório diz sobre a maneira de administrar bem o Sacramento da Penitência. Cada um de nós assimile bem nosso método pessoal, a partir desses documentos tão repletos de sabedoria, de prudência e de luz divina.

Reparem os Padres Jesuítas. Há entre eles uniformidade completa nos métodos de direção e confissão. Nas relações da vida diária, não são sempre da mesma opinião; não afirmam sempre a mesma coisa; cada um sustenta suas idéias e suas considerações teológicas; surgem às vezes discussões. Mas, em relação à Confissão, à direção espiritual, não há mais divergências. Todos se parecem. São todos fundidos e vazados no mesmo molde. Numa residência de Jesuítas, quando um confessor é transferido, quando Padre Felipe vai embora, sendo Padre Tiago o seu sucessor, este acolhe todos os penitentes do primeiro. Não muda nada. É a mesma coisa; são as mesmas visões; é a mesma direção. Partindo, Padre

Felipe recomendou a seus fiéis que se dirigissem a Padre Tiago e não a outros, mormente a outros não pertencentes à Companhia.

Meus Amigos, ao praticarmos bem o Diretório, seguindo fielmente os ensinamentos de São Francisco de Sales, nossa direção espiritual será perfeita, eminentemente teológica; elevará as almas e as conduzirá a fazer maravilhas. As almas se aproximam de Deus, unem-se sem cessar e cada vez mais a ele por um avançar contínuo, ainda que seja quase insensível. Nós as ligamos à caridade, ao amor, sem que haja algo de brusco ou de violento; a alma é assim estimulada pela caridade divina, quase sem perceber, sem inquietação, sem preocupação. Deus está com ela e ela lhe é fiel. Ele age, atua meritoriamente, de certa forma, em favor dela.

Não somos como os Padres diocesanos, como diáconos que vão deixar o Seminário e começar o seu ministério. A instrução que os Senhores recebem é uma formação a ser obedecida de modo absoluto. É muito fácil ter uniformidade, quando se está com a verdade, podendo se manter em equilíbrio, com os dois pés no mesmo plano. Cada um de nossos jovens confessores peça conselho aos mais velhos sobre a maneira de confessar, de exortar, de encorajar, de interrogar... Assimilem bem o método que nos é marcado. Então, realizaremos um bem tanto mais durável quanto nosso sucessor fizer e disser a mesma coisa como nós.

Olhem, meus Amigos, um resumo de nossas diferentes obras. Neque tepidi, neque segnes, sed alacres (Nem mornos, nem moles, mas dispostos). Ficaremos diante dessas obrigações tépidos, inativos?... Não, tomaremos as coisas a peito: alacres. Faremos todo o empenho em nosso serviço; essa é a nossa vida, está nisso a nossa felicidade. É bonito, meus Amigos, ver um professor diante de sua classe, um pregador frente a seus sermões, um confessor perante sua direção espiritual, um simples vigilante ante sua assistência ao dedicarem cordialmente todos os cuidados e atenções. É muito lindo; aí se encontra a vida verdadeira e feliz.

Mas quando o espírito e o coração estão alheios à tarefa, sonhando com uma outra coisa, não se percebe mais em tudo isso a não ser uma obrigação desagradável, um jugo pesado, aborrecido. Já não se trata mais de trabalhadores ativos, 'alecres'. Interessem-se vivamente no trabalho; dediquem-se de boa vontade, como diz a Sagrada Escritura: *Hilarem datorem diligit Deus* (2 Cor 9,17) (Deus ama a quem dá com ale-

gria). Envolvam Deus no seu serviço, e ele dará alegria e satisfação.

A Boa Madre Maria de Sales, São Francisco de Sales e Santa Joana de Chantal os observam. Abençoem-nos todos no fim deste retiro e nos dêem o que é preciso para tornar-nos seus verdadeiros filhos. Oh! a bem-aventurada família! Quam pulchra generatio cum claritate! (Sb 4,1) Que glória nos acompanha desde já! Que glória continuará a associar-se, cada vez mais, à memória deles.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

QUINTA PALESTRA

A EDIFICAÇÃO ESPIRITUAL

Mais uma vez, meus Amigos, finalizemos bem o nosso retiro. Não deixemos perder-se o que juntamos por nosso esforço e nossa solicitude. Ontem lhes disse que é o fim que coroa a obra. Quando o tempo da colheita chegou, quando o trigo está maduro, se colhe. Conservem, piedosa e religiosamente, até o fim, a fidelidade aos exercícios do retiro para terminar sem desfalecimento algum; é o último degrau, é o último movimento na escada e os Senhores chegam ao topo. As minúcias são o ponto verdadeiramente importante. Na medicina, as coisas menos notáveis são, às vezes, bem mais eficientes do que grandes doses de xaropes.

Vejam na natureza: tudo se processa imperceptivelmente. Tudo segue e continua sem que se veja movimento; tudo se estabelece, se baseia por atos quase despercebidos. As coisas espirituais obedecem às mesmas condições. Para fazer bem o retiro, importa, portanto, dar muita atenção aos pequenos detalhes. Começamos bem; é preciso terminar bem. Espero muito deste retiro; ele tem sido silencioso, recolhido, devoto. Cada um dos Senhores reencontrará, no decorrer do ano, o que juntou aqui. O Bom Deus os visitará nos diferentes momentos, quando mais o precisarem. - Onde vindes, Senhor? - Eu venho do retiro! - ele nos responderá.

Existe um provérbio entre os operários de Paris, entre os comerciantes, os homens de negócios. Reza assim: "A construção funcionando, tudo prospera." Quando se erguem construções, casas, isso movimenta tudo, repercutindo em todo o comércio e em toda a indústria; isso dá vida a todo o tipo de transações. O que se aplica às coisas materiais

vale sempre também relativo a assuntos espirituais. O Bom Deus planejou a matéria palpável, sensível à imagem do pensamento, do espiritual... E isso é tão certo que - tanto no espiritual quanto no temporal - quando a construção anda, tudo vai; e quando o setor de construções não tem trabalho, nada funciona. Essa construção é nossa casa particular, é o edifício de nossa santificação. São Paulo não se serve continuamente dessa comparação? *Fundamentum posui... Si quis autem supraedificat aurum, argentum, ligna, foenum, stipulam...* (cf. 1 Cor 3,10-12) (Lancei o fundamento... Se alguém sobre esse fundamento constrói com ouro, prata, madeira, feno, palha...). Todos os Padres da Igreja costumavam empregar essa comparação para expressar o trabalho da santificação de nossos irmãos, que também precisavam ser edificados. É necessário edificar nossa casa particular, e é imperioso edificar a casa da comunidade. Temos nossa morada particular e a habitação onde vivemos com nossos irmãos. Se não elevarmos este duplo edifício, se a construção não funcionar, seja de um lado seja de outro, não se desenvolve mais. Para proceder corretamente é preciso trabalhar continuamente na edificação da vida religiosa em si mesma, na construção em si da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, através de quem temos que agir sempre, sem o qual nada podemos fazer: *Sine me nihil potestis facere* (Jo 15,5) (Sem mim nada podeis fazer). Como se faz esse edifício? Constrói-se uma casa pouco a pouco; isso não é soprado num minuto como um globo de vidro, mas começa pelos alicerces; depois, o trabalho não pára mais; os tijolos são colocados um ao lado do outro, sem deixar vãos. Depois de deitar um tijolo, é preciso cobri-lo com argamassa. Em seguida um outro tijolo é posto sobre a massa; se, entre os tijolos e a mistura, fica espaço, o edifício desmorona.

Essa comparação é muito apropriada. Eis o que temos que fazer desde a primeira até a última ação do dia e cada dia de nossa vida. É preciso trabalhar pondo cimento, o cimento celeste da Vontade de Deus, da Palavra de Deus, do Diretório...

Ouvi dizer que existem Oblatos de São Francisco de Sales que não apreciam o Diretório, que dizem: O Diretório, o que é isso?... Significa, meus Amigos, que sem o Diretório, aqui não há Oblatos de São Francisco de Sales como não há tampouco chineses!... Os Senhores são Oblatos; será porque dão aula? Porque pregam? Porque rezam Missa? Porque atendem confissões? Não, o que constitui o Oblato de São Francisco de Sales é a prática constante e contínua do Diretório. Assim edificam o

homem interior. Façam-no crescer, camada por camada; fa-lo-ão erguer-se até o céu, através de um trabalho constante, por uma ação incessante sempre acompanhada pela atitude correspondente da vontade.

Os Senhores estão sempre construindo. De manhã, ao levantar-se, o jeito é lançar a alma totalmente em Deus. A construção continua quando estamos na meditação. Peço-lhes insistentemente que façam a meditação como sempre lhes tenho ensinado a fazer, primeiramente ocupando-se com seus deveres, suas obrigações do dia; façam o exercício de preparação do dia bem feito. O pastor, pela manhã, conta suas ovelhas; ele resolve aonde vai conduzi-las. O horticultor determina onde vai plantar suas couves. Os Senhores são religiosos; por isso devem levar uma vida especial, cumprir uma função importante e capital. E os Senhores não pensariam nisso? Iriam a esmo ou como um robô?... É absolutamente necessário, portanto, prepararem a sua jornada. Se, por um motivo ou outro, não conseguiram fazer essa preparação na meditação, tomem sempre o tempo para dar uma rápida olhada nos seus deveres no dia e formular um sério propósito. Não comecem sua jornada como um homem que vai trabalhar na terra, mas não sabe a qual lavoura se dirige.

Os Senhores farão sua meditação com o Diretório, na maioria das vezes; é esse mesmo o meio para fazê-los compreender e amar o Diretório, para fazê-los praticá-lo com piedade, com unção... Os Senhores praticam maquinalmente o Diretório; se o amassem, se se apegassem a ele, não seria melhor? Onde conseguir isso? Na meditação. Fazendo a meditação com o Diretório, os Senhores se afeiçoam a ele e apreciam-lhe o valor. Sua meditação não será árida; será uma conversa com Deus sobre coisas íntimas e de grande interesse, porque se trata exatamente daquilo que devem fazer hoje. Os Senhores lhe dizem uma palavrinha ao ouvido, como a um amigo, e ele os ouve. O resultado disso será que suas ações do dia não serão feitas superficialmente; serão refletidas e bem pensadas. Os Senhores as realizarão com prazer e satisfação.

Essa maneira de agir previne as faltas e negligências diárias e nos leva a gostar do capricho ao cumprirmos o nosso dever.

Quanto aos dias de festa, relativo aos dias em que a graça do Bom Deus os tocou, ocupem-se na meditação com aquilo que o Bom Deus lhes inspira, considerando seus mistérios e aquela festa... Os Senhores experimentam um contragosto, um aborrecimento, uma desavença com seus coirmãos, com seus alunos. Meditem sobre isso mesmo. Os Senhores encontram dificuldade em cumprir tal obediência? Por que não vão colocar-se

diante do Bom Deus? Isso vale a pena; peçam-lhe ajuda e força. Ou, no caso de um aniversário, o de sua Primeira Comunhão, de sua entrada na Congregação, de sua Profissão ou de sua Ordenação... O mesmo num aniversário de festa ou de luto familiar... Levem-no à meditação. Ocupem-se com isso diante do Bom Deus. Os Senhores têm aí assunto para uma excelente meditação.

Reparem como nosso edifício se constrói pouco a pouco, um tijolo sobre outro e toda a parede se levanta. Assim preparamos lenta, mas seguramente a perfeição de nossa casa.

O mesmo vale para todos os nossos exercícios.

A Santa Missa... Aproveitem o Diretório para preparar-se à Santa Missa. Detenham-se num ou noutro ponto dessa preparação para ocupar-se espiritualmente. Não se deve ir ao altar como se vai a qualquer outro lugar. Celebrem bem a Santa Missa e serão bons religiosos. A Missa bem rezada é um auxílio poderoso, traz satisfação e felicidade. As almas devotas em volta o percebem. É uma força para o Padre; é de muita edificação para todos. A gente é edificada pelo porte dos Senhores, pelo recolhimento, por sua maneira de ser e de rezar. Compenetrem-se profundamente desses pensamentos tão santos, tão belos que o Diretório lhes sugere para a Santa Missa. Se tiverem feito a sua meditação sobre eles, os mesmos lhes surgirão de novo no espírito e no coração.

Em todas as funções do Santo Ministério, nas Confissões que são chamados a atender, sirvam-se também e sempre do Diretório. Dirijam-se ao confessional com a preparação que o nosso Santo Fundador lhes sugere; tenham bem presente o que está no Diretório. As almas que vierem aos Senhores sentirão que o Bom Deus está aí, que quem lhes fala, fala verdadeiramente em nome de Deus. Todas as almas se inclinarão diante do pensamento, diante das ordens dos Senhores; acenderão nelas o fogo sagrado do amor a Deus.

O mesmo acontece em todas as sagradas funções; igualmente em todas as nossas atividades comuns e materiais. A aula, os estudos, as vigilâncias, por que não aproveitar tudo isso para ir a Deus? Por que não fazê-lo com ele e valer-se dele em tudo isso? Não, não sejam simples professores, apenas mestres de estudo. Alguém poderia pensar talvez que eu dou tanta importância às coisas espirituais a ponto de negligenciar as recomendações necessárias para que todos dêem aula devidamente, atendam a vigilância, e assim por diante... Não, meus Amigos, eu lhes digo e repito: aí, sobretudo, executem bem - como fazia o nosso

Santo Fundador - apaixonadamente bem, todo o dever do momento presente. Quem só faz as coisas pela metade, quem não as toma a peito, para que ele serve? Presta somente para estragar a situação e para não fazer nada que tenha algum valor.

Escutem-me bem, meus Amigos; consequência de tudo isso é um conjunto de coisas que existe entre nós e que não se encontra tanto no meio de todos os outros. Dá-se como resultado um tipo de atmosfera que nos envolve, algo como um jugo que nos pesa sobre os ombros... Nunca nos sentiremos plenamente livres. Teremos sempre alguma coisa a fazer, alguma tarefa a cumprir. Permanentemente experimentaremos que não somos nós mesmos. Carregaremos um peso de chumbo, 'talentum plumbi', nos ombros. O religioso deve assumir esse jugo. Deve ser fiel companheiro de quem disse: Tollite jugum meum super vos (Mt 11,29) (Tomaí sobre vós o meu jugo). Oh! felizes grilhões, dizia São Paulo... Como eu gostaria de ver os Senhores mesmos carregá-los... Não os que me prendem as mãos e os pés, mas aqueles que me atam o espírito, o coração, a vontade, a postura, todo o meu ser e que o põem totalmente em paz. Esse jugo não faz vergar os ombros, mas os torna fortes e capazes de carregar valentemente tudo o que o Bom Deus permite, tudo de que o próximo nos sobrecarrega. É bom para o homem, diz a Sagrada Escritura, suportar o jugo desde a sua juventude (Lm 3,27). Repito: existe em nossa vida de Oblato um fardo que se percebe... Sente-se que a gente não está totalmente livre por parte do Bom Deus. Não é, claramente, o medo do pecado, o receio de se desviar do bom caminho, não. Não se caminha 'cum timore et tremore' (Ef 6,5) (com temor e tremor). Esse sentimento de temor filial, de respeito, nos acompanha em toda a parte. Guarda-nos da tentação, preserva-nos de quedas.

Feliz de quem carrega assim, no seu interior, o jugo do Senhor! É uma grande graça! Com ela teremos a verdadeira liberdade, a liberdade dos santos, a liberdade mais completa que se possa gozar nesta terra. Deus não é cruel; ele é bom. Os Senhores se entregam totalmente a ele; não tenham medo, certamente ele saberá dar-lhes outra coisa: Bonum est viro cum portaverit jugum ab adolescentia sua. (Lm3,27) (É bom para o homem suportar o jugo desde a sua juventude). Os Senhores são o operário que trabalha com tempo bom, na chuva, no calor, no frio; sempre trabalha; sempre constrói sua casa, e o edifício se ergue...

Mas, diz o provérbio: Quando a construção não anda, nada funciona. Isso é fatal! O Bom Deus não os ama mais, porque os Senhores

mesmos não querem mais o que têm que fazer, porque não fazem mais nada que preste. Ninguém os compreende, ninguém está com os Senhores. Estão sozinhos e devem suportar todo o aborrecimento e toda a angústia de uma situação intolerável.

Pelo contrário, lembrem-se bem que todas as vezes que sacrificaram sua liberdade, tornar-se-ão verdadeiros donos e reis. Continuem a construir e a edificar. Seus esforços, suas dificuldades são o martelo e o cinzel que talham as pedras de construção; é a colher que alisa o cimento e a argamassa e liga todos os tijolos entre si. É nessas condições e com um trabalho incessante e ininterrupto que se edificará a sua domus spiritualis (casa espiritual). Será que temos construído assim a nossa casa espiritual até hoje?

Mais uma coisa que lhes faço lembrar seguidamente, perdoem-me... Não tenho medo de insistir nisso. Se compreendessem bem o valor imenso, diria até infinito, dessas milhares de minúcias que se encontram em nossa vida de todos os dias e que são, propriamente dito, o cimento de nossa construção!... Um pequeno contratempo, um pequeno incômodo, um pequeno sacrifício, uma pequena fidelidade a Deus, um pequeno detalhe que passa despercebido por parte dos homens... Está aí a virtude das virtudes; eis a virtude de um bom Oblato de São Francisco de Sales. É verdadeiramente a argamassa das paredes da casa. Além desta necessidade de cada um de nós edificar nosso edifício espiritual, temos também uma obrigação rigorosa, uma função - quase diria - mais importante ainda em relação à nossa comunidade. Precisa-se construir a casa, a habitação da comunidade, a moradia religiosa, a cidade de Deus, como a chamava Santo Agostinho. É exatamente isso o que o fez redigir sua Regra. Ele tinha reunido em volta de si um número de Padres com os quais ele vivia em comum e formava uma espécie de congregação. Tinha estabelecido uma congregação de religiosas. Dizia que era o modelo da cidade de Deus que tinha fundado essas cidades terrestres. Seu belo livro da Cidade de Deus mostra-nos como todas as virtudes contribuem para o resultado que Deus se propôs, isto é, para a edificação e felicidade da casa do Céu, mas também para a edificação e a prosperidade da Igreja da terra. Precisamos, pois, trabalhar para a nossa habitação, para a cidade da Congregação dos Oblatos de São Francisco de Sales. Se a nossa casa não for bem construída, se ela não estiver rodeada bem por muros, ficará exposta a todos os ventos, será roubada e pilhada. Ondas fortes derrubarão os muros. É preciso que construamos uma cidade fortificada e

invencível.

Ora, em que consiste a cidade? São os cidadãos. São as pessoas que reúnem e aliam os seus esforços, seus interesses, seus ideais, seus objetivos... Essa é a Cidade. Não tenho medo de dizer que os Oblatos são mais favorecidos do que todos os outros nesse sentido, sob o ponto de vista religioso. Os Oblatos são boa gente... Não sei de comunidade alguma, onde a caridade - tudo bem considerado - esteja tão viva como entre nós. Estou certo de que nenhum dos nossos Padres tenha um outro Padre como seu adversário e que ninguém procura difamar este ou aquele dos seus coirmãos ou tenta suplantá-lo naquilo que o outro faz. Existe isso em outra parte? Sim, infelizmente! Sendo que não acontece entre nós, o devemos a uma grande graça de Deus.

Mas talvez haja também alguma coisa que não se encontra tanto em nenhum outro lugar. É o que se chama de individualismo. Cada um permanece no seu rincãozinho, fica em sua casinhola. Parece que a Congregação não é muito importante; mal e mal se sabe, parece, que ela existe. Quanto a isso, meus Amigos, acho que estamos no último lugar. Oh! não estou dizendo isso com a intenção de chocá-los. Notem bem que estou falando sobre "nós"; eu faço parte. Censuro primeiramente a mim mesmo. Importa dar muita atenção a esse individualismo. Como, pois, remediar esse mal que realmente existe? Precisamos fazer como para nossa construção pessoal... Tenhamos idéias claras sobre o que devemos fazer, sobre o que Deus e a vida religiosa requerem de nós; e daí, dediquemo-nos a isso com todo o empenho, com toda a boa vontade, com todo o coração.

É preciso sermos, em relação à Congregação, não pessoas indiferentes, não - sobretudo - destrutoras; mas entreguemo-lhe de bom grado todo o nosso coração e todo o nosso bem-querer. Não somente temos que afeiçoar-nos àquilo que somos, mas devemos interessar-nos em tudo o que se faz na Congregação; precisamos apegar-nos a sua doutrina, a suas obras. Numa palavra, importa que criemos laços de afetividade à Cidade de Deus à qual este nos chamou, isto é, à nossa Congregação a fim de realizar a construção que fomos chamados a erguer na terra. Esse edifício construiremo-lo não só para nós a fim de nos abrigar ali, mas também para que se refugiem todas as pessoas feridas, todos os corações enfermos, todas as criancinhas que pedem pão, o jovem que se extraviou, a jovem que periga perder-se. Essa é a cidade que construímos e que foi entregue a nossos cuidados. Se não cumprirmos devidamente essa tarefa, haverá o julgamento, o julgamento das coisas interiores e das coisas

exteriores.

Olhem uma doutrina muito clara e evidente, meus Amigos: Os Senhores todos devem cooperar para o bem comum. Existem os ensinamentos da Congregação, há os interesses e a honra da comunidade, tantas coisas de que devemos cuidar, pelos quais temos que preocupar-nos e zelar. Devemos particular dedicação às obras da Congregação, isto é, cada um se empenhe para atender de todo o coração o que lhe é confiado e se encontra na área do trabalho que a obediência solicita dele. Muito bem. Mas quem está ao lado pode simplesmente ignorar o seu vizinho? Será que pode não levar em conta o trabalho dele, afastar-se, desinteressar-se dele e, ocasionalmente, até desfazer o que aquele já fez?

Reparem os Padres Jesuítas. Não importa o que este ou aquele fez. Seja quem for, ele sempre encontra o apoio e a aprovação de todos os seus coirmãos. O que fizer: um livro, uma pregação, uma obra, está sempre bem. Está errada essa maneira de agir? De certo que não. Imaginem uma família; os Senhores querem bem o pai, a mãe, o irmão, a irmã. E aí alguém vem dizer-lhe: Seu pai é desonesto; seu irmão é um miserável. O Senhor vai aceitar esse parecer? Sua irmã é mesmo leviana? Sua mãe não é mesmo capaz de fazer muita coisa boa? O Senhor vai admitir tudo isso? Sem provas? Sem exames? Sem mais nada? Temos um irmão que não é muito talentoso, sem dúvida; ele é atacado; não procurarão defendê-lo quanto mais possível? Mas os Senhores têm um outro irmão, muito inteligente, um gênio. Há quem procura desprezá-lo e destruí-lo... Vêm-lhes falar baixinho ou bem alto: Olhem isso, reparem aquilo... Querem acabar com a família dos Senhores, demolir sua casa. Os Senhores se indignam, desfazem a calúnia e os caluniadores...

Por que não fazer, em favor de sua família espiritual, o que fariam e o que fazem todos os dias para sua família de parentesco? O que não gostariam de fazer para os membros de sua família, não o façam para nenhum dos membros de sua comunidade... Isso é tão simples que não há necessidade de dizê-lo de outra maneira. O que cada um de nossos Padres faz, seja em relação à gente de fora seja em relação a nós, não nos deve ser indiferente. Temos que interessar-nos nisso; devemos cooperar pelo amor, por nosso empenho também, se pudermos; devemos até, quanto mais possível, achar que é um bom trabalho o que ele faz... Mas se, de fato, o assunto não estiver bem, claro que é permitido dar discretamente um bom conselho... Mas nunca a gente deve voltar-se contra e tentar demolir o que outro fez. Tenham sincero interesse, saibam esti-

mar, querer bem, colaborar, se forem solicitados, referente a tudo o que se faz na comunidade.

No que diz respeito a assuntos materiais da comunidade, lembremos que não somos anjos e que uma comunidade precisa de recursos para sustentar-se. Recordemo-nos bem da doutrina da Igreja a respeito. As coisas materiais pertencentes a uma comunidade religiosa são sagradas; é propriedade de Deus mesmo. Não se pode tocar nisso. Daí que, nos mosteiros antigos, os recursos materiais eram considerados algo quase essencial para a própria vida religiosa, a tal ponto que a Regra de São Bento considera dispensado de seus votos o monge cujo mosteiro fosse destruído. Ubi deficit locus, deficit monachus. (Faltando o lugar, inexistia o monge.) Depois de o mosteiro queimado, legalmente não há mais monge. As coisas materiais, pois, são de certa maneira essenciais para a vida religiosa; é uma parte considerável, é a base da vida religiosa. Daí precisamos ter muito interesse em todos os aspectos materiais da comunidade. Devemos cuidar tanto disso quanto do próprio renome dela. Temos as mesmas obrigações referente aos assuntos materiais e relativo aos interesses espirituais da Congregação. Compreendam bem isso; e então, conforme suas forças e atividades, os Senhores terão que aproveitar tudo o que puderem conseguir ou ganhar, tudo o que, observando os limites da honestidade e caridade, puderem receber. Importa que cada um contribua com sua parcela, sua partezinha para a casa familiar. Um filho de uma família operária que não trabalha, que só pensa em gastar o que os outros ganharam, é uma pessoa desprezível. Ele mancha a honra da família. Não estou exagerando nada. Não entro em pormenores... Quanta coisa se poderia dizer sobre a economia que cada um religiosamente deve praticar, sobre a preocupação para providenciar o necessário para a Congregação. Quanto se poderia dizer sobre o amor que se deve ter pelos interesses dela. A Congregação é assunto nosso; é nossa casa, somos nós... Não há outra palavra mais acertada: é nossa casa, somos nós!

Finalmente, meus Amigos, precisamos querer bem a comunidade e os membros da comunidade. Temos que gostar da doutrina, da maneira de pensar, de ver, de falar, de agir da Congregação. Precisamos gostar de ser Oblato de São Francisco de Sales. Temos - eu o digo pela milésima vez - uma característica muito especial; temos uma formação espiritual toda própria; temos um dom de Deus incomparável. Vivam isso seriamente. Ponham isso em prática e verão que resultados vão surgir.

Sim, hoje quero ser um bom Oblato. Quero fazer o que é preciso

e o que Deus pede... Os Senhores verão, então, o que o Bom Deus lhes dará; o que receberão para si e para os outros... Obterão tudo o que desejarem. Experimentem e verão que não estou exagerando.

Sim, afeiçoem-se a seu trabalho e à sua Congregação; é somente pelo amor que se pode fazer alguma coisa de valor e que grandes coisas se fazem...

O povo grego era o quê? Quanto à população o equivalente a duas ou três províncias francesas. O que deu à Grécia um lugar tão destacado na literatura, nas artes? Unicamente o amor pela sua terra. Procurem, não encontrarão outra coisa. Quando agora se percorre esse país, e a gente se pergunta como tal pobre arroiozinho seco, como aquelas pedras ruídas, sem forma nem modelo, como esse solo árido, pedregoso, requemado pôde dar uma expressão tão vibrante, tão melodiosa a todos aqueles que falaram sobre isso... Não surge do solo; não se origina da produção da terra nem tampouco do encanto da vida... Onde encontraremos, então, a resposta? No coração dos filhos da Grécia; eles amavam sua terra e a ela dedicaram obras-primas imortais, as primeiras do mundo. Queiram bem a sua Congregação, meus Amigos, e os Senhores também estarão entre os primeiros. Caso contrário, basta serem indiferentes, não amando ou pouco a Congregação, e logo não existirão mais, e não sobrarão nada. O valor da Congregação dependerá sempre da medida do bem-querer dos Senhores por ela. Apliquem o termômetro no seu coração, e o grau indicado assinalará também a vitalidade de suas obras. Não há um milímetro, um átomo de diferença entre sua afeição e o valor real da Congregação.

Portanto, meus Amigos, o amor pela Congregação, o zelo pelos interesses materiais e pelas obras dela, é o edifício que cresce lentamente, pedra por pedra, e sempre no sentido do plano que foi projetado. E, mais uma vez, se esse edifício, essa cidade, não só servisse para proteger-nos, colocar-nos ao abrigo da neve e da chuva, não seria isso um excelente benefício? Mas essa cidade abre também suas portas para muitos outros: crianças, rapazes e moças, mulheres casadas, homens mal sucedidos, tantas almas caídas, desagraciadas, violentadas, arruinadas pela tempestade... Será que a nossa cidade não se abre de par em par para recebê-los? Não é uma cidade de refúgio por excelência, nos desígnios da Providência, como existiam antigamente as cidades de refúgio em Israel?

Quais as condições para construirmos o nosso duplo edifício

acabo de dizer-lhes.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

NOSSAS OBRAS EM 1896

Reunião especial com os Padres mais antigos,
na ocasião do retiro de 1896.

Nossa reunião se parece com uma comissão geral de iniciativas que estuda as questões e submete seus pareceres ao Conselho. Não tem poder próprio de decisão, de administrar, mas tem a incumbência de estudar as medidas a tomar e de garantir a execução das resoluções já tomadas.

Uma palavra, um nome nos caracteriza, e é preciso compreendê-lo bem, pois expressa tudo o que devemos ser; somos religiosos Oblatos. Temos a necessidade, portanto, acima de tudo, de força, de poder, de ajuda sobrenatural. É indispensável que a nossa motivação, que nossas aspirações sejam totalmente sobrenaturais. É preciso, muito particularmente, que tenhamos o espírito de caridade. Este é um dom de Deus. Não podemos praticá-lo por força natural apenas; e não é segundo nossos critérios, nossas opiniões pessoais que possamos agir nesse espírito. Esse dom é preciso pedi-lo a Deus.

Precisamos de caridade, não somente de pessoa para pessoa, mas também de casa para casa, também e sobretudo, relativo à toda a Congregação. Sim, meus Amigos, todos unidos, no amor pelo Diretório, na união e na caridade, protejamo-nos mutuamente. Um de nós tendo um bom pensamento, uma idéia fecunda, acolhamo-la de boa vontade e encorajemo-la em vez de abafá-la. No trabalho de aula, junto aos alunos, na disciplina, interessemo-nos naquilo que fazem os nossos irmãos, sustentemos e ajudemo-los, não à base de cálculos humanos, mas por motivo de caridade divina. Isso nos dará a todos uma força e um poder muito grandes...

No que diz respeito aos colégios - Padre Rolland fica encarregado da direção dos estudos e da vigilância em geral. Seremos obrigados, sem dúvida, a fazer algumas modificações, devido à invasão do ensino moderno que surge, se impõe e ameaça prevalecer sempre mais. Mais tarde, haverá provavelmente um retorno. Mas, enquanto isso, somos obri-

gados a sofrer a diminuição dos estudos clássicos e somos forçados a tomar medidas para que o resultado não seja por demais desastroso. Em Santo Ouen, em Macon, isso se torna muito difícil. Como fazer um colégio de duas facetas? Talvez vamos encontrar-nos diante da impossibilidade de continuar os nossos colégios; ou será preciso continuar em condições que seriam uma verdadeira ruína.

Concluamos. Padre Rolland estudará a questão do lugar a dar, praticamente, a esse ensino moderno em nossos colégios. E vamos rezar com fervor a São Francisco de Sales e à Boa Madre Maria de Sales, para que nos inspirem e nos ajudem.

Nossas missões - Na África, recebemos muito estímulo de Roma para começar a difícil tarefa de aquisição de uma propriedade além do Rio Orange. Precisariíamos de Padres alemães. Dom Curé e a Condessa Ledochowska incentivam essa obra. Seria necessário que Padre Lebeau fosse para lá; ele juntaria recursos e o pessoal. Estou esperando uma resposta a respeito: o Padre iria a Viena.

O Arcebispo de Montevideo escreveu uma carta muito boa. Ele me agradece e conta com nossos Padres; seu coração e seu bolso lhes estão abertos... Estou aguardando uma resposta definitiva do Padre David.

Os cursos de Teologia. Nós estabelecemos, eu acho, os cursos de Teologia numa base muito sólida e com um método que considero bom. Os velhos gostam de lembrar-se dos elogios que receberam, quando eram jovens. Eu digo isso, porque, na época, eu me imaginava que sabia um pouco de Teologia; até diziam isso para mim... Às vezes me gabo disso. Em diversas oportunidades dei aula de Teologia; queriam fazer-me professor titular aos vinte e três anos e meio. Eu era professor de ciências, mas substituí, às vezes, os outros professores de Teologia. Acredito ter, pois, condições para julgar. Conheci teólogos alemães de renome; falei muito com eles. Os cursos superiores de Teologia, os cursos aparatosos, muito bem... Mas o que não vejo mesmo são seus resultados práticos. Formam-se professores, sim; mas consegue-se fazer sair de lá homens preparados para a prática? Acho que não. Pois bem, nós somos homens da prática; somos gente boa e humilde que não precisamos sentar-nos na cátedra de doutor; mas, por obediência, devemos ser confesores; devemos aproximar-nos dos pecadores, chegar perto das almas aflitas. Vejo que a Teologia que nós ensinamos é mais eficaz para a sal-

vação dessas almas do que os grandes cursos de Teologia.

Eu tinha uma discussão com o Bispo de Troyes. Ele queria ordenar um dos nossos; eu me opunha. - Por que o Senhor não quer? - Ele não sabe suficientemente Teologia. - Mande-o para mim; eu o examinarei... E depois o Bispo me disse: - Quero ordená-lo; ele está suficientemente instruído. Faço votos que todos os meus seminaristas saibam tanto quanto ele. E eu não quis. O candidato nos abandonou e deixou se ordenar pelo Bispo... Os Senhores vêem, meus Amigos, que sou severo quanto à competência científica.

Se nós nos metemos a ensinar Teologia, é porque a ensinamos tão bem quanto em outra parte. Se oferecemos, portanto, os elementos para aprender a Teologia, importa empregá-los bem. Que se estudem as lições dadas, sejam reapresentadas de cor; os deveres indicados sejam feitos, com a descrição, com o esforço, a boa vontade que exigem as redações tão sérias e cujo resultado há de ter tanta importância.

Eu tinha tentado obrigar todos os nossos Padres, sem exceção, a fazer os deveres de Teologia. Padre Lambert foi nomeado examinador dos trabalhos. Um dia pedi a Padre Lambert os textos... - Ah! eu recebi o do Padre Perrot, o do Padre Rollin... E, algum tempo depois: - Recebi mais um de um outro Padre... - Padre, - eu respondi, - escreva, pois, a todos os nossos Padres para que os remetam... Chegaram uns durante algum tempo; e logo cada qual tinha o seu motivo para não mandar nada; e um certo número não tinha tempo... porque não tinham muita coisa a fazer!...

Consta na Regra que é preciso estudar Teologia três horas por semana. Estou decidido a não isentar ninguém disso. Meu pedido não é exagerado. É preciso reservar tempo para repousar, comer e dormir. Bem se pode tomar tempo também para estudar Teologia. Padre Lambert mandará novamente as questões e a gente as responderá.

Quando formos de mais anos de existência, mais numerosos, espero que tenhamos bons teólogos. Com a Teologia de São Francisco de Sales, de Bellarmin, de São Tomás, de Santo Afonso de Ligório, com a Sagrada Escritura e os Santos Padres, a gente fará cursos admiráveis. No Seminário Maior tínhamos um professor de Teologia dogmática, o Padre Sébillé, um grande orador e um excelente professor, que fazia assim. Seus cursos eram tão bonitos e interessantes que ficávamos maravilhados. Era muito expressivo, não tanto por eloquência pessoal quanto pelas fontes consultadas: Bellarmin, São Tomás, frequentemente também São

Francisco de Sales... Eu assisti a um curso sobre a Eucaristia que era admirável em todos os sentidos.

A ciência mais bela, mais interessante, mais deliciosa é a ciência teológica. Começaremos a ensinar a nossos jovens os princípios da Teologia. Cada um de nós continuará por meio do seu trabalho individual de cada dia o qual nos abrirá horizontes bons e prometedores.

Estudando assim a Teologia, os Senhores poderão servir-se dela para elaborar simples aulas de catequese e serão muito interessantes. As crianças que se preparam para a Primeira Comunhão têm a sensibilidade para as coisas santas de uma maneira admirável. Encontrarão meninos e meninas que os compreenderão. Tomem isso a peito, portanto. Todo o começo é difícil e duro; se a gente não se desanima, depois surgem frutos deliciosos.

Volto à minha primeira idéia, a saber, que é preciso amar sua comunidade e mostrar isso efetivamente. Isso acontece ao procurarem **encontrar vocações** para ela. Como?... Em nossos colégios, em nossas obras, nas ocupações do ministério pastoral, ao atender confissões, dirigindo as crianças e vendo entre elas a presença de sinais de vocação.

Este zelo corresponde tão bem ao sentido da vida religiosa que São Bernardo corria em busca das vocações. Ia procurá-las e usava todos os meios. São Bernardo vai a Paris; prega na igreja de "Notre Dame". Havia ali um grande número de estudantes. Ele pede ao Bom Deus que lhe dê pelo menos cinco dos seus ouvintes. Descendo do púlpito, esperava que se apresentassem. Ninguém aparece. Chegarão em seguida talvez? Ele se põe de joelhos; reza longamente, com insistência... Não vem ninguém. - Mas, meu Deus, - ele diz - como pode ser que não me mandou nenhum?... E ele começa a gemer e a soluçar tão forte que foram procurar o Bispo e dizer-lhe: - Padre Bernardo está doente!... O Bispo veio: - Padre, o que está fazendo?... - Ah! Senhor, o Bom Deus me considera indigno de encaminhar-lhe almas!... Ele sai com o Bispo; e eis dois jovens que vêm ao encontro dele. São Bernardo os olha e lhes diz: - O que vêm fazer? Não estiveram presentes na hora do sermão... Sabem o que Deus quer de vocês? - Viemos perguntá-lo ao Senhor. - Ele quer que venham comigo... - Temos ainda três amigos, acrescentam eles. - Levem-me a eles, - diz São Bernardo. Ao chegar junto deles: - Vocês têm a vocação religiosa! - diz o santo. - Padre, nós o seguimos!...

É assim a vocação religiosa. Quem fez esses jovens decidirem a

tornar-se religiosos? Não são os amigos, não são as reflexões! Não é sequer um sermão, pois eles nem estiveram presentes... É São Bernardo, seu zelo, sua oração. Se nós tivéssemos um pouco de São Bernardo no coração, chegaríamos lá; e é preciso pedir isso ao Bom Deus.

Uma coisa à qual todos os bons religiosos devem estar sumamente ligados também é o **interesse material da comunidade**. Por ora, não temos outras entradas a não ser as que o trabalho de nossas mãos e o suor de nosso rosto nos proporcionam. Não estendemos a mão a ninguém, mas é pelo trabalho, a economia, a privação que se chega a superar a curteza do dinheiro, sendo essa, aliás, uma situação altamente respeitável, à qual temos que apegar-nos. Mas quanto mais recursos uma Congregação tiver, tanto mais ela pode estender o seu campo de ação e fazer o bem. Nós somos Oblatos e devemos aproveitar os diversos meios ao nosso alcance para providenciar algo para a comunidade.

Vamos fazer um apelo para assegurar o futuro. Já vieram dizer-me, e mais de uma vez: - Mas, Padre, todas as Congregações têm uma obra que as sustenta: ora a Obra das Vocações, ora a Obra do Pão de Santo Antônio, etc. etc. Todas as Congregações têm isso; nós não temos nada! A intenção de nossos Padres, portanto, é que nós tenhamos também uma Obra. Para isso peço a ajuda de suas orações e de sua boa vontade... Peço que nos colégios, na direção espiritual, na pregação, nos Anais, isso não seja esquecido, mas que seja feito com muita precaução, discrição, sobretudo com muitas orações.

Numa quantidade de Congregações, existem Irmãos e Padres pedintes. Eu não me tornei religioso, em parte, porque tinha medo que fizessem de mim um irmão pedidor... Se me dissessem que iria reto para o Céu, sob a condição de ser um irmão esmoleiro, realmente, não sei se poderia decidir-me a isso... Também não os comprometo a bancar o irmão pedinchão. No entanto, é preciso chegarmos a viver. Olhem uma criança que manifesta todos os sinais de vocação. Vão apresentá-la a Padre Perrot, em Morangis. "Aceito com prazer," ele responderá, "mas dêem-me com o que encher-lhe o prato!..." Mas, se ele não tiver com que fazer uma sopa, não lhe abrirá a porta. E o menino irá a outra parte. Isso acontece muitas vezes, meus Amigos.

Assumam de todo o coração esta obra que vamos fundar. Apliquem-se a isso com empenho pessoal, à Obra Sacerdotal - assim será chamada - mas, repito, com prudência e discrição.

Perguntei a um religioso que veio pedir esmola - ah! eu poderia mencioná-lo; não faz muito tempo! - Como o Senhor se defende diante de uma tarefa dessas? Não é nada fácil. - Tenho um segredinho, - ele me respondeu. - Quando chego numa cidade para pedir, de manhã, digo a meus botões: Meu amigo, precisas contar com três recusas antes que te dêem alguma coisa... Então, me ponho a caminho. Recusam-me uma, duas, três vezes e, ocasionalmente quatro... Quando vejo minha previsão ultrapassada, digo comigo mesmo: Já vou conseguir; o Bom Deus vai dá-lo para mim. E tudo o que passo, eu conto para o Bom Deus. Sem isso, não teria coragem de esmolar!...

Não quero, meus Amigos, que os Senhores sejam pedintes! Há muito tempo - é mais uma vez uma história antiga - quando começávamos a ser religiosos, Padre Rollin ia fazer a Profissão, e eu lhe disse: - O Senhor vai fazer Profissão de voto de pobreza; compreenda bem o que significa ser pobre... Faltam-lhe carpins; pois bem, o Senhor visitará Senhora fulana e lhe dirá que dê para o Senhor seis pares na ocasião da sua Profissão. - Eu vou, - respondeu-me Padre Rollin. Era uma senhora impertinente e um pouco pão duro. Padre Rollin foi procurar seus seis pares de carpins e os conseguiu. Não os enviaria para fazer isso agora; mas, no início, éramos mais pobres ainda do que agora.

Atualmente, a maioria das Congregações masculinas têm uma **Terceira Ordem**. É uma associação leiga que depende da Congregação. As Terceiras Ordens têm a vantagem de fazer conhecer e amar a Congregação e de estender seu raio de ação e sua influência. Quase todas as Congregações já fizeram isso. Nunca me acontece - ao confessar um homem ou uma mulher e perguntar-lhe: "Está fazendo alguma coisa para o Bom Deus?" - que não me respondam: "Oh! Padre, sou de tal associação." Em Soyhières, algum tempo atrás, diziam-me: "Eu sou da associação do Reverendo fulano, do Padre beltrano... Eu trabalho para as missões de Padre sicrano... O Bom Deus nos abençoa," acrescentavam invariavelmente. "E cada vez que faço um sacrifício para essa obra, o Bom Deus me recompensa imediatamente."

Vamos fazer também uma Terceira Ordem. Já temos uma. Padre Mayerhoffen, que gosta muito da Boa Madre, pensou que seria bom formar uma associação de pessoas leigas que vivessem no espírito do Diretório. Ele falou sobre isso com o Cardeal Richard que lhe disse: "Claro, meu bom Padre, bem que faz... Desejo que ela seja chamada 'Associação de São Francisco de Sales'. Esse título está desocupado agora; aprovei-

te-o..." O Padre reuniu diversas pessoas devotas que, com gosto, querem fazer parte... E agora temos a ata arquiiepiscopal pela qual está fundada a Associação de São Francisco de Sales, que tem como finalidade levar a praticar este Diretório que santificou São Francisco de Sales e tantos outros. Agora possuímos, portanto, uma autorização oficial, uma instituição canônica. O Padre me diz que está satisfeito com essas reuniões. Eu mesmo vi duas ou três vezes essas senhoras; pratica-se realmente o bem entre elas. Isso torna as almas mais generosas, de todas as maneiras. Estabelecem-se conosco relações de família; isso é bem visível.

Lembrem a Associação do Padre Chaumont. Ele começou, como o Padre Mayerhoffen, com dez ou doze pessoas. E agora sua associação conta com milhares e milhares de leigos e sacerdotes.

Ninguém de nós deverá deixar de ter interesse nesse assunto. É preciso, para tanto, que sejamos um grupo coeso e não individualistas. Não se diga, portanto: "Está bem. Mas se fizessem assim, ou daquela forma... ou de outro modo..." Não é necessário que uma coisa seja perfeita para ser bem-sucedida. Não são as coisas elevadíssimas, extraordinárias, maravilhosas que mais fazem o bem. Observem os Padres Jesuítas com o livro dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. Eles fazem muito bem. Tomem esses Exercícios, abram-nos e o que encontram é muito simples, muito elementar. Os Padres Jesuítas souberam aproveitá-los bem, fazendo-os valer. E com isso, repito, eles fazem um bem imenso. Explore os pequenos meios que os Senhores têm para saírem bem-sucedidos. Como um grupo coeso, invistam todo o seu amor. Preparem sua atuação junto às almas e, no tribunal da penitência, em seus sermões, em suas relações com os fiéis, com os sacerdotes, os Bispos, os Senhores terão cuidado para conduzir suavemente as almas a acolher isso. Peço-lhes que se empenhem, que zelem, que se dediquem; é-nos uma obrigação em consciência.

O Bom Deus depositou em nós a doutrina de São Francisco de Sales, explicada por sua filha mais fiel. É a opinião de todos os Bispos. Repito as palavras dos que, em Roma, leram a Vida da Boa Madre. O Secretário da Propagação da Fé me disse: "O Senhor não pode saber o que a doutrina de São Francisco de Sales suscitará na Igreja..." Quem está encarregado de divulgar essa doutrina? Não é este ou aquele... Somos nós.

Fim do retiro de agosto de 1896.

II. RETIRO - SETEMBRO DE 1896

PRIMEIRA PALESTRA

O RETIRO E O DIRETÓRIO

Meus Amigos, façamos este retiro com muita seriedade. Todos precisam do retiro: os sacerdotes, os religiosos, especialmente os Oblatos, porque nossa vida, toda interior de um lado, deve ser toda exterior de outro, pela prática incessante da maior caridade. É preciso, pois, que tomemos todas as precauções, interior e exteriormente, para atingir nosso objetivo que é o de ser um perfeito religioso.

O retiro para nós, Oblatos de São Francisco de Sales, não é de forma alguma como muitos bons padres e santos religiosos o ensinam e praticam. São feitos longos exercícios, demoradas meditações. Eu compreendo que isso tenha algum efeito sobre a imaginação; o espírito é fortemente impressionado, as convicções parecem mais profundas; o retiro produz grandes abalos naquelas almas; determina bons atos, resoluções generosas e heróicas. Estou longe, meus Amigos, de censurar os retiros feitos nessas condições. É uma sacudida momentânea que não comunica sempre a seiva religiosa; é uma chuva de tempestade que não chega sempre a embeber a terra, como a chuva mansa e suave, cujo efeito se faz sentir por muito tempo.

Nossos retiros se apresentam, à primeira vista, acompanhados de tantas preparações, de tanto aparato e meios exteriores. Mas, se eles forem bem feitos, com simplicidade, estimulam a alma; encaminham numa direção que se perpetua, que dura e que só é a continuação do primeiro impulso, do primeiro embalo.

Ora, meus Amigos, como chegaremos a obter um resultado destes? É através de uma grande fidelidade ao horário, por uma pontualidade absoluta e por uma rigorosa observância do Diretório. Passem jornadas de fidelidade. Será um hábito que adquirirão e que continuarão depois. Serão grandes graças que atrairão sobre si. Exteriormente: nenhuma palavrinha, nem a mínima falta. Interiormente: todos os pensamentos do Diretório, o da hora certa, a reta intenção, as aspirações no silêncio, as práticas do refeitório... O que lhes direi neste retiro, sem dúvida, os fortalecerá e iluminará... Mas já conhecem todos os seus deveres de-

talhadamente. O essencial é estarem bem preparados para receber as graças de Deus.

Nós somos gente boa, sem dúvida; bons sacerdotes, bons religiosos. Pertencemos ao corpo eclesiástico e não o envergonhamos. Quase não podem censurar-nos de determinadas faltas exteriores. Mas será que somos bons religiosos? Cada um tome o seu Diretório e diga consigo mesmo: Este livrinho nas minhas mãos, será que o tenho no coração? Está presente na minha vontade? Possuo bem o espírito da Regra? Tudo o que está indicado é isso mesmo o que eu faço? As intenções assinaladas neste opúsculo são elas mesmas que me dirigem a atuação? Numa palavra, minha vida de religioso é mesmo a expressão do Diretório?

Dizem que, vendo uma Visitandina, a gente vê todas, em Troyes, em Paris, em Roma, em toda a parte... É o Diretório que faz isso. Diziam-me a mesma coisa no começo do nosso Instituto: Quando a gente viu um Oblato, viu todos. E eram Bispos, Sacerdotes notáveis que me falavam. Quase não me dizem isso agora. O toque religioso será menos perceptível? Pois, mais uma vez, meus Amigos, não somos ruins, mas a irradiação de nossa personalidade para fora não é uma irradiação religiosa. Pois bem, é preciso que tomemos isso a sério; este retiro tem que convencê-los da necessidade de ser afinal o que devem ser. É imperativo que assumam enfim essa nota verdadeiramente religiosa que falta a alguns.

E como se consegue isso? Pela prática fiel e completa do Diretório. O que fez São Francisco de Sales? A Boa Madre Maria de Sales? Os santos sacerdotes que conheceram a Boa Madre e aproveitaram os conselhos dela? É o Diretório...

Tomem dos nossos Padres aquele que gostariam de imitar, aquele que mais apreciam e ao qual prefeririam ser parecidos. É o Diretório que o fez assim; é o Diretório que lhe dá essa influência.

Iniciemos pelo começo!... De manhã, quem é aquele que, ao abrir os olhos à luz do dia, os abre de imediato à luz da graça e que diz a Deus: Eis-me aqui, Senhor, o que é preciso que eu faça para cumprir a vossa Vontade? Hoc est enim omnis homo; está aí o homem todo, o religioso todo; e não é pouca coisa. Ao despertarem, lancem em seguida, portanto, a atenção em Deus, como uma criancinha se joga nos braços da mãe.

Não têm muita certeza sobre seu estado de alma? Sua consciência está um pouco confusa?... O dia de ontem saiu mal, o Senhor pen-

sa... Por que, então, não dizer: Meu Deus, perdoai-me! Fazei, por vossa graça, que este dia seja melhor...

Somos os filhos do Bom Deus; por que não avançar com confiança, com uma palavrinha cordial? Façam isso mesmo, meus Amigos; a primeira ação do dia é de capital importância.

Isso terá como consequência que tomarão os pensamentos do Diretório, enquanto se vestem, que rezarão bem o Anjo do Senhor como está marcado, que se prepararão bem para a meditação, e que - quando chegam a isso - não serão como aquela filha perdida de Israel que não procurava a verdade e a simplicidade, mas que se afastava do pai e de seus irmãos para ir a Siquê, à procura da aventura e talvez do mal...

Os Senhores devem arrumar religiosamente a cama. "Mas isso é assunto de empregada!" Não somos nós os empregados de Deus? É bom ser servidor do Bom Deus: *Servire Deo regnare est* (Servir a Deus é reinar). É Deus que os Senhores servem, arrumando o seu quarto. Daí fazem uma obra digna das recompensas do Céu. Compreendam que as graças da vida religiosa consistem nas mínimas ações prescritas pela Regra. São como sacramentais que obtêm a graça comumente, isto é, quando a gente está livre de faltas graves.

O que sustenta nossa vida natural? Não depende de uma leve batida do coração? Se essa pulsação chega a parar, dá-se a morte imediatamente. Nossa vida sobrenatural tem semelhanças com a vida física. Ao cessar o bater do coração, está aí a morte. Deixando de recorrer incessantemente a Deus pelo Diretório, o Senhor não será mais Oblato; será um cristão muito doente; suprima a Deus de sua vida e será um defunto! *Nomen habes quod vivas et mortuus es* (Tem nome de estar vivo, mas já morreu)...

Insisto nisso, porque, em geral, não compreendemos bastante esta doutrina de que - para ser um verdadeiro religioso - é preciso viver verdadeiramente essa vida interior e sobrenatural, sem a qual definhamos e morremos. Por que será que nossas Obras não são mais prósperas, que somos tão fracos, sem esperança, sem ardor? É precisamente porque não temos bastante essa vida interior. Começaremos, portanto, a levar a vida religiosa desde cedo. Recomendo-lhes insistentemente esta disposição da alma, este espírito de fé que crê na eficácia da graça de Deus na jornada. Baseemo-nos no sobrenatural e nossa aparência exterior será o que deve ser, porque o exterior só pode ser a manifestação do interior. Deus é que anima nosso foro interno, que o sustenta e lhe co-

munica eficiência. Começemos com ele e teremos sempre o que for necessário...

Dediquemo-nos a isso de bom grado, meus Amigos; trata-se da salvação de muitas almas. Pobres dessas almas... Vão para o inferno talvez, porque nós não somos suficientemente bons religiosos. Sem dúvida, não é diretamente por causa de nós que vão para o inferno, é por causa dos seus pecados. Mas, se nós fôssemos mais fervorosos, nós as teríamos salvado do inferno. Deus as tinha marcado para mim; ele as deu a mim para salvá-las. Eu devia conduzi-las no caminho da santificação e levá-las para o Céu. E elas foram para o inferno, porque eu não soube rezar, trabalhar e santificar-me em favor deles... Mau servo! (cf. Mt 18,32). Foi-me confiado um talento e eu o perdi! No Seminário Maior, eu vi jovens que, no momento de receber as Ordens, compreenderam a importância e a responsabilidade da missão que iam assumir; deram-se conta que era preciso ser santos e tremiam diante de sua fraqueza. Todos esses se tornaram santos sacerdotes. Eles obtiveram sucessos incomparáveis em seu ministério. Vi um que tinha entrado numa paróquia ruim; transformou-a e a conservou durante 55 anos na verdade e na fé. E isso se devia à sua santidade pessoal. Ele repetia, no fundo do seu coração de sacerdote, o que Nosso Senhor disse a seu Pai: De todos aqueles que me deste não perdi nenhum, exceto o filho da perdição (Jo 17,12), o miserável que, apesar de tudo e contra tudo, por própria vontade, foi precipitado no abismo eterno.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

SEGUNDA PALESTRA

A VIDA DO OBLATO - A MEDITAÇÃO

Animemo-nos corajosamente, durante este retiro, para passar, com fidelidade e espírito de mortificação, os dias que nos restam. A firmeza de uma casa depende dos alicerces. O retiro é a fundamentação do edifício no qual deveremos viver o ano todo...

Deus é fiel e ama os servidores fiéis: Fidelis servus (Mt 25,21) (Servo fiel); é precisamente essa fidelidade que faz com que Deus decida dar-nos a felicidade suprema: Euge, serve bone et fidelis, quia fuisti fidelis..., intra in gaudium Domini tui... (id) (Muito bem,

servo bom e fiel! Sobre o pouco foste fiel..., vem alegrar-te com o teu Senhor).

Meus Amigos, a natureza de minhas palestras necessariamente deve sugerir-lhes uma objeção: "Mas, Padre, o que pede de nós não é natural. O homem não é feito assim. O jeito como fui feito, a natureza de meu espírito, minhas inclinações naturais, corporais, o ambiente em que vivo, as pessoas que encontro todos os dias, tudo isso não me predispõe, de forma alguma, a levar uma vida como o Senhor está dizendo. Nil humani a me alienum puto. (Não me considero alheio a nada que é humano.) Experimento em mim todas as lutas, todas as paixões que percebo nos outros homens; como é que o Senhor quer que eu viva essa vida despreendida dos sentidos e de tudo o que me rodeia; essa vida que todo o meu ser repugna?"

É verdade, meus Amigos. Essa objeção, eu a conheço tão bem quanto os Senhores, talvez melhor ainda, porque sou mais velho. "O que o Senhor diz," poderão acrescentar, "nós o encontraremos na Vida de Maria de Sales, na de Santo Afonso de Ligório, na de São Vicente de Paulo; mas esses são santos, são exceções portanto. Rafael, um dia, criou a Transfiguração. Nunca ninguém conseguiu imitá-lo e ninguém o fará jamais... Como é que o Senhor quer introduzir na vida geral e comum o que é terreno reservado da santidade, o que necessariamente forma uma exceção?"

Os Senhores têm razão, meus Amigos, ao fazer essa objeção, mas não vale tirar todas as consequências que os Senhores daí deduzem. Não se deve dizer: Eu seguirei a linha geral do dever e nada mais; e espero que o Bom Deus não me condene, porque minha vida, no fim das contas, não terá sido uma vida muito culpável.

O que os Senhores estão dizendo, repito, é verdade. Não estamos inclinados, por natureza, a todas essas práticas de renúncia; encontramos dificuldades enormes para chegar a isso. Todos os mestres da vida espiritual viram-se obrigados a reconhecer isso; temos problemas de caráter, de paixões do corpo e da alma, nossa inteligência é orgulhosa; temos fraquezas de coração... E precisa-se partir daí para fixar as bases do nosso edifício espiritual?

Portanto, meus Amigos, nossa aversão, nossas fraquezas, nossas ignorâncias não nos desanimem e não nos detenham. Quanto a nossas ignorâncias, a Boa Madre de Sales tinha o costume de dizer que o pecado prejudicava mais a inteligência do que a vontade e que somos, por isso,

mais ignorantes do que maus. Dessas próprias fraquezas é que os mestres da vida espiritual partiram para combatê-las. São Francisco de Assis, rico e gastador, assume isso como início para afeiçoar-se e apegar-se à mais estrita pobreza. Santo Inácio de Loyola transforma o homem natural em homem divino por meio de longas meditações, por mortificações da vontade, pela morte incessante à natureza. Todos esses meios produziram santos. E os santos são muito numerosos.

São Francisco de Sales, que é certamente o mais profundo filósofo do seu tempo, disse consigo mesmo que, sem dúvida, todos esses meios empregados eram bons e muito bons, - e a prova é que eles eram bem-sucedidos - mas que Jesus Cristo, o homem perfeito, o homem modelo por excelência, o homem ideal, criado na justiça, o "Ecce homo" (Eis o homem) (Jo 19,5), era bem assim. Ora, a vida dele deve ser o mais perfeito modelo da nossa. Ele só viveu dessa forma. Sua pobreza não era a de São Francisco de Assis; São José e Nossa Senhora não se encontravam na extrema miséria... São Francisco de Sales disse de si para si: "A figura a imitar, antes de mais nada, é o divino Modelo." E procurou dar-nos tanto quanto possível a vida interior e exterior de Jesus. Nessa imitação é que se encontra o fundo de nossa vida religiosa. Se Nosso Senhor Jesus Cristo voltasse à terra, certamente não se tornaria Capuchinho, nem Jesuíta, eu acho... Não ficaria Oblato? Os Senhores não pensam que ele se sentiria muito bem com nossa vida? Se comparo a vida dele com a que nós devemos viver, eu a encontro totalmente conforme. Eis o homem segundo a graça. O homem é composto de alma e corpo. A alma foi afetada pelo pecado original. O homem, em consequência disso, está sujeito a misérias, a vícios; cai em faltas; e, para não cair, são forçosas lutas e atos de generosidade; de outro modo, o homem recai na lama donde foi tirado.

Estamos de acordo, portanto, que estamos sujeitos a uma infinidade de ignorâncias, de fraquezas, de baixezas, de pequenez. Pregando a doutrina que apresento, eu sei que estou me dirigindo a homens e não a anjos ou a santos. Estou falando a homens que, na hora atual, estão inclinados ao mal e podem cair no fundo do abismo... Dizendo isso, não estou ofendendo ninguém, meus Amigos... O homem é assim e assim cheguei a conhecê-lo. Não me digam, portanto: "Padre, o Senhor nos prega uma doutrina impraticável!" Eu os tomo pelo que são e lhes digo o que devem fazer, estando nessas condições.

Após o levantar, depois do recolhimento que segue esse primei-

ro exercício, passam à meditação. Como um Oblato deve fazer a sua meditação?... Façam sobretudo o que chamamos de 'preparação do dia'. O comerciante vai à sua loja, prevê as perdas e os lucros que terá durante o dia.

O Senhor tem uma aula a dar, uma vigilância a atender, uma visita a fazer? Tem dificuldade com um ou outro coirmão, com este ou aquele aluno? O Senhor deve sair à cidade e terá que enfrentar algum perigo para a fé ou para o seu coração? O Senhor é tentado por pensamentos maus ou perigosos que o perseguem e o expõem ao risco de perder-se, que o colocam no perigo de ofender a Deus?... Tratem disso mesmo com o Bom Deus em sua meditação... Não vão procurar, então, um ponto de meditação, um ponto de doutrina a matutar e aprofundar, cansando o espírito; na meditação, falem com Deus, como um filho fala com seu Pai.

Como se deve fazer essa preparação do dia? Demoradamente? Não, mas com toda a simplicidade. Não tenham medo de voltar a isso cada manhã e de se pôr frente aos mesmos pormenores. O comerciante não volta sem cessar aos mesmos setores de artigos? Não é sempre o mesmo dinheiro que entra, sempre de novo, em circulação?

Será que é preciso dar uma simples e rápida olhada no que os Senhores têm a fazer? Bastará um simples olhar? Oh! não. Fiquem na capela, permaneçam diante do Santíssimo Sacramento. Se vissem Nosso Senhor em pessoa, seriam sem dúvida mais atentos. Ele está realmente presente e merece igualmente a nossa atenção. Certamente acontece, às vezes, que os Senhores estão cansados de retomar, cada vez de novo, o mesmo assunto. Têm a cabeça pesada depois de uma noite mal dormida. Então, os Senhores se limitam a repetir: Meu Deus, eu não vejo nada, não posso nada! Ut jumentum factus sum ante te... (Sl 72,22) (Sou como um animal junto a ti). Mantenhamo-nos, então, simplesmente atentos a Deus. Quinze ou vinte minutos passados assim não são infrutíferos.

Após a preparação, se o tempo da meditação não estiver esgotado, pensem na festa do dia, se não temos nada que requer nossa atenção em outro assunto. É uma boa maneira de ocupar-se durante a meditação. É a festa de um Apóstolo, de um outro Santo, é uma festa de Nossa Senhora? Não temos, então, necessidade de ajuda? Não temos precisão de Nossa Senhora para proteger nossa vida espiritual, para estender-nos a mão e impedir que caiamos? Não precisam procurar muito longe o com que ocupar-se e fazer brotar de seu coração os atos de reconhecimento e de amor. Busquem em seu coração e encontrarão ali mil lembranças. Talvez

seja o aniversário de uma grande provação, da morte do pai ou da mãe? Por que não dizer isso ao Bom Deus? A Boa Madre dizia que a meditação é um diálogo afetuosos com Nosso Senhor, sobre assuntos nossos...

O sacerdote, o religioso não têm, em sua vida, o apoio, as consolações humanas que as pessoas do mundo se organizaram. Eles não têm as comunicações do coração, as confidências íntimas... Para consolá-los e sustentá-los, eles têm somente Aquele que escolheram por seu único amor e sua parte de herança... Meus Amigos, ainda que tenhamos problemas, a maior provação seria a de ver desaparecer o caminho que leva para o nosso Consolador.

Digamos, como a Boa Madre, as palavras do salmista: Vias tuas demonstra mihi, et semitas tuas edoce me (Sl 24,4) (Mostra-me teus caminhos e ensina-me tuas veredas). Façamos assim e o Bom Deus será fiel. Conheci muito bem Dom de Prilly, Bispo de Chalons; ele me ordenou sacerdote, porque o Bispo de Troyes estava doente. Ele gostava muito deste salmo: Beati immaculati in via (Sl 118) (Felizes os íntegros em seu caminho) e tinha uma devoção incomparável por ele. Este salmo repete sem cessar as mesmas palavras e as mesmas idéias: Lex, Testamentum, mandatum (Lei, Testamento, mandamento)... Dom de Prilly escreveu sobre isso um tratado maravilhoso... Encontrou, em cada uma dessas palavras, tantas vezes repetidas, um fio condutor, uma seqüência de pensamentos para falar com Deus, para dirigir-se a ele: Vias tuas, Domine, demonstra mihi... (Sl 24,4) (Mostra-me teus caminhos, Senhor).

Nós somos fracos. Enquanto depende de nós, não cremos, não vemos, não somos capazes de nada. Mas sigamos os caminhos do Senhor, então veremos, acreditaremos e faremos interiormente essa viagem sobrenatural. Rezemos e coloquemo-nos a caminho. Quanto mais difícil for, tanto mais se ganha. Quanto mais longa for a vida, tanto mais lucro se acumula. Creiam e, para crer, rezem e ajam. Atuando, creem-se.

Deus seja bendito.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

TERCEIRA PALESTRA

MAIS SOBRE A MEDITAÇÃO - A SANTA MISSA

Ontem lhes falava sobre a meditação e relembrava que São Francisco de Sales, no Diretório, diz que é um dos exercícios mais importantes da vida religiosa. Para fazer meditação, é preciso saber fazê-la; e para saber fazê-la, é necessário ter aprendido a fazê-la.

Como se aprende a fazer meditação? Dispomos de um meio muito simples e natural. Abramos a página 17 do nosso Diretório, leiamos o que consta sobre a preparação do dia. Não perderemos tempo e aprenderemos bem a maneira de fazer meditação. Leiamos as páginas uma, duas, dez, vinte e trinta vezes, se for necessário para fixar bem os termos na memória, a fim de lembrar-nos claramente dos meios práticos dos quais devemos servir-nos para dirigir-nos ao Bom Deus na meditação.

Ainda que tivessem sido fiéis em fazer meditação assim, eu os convido a reler esse capítulo, durante o retiro, para que se dêem conta nitidamente do que fazem ou não. Será para nós um meio excelente para refrescar nossa alma, para preparar-nos o espírito, para orientar nossa maneira de agir, no sentido indicado pelo nosso Santo Fundador.

O Senhor dá aula? Pois aprendeu dar aula. O Senhor exerce a vigilância? É que o aprendeu. Quer meditar? Aprenda a fazer meditação. Nestes dias, empenhem-se cordialmente nesse exercício tão importante.

Como fazer quando não se consegue encontrar tempo para meditar? Um dever urgente ocupa o Senhor em outra coisa, seja uma vigilância durante a Missa ou no ônibus dos externos... Deve-se deixar a meditação de lado então, por causa disso? Será necessário fazer o impossível para recuperá-la mais tarde, durante o dia? Não, porque não se recupera a meditação na Visitação ou entre os Cartuxos, nem nas Ordens contemplativas, onde a meditação ocupa um espaço tão grande, já por sua extensão. Em geral, não poderíamos encontrar tempo para recuperá-la. Mas não vamos omiti-la por isso e não deixaremos da meditação: vamos fazê-la de outra forma. A vigilância que realizarem, mantendo-se intimamente unidos ao Bom Deus, é uma meditação; e, acreditem-me, ela lhes será tão benéfica quanto a meditação quieta e tranqüila que fariam no seu lugar na capela. Surge uma visita importuna, apresenta-se um embaraço, um obstáculo ou outro para a meditação? Façam, mesmo assim, meditação com suas ocupações que distraem; mantenham o espírito e o coração

perto do Bom Deus; digam-lhe: Meu Deus, é por amor a Vós. Meu Deus, conduzi-me pelo caminho da Vida. Esse caminho se encontra tanto nesta ocupação que a Providência lhes proporciona quanto na meditação propriamente dita.

Não faltem nunca, portanto, à meditação. Se não a puderem fazer com a comunidade, façam-na, pelo menos, com o serviço que lhes toca por parte da obediência, naquele momento.

O que estou lhes dizendo, meus Amigos, é muito importante para a direção espiritual. Ensinem às almas a fazer cada manhã a meditação assim, com o Bom Deus, independente das ocupações que os deveres de estado lhes impõem. Repito que essa meditação será mais vantajosa que aquela que seria feita no recolhimento exterior. Mas sejam fiéis à meditação; não a negligenciem. Aproveitem essa meia hora para uma grande e absoluta submissão a Deus; fiquem intimamente unidos à sua santa Vontade, ao beneplácito de sua graça sobre os Senhores e terão assim todo o benefício que encontrariam na meditação da comunidade... Será tanto mais fácil não faltar, já que assim sempre terão tempo para fazê-la.

Retomar a meditação, durante um retiro, isso se pode fazer. Mesmo neste caso, no entanto, eu preferiria ainda vê-los fazer como lhes disse: honrarão Deus em espírito e em verdade. Em espírito, pois estão em união com ele; em verdade, pois executam o que ele quer que façam.

Ensinem isso aos fiéis que os Senhores confessarem e dirigirem. Se alguns dos Senhores forem chamados um dia a dirigir sacerdotes, a pregar retiros para o clero, ensinem essa prática. Será um grande serviço que prestarão aos sacerdotes. Não é bem isso o que lhes é ensinado no Seminário Maior... Não é que eu critique o sistema, mas ele nem sempre é prático... A meditação, como é ensinada, é bastante difícil. Em meu tempo, só vi um sacerdote continuar fazendo-a como nos era ensinada, e ele me contou que dificuldades encontrava nisso. O Senhor está muito enganado, torturando-se assim, eu lhe respondi... E lhe expliquei o nosso método. Lá vão vinte anos desde então; e quando ele me escreve, hoje ainda, cada vez ele me diz que saiu do caminho da dor e que o livre de uma pesada escravidão. Eu não censuro o que se faz nos seminários. É muito bom formar os jovens sacerdotes neste exercício da meditação, da reflexão profunda sobre uma matéria determinada; mas seria bom ensinar-lhes também um outro método de meditação.

Depois da meditação, vem a Santa Missa à qual se assiste ou que se reza como sacerdote. O Diretório oferece os pensamentos para preparar-se a ela. Cinco ou seis minutos são suficientes para a preparação imediata, pois acabamos de fazer meditação, que é a melhor preparação à Santa Missa.

Fique-se recolhido; vai-se fazer as vezes de Nosso Senhor, cumprindo funções divinas. É necessário ficar muito consciente da ação que se vai realizar. Precisa-se obedecer bem as rubricas e rezar as orações ao vestir-se. Não se chegue ao altar mal arrumado, mal ajeitado ou mal arranjado. Isso não edifica os fiéis, mas lhes desagrade. Importa seguir bem as cerimônias, executar dignamente os sinais da cruz principalmente e não dar a impressão de estar caçando moscas. Dêem-se conta de que traçá-los bem não ocupa mais tempo que fazê-los malfeitos. A consequência de tudo isso é que edificamos os fiéis. Não sejamos nem demasiadamente demorados nem excessivamente breves: 25 ou 26 minutos são suficientes. Menos tempo do que isso escandalizaria. Vinte minutos é pouco em demasia, mesmo para as Missas fúnebres. Os fiéis pensariam - e com razão - que tratamos o Santo Sacrifício com excessiva leviandade. Sabemos dizer tantas coisas tão belas; isso seria desmentir-nos e daria a impressão de não acreditarmos em todas essas belas coisas. Pronunciemos bem as palavras, sem brados, recto tono (sem flexão de voz), sem afetação, de tom natural. Alguns bons e excelentes sacerdotes assumem ares teatrais, com uma expressão de devoção exagerada. Não se deve fazer isso. Nada de entonações ou de finais afetados. Quando nos viramos para o "Dominus vobiscum" (o Senhor esteja convosco), não façam evoluções como um grupo de alunos que gira no pátio durante o recreio... Sejam graves, sérios.

Durante a Santa Missa, deve-se tomar os pensamentos do Diretório? Todos? São Francisco de Sales não era escrupuloso; mas ele era pesado de corpo e vivo de espírito; procurava sempre ocupar seu espírito... Será que é preciso que nos esforcemos para cumprir integralmente o que ele se impunha a si mesmo na Missa? Aqui, vou permitir-me, mui respeitosamente, divergir um pouco ou, pelo menos, não obrigar a seguir passo a passo, palavra por palavra, o que ele se impôs a si mesmo como jovem sacerdote (porque o que contém o nosso Diretório sobre a Missa é o regulamento de São Francisco de Sales como sacerdote jovem). Vale mais que o espírito dos Senhores esteja ocupado pelos atos e palavras da Missa. Mas acrescento: Se tiverem distrações, retomem logo os pensa-

mentos de São Francisco de Sales e livrem-se delas... Certamente é melhor para os Senhores, se Deus lhes der a graça, unir-se a Jesus Cristo e ao pensamento da Igreja, pelas próprias palavras da Santa Missa. Essas palavras penetrem no íntimo do seu ser. Elas arrebatam os Anjos do Céu e encantam as almas do Purgatório.

São Bernardo rezava a Missa na 'São Paulo' de Três Vertentes, em Roma. Após a Missa, ouviu-se, em todo o convento, cantos de alegria. Vieram dizê-lo a São Bernardo que respondeu: Os Senhores não sabem que rezei a Missa pelos defuntos do mosteiro; diversas almas foram libertadas e fazem ouvir seus cantos de alegria.

A Missa é todo-poderosa para livrar as almas do Purgatório e dar também alegria no Céu. As almas e os Santos se alegram pela libertação de seus irmãos.

São João Crisóstomo nos diz, em seu tratado sobre o Sacerdócio - eu acho - que Deus lhe concedera a graça de ver os Anjos ao redor do altar, e agradecendo a Deus por ter-lhes permitido assistir aos Santos Mistérios... Concentrem, portanto, seus pensamentos e seu coração nas palavras e atos da Santa Missa.

Santa Joana de Chantal, um dia, perguntou a São Francisco de Sales se ele, às vezes, tinha distrações durante a Santa Missa. Ele respondeu: Deus me deu a graça de que, quando estou virado para o altar, não tenho outros pensamentos senão sobre o seu santo Amor.

Tomem, portanto, esse método a peito. Escutarão o que o coração lhes disser e celebrarão a Missa de maneira edificante.

Em Villeneuve-au-Chemin, acabei de construir uma capela dedicada a São José. Padre Cardot tinha começado essa obra, mas não pôde concluí-la. Vi Padre Cardot rezar a Missa; havia nisso algo que impressionava profundamente. Como ele fazia para rezá-la tão bem? Eu não sei... Existem coisas que não se explicam...

Na ocasião da aparição de Nosso Senhor, com a qual fui agraciado, sem dúvida a visão do seu rosto me causou uma impressão muito profunda que não se pode descrever... Mas eu tive muitos outros pensamentos durante o tempo da aparição. Reparava uma dobra de sua veste. Era uma dobra como todas as outras... Mas havia nisso algo de tão encantador que dizia comigo mesmo: Se eu estivesse no Paraíso, não pediria contemplar outra coisa a não ser esta dobra da vestidura!... Eu seria feliz por toda a eternidade!... Na Santa Missa é mais ou menos assim; estamos diante de Nosso Senhor; olhemos, ainda que fosse apenas a

dobra de sua roupa; a dobra de sua veste é suficiente para impressionar-nos e nos encher de alegria.

Rezem devotamente a Santa Missa. Tenham todas as mais generosas disposições e não atraiam a atenção por singularidades.

Depois da Santa Missa, voltamos à sacristia. Tiremos com respeito os paramentos sacerdotais e depositemo-los ordenadamente. A casula não fique mal dobrada. Coloquem o manípulo atravessado, sempre do mesmo lado; a estola, em forma de cruz, por cima; o cordão, dobrado duas ou três vezes, no sentido do manípulo; penduremos a alva ou coloquemo-la de forma que não fique amarrotada. Façamos todos da mesma maneira, de forma que o sacerdote que vier celebrar Missa depois de nós encontre tudo em ordem e possa paramentar-se facilmente. Depois, as vestes, tratadas assim com cuidado, não se estragam e se conservam por muito tempo. Na Visitação, vêem-se paramentos que estão lá há 70 anos, sempre limpos. Isso, certamente, tem a ver com os cuidados das Irmãs da sacristia, mas depende também da boa vontade dos que deles se servem... Ainda não há casula dobrada atravessadamente, formando uma corcunda nas costas... A gente está vestido conveniente e decentemente.

Insisto em todos esses pequenos detalhes, porque são de grande importância. O sacerdote que reza a Missa em condições litúrgicas convenientes, que tem boa postura e que, com toda a atenção, cuida do que está fazendo, produz um grande bem nas almas.

Fala-se muito sobre hipnotismo em nossos dias. Descubrem-se, na natureza, verdadeiros mistérios... Às vezes, uma ninharia, uma pequena descoberta feita por um cientista, num laboratório de química, concernente a um desses segredos da natureza, conduz a consequências inesperadas e consideráveis. Da mesma forma, nos assuntos sagrados, pequenas práticas levam, às vezes, a resultados extraordinários, a consequências surpreendentes. Assim também quanto à Santa Missa.

Nós a rezaremos, portanto, conveniente e decentemente. Ligaremos nossos pensamentos e nossas palavras aos atos; então, a Missa nos penetrará e se identificará conosco. Poderemos dizer verdadeiramente: Hoc est corpus meum (Este é meu corpo). Seremos completamente a imagem de Nosso Senhor. Ocuparemos o lugar dele, tanto em relação a Deus quanto aos olhos dos fiéis que vêm à Missa. Nós produziremos, de certa maneira, algo como a imagem da presença real de Nosso Senhor.

QUARTA PALESTRA

O EXTERIOR DO OBLATO

São Francisco de Assis disse um dia a Irmão Leão, seu companheiro fiel: - Vamos pregar!... Irmão Leão alcança o seu cajado a São Francisco, e lá vão eles, percorrendo as ruas da cidade de Assis, sem dizer uma palavra. O Irmão, ao entrar em casa, disse a São Francisco: - Mas quando vamos pregar, então? - O sermão já está feito, - respondeu o Santo. - E quem o pregou? - Você e eu, passando pelas ruas. Irmão Leão era muito bom, mas ainda não suficientemente sobrenatural. Ele não compreendia logo. Só depois das explicações de São Francisco entendia que o ar recolhido e mortificado havia sido a pregação deles, e que a atitude e toda a maneira de ser levavam as pessoas encontradas à fé e à piedade.

Nós também precisamos pregar por nossa maneira de ser e de viver, por nossa atitude e nosso porte.

E, primeiramente, **na igreja, na capela:** não apoiemos nunca os cotovelos sobre o reclinatório ou banco, a menos que estejamos cansados. Mas coloquemos simplesmente as mãos sobre a parte superior. Conservemos o corpo reto, mantendo uma atitude de respeito. Evitemos segurar nosso queixo nas mãos, ou tomar uma posição por demais inclinada, ou ter maneiras esquisitas. Conservem-se, no entanto, antes um pouco inclinados que por demais retos e rígidos; que sua atitude suscite a fé e indique respeito e confiança. É preciso que a gente reconheça os Oblatos exatamente por essa maneira de portar-se. Não cruzemos os pés e, menos ainda, as pernas. Sem dúvida, essa atitude que lhes peço é cansativa por si mesma, e não se pode ficar assim por muito tempo, principalmente no começo. É preciso, no entanto, tentar conservá-la durante a meditação, na preparação para a Missa, na ação de graças, na Confissão, na visita ao Santíssimo Sacramento. Quando sentados, não pendamos nem à direita, nem à esquerda. Não ostentemos um ar de aborrecido, de estafado. Nossa postura seja perfeita aos olhos de Deus e diante dos homens.

Na sagração de Carlos X, havia pagens de 13 a 14 anos que ficavam de pé, totalmente imóveis, ante o trono do rei. Estavam lá por muito tempo; diversos, enfim, caíram de comprido, desmaiados de tanto esforçar-se! Certamente o Bom Deus não pede ficarmos diante dele imóveis como estátuas. Ele não exige essa atitude rigorosa. Se precisamos

mover-nos, levantar-nos, sentar-nos, façamo-lo, de acordo com a conveniência e com espírito de mortificação. Pode-se dizer sobre a atitude e a postura o que se afirma relativo à água: água boa é a que não tem gosto; a atitude boa é aquela sobre a qual não há o que dizer. A Boa Madre dizia: Não desejo nada; mas se eu pudesse ter um desejo, quere-ria, gostaria muito de ver os Oblatos... Ver-se-á novamente o Salvador andar na terra... Oh! como isso será bonito...

Estão os Senhores ocupados numa cerimônia? Têm a incumbência de dirigir uma procissão, de acompanhar pessoas à capela? Façam-no com dignidade, sem gritar nem gesticular...

A mesa... Nosso Senhor comia com os fariseus, na mesa de Lázaro, e em outros lugares. Comer, portanto, é uma ação divina. Também nisso é preciso ser Oblato de São Francisco de Sales. Não assumamos as maneiras que se introduzem em nossos dias e que manifestam negligência e falta de educação. Não peguem o garfo ou a faca de um outro; não os manipulem como os chineses, seus palitos para comer arroz. Permito-me dizer-lhes isso, porque são religiosos. Fiquem sempre escrupulosamente dentro dos limites da boa educação. Não ponham os cotovelos sobre a mesa como fazem, às vezes, os viajantes à mesa do restaurante. Evitem as maneiras familiares e, mais ainda, as triviais, mas tenham modos simples e desembaraçados. A polidez deseja que não se faça outros insistirem, quando a gente deve ou quer aceitar. Quando não se gosta de alguma coisa, não se manifeste repugnância ao servir-se. Edifiquemos sempre os que estão presentes.

Sobretudo, não levantemos nunca da mesa, sem ter feito a prática da mortificação que São Francisco de Sales solicita. A mínima coisa basta, dizia ele, mesmo a privação até de um bocado de pão...

Conheci um santo religioso da Cartuxa Mor que se tornou um homem de oração por ter feito muito regularmente essa pequena prática do refeitório. Na oportunidade de uma festa, de uma refeição onde existe algo extraordinário, deve-se aceitar o que se lhe oferece, se lhe apetece. Mas evitem que possam reparar que o Senhor tem preferência por uma coisa ou outra. As pessoas do mundo reparam muito nisso; os sacerdotes também e eles são muito severos quanto aos religiosos presentes. Evitem, à mesa, as questões de gastronomia, as dissertações sobre a excelência de um ou de outro prato, deste ou daquele vinho... Pode-se - se isso for necessário ou gentil - apreciar sensata e simplesmente o que se está comendo ou tomando, mas sem assumir o ar de ser perito na

matéria. Comportemo-nos assim como era o Salvador na terra, nos dias de sua vida mortal.

Em nossas relações com o mundo, a **nossa roupa** manifeste decência e asseio. São Crisóstomo observa, em algum lugar, que Nosso Senhor era asseado de forma admirável. O sacerdote e o religioso devem assumir, em sua aparência, o asseio e a limpidez do Salvador.

Deve-se usar o peitilho sim ou não? Eu não gostaria que um Oblato se destacasse entre os outros sacerdotes. Esperemos mais um pouco. Mais tarde, se a comunidade crescer, trocar-se-á, sem dúvida, o peitilho pelo colarinho romano. Este seria o uniforme e isso nos aproximaria mais do traje de Roma. Em certas dioceses, poderia ser chocante ver-nos sem peitilho; em outra parte, isso seria indiferente e não produziria desagrado algum... Sobre isso non est lex (não existe lei). Em cada casa, o Superior determine o assunto segundo seu reto juízo e as conveniências.

Quanto às relações com as pessoas do mundo, deve-se cuidar muito para não cair em faltas graves contra **a urbanidade e as boas maneiras, as conveniências**. Não seria nada mal reler, de vez em quando, alguns tratados de cortesia para clérigos, para pôr-se em condições de não cair em singularidades que seriam imediatamente observadas pelas pessoas do mundo, principalmente pelas senhoras. Isso as magoa; elas fizeram todo o empenho para aprender essas maneiras para si mesmas; isso lhes vale como um curso de matemática. Elas fazem também todo o possível para ensiná-las a seus filhos. Prestemos muita atenção para não feri-las e comportemo-nos com toda a conveniência frente aos homens, às senhoras, aos jovens, aos idosos e aos trabalhadores...

Dom Dapanloup dizia a seus sacerdotes: Os Senhores sejam bem o que têm que ser, bons sacerdotes, e serão os homens mais polidos do mundo. Basta consultar a sua caridade: a cortesia é, no fundo, o sacrifício da personalidade própria.

Há, no entanto, costumes especiais que se devem conhecer. O Senhor não teve o costume de viver neste meio; é, pois, muito necessário ter e ler alguns desses tratados. E tudo isso, meus Amigos, para que sejamos verdadeiramente a imagem de Nosso Senhor, passando pelo mundo. Animemos essas regras de polidez mundana pela verdadeira caridade, por pensamentos sobrenaturais, pela reta intenção.

Mais uma palavra sobre a maneira de comportar-nos, segundo os diferentes ambientes onde estivermos.

O que fazer quando nos encontramos com pessoas que não têm nem fé nem lei, que atacam a religião e blasfemam Nosso Senhor? Jesus autem tacebat (Mt 26,63) (Jesus, porém, ficou calado). Façamos assim; nosso silêncio dirá mais que todas as nossas repreensões poderiam fazer. Se, ao contrário, estamos com pessoas ignorantes e que só pedem serem instruídas, façamo-lo simplesmente, sem afetação. Aproveitemos bem a situação em que nos encontramos, em que a Providência nos colocou, a qual tinha os seus desígnios com isso.

Aqui, em Santo Ouen, os Senhores podem caminhar no terraço. Enxergam a torre de Argentueil. Lá se encontra a túnica de Nosso Senhor, marcada com o Sangue dele. Lembro-me, neste contexto, que o Padre J. Roussel me escreveu: "Enquanto eu estudava esta preciosa relíquia e a analisava, por ordem do Arcebispo, as manchas de sangue com que está marcada, eu pensava todo o tempo no Senhor e nos Oblatos..." Essa observação deu-me grande satisfação; o Sangue de Nosso Senhor recordava os Oblatos de São Francisco de Sales.

O Senhor está isolado, na solidão? Peça a Nosso Senhor que lhe faça compreender e apreciar esta graça da solidão com ele. Está numa comunidade fervorosa? Aproveite os bons exemplos; acompanhe parelho os melhores dos seus irmãos... Vai fazer uma romaria a um santuário venerado? Reanime sua fé, sua piedade e extraia abundantes benefícios do tesouro das graças. Ao viajar, não passem nunca diante de uma igreja sem saudar Nosso Senhor e fazer uma comunhão espiritual. É um meio para não esquecer Nosso Senhor, para adorá-lo. E é também um meio para evitar muitos perigos. Na cerimônia da imposição do escapulário, diz-se: Det tibi Dominus locum bene agendi... (O Senhor te dê o lugar para fazer o bem.) O lugar tem, portanto, uma influência poderosa sobre a alma, sobre a vida sobrenatural. O Oblato de São Francisco de Sales seja assim, com grande simplicidade, traçando retamente o seu caminho como o Salvador: Et Jesus ibat (Lc 4,30) (E Jesus ia.) Sim, meus Amigos, que se diga sobre nós, quando nos virem passando: Jesus ibat. Avancemos como ele, prossigamos como ele... É preciso ter, no coração, algo que nos ligue ao Salvador, que nos associe ao Bom Deus. Isso será a nossa vida, a felicidade dos Senhores.

QUINTA PALESTRA

A UNIÃO DE CARIDADE

Meus Amigos, até agora lhes falei sobre os deveres particulares de cada um. Esta manhã quero dizer-lhes o que se precisa fazer em relação à comunidade.

O religioso não é, como um Pároco, um Vigário, responsável por seus atos apenas diante de si mesmo; o religioso responde por seus atos, também perante sua comunidade, sua família espiritual e temporal. Através da comunidade ele chega até Deus. Por parte dela ele recebe a incumbência de seu ministério. A palavra 'religioso' quer dizer 'religado', unido com outros. É exatamente essa ligação em que consiste a vida, a força do religioso e da comunidade. O religioso, fora de sua comunidade, é como um sarmento da videira separado do tronco; morre sem produzir nada. Nós temos, independente de nossos deveres particulares, obrigações para com cada um. Somos irmãos. Nossos Padres de Troyes, de Macon, de Auxerre, de Santo Ouen, do Cabo, da Grécia, etc. formam uma só família, e o afeto é necessário para formar o vínculo de todas as nossas casas entre si.

Durante diversos anos, eu tinha muitos problemas com as Oblatas; era difícil conduzi-las a um tipo de vida uniforme. Muitas tinham sido educadas do jeito da época. A maioria provinha de famílias onde não havia muito o hábito de trabalhar, onde se passava o tempo com trabalhosinhos, levando a vida da alta sociedade. Agora todas trabalham e ganham o seu sustento e até, muitas vezes, o pão das crianças que lhes são confiadas. A que se deve isso? Ao voto de caridade ao qual as convidai. Umas o fazem primeiro por um mês, dois meses, três meses, depois por um ano, por mais tempo ainda. Esse voto faz maravilhas. As obras delas prosperam; elas fundam casas. Este ano mesmo elas têm duas novas fundações, uma em Perúgia, no país do Santo Padre, para onde foram chamadas pelo Arcebispo. Os dois nos escreveram sobre o bem que ouviram dizer relativo às Oblatas. Essa é um assunto que vai bem. E isso se deve ao voto de caridade. Elas nunca falam mal de alguma de suas casas. Elas não gostariam de faltar à caridade em relação a uma Irmã, nem tampouco com referência a uma de suas casas. Reina, portanto, o bom odor de Cristo, Christi bonus odor (2 Cor 2,15).

Esse defeito nos tem sido muito prejudicial em nossas casas.

Somos boa gente, sem dúvida, mas uma coisa nos falta: um vínculo. Somos um monte de seixos, não um edifício. Diz-se em toda parte: A gente não conhece os Oblatos. E por que não são conhecidos? Porque muitas vezes falam mal uns dos outros...

Reparem os Padres Jesuítas. Jamais um falará mal de outro diante de estranhos. Eu gosto muito de comparar os Jesuítas com cavalos árabes, e os Oblatos com cavalos mansos de peiteira. Evidentemente, não pretendo estabelecer uma comparação aplicável em todos os pormenores. Os cavalos mansos de peiteira são bons animais, bastante inteligentes, mas não muito fogosos. Os cavalos árabes são vivos, ardorosos, e quando se trata de ir à guerra, ao primeiro toque de clarim, eles se reúnem e com ímpeto magnífico se lançam na refrega. Com referência a nós, quando se trata de fazer alguma coisa difícil, de empenhar-se pessoalmente, um olha à direita, outro à esquerda. Um diz: Isso não é possível. Outro: Eu? Eu não posso! Então, nem há entendimento. Sem dúvida, não existe maldade entre nós... Mas é esse o que nos estraga; é esse o nosso grande defeito; e é isso por que, como conjunto, estamos longe de apresentar-nos como deveríamos ser. Alguns até parecem não temer buscar vantagem para si a fim de fazer fracassar o que um outro Padre acaba de realizar.

Antes de começar o meu sermão, eu disse à Boa Madre: A Senhora disse coisas tão bonitas sobre os Oblatos... Prometeu tanto!... E não vejo nada!... Não valemos nada como conjunto... Será porque não podemos? Compreendamos bem, meus Amigos, pois isso tem sido nossa ruína. Temos vivido por demais sem nexos mútuos; falta-nos a ligação essencial. Será por espírito mau? Não, mais uma vez. Ponham cimento nesse monte de seixos e terão um bloco indestrutível, um cubo compacto, mais resistente do que a mais dura pedra.

Esse é o mal, meus Amigos. O remédio é o voto de caridade. Por que não o faríamos como o fizeram as Oblatas? Esse voto é tão essencial que São Francisco de Sales queria limitar o compromisso de suas religiosas a esse voto. Não temos nenhum liame a não ser o vínculo do amor, que é o laço da perfeição... Com a caridade, tem-se uma união, uma ligação muito forte que não se desfaz.

Meus Amigos, não quero pregar a mim mesmo. Mas, se pude fazer alguma coisa na minha vida, é porque segui esse sistema. Na direção espiritual, nas Confissões que eu ouvia, jamais dei um conselho a um filho contra seus pais, a um religioso contra seus Superiores. Procurei

sempre unir as vontades e os corações. Se os Senhores se colocarem uns contra os outros, se procurarem picar ou mortificar seu coirmão com ironia espirituosa, com uma brincadeira mordaz, se - por amor próprio - derem um parecer contrário ao que deveria ser dado, isso é indigno, é mesquinho; satisfaria seu miserável amor próprio ver que os Senhores conseguiram dar um outro rumo aos assuntos... É a atitude de escolar irrefletido... Sim! somos belos sóis, querendo estabelecer-nos como centro do movimento universal, à custa da boa ordem!...

Cada um de nós, portanto, procure desfazer-se do seu amor próprio. É preciso aceitar generosamente o que não nos agrada. Refletindo bem, acabamos vendo que se tem razão. Por que não fazer, desde o início, esse sacrifício? No dia em que chegarmos lá, meus Amigos, realizaremos algo valioso. Para atender Obras é indispensável ter espírito de comunidade. Eu lhes disse, há pouco, que São Francisco de Sales só queria esse voto de caridade; o resto, no entanto, não seria colocado de lado. É necessário praticar bem, ao mesmo tempo, - isso é evidente - as virtudes da obediência, da pobreza e da castidade.

Portanto, ao fazermos o voto de caridade, agiremos conforme as intenções de São Francisco de Sales e as da Santa Igreja.

A prática da caridade não é fácil. É bem menos exigente praticar a obediência, a castidade e a pobreza, pois o exercício da caridade requer uma prática contínua. A gente a exerce não por fraqueza, não por espírito de condescendência que teme a luta, mas por vigor, superando a si próprio. É a prática mais difícil, a mais custosa. Precisa-se dominar a língua, o sentimento; é necessário conformar-se com o que nos contraria...

Há as diferenças do nosso caráter. Uns são mais alegres e gostariam de viver folgadoamente; outro é doentio e não faz questão de comer qualquer coisa... Eis o desafio de amalgamar-se: é imperativo misturar tudo, importa que tudo isso conviva bem. Uma palavra imprudente nos escapa; temos pontos de vista diferentes sobre assuntos políticos, históricos, religiosos... Continuamente se apresenta a necessidade de esforços e práticas a realizar. Isso custa. Mas é somente a esse preço que conseguiremos alguma coisa, que elevaremos a comunidade.

Mas, então, o que é a caridade? É uma virtude sobrenatural pela qual amamos a Deus por ele próprio e o nosso próximo por amor a Deus. E o que significa este termo: 'virtude sobrenatural'? É uma virtude que não podemos conseguir por nós mesmos, mas que obtemos pela

graça de Deus, pedindo-a pela oração.

Façamos esse propósito este manhã. Peçamos a Deus a graça de praticar essa virtude sobrenatural que, por nós mesmos, não podemos praticar. Perguntem a Padre Ceyte, se se pode somar unidades de espécies diferentes, pertencentes a ordens diversas... Somem uma mesa, um órgão, uma cabra, uma couve, etc... Adicionem!

Não é necessário que sejamos espiritualmente uma pérola, um diamante precioso. O que devemos ser é simplesmente um pequeno Oblato que toma a peito a prosperidade de sua comunidade. Observem os Jesuítas. Refiro-me a eles mais uma vez... Tocar na Sociedade é tocar-lhes a menina do olho. Tive um pequeno caso com um Padre Jesuíta; era nos primeiros tempos da fundação de 'São Bernardo'. Um bom Padre desconfiava muito de nós e fazia controlar tudo o que se fazia e dizia, no recreio e em outra parte, através de uma boa senhora, mãe de um dos nossos alunos. Ora, essa senhora foi informada, em desfavor nosso, sobre coisas espantosas, parece, que ia relatar fielmente ao seu Padre Jesuíta. Este, por sua vez, ia contar tudo ao Senhor Bispo. Cansado dessa manobra, eu disse, então, ao Padre Jesuíta que tinha que deixar-nos em paz e que estava fazendo um jogo sujo. O bom Padre se incomodou com a observação e escreveu a seu Superior Geral que eu estava falando mal da Companhia e que estava querendo fazer mal para ele... Não foi difícil justificar-me. Além disso, o Padre morreu logo depois e a história ficou por isso!... Mas o que quero, com esse episódio, é chamar atenção ao espírito de conjunto - exagerado, sem dúvida, mas muito real - deste bom religioso... Quanto medo tinha de ver atacados os direitos de sua Companhia! Era sua preocupação principal. Nisso ele nos é um exemplo.

Rezemos com fervor, meus Amigos, pedindo um pouco mais espírito de conjunto, rogando que tenhamos essa coesão que permitirá constituirmos realmente uma comunidade como a quis a Boa Madre Maria de Sales e Santa Joana de Chantal já desejava. Esta almejava tanto a fundação de um Instituto como o nosso! Quantas vezes tinha dito a São Francisco de Sales: "Senhor Bispo, peço-lhe que nos dê sacerdotes como o Senhor..." E São Francisco de Sales respondia: "É muito difícil... Até agora consegui formar um e meio só. Os homens desta terra são muito raciocinadores!..." Eu acho, realmente, que não teria conseguido fundar Oblatos naquela época em que se vivia só de argumentos e raciocínios escolásticos exagerados. Teriam lançado tantas objeções. Ele teria se chocado com tantos espíritos contrários ao dele que não teria conseguido fazer

prevalecer suas idéias, tão inovadoras para a sua era. Mas os tempos mudaram. Espero que, mais tarde, possamos brilhar um pouco entre o clero. Temos a doutrina de São Francisco de Sales. Outros não têm muito mais do que a etiqueta. É o nosso patrimônio, nossa herança. Não a deixemos passar a outras mãos por nossa falta de energia moral.

Façam, portanto, o voto de caridade, em relação a seus coirmãos, referente a nossas casas, relativo a nossa Congregação. Que essa caridade apareça. Não seja morta, mas muito ativa. Empenhemo-nos com valor e o Bom Deus estará conosco.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

SEXTA PALESTRA

AS OBRAS DOS OBLATOS

Depois de falar sobre as disposições do religioso Oblato, é necessário aplicar isso às diferentes funções de sua vida: colégios, patronatos, missões, direção espiritual... Precisamos ter o nosso modo de agir. Se não temos nada propriamente nosso, não somos necessários. Se os nossos meios são exatamente iguais aos de todo mundo, se a educação que nós damos é idêntica à dos outros, não temos razão de existir. Se não temos um campo próprio, que é que estamos fazendo?... Não somos operários da primeira hora nem da última... (cf. Mt 20,1-16; Lc 17,10); somos, então, servos inúteis na lavoura do Pai de família.

Não é bem isso a idéia da Igreja, do Santo Padre o Papa, da Boa Madre Maria de Sales. Nossas Constituições nos colocam em pé de igualdade com todas as outras Ordens religiosas. Em Roma, confiam em nossa missão; esperam - e isto nos afirmaram de diversos lados - que esta nova planta no jardim da Igreja produza frutos. Qual, então, é a nossa maneira de ver particular?

O que fazemos em nossos colégios, em nossas Obras, antes de mais nada - exclusivamente diria até - é o trabalho para a salvação das almas, para ganhá-las para o Bom Deus; é o trabalho para colocar nas almas aspirações para a virtude e para a santidade, pois a santidade é própria de todos os fiéis, de todos os cristãos.

Conseqüentemente, eu não fico alarmado por causa das diferentes fases difíceis pelas quais diversos dos nossos colégios passaram.

Ter um grande número de alunos não é essencial. Tendo 100 alunos e conseguir conservar 50 deles bons, isso não vale mais que conservar 10 entre 600? Vamos, antes de mais nada, trabalhar para a reputação dos nossos colégios, para formar um conceito honroso na opinião pública? Não seríamos abençoados por Deus, se essa fosse a nossa principal ocupação... Essas idéias são muito mesquinhas! Mais uma vez, nossa finalidade principal, nosso único fim é a santificação das almas dos nossos alunos.

Será que isso significa que sempre conseguiremos torná-los santos? Ou sempre conseguiremos tornar pelo menos a maior parte fiel à sua fé, crentes, firmes, praticantes sem defalecer? Infelizmente não, talvez! Mas pelo menos eles terão começado bem, guardarão, durante toda a sua vida, alguma lembrança de sua educação cristã. Não se tornarão sectários, blasfemos e inimigos de Deus; nunca ficarão muito longe do caminho do Céu e, antes de sua hora derradeira, - assim esperamos - encontrá-lo-ão mais facilmente.

Sou o seu Fundador. Fundando-os, eu não quis outra coisa. A mesma idéia, o mesmo princípio é ponto de partida para todas as outras coisas que temos a realizar.

Mas como salvar essas almas? Para tanto é necessário e suficiente que sejamos bons religiosos, praticando constantemente a Regra. Os meios indicados estão todos na Regra e nas Constituições. Em cada casa há um Superior encarregado de fazer observar as Constituições e que para todos é a voz do próprio Deus... Mas, poderiam dizer, o Superior é menos cumpridor do que eu neste ou naquele particular. Pode ser. Mesmo assim, estejam certos de que o Superior não se engana na obediência que lhes der. Com esta, sempre serão fortes, mesmo quando humanamente ela tiver sido dada de uma maneira um pouco infeliz...; os Senhores serão bem-sucedidos, melhor do que por qualquer outro meio que tiverem imaginado belamente. É essa a doutrina dos santos... Se a seguirmos bem, eu lhes garanto que seremos bons e felizes religiosos. Eu via isso durante quarenta anos, na Visitação de Troyes. A obediência era total. As prescrições não eram talvez, humanamente falando, sempre das melhores, mas a finalidade sempre era obtida, porque a bênção de Deus estava com aquelas almas obedientes. No dia em que os Senhores também, meus Amigos, fizerem isso, a Congregação será forte, nossos colégios prosperarão no sentido que lhes disse; e, sendo que a perfeição atrai, os bons alunos que tiverem trarão outros e os Senhores ganharão a esti-

ma e a confiança de todos.

O Senhor é vigilante? Faça o seu serviço em espírito de oração. Lembro um excelente cristão, o Senhor Chapelle, que era chefe de pensão. Tinha fé, mas não era praticante. Uma noite, vigiando no dormitório, disse aos seus botões: Eu tenho a missão de educar estas crianças. Ilumino-lhes o espírito ao ensinar; cuido dos seus modos, mas isso não é suficiente. Eu deveria ter influência sobre as almas, sobre as vontades, mas sozinho não consigo... Eu não tenho esse poder... E ele foi se confessar e comungar; assumiu o hábito de comungar muitíssimas vezes e rezar quase constantemente por seus alunos. E ele me disse: "Oh! como é bonita a missão que os Senhores como religiosos têm!... Na Santa Missa, no memento, quando seguram a Hóstia nas mãos, os Senhores rezem pelos seus alunos e obtêm para eles o juízo e a boa vontade que pedirem a Deus!"

Não se esqueçam nunca disso, meus Amigos; é um dever e um meio infalível para chegar às almas. Se fizerem isso, asseguro-lhes que ganharão os seus alunos. A Boa Madre conhecia bem esse meio; todas as meninas que foram educadas na Visitação, no tempo dela, conservaram-se, menos três pelo que eu saiba... Mas duas destas já se recuperaram. A que elas deviam isso? Aos cuidados das professoras, sem dúvida, mas também e sobretudo à influência das orações da Boa Madre e das professoras.

Esse é o nosso grande meio; lembrem-se disso! Eu quero que se repita isso claramente em todas as nossas casas: nenhum colégio sem essas condições. Digam bem como o Senhor Chapelle: Eu preciso da alma, importa a vontade dos meus alunos. É um ato da caridade divina. Durante a vigilância, tenham a intenção de ganhar todas essas almas dos meninos e dos jovens para o Bom Deus. Dêem sua aula também com esse intuito. É o que nunca deixei de fazer quando era professor no Seminário Maior de Troyes. Todos os estudantes que tive tornaram-se excelentes pessoas; evidentemente não foi o valor de minha oração pessoal que obteve esse resultado; mesmo assim acredito que ele se devia à oração; qualquer outro poderia fazê-lo muito melhor do que eu!... Os Senhores devem tratar com um temperamento deturpado; não se consegue nada... Quem conseguirá o 'fiat lux' (Gn 1,3) (haja luz)? Não são os Senhores, mas somente Deus. Se não se valerem de Deus neste empreendimento, o que farão? Um serviço de mercenário, de escravo.

O professor, o educador precisa de muita prudência para formar

os seus alunos.

É imprescindível também a renúncia, a obediência. Devem seguir religiosamente o programa, conformar-se ao método que lhes foi indicado, respeitando-o como respeitam o Diretório e as Constituições, mesmo quando não for de acordo com sua maneira de ver pessoal. Submetam-se e serão bem-sucedidos.

Quando fundei 'São Bernardo', consultei o Senhor Vignes. Expus-lhe meus projetos e lhe expliquei os meus recursos. - O Senhor está me consultando como banqueiro, - respondeu-me, - como homem de negócios; deste ponto de vista, devo dizer-lhe que o que está fazendo, humanamente falando, é uma loucura... Mas, como cristão, digo-lhe: Faça-o e terá êxito, porque o Senhor obedece a Deus que lhe pede isso... Pois bem, eu disse então comigo mesmo: serei bem-sucedido, porque me conformarei à obediência que Deus me comunicou através da Boa Madre; Deus estará comigo. Desde então, em toda a circunstância em que essa obediência se me apresenta, invoco o Bom Deus e estou certo de receber a sua ajuda... Todas as vezes que os Senhores também, meus Amigos, estiverem diante do cumprimento do dever, nos limites da obediência, diante de qualquer coisa que tiverem que fazer, chamem a Deus, e ele virá.

Dêem aula com todo o empenho; se não tomarem a peito o seu serviço, serão barrote no meio de um tanque, uma nulidade que não serve para nada... Se os alunos forem maus, façam todo o empenho para torná-los bons; se forem bons, esforcem-se os Senhores para torná-los melhores. Se forem pouco capazes, façam todo o esforço para torná-los mais inteligentes... É difícil, dirão os Senhores. No entanto, somente sob essa condição terão um bom resultado. Haja muita união e caridade entre os Senhores. Deve-se acreditar no Evangelho: "Ubi duo ex vobis consenserint... de omni re quaquumque petierint, fiet illis..." (Mt 18,19) (Se dois de vós estiverem de acordo sobre qualquer coisa que queiram pedir, isto lhes será concedido.) O Superior, o programa, a orientação que lhes é dada, é nisso que os Senhores todos devem entender-se. Digo-lhes isso com o Evangelho: esse entendimento atrairá Nosso Senhor (cf. Mt 18,20). Se os Oblatos de São Francisco de Sales não acreditam neste ensinamento e não tiram proveito disso, quem o fará? Faça-se isso séria e religiosamente...

Esses assuntos no terreno do ensino sejam sagrados para os Senhores. Não mexam com isso de forma puramente humana, nem por considerações, às vezes espirituosas, mas nem sempre caridosas. Lembro um dos

meus colegas que se tinha convertido e se tornara piedoso. Eu deixei escapar uma piadinha. Logo fui repreendido por meu professor. Nada - ele me disse - é pior do que isso! Uma observação, uma risadinha podem apagar a graça numa alma e produzir um efeito desastroso...

A autoridade do Superior seja respeitada; ele precisa disso. Colaborem com as intenções dele e queiram-no bem. É penoso, meus Amigos, quando ninguém vem dar uma mão. Amparem o Superior; é um ato valioso de caridade para com ele...

Fora desses ensinamentos, somos gente sem importância e nada de bom realizaremos. Tenhamos coragem! Cada um pense nisso e faça o firme propósito de esforçar-se e seguir no caminho que estou lhes indicando. E verão que Deus dará mais do que podemos esperar.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

SÉTIMA PALESTRA

A PENITÊNCIA E A MORTIFICAÇÃO DOS OBLATOS

Cada Instituto Religioso tem sua maneira de ver e seu modo de agir. Nós não temos penitências extraordinárias; levamos uma vida normal como todos os outros. No entanto, como religiosos e até como cristãos, somos rigorosamente obrigados à penitência. Também nós devemos carregar o jugo do Senhor.

Examinemos juntos a vida do Oblato. É, de verdade, muito difícil, muito austera e se presta admiravelmente para fazer-nos praticar a virtude da penitência. Experimentamos misérias e provações que - como todo mundo - temos que enfrentar no espírito de penitência. Mas acredito que, além disso, a vida do Oblato é uma das mais mortificadas que se possa encontrar.

Antes de mais nada, a obediência. Para quem vive a vida contemplativa, a obediência não é muito difícil. Mas para o professor que deve submeter-se continuamente e obedecer aos programas, ao Superior, a obediência é dez vezes mais árdua. Ele tem sua maneira própria de ver, fruto do seu trabalho e de sua experiência; no entanto, deve submeter continuamente o seu juízo. A Regra lhe proíbe sair sem permissão; além disso, deve dizer aonde vai e o que pretende fazer e, quando volta, o que fez. Obedece, portanto, o dia todo; está vivendo uma contínua su-

jeição. A Regra proíbe até mandar ou receber cartas sem licença. O Superior deve ver tudo. Deve controlar, até certa altura e com muita discrição, mesmo as cartas de direção espiritual. Trata-se de uma espécie de confissão, é verdade, mas por escrito; é bom, às vezes, que o Superior averigüe, se não há outra coisa além da direção. Ele será muito discreto, repito... Não lerá tudo, mas somente o que lhe interessa saber. A única coisa que o Superior da casa não tem direito de ver é a correspondência com o Superior Geral e com o Papa. Isso é verdade. No entanto, se o religioso for bom, em geral não escreverá ao seu Superior Maior sem antes pedir conselho ao Superior local, sem lhe dizer: Há um problema entre nós, uma fragilidade humana; vejamos, se nos entendemos entre nós antes de recorrer a autoridades superiores.

Sempre se tem observado que aqueles que sentiram a necessidade de recorrer assim ao Papa, sempre tinham alguma coisa solta na cabeça. Consta nas Constituições que se tem o direito de fazê-lo... O Papa é o Pai e o Superior de todos os religiosos... É verdade. Mas será que, numa família, um filho escreve para o Presidente da República, porque o pai lhe recusou alguma coisa?... Se são inteligentes, não farão isso. Esse recurso não acontecerá senão em circunstâncias extremamente graves e raras. Os Senhores saberão superar uma impressão demasiadamente viva e sua suscetibilidade. Se, na verdade, o Senhor cometeu um erro, deverá agir com seu Superior como com um confessor... Não irá consultar um Doutor de Teologia... Tendo como confessor um sacerdote jovem ou idoso, não se repara a idade; ele representa o Bom Deus. Ajam da mesma forma com seu Superior, não importa quem ele seja. Não somos todos parte da mesma família e filhos de São Francisco de Sales?

O Superior, pois, veja a correspondência. Quando um dos nossos Padres me escreve, sempre leio tudo. Se a carta é delicada e contém coisas íntimas, não a mostro aos Padres que servem como secretários. O que eu escrevo pode ser lido por todos. Todas as vezes que escrevo, faço como São Francisco de Sales: redijo minha carta de maneira que possa ser lida por todos e publicada em toda a parte. Não tenham segredinhos em suas cartas...; frequentemente são histórias esquisitas e ridículas. Em certa oportunidade, um bom Padre não queria absolutamente que se abrissem as cartas que lhe enviava uma de suas penitentes... Acontece que ela colocava no final da cada carta: Abraço-o de todo o coração!... O bom Padre não desejava muito que se soubesse aquilo!... Se, numa carta que o Senhor deve receber ou escrever, consta um segredo, uma situa-

ção familiar penosa, um desastre financeiro ou até algo que pudesse expor a honra de uma família, por que não dizer simplesmente ao Superior: Desejo que esta carta não seja lida. E o Superior, pessoa criteriosa, não a lerá e terá para o Senhor uma boa e encorajadora palavra. Sejam muito fiéis a este ponto das Constituições. Em todas as Ordens religiosas, o Superior deve pelo menos abrir o envelope: é o essencial. Muitos religiosos assim se perderam devido a segredinhos na correspondência. As faltas neste ponto das Constituições era uma das grandes dores de cabeça de minha vida nos últimos tempos. Coloco, portanto, o fiel cumprimento desse ato de obediência entre as penitências impostas pela Regra de São Francisco de Sales.

É necessário que se peça conscienciosamente permissão para tudo o que está fora da Regra. Importa tomar isso a sério: desejo-o e peço-lhes que o cumpram. Para comer algo entre as refeições precisam pedir licença, se sentirem que isso lhes é necessário por motivo da sua saúde ou do trabalho que têm que fazer. Mas não se estoque particularmente essas pequenas provisões. O incômodo, a sujeição de pedir licença - que não lhes será recusada, se for útil - será exatamente o meio de mortificar-se.

Em relação aos alunos, mortifiquem-se. Um aluno os aborrece; é um malandrinho e os Senhores têm a tentação de atropelá-lo, de bater nele talvez: é só o que merece... Não o façam. Isso não se faz entre nós! Os Senhores o repreendam séria, mas amavelmente; isso será a sua mortificação.

O Senhor gosta de um aluno mais do que seria razoável; experimenta referente a ele ternuras femininas... O Senhor é tolo. Assim se coloca abaixo de uma mulher. Isso cheira mal, se ceder a essa inclinação. A mulher é de natureza astuta; e o Senhor será dez vezes mais maroto. A mulher é naturalmente enganadora, mas o Senhor será dez vezes mais mentiroso. A natureza feminina tende à deslealdade, mas o Senhor será dez vezes mais traidor. Se, portanto, perceber essa fraqueza de coração, diga-o a seu confessor. É uma cilada infernal, degradante; é um rebaixamento, uma transformação do homem em não sei o quê. Isso nem nome não tem. Para saber de que se trata precisa ir até o fundo do inferno. E é extremamente perigoso para a alma.

Resistam, pois, a essa tentação. Todo mundo a tem experimentado um dia em sua vida; mas quem consente difere totalmente daquele que se opõe, porque este faz um ato de virtude, às vezes heróico. Nisso, a

oportunidade de mortificar-se não nos falta. E essa mortificação encontraremos freqüentemente, sobretudo no meio em que vivemos, com alunos bem educados, de boas famílias... Isso será, portanto, a nossa mortificação.

Frente aos seus coirmãos, mortifiquem-se. Não temos todos o mesmo caráter. Não nos mostremos nunca magoados por uma piada ou uma saída espirituosa de nossos irmãos. As faltas de caridade fomentam a desconfiança e, às vezes, a vingança, o que é muito pouco religioso!... Cada um de nós tem seu fardo a carregar como todos os outros. Temos que suportar misérias, falta de consideração, problemas familiares, doenças, decepções, humilhações, injustiças que nos fazem, ou que julgamos que nos fizeram. Vejam todo um leque de mortificações. Meu Deus, aceito tudo isso, todos os sofrimentos por amor a Vós!... Acolho esta humilhação por meus pecados; essa amargura por meus pensamentos maus; essa palavra de desprezo por minhas faltas de caridade. Depois de fazer isso, sente-se, no fundo do coração, algo que nos dá muita paz. São essas as nossas mortificações, meus Amigos; são obrigatórias para nós. Os Cartuxos jejuam todos os dias até às 11 horas; como almoço comem uma cenoura crua, uma fruta meio podre; é duro isso. Nós temos a mesma dose de mortificação ao aceitar, de todo o coração, a Regra, a obediência, os sofrimentos que revestem nossa existência. Assim é que muitos santos se formaram; e, no Céu, veremos uma multidão deles elevados à glória, que não levaram outra vida que a nossa. E os que mais generosamente tiverem aceitado as mortificações diárias da Providência divina serão mais elevados do que aqueles que se tiverem mortificado a seu critério próprio. Procurem compreender bem isso. Carreguemos decididamente a nossa cruz, seja ela pequena ou grande; não percamos dela nem uma lasquinha. Esse pensamento constante nos guarde estáveis em nosso estado tão fecundo tanto para nós quanto para os outros.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

OITAVA PALESTRA

A VIDA DO OBLATO

Meus Amigos, é necessário que, no fim do retiro, tenhamos uma idéia correta dos Oblatos. Precisamos compreender bem que a nossa voca-

ção não significa viver segundo a natureza. A gente se torna Cartuxo, Trapista para viver conforme tão-só a natureza? A vida religiosa é, pois, uma existência de lutas, de penitências, de sacrifícios; a vida do Oblato também, portanto, deve encontrar sua participação nos sofrimentos e méritos de Nosso Senhor. Mas, para isso, - dizia a Boa Madre Maria de Sales - é necessário que eles sejam bem aceitos e entendidos.

Reparem primeiro a vida exterior do Oblato de São Francisco de Sales; os Senhores estão livres de muitas preocupações e uma quantidade de misérias. O pobre Pároco do interior deve calcular e medir sua alimentação não a partir de sua fome, mas à medida do seu bolso. Ele precisa viver com um dinheirinho redondamente insuficiente que lhe concede cada ano. A vida de Pároco é uma existência de privações constantes. Ele tem só sua mesquinha cõgrua, algumas pobres espórtulas de Missa e um ganho eventual muito magro e incerto. Deve pagar sua alimentação, sua roupa e a empregada, além de dar esmolas aos pobres... É bom pensar nisso... Se o Sacerdote não tem bens próprios, pergunta-se como ele pode viver. Ouvi muitos Párcos dizerem: Não comemos carne em cada refeição, nem todos os dias; a gente se contenta com pão e verduras... O Senhor Bispo me disse há pouco: "É um problema para mim fazer com que nossos pobres Párcos possam tomar um copo de vinho nas suas refeições." Quanto à mortificação, são mais religiosos do que nós.

Há ainda outras preocupações: pagar as contas dos fornecedores, receber os coirmãos quando chega a hora da reunião, é a visita do Senhor Bispo, etc... Como fazer para pagar todas essas variadas dívidas dentro do prazo? Um bom Pároco me disse: "Os Senhores são religiosos; consideram-se mais santos e pobres do que nós... mas estão muito abaixo de nós, acrescentou gracejando... Venham a nossas casas canônicas e verão se a nossa pobreza não é dez vezes maior do que sua pobreza religiosa, na qual não lhes falta nada!...

Não, meus Amigos, não temos os mesmos incômodos, as mesmas pressões e preocupações. Nossa comida nos é oferecida sem precisarmos fazer cálculos para ver se poderemos espichar o dinheiro até o fim do ano. Podemos muito bem comparar-nos aos lírios do campo, que não trabalham nem fiam, mas que Deus reveste de esplendor - non laborant neque nent... (Mt 6,28). Podemos comparar-nos aos passarinhos do céu, que não semeiam nem ceifam nem guardam o grão em celeiros, mas que o Pai do Céu nutre - Respicite volatilia coeli, quoniam non serunt neque metunt ne-

que congregant in horrea, et Pater vester coelestis pascit illa... (Mt 6,26). Demos, pois, graças a Deus por isso e apreciemos a nossa vocação.

Passemos agora ao que diz respeito à nossa alma. Como é que há santos - entre os quais o próprio São Paulo - que afirmam: Ne forte cum aliis praedicaverim, ipse reprobis efficiar (1 Cor 9,27) (A fim de que não aconteça, que - tendo proclamado aos outros - venha eu mesmo a ser reprovado). E o piedoso autor do Eclesiastes escreve: Ninguém sabe se é digno de amor ou de ódio - Nescit homo utrum amore an odio dignus sit (cf. Ecl 9,1). Sem dúvida, nós também devemos ter esses sentimentos de receio e humildade; mas também devemos estimular-nos à confiança frente às certezas que São Francisco de Sales nos dá. Nossa união com Deus pelo Diretório - se fazemos todo o empenho - deve ser considerada por nós como um penhor certo do Céu. Pratiquem bem o Diretório e serão dignos da vocação com a qual foram agraciados e, através do Diretório, agirão no sentido muito mais amplo, obedecendo à Vontade divina.

Padre Deshairs estava comigo, quando o nosso Santo Padre me disse: "Eu, o Papa, os envio... Cada um dos que trabalham convosco faz pessoalmente a Vontade de Deus..." É muito importante essa afirmação do Papa; igualmente, ter a certeza de estar fazendo pessoalmente a Vontade de Deus em tudo o que se tem a fazer.

Cumpram sua obediência religiosa e estão certos de realizar a Vontade de Deus tão perfeita e santamente quanto qualquer Ordem religiosa de vida austera e santa. São Bernardo, pois, não dizia aos seus religiosos: O Claraval é a porta do Céu. Não estão ouvindo as melodias celestiais e os bem-aventurados, seus irmãos, que estão chamando?... Eu também lhes afirmo: estão na entrada do Paraíso... Esta é a certeza que a vocação de Oblato nos dá.

Quanto às coisas difíceis, será que a obediência não custa mais para um Vigário, para um Pároco do que para os Senhores? Os Senhores observem certos devotos que começam a reclamar contra um ou outro; inventam histórias... O Bispo está sujeito a ficar impressionado... Ele vai se lembrar disso. O Conselho não é tão indulgente. Os colegas estão longe de ser sempre benevolentes. O Coordenador da área é por demais autoritário... Tudo isso não é muito mais duro do que a obediência para os Senhores? Seu Superior age em virtude de sua autoridade e da Regra que os Senhores aceitaram de bom grado. Não é por ser seu patrão que

ele lhes manda, mas porque recebeu sua missão de Deus...

De outro lado, os Senhores têm um serviço independente; não têm nada a ver com o Prefeito, com a Câmara dos Vereadores, com uma população mais ou menos hostil, da qual uma vigésima, ou talvez uma centésima parte está a favor do Pároco! Os Senhores não precisam ter medo de ofensas e intrigas. Reparem, portanto, a situação que o Bom Deus nos criou... Observemo-la tal qual; e não vamos deter-nos imaginariamente, pensando que em outra parte estaríamos melhor e que a nossa vida é sem satisfação e felicidade alguma. Isso seria um grande engano... Si scires donum Dei, et quis est qui dicit tibi: Da mihi bibere!... (Jo 4,10) (Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: Dá-me de beber!) Se compreendessem bem quem é que lhe pede que o escutem, e lhe concedessem o que ele deseja!...

Dediquem-se, portanto, de corpo e alma, ao Diretório: Gustate et videte quam suavis est Dominus (Sl 33,9) (Provai e vede como Deus é bom). Aí haverá para nossas almas uma nascente de felicidades bem maiores, mais prazenteiras do que tudo o que se poderia procurar em outra parte. Em nossa vida de apostolado e de educação, damos acompanhamento e assistência aos mistérios das almas e dos corações e à redenção desses escolhidos do Salvador. Nosso Diretório nos une intimamente com o Salvador para realizar esses mistérios da Redenção. Vejam se há algo que se compare a isso. Também a nós o Salvador dirige a palavra que disse à Samaritana: Si scires donum Dei!... (Jo 4,10) (Se conhecesses o dom de Deus!...) Ó meu Salvador, falai-me como à Samaritana, fazei-me sentir que sois espírito e vida; e eu, pondo com toda a sinceridade minhas forças ao vosso serviço, terei luz e graça...

Eis o que conquista as almas e o que forma os santos. Os Senhores têm tudo isso. Rezem para que o Bom Deus nos dê a todos a compreensão da nossa vocação. Vias tuas deminstra mihi et semitas tuas edoce me. (cf. Sl 24,4) (Mostra-me teus caminhos, ensina-me tuas verdades.)

Fim do Retiro em Santo Ouen, setembro de 1896.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

SEGUNDA PALESTRA**A CARIDADE PARA COM O PRÓXIMO**

Retiro pregado no 'São Bernardo', em agosto de 1897.

A primeira palestra deste retiro não foi anotada.

Meus Amigos, empenhemo-nos para fazer o nosso retiro bem-feito: Sustinete Dominum (aguardem o Senhor); esperem a mão de Deus sobre os Senhores, aguardem a expressão da vontade dele. A fadiga dos exercícios do retiro, a mudança da vida, de alimentação, a troca de cama: tudo isso cansa e, às vezes, acarreta sofrimento. Acrescentam-se a aridez, a sequeidão, os desgostos. Além disso, as reflexões que fazem sobre a vida passada, sobre os tempos idos; não oferecem nada de consolador essas revisões do passado! A justiça de Deus sempre se cobra um pouco durante este tempo de retiro e de penitência. A atmosfera é mais pesada, mais sufocante; as circunstâncias são mais penosas, mais amargas. Procurem compreender bem que o retiro tem algo parecido com os sacramentais. Cada um tem o seu problema, suas provações, mas também seu merecimento: Aeternum gloriae pondus (2 Cor 4,17) (o peso eterno de glória); tudo isso atrai a graça e atrairá a glória.

A Boa Madre Maria de Sales fazia isso com perfeição; cada uma de suas jornadas de retiro era um dia de aquisição de merecimentos, mas não eram nada agradáveis à natureza... Está nisso a santidade, meus Amigos. Trabalhem na santidade durante o retiro.

É verdade que se deve procurar às vezes um alívio no meio de todas essas dificuldades que lhes mencionei; encontraremos isso na leitura da sagrada Escritura, sobretudo do Evangelho, das cartas de São Paulo, dos Atos dos Apóstolos. O antigo Testamento também os ajudará; Jó por exemplo. Leiam o livro Jó a título de distração, quando não agdntam mais, a título de distensão espiritual... Bem sabem os Senhores o que é o Evangelho, quanta unção, luz e consolação se encontram aí. Deus fala à nossa alma; é como a aparição do Espírito Santo, do Salvador à nossa alma: Consolamini invicem in verbis istis (cf. 1 Rs 5,11) (Consolai-vos mutuamente com essas palavras).

Percorramos também alguns outros livros, nosso Santo Fundador..... Façamos o nosso exame de consciência; coloquemo-nos frente aos nossos defeitos. Examinemos também as graças do Bom Deus durante esse ano. Vejamos o que nos deu, os pecados que nos fez evitar, as doenças das quais nos curou; lembremo-nos dos instantes, as horas abençoadas que passamos junto a ele, diante do sacrário, em nossas ações de graças fervorosas, nas meditações, nas horas de iluminação. A lembrança das graças recebidas é um meio excelente para suavizar as amarguras do retiro. Sejam delicados para com o Bom Deus, por meio da gratidão. Lembrem-se os instantes em que sentiram o toque divino: Redite ad cor (Is 46,8) (Entraí em vós mesmos). Dêem a todas essas recordações um lugarzinho no seu coração, um espaço aonde freqüentemente se recolherão durante o retiro e onde vão gostar de permanecer.

Os Senhores têm, portanto, o que fazer. O retiro é o silêncio e o descanso perto de Deus. Não se rezará o Ofício em comum; não haverá sobrecarga de exercícios cansativos... Ensinem às pessoas a fazerem assim o retiro que os Senhores vão dirigir e às pessoas que lhes pedirem conselho. Lembrem bem essa maneira de agir; o retiro é um assunto entre Deus e a alma. Quando a gente pode se encontrar com um amigo durante uns momentos, ou com um conselheiro devotado de quem a gente precisa, não se toma um jornal nas mãos perto dele ou um livro de leitura para ocupar o tempo que teríamos à disposição para ele. Temos muito de que nos ocupar, repito, e também podemos alcançar muitos méritos com o que a gente sofre, com aquilo que o Bom Deus concede, com os exercícios comuns do retiro. Façam - como lhes disse ontem - uma boa e santa Confissão. Que o Sangue do Salvador se derrame sobre sua alma. Tratem-no com toda a fé de que são capazes como pessoa humana, como cristão e como religioso.

Nós, Oblatos de São Francisco de Sales, temos quatro grandes obrigações: os três votos, e um quarto dever mais importante ainda, mais do que qualquer voto, a saber, a caridade para com o próximo.

Repito-lhes muitas vezes as mesmas coisas; é muito necessário. Tive os maiores problemas com as Oblatas. Não é fácil tratar com as cabeças de senhoras: uma quer uma coisa, outra quer outra... Um dia, já faz muito tempo, uma pensava que merecia estar no primeiro lugar, pelo menos numa posição importante; uma outra criticava a atuação da Superiora; não era inteligente; tinha caráter desagradável!... Uma outra, dez outras, vinte outras tinham sempre algo a censurar..., um pouco co-

mo se faz entre nós hoje em dia. Isto ouço de todos os lados! É uma chaga que sangra, essa ferida... Não podem imaginar como esse flagelo é horrendo, mortal... porque faz as almas morrerem... Caritas Dei non est intra vos (O amor de Deus não está entre vós). Calamidade muito séria que provém de um fundo de leviandade, do espírito estudantil, de um espírito seminarístico, de mau seminarista! No Seminário, quando se apresenta o caso, isso dura 3, 4, 5 anos, depois vai-se ao isolamento de uma paróquia e não se pode falar mais tanto mal do próximo... Os que fazem isso, certamente, não cometem um pecado enorme, tratando-se de simples leviandade, não sendo que isso procede de uma mentalidade baixa, culposa... É para dizer uma piada, para fazer uma observação espirituosa sobre um ou outro; isso diverte... Acrescentemos que a caridade não ganha nada com isso, pelo contrário; e isto é lamentável. Escutem São Bernardo que diz: *Nugae, in ore secularis nugae, in ore sacerdotis blasphemiae* (Conversa à toa na boca de um leigo é conversa à toa, na boca de um sacerdote é uma blasfêmia).

Não se observa suficientemente esse ponto entre nós. É que alguns ainda não compreenderam a vida religiosa. Entretanto, explicações e recomendações não faltaram durante o Noviciado; depois, e ainda agora, a cada momento, há as observações dos Superiores.

Quanto aos Superiores, poderão dizer de mim tudo o que quizerem; não ficarei bravo de maneira alguma; não sou orgulhoso, sou velho, não ouço as palavras dos homens e não as entendo; sou um pouco surdo, tanto física quanto moralmente. A respeito de mim pessoalmente, portanto, não reclamo nada, mas - sem referência a mim pessoalmente - reclamo insistentemente que as prescrições da Regra, a obediência e o respeito sejam observados fielmente para com o Superior Geral e todos os outros Superiores.

A Boa Madre era muito indulgente, mas, quando se tratava do respeito para com os Superiores, era muito rigorosa. Dizia que a obediência é a primeira virtude da Visitandina e sua primeira obrigação. Ora, a obediência é representada pela Superiora, pelo respeito que se lhe deve. Ela tem direito absoluto, inalienável e inatacável a isso. A esse respeito, portanto, - repito - ela era extremamente severa.

Importa que cada um compreenda bem isso no futuro e coloque esse ponto no exame de consciência e entre seus bons propósitos. O Superior Geral tem todo o direito e deve ter toda a liberdade para fazer observar a Regra. O Superior não tem direito de pensar que é mais inte-

ligente do que os outros; isso seria orgulho e, frequentemente, um engano evidente; mas certo é que foi constituído por Deus e pela Santa Igreja na função de Superior, que ele representa Deus e, em consciência, não deve largar esse lugar.

Deve-se observar respeito e caridade para com o Superior Geral e para com todos os outros Superiores. Isso é o que exige a Regra. Insisto nisso exatamente devido ao grande dever de caridade para com o próximo que devemos cumprir uns para com os outros. Nós, Oblatos de São Francisco de Sales, somos coesos. Uma grande alma paira sobre nós, uma alma santa que Deus escolheu como vítima voluntária e de agradável odor. Será que isso não se parece muito aos primeiros dias da Igreja, no Cenáculo? Lá, em volta de uma Senhora, já de idade, pura vítima e a mais agradável a Deus, havia doze homens, na maioria pescadores; alguns, no entanto, um pouco mais inteligentes; havia um homem de negócios... Non multi potentes, non multi nobiles (1 Cor 1,26) (Não muitos poderosos, não muitos nobres). Sem comparar-nos com os Apóstolos certamente, nós, no entanto, podemos dizer também que temos um futuro de grandes coisas no mundo. Será que são Pedro, Tiago, João, os mais inteligentes, Mateus, o cobrador, que realizarão a obra do Mestre? É este ou aquele? Não, é a própria Igreja, isto é, a reunião das vontades e dos corações. Todos executam uma parte do trabalho e todos participam 'unanímiter consentientes' (At 4,32) (de comum acordo): cor unum, anima una (um coração, uma só alma). Nós também, meus Amigos, temos que ser 'cor unum, anima una'. Cor unum, se nos amarmos e se, amando-nos, sintonizamos as vontades em unísono. E por que não nos amáramos? Não temos todos e cada um individualmente nossas qualidades e motivos sérios para amar os nossos irmãos?... Eu sou velho, meus Amigos, eu vi muitas reuniões de homens. Em todas as reuniões de homens que encontrei, não tive preferência alguma e procurei dar o devido valor àquilo que estava vendo. Estimo profundamente a reunião que agora tenho diante de mim. Será porque os vejo 'multi potentes, multi nobiles' (1 Cor 1,26) (muito poderosos, muitos nobres)? Deus, ao escolhê-los, colocou no coração de cada um dos Senhores algo particular, uma coisa boa, santa, caridosa que não colocou indistintamente no coração de todos os outros homens. Deu-lhes as virtudes da vocação de Oblato; pelo menos em germe, se encontram no seu coração, e vejo-as manifestar sua presença...

Eu os censurei há pouco? Agora estou lhes dando louvores, ou melhor, a Deus é que se deve dá-los: é ele que é o autor de toda a dá-

diva perfeita (cf. Tg 1,17).

Quando pergunto ao Bom Deus o que devo fazer dos Senhores, eis a resposta que me é dada: Cada um dos Senhores tem o necessário para estarem unidos, para amar-se, para formar 'cor unum et anima una' (At 4,32) (um coração e uma só alma). Amem o Padre fulano, por motivo de tal virtude, por aquela qualidade que possui..., por isso, por aquilo; queiram-no bem porque é inteligente, piedoso, bondoso, justo, porque tem experiência, etc... Amem beltrano pelas qualidades que não tem, pela necessidade que tem dos Senhores. Numa família, quando se tem um irmão defeituoso, cego, não há um pouco mais de atenção para ele no coração de todos? As enfermidades morais muitas vezes não dependem tanto da vontade quanto de doenças físicas... Vamos, portanto, amar-nos todos com um amor sincero. Deus colocou o necessário para tanto, na alma e no coração de cada um.

Portanto, não quero ouvir mais: Este disse isto... Aquele disse aquilo... As crianças, que brigam muitas vezes com seus irmãos, ficam sempre irmãos, claro, e, no fundo, se querem bem; mas nós somos homens, somos religiosos, consangüíneos de alma e de coração. Há um Coração que deve unir-nos a todos, o Coração do Salvador. É preciso dirigir-se a ele para descobrir o segredo da caridade para com o próximo. Vão e fiquem com ele. Deixem-se impressionar por aquilo que se passa nesse Coração divino. Será que a natureza má dos Senhores terá a última palavra?

Disponham-se a confessar as mínimas faltas contra a caridade para com o próximo; seja esta a matéria principal de sua confissão, até se corrigirem.

São Francisco de Sales queria fundar uma comunidade baseada unicamente na regra da caridade. Não sei se isso se realizará um dia. Mas dêem-se conta, pelo menos, que isso oferece a oportunidade de santificar-se a cada instante. Aproveitem bem as faltas de caráter, as asperezas, as dificuldades que encontram num ou noutro de seus irmãos, em cada próximo, para santificar-se. São Francisco de Sales disse um dia a religiosas que vinha visitar, e que lhe tinham fechado a porta: Minhas Filhas, eu lhes agradeço; proporcionaram-me uma grande graça, a graça da humilhação e acabam de provar-me que seu mosteiro é um dos mais regulares da Santa Igreja, pois estão observando tão estritamente a clausura!

Chegarão ao hábito da caridade, praticando-a fielmente em to-

dos os contatos com outros. Cor unum, anima una (At 4,32) (um coração e uma só alma); quando os corações estão de acordo, os espíritos chegam facilmente a ter as mesmas idéias. Se nos amarmos realmente, e caso nossas opiniões não coincidam perfeitamente, não haverá longa discussão. Espiritualmente temos todos muitos méritos a ganhar, fazendo o sacrifício de mil idéiazinhas de bem pouca importância... Durante os 35 anos em que eu estava na Visitação de Troyes com a Boa Madre Maria de Sales, nunca vi outra coisa na comunidade que 'cor unum et anima una' (id.).

Certamente houve algumas vezes, na Visitação de Troyes, uma ou duas exceções passageiras. Sempre há - observem isso - em toda a reunião de homens ou de mulheres, uma ou duas pessoas que não são como as outras. O Bom Deus permite isso para a santificação das comunidades. Antigamente, em 1830, havia na Catedral de Troyes um Vigário esquisito, um homenzinho corcunda que, no meio do canto, começava sempre a fazer acordes mais ou menos perfeitos, mas nem sempre afinados. Estava convencido que ele melhorava e sustentava o canto com sua polifonia frequentemente mal ajustada. Em toda a comunidade, há facilmente um pequeno corcunda que gosta do contraponto. Deixamo-lo fazer caridosamente...

Eu via durante 35 anos - repito - na Visitação de Troyes, este 'cor unum et anima una' (id.). A ação divina era contínua sobre a Boa Madre Maria de Sales. Mas não só ela tinha contato íntimo com Deus; eu poderia citar quarenta ou cinquenta almas, enquanto Deus operava coisas maravilhosas, das quais sou testemunha, com luzes clareando os mais altos picos da Teologia. Deus estava lá, porque se amava o próximo; 'cor unum et anima una' (id.). Quando dois ou três estiverem de acordo sobre qualquer coisa, de re quacumque, fiet illis (isto lhes será concedido (cf. Mt 18,19). É o que me permitia dizer, às vezes, para a Boa Madre Maria de Sales: - Estamos no Céu. Realmente não vale a pena ir para o Céu; o Bom Deus está aqui como no Paraíso... - Não se deve dizer isso, ela me respondia. - Mas a Senhora não acha que é verdade, Boa Madre? - Não se deve falar assim, porque isso causaria escândalo.

Um amigo meu acaba de morrer. Todas as vezes que subia ao altar, dizia ao Bom Deus: Não me deixeis morrer ainda!... No Céu não terei mais a felicidade de rezar a Missa!...

TERCEIRA PALESTRA

O VOTO DE POBREZA

Animem-se, pensando naquilo que o Bom Deus lhes deu neste ano e durante toda a sua vida. É uma história muito bonita, essa do Bom Deus e de nossa alma, desde o primeiro dia até agora. Por que não voltar muitas vezes a esses pensamentos, lembrando nossos bons pais, nossa educação, nossa Primeira Comunhão, nossas horas de fé, de santo amor? Por quê?... Nada pode fazer-nos tanto bem quanto a lembrança desse tipo de coisas. Sentimo-nos mais encorajados; sentimos que o Bom Deus não nos tratou como gente estranha. Sua Providência sempre tem nos acompanhado. Demos graças a Deus... Reparem, na liturgia, quantas vezes o sentimento de agradecimento e gratidão se repete e é retomado. Esqueçemo-lo talvez demais.

Quando se tem que sofrer um pequeno incômodo, em tudo o que custa trabalho, aceitemo-lo como vindo das mãos paternas do Bom Deus e Salvador. Dessa maneira continuaremos o retiro durante todo o ano. Não deixaremos perder-se nenhum dos tesouros de méritos com que nos confrontamos.

Em nossa palestra de ontem, não completei minha idéia. Estava lhes falando sobre as dificuldades que as Oblatas me apresentaram inicialmente. Não acrescentei que, após um certo tempo, esses problemas desapareceram por completo. Isso devido ao costume que assumiram de fazer o voto de caridade. Acredito que atualmente não haja ninguém que não tenha feito esse voto e não o renove, seja cada seis, seja cada três meses, seja cada trinta dias, seja mais freqüentemente ainda. Elas consideram esse voto como a base de suas obrigações; é para elas o ponto de partida e isso as sustenta. Formam hoje em dia uma comunidade totalmente coesa. Não há mais a mínima coisa que destoe.

Meus Amigos, todos temos que fazer esse voto de caridade. Sem dúvida, ele tem uma influência maior sobre toda a nossa vida religiosa do que qualquer outro voto.

Lembrei-lhes aquele bom sacerdote que dizia ao Bom Deus: Não me deixeis morrer tão cedo! No Céu, pois, não poderei mais rezar Missa!... Com isso queria dizer-lhes que, se compreenderem bem sua vida sacerdotal e vida religiosa, encontrarão nisso o Céu na terra.

Mais uma palavra sobre a palestra de ontem, já que estou falando disso; tenho que pedir-lhes perdão. Eu me expressei mal. Disse-lhes que poderiam dizer de mim o que quisessem e isso não me afetaria. Compreendam bem o que quis dizer; essa afirmação está sujeita a diversas interpretações. Não quero que pensem que eu pretenda dizer que sua opinião, suas idéias a meu respeito me sejam indiferentes e que não me digne dar-lhes atenção. Não, não! O que eu quis dizer é isto: falando ou pensando mal de mim - no momento mesmo - isso me contraria, me impressiona; mas logo depois esqueço e não recordo mais. Quando minha atenção não se relembra por alguma circunstância especial, não guardo, em geral, nenhuma recordação de minhas impressões. Sua opinião, seus pareceres, naturalmente, não os considero pouca coisa; pelo contrário, tenho para cada um grande respeito e profunda afeição.

O tema desta noite é o voto de pobreza.

Quando entrei, pela primeira vez, na Visitação de Troyes, me impressionei pela extrema pobreza da sala comunitária e de todos os lugares da casa que vi. - Mas são senhoras!... Pois não, olhem os Missionários de Annecy. Visitei lá umas celas e várias salas. Tomaram muito a sério a observação da regra da pobreza; está tudo limpo, conveniente, mas sempre muito pobre. Os móveis, as coisas do uso deles apresentam um aspecto de certa austeridade que não desagrade. Da mesma forma no refeitório, no parlatório. Os visitantes ficam impressionados e sensibilizados com isso. Isso é religioso; isso não lembra o mundo; é digno, é conveniente. Entre o apartamento de um príncipe ou de um ministro e a moradia de um pobre sapateiro, há uma bela diferença. Cada um observe o que convém à sua posição, ao seu estado de vida; na sua humilde morada, um simples artesão pode ser mais digno e mais considerado pelo mundo do que um ou outro príncipe em sua residência luxuosa. Os nossos móveis de religiosos tenham, portanto, este cunho especial de conveniência, isto é, de pobreza.

O segredo de nossa pobreza devemos procurá-lo em Nazaré. Lá devemos inspirar-nos, porque não é uma coisa natural. No mundo, prefere-se conforto a incômodo. Antepõe-se um lindo apartamento a uma cela apertada; a gente se rodeará de uma quantidade de objetos confortáveis, em vez de limitar-se ao estritamente necessário... Vamos a Nazaré; olhemos esse interior e compreendamos o que é a completa pobreza, o tra-

balho, o desprendimento também e, às vezes, a penúria... A comida de todos os dias não era melhor do que a do mais pobre operário. Seria preciso compreender bem isso.

Vamos fazer valer a Regra, meus Amigos. Vamos tomar os escritos de São Francisco de Sales, procurando o que ele disse sobre a pobreza das celas, dos utensílios de uso frequente, da roupa também... Oh! quanto a isto, estamos em dia e mais do que isso! Já está feito e até com um pouco de exagero! É necessário compreender e observar bem a Regra.

Queremos praticar a pobreza. Será preciso diminuir a quantidade de comida? Não, convém comer de acordo com o apetite. Será que se trata da qualidade dos pratos? Não, mas quando a saúde precária o exigir, quando se precisar realmente, quando houver verdadeira necessidade de que se prepare uma coisa especial, muito bem; não há problema; aproveitemo-lo sem escrúpulos. Mas - suponham - a saúde é boa, mesmo que a gente não seja muito forte (sempre se acrescenta isso!). A comida comum não é suficiente? A gente não forme o costume de ter particularidades e coisas especiais, além do que é oferecido à comunidade; não se faça o pedido a não ser havendo realmente motivos sérios para fazê-lo. Enfim, sejam sóbrios, rigorosamente, em cada uma das nossas refeições.

Lembremos a pobreza do operário de Nazaré. Mostra-se ainda, em Loreto, uma parte dos pobres utensílios que Maria, José e o Menino Jesus empregavam... Que simples refeições deviam ser comidas daquelas pobres tigelas! Será que quem nutre os passarinhos (cf. Mt 6,26) não tinha meio de fazer chegar à sua mesa as iguarias mais finas? Absteve-se cuidadosamente disso! Eis o nosso modelo; contentemo-nos com isso.

Se fizéssemos empenho, chegaríamos a isso. Muitas necessidades que a gente julga indispensáveis, desapareceriam, e se daria um bom exemplo. Por que mandei fazer uma cozinha comum para as casas de Troyes? Exatamente em virtude da experiência que fiz. Para suprimir as particularidades. As Oblatas são duas vezes mais numerosas que nós; entre todas as suas casas, nenhuma tem, nas refeições, alguma particularidade. Verifiquem, nos mosteiros da Visitação, do Carmelo, se existem particularidades. Podemos nós fazer também o que senhoras realizam. Sejam homens, corajosos, generosos. Deve-se cuidar de nossa saúde, sem dúvida, e não cometer imprudências, mas também é necessário mortificar-nos. O sinal da cruz que fazemos sentando-nos à mesa, a oração, tudo isso nos ajuda e nos proporciona a ajuda da graça.

Se houve desgraças... (Esta é uma coisa delicada a tratar; não ataco ninguém dos que estão presentes...) Se em diversas casas houve decadência, catástrofes, escândalos, a origem se encontra nisto: na falta de mortificação... o pecado contra a pobreza na alimentação... Se esses religiosos tivessem sido sempre sóbrios, observando a Regra, mortificados, o mal que aconteceu não teria ocorrido. Por que? Porque a perfeição religiosa, a observância da Regra conserva a alma e lhe dá força e coragem; quando, pelo contrário, ela fica longe, a gente se entrega à paixão; a sensualidade triunfa; deixa-se entrar o demônio que continuamente está nos rodeando (cf. 1 Pd 5,8).

Observaremos fielmente as práticas do refeitório. Não sairemos nunca da mesa sem ter praticado uma pequena mortificação. A Regra nos faz disso um dever absoluto. Poremos sempre um pouco de água no vinho. Não o farão, quando casualmente lhes oferecerem um vinho especial: isso não mostraria boa educação perante as pessoas que o brindam. Mas, normalmente, seja esse o seu costume, pois a Regra é que o indica.

Naquilo que diz respeito à roupa, farei diversas observações. Adotamos o colarinho romano; está bem. Mas chamaram-me a atenção a que, entre nossos auxiliares, nossos noviços, até entre nossos jovens Padres, existem os que se ostentam e exibem esse colarinho romano com uma liberdade de procedimento que não é propriamente eclesiástica. Citam-me um Oblatinho - utilizando uma bengala, uma cana - que tem um aspecto leviano, dissipado, que anda em toda a parte mostrando o seu colarinho branco. Ora, não se usa o colarinho branco na diocese de Troyes. Quase não há nenhuma diocese na França, onde se o veste. A gente chama a atenção: é um Oblato!... E com má vontade (que é grande), com a opinião pública (que não é sempre a favor dos religiosos), com o próprio clero (que nem sempre nos é muito favorável ou acentuadamente afetuoso), devemos ter muito cuidado para não chamar a atenção negativamente e originar um pequeno escândalo.

A roupa... Frequentemente há queixas. Muitas vezes pede-se uma batina nova e não se tem cuidado. E são aqueles que mais pesam na comunidade, mais exigências têm, mais reclamações fazem, os que mais se queixam. É absolutamente necessário que cada um seja discreto. Cada um cuide e conserve sua roupa quanto mais possível, como faz o pobre que sabe que não terá os meios para comprar nova.

No velório do Cardeal de Paris, os Padres Sulpicianos estavam presentes. Vi entre eles quatro ou cinco veneráveis sacerdotes, com ba-

tinhas pobres e gastas; um ou dois tinham batinas simplesmente miseráveis. Sem dúvida, eu preferia ver naqueles dois um pouco mais de asseio... Mas eu me dei conta que foi uma grande lição de simplicidade e pobreza que esses sacerdotes estavam dando; era um belo exemplo para o clero jovem...

A roupa, portanto, seja simples e pobre, mas limpa e bem cuidada. Os primeiros Padres, São Jerônimo particularmente, insistiam muito para que o sacerdote fosse sumamente asseado e pobre.

Há outro assunto em que acho bom insistir vivamente, a saber, sobre a propriedade de presentes que se podem receber numa ou outra circunstância.

É explicitamente proibido receber presente sem licença. Sei, no entanto, que diversos dos nossos jovens Padres o fazem... Deixam se dar presentes por seus alunos; a gente os solicita habil e disfarçadamente. E comete-se a falta de aceitá-los sem permissão, apropriando-se deles ao guardá-los. Ora, tudo isso é proibido. A Regra está aí e deve ser cumprida: ninguém de nós pode receber qualquer coisa sem licença. Se vem de sua mãe, de seus pais, de seu penitente ou de seus alunos, não interessa! Se a gente quer decididamente oferecer-lhe alguma coisa, então peça licença.

Querem dar-lhe alguma coisa; perguntama seus amigos, a seu Superior, ao Senhor mesmo o que prefere; o Senhor obteve a permissão... O que é que o Senhor quer? E por que não pediria um pouco de dinheiro destinado à nossa Obra Sacerdotal, às nossas obras vocacionais? Os simples fiéis contribuem valiosamente; por que não o faríamos nós também? Façam isso, e por convicção. A Obra Sacerdotal é absolutamente necessária. Nossos colégios tornaram-se deficitários; nossas obras estendem a mão e vivem de caridade... Se amássemos bem a nossa comunidade, se nos apegássemos seriamente à prática de nosso voto de pobreza, trocaríamos em ouro e prata todas as ninharias que se poderia inventar nos oferecer.

De diversos lugares, também me apontam um abuso e avisam-me pessoas que nos querem bem e nos respeitam. Há uma tendência entre vários dos nossos jovens Padres em ter sua mobília própria, bem cuidada, muito requintada e bem ornada. Seu quarto parece uma capela mundana!... Formaram-se pequenos costumes; a gente se agrada com seu pequeno ambiente interior e se deleita com todos esses pequenos objetos que exatamente são presentes recebidos. Vangloriam-se e se consideram religio-

sos! Acreditam ser Oblatos!... Eu disse uma "capela", mas deveria ter dito um camarim elegante de senhora! Assim são organizadas as mansões do mundo... Há uma sala de estar, uma sala para as refeições, a peça do dono da casa, o camarim particular da senhora ou da senhorita... Será que a peça do dono da casa estará mobiliada com objetos de luxo que lembram a futilidade e a nulidade, como os aposentos da senhora ou da senhorita?... Não, o mobiliário é sólido, forte, simples, de preferência de carvalho. As cadeiras e as poltronas não são estofadas. É uma mobília de homem. Mesmo no mundo não se faz para o homem um camarim de castelã. E isso daria a imagem de um religioso? Bah! É vergonhoso para um religioso!...

Para corrigir isso, precisa-se tomar a Regra, o espírito da Regra e observar isso à risca. Deve-se fazer como é o uso na Visitação e entre os Padres Salesianos. É preciso ter os móveis da Congregação. O fato de ter as mesmas mesas, as mesmas cadeiras, os mesmos armários, a pequena estante de livros fará com que mais sejamos unidos. Experimentaremos melhor que somos filhos da mesma família, quando não houver diferenças.

Verifiquemos isso detalhadamente durante nosso retiro; e façamos a pobreza e a fiel observância da Regra bem presentes no que diz respeito à alimentação, à roupa e à mobiliária.

Seremos pobres, pois, compreendendo bem e estimando profundamente a pobreza. Reparem quem é que teve mais influência no mundo. Não será São Francisco de Assis? Ele sozinho teve mais seguidores do que todos os outros Fundadores. Por que essa fecundidade? São Francisco mesmo o disse: Caso com a pobreza e deste casamento surgirá uma família numerosa como as estrelas do céu, como a posteridade de Abraão, de Isaac e de Jacó; meus filhos e minhas filhas cobrirão a terra. É verdade isso? Vejam a história. São os Frades menores, os mais pequeninos, os últimos na Igreja. Mas são desprezíveis? Atualmente, após seis séculos, o mendicante de Assis não tem, sob a influência de sua Regra, multidões e multidões de almas? Por quê? Pois é pobre.

A pobreza de São Francisco de Sales não se parece com a de São Francisco de Assis. O Bispo de Genebra morava num palácio episcopal, que ainda existe em Annecy; os móveis ainda estão lá e nos dizem bem eloquentemente que não havia luxo nesse pobre palácio. Reinava o espírito mais profundo de pobreza. Quando Santa Joana de Chantal queria dar-lhe uma segunda batina, o Santo respondeu: Mas a primeira ainda é

boa. Não gasto uma por ano... São Francisco de Sales também era pobre como São Francisco de Assis. Por cima não usava roupa remendada, não andava de pé descalço, mas sua pobreza era sobretudo espiritual. *Beati pauperes spiritu quoniam ipsorum est regnum caelorum* (Mt 5,3) (Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus). O que significa essa palavra? Os intérpretes afirmam que indica o desapego interior dos bens da terra. Gosto muito de intérpretes..., mas - me parece - que se poderia dar ainda um outro sentido a estas palavras: *pauperes spiritu* (pobres em espírito) (id.). Bem-aventurados os que experimentam a pobreza no seu interior, isto é, os que não fazem uso de sua vontade, de seu julgamento, e os sacrificam, deles se despojam para não possuir mais nada, nem isso. Essa pobreza os une intimamente ao Salvador. Não é só a roupa, a comida dele em que eles participam, mas também a Vontade dele à qual eles sacrificam toda sua vontade própria, todo o seu espírito; não querem fazer uso disso, não reservam mais nada para si. Isso é bonito, meus Amigos. E não é uma utopia. Vi a Boa Madre e as pessoas ao redor dela praticarem isso. Compreendi, então, "*Beati pauperes spiritu*" (Bem-aventurados os pobres em espírito) (id.). Ora, essa é a pobreza completa e verdadeira, aquela com a qual precisamos desposar-nos e viver constantemente, de maneira que ela se transforma em nosso ser e não só nossa companhia.

O que lhes disse sobre a pobreza exterior que se deve observar e conservar será regulado pelo Costumeyiro. Mas nossa pobreza será também a pobreza espiritual que acabamos de comentar; ocupamo-nos dela de maneira muito especial. A Boa Madre gostava de dizer: Se soubesse o que é deixar tudo, dar tudo, não ter mais nada... Mas isso não acontece sem uma grande graça divina... Avancemos nesse sentido. Quando chegaremos e seremos completamente pobres? Não sei. Como é bom encontrar o Salvador no caminho! Olhem os seus discípulos de Emaús; andam falando sobre coisas indiferentes ou assuntos tristes. Encontram o Salvador que conversa com eles. Sentem seu coração reanimar-se. Chegando à hospedaria, não querem deixar que seu Companheiro siga caminho. Finalmente, no ato da fração do pão, o reconhecem. Os Senhores também, se encontrarem o Salvador ao longo do caminho, serão ajudados por ele.

Peçam-lhe fervorosamente a graça dessa pobreza espiritual e procurem praticá-la. Não se gloriem, presos no amor a suas idéias pessoais, encantados de si mesmos. Não: "*Beati pauperes spiritu*" (id.) (Bem-aventurados os pobres em espírito). Somos bem pequenos, muito po-

bres, mas os Senhores se tornarão ricos, se aproveitarem os dons que Deus lhes dá durante a Santa Missa, na Santa Comunhão, se souberem submeter fielmente a sua vontade à Regra. Ao fazerem algum empenho nesse sentido, o Bom Deus saberá considerar isso e ajudá-los.

Nosso Santo Fundador, a Boa Madre Maria de Sales não escolheram para si e para nós a pior parte da pobreza; é a que o próprio Salvador praticava... A mesma nós temos que procurar viver. Fiquemos com a parte que ele nos deu, com os ensinamentos da Boa Madre, com a doutrina de São Francisco de Sales. Seremos, então, verdadeiramente pobres. Vamos até onde o Salvador foi. Vamos generosamente com ele, pois o seu Coração nos chama.

De todas as coisas que eu lhes disse, lembraremos que é preciso ser muito pobres. Vamos dedicar-nos totalmente à pobreza exterior e interior. Vamos refletir e ver o que Nosso Senhor nos pede. A santa moradia de Nazaré seja a nossa; as vestes de Jesus sejam as nossas; a alma e a disposição do Salvador sejam nossa disposição e nossa alma. Eis ao que o Salvador nos chama. Quais os meios para chegar a isso? Sobre tudo, através da santa pobreza.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

QUARTA PALESTRA

O VOTO DE OBEDIÊNCIA

Não percamos os frutos do retiro. Pelo contrário, conservemo-los com muito cuidado. Aumentemo-los, nestes últimos dias, para que as graças que havemos de receber nos sejam dadas plenamente. Dediquemo-nos com afinco à fidelidade nos exercícios, no silêncio, na vigilância sobre nós mesmos. Aceitemos, em toda a sua extensão, todas as pequenas provações providenciais, sobretudo a solidão de espírito, de imaginação. Estamos fazendo retiro, fiquemos bem retirados. Não pensemos onde estaremos sábado, segunda-feira ou na semana que vem. Esses pensamentos afugentam os Anjos, os espíritos de Deus: avolara fecerunt (Ct 6,4). Sejamos bem generosos. Age quod agis. O que estão fazendo, façam mesmo. Não façam cinquenta coisas ao mesmo tempo. Sejam vitoriosos nesta luta de todos os instantes; não deixem penetrar em seu espírito nem preocupação nem atenção às coisas de fora. Noé não olhava nem

a chuva nem as ondas; observava a arca que o carregava. Estamos na arca; não abramos a janela até o último momento chegar, até quando o Espírito Santo trazer um galhinho de oliveira, até quando Jesus nos disser como aos Discípulos: Pax vobis, ego sum, nolite timere (A paz esteja convosco, sou eu, não tenhais medo) (cf. Lc 24,36; Mt 14,27). Sejam corajosos.

Ontem não cheguei a expressar todo o meu pensamento sobre o colarinho. Os nossos Padres o adotaram em Capítulo; todos gostam dele, eu também. Mas se esse colarinho for mal usado por nós na diocese, se dois ou três candidatos ou noviços andam na cidade com ares levianos, mundanos, chamando a atenção, suscitando juízos prejudiciais sobre os Oblatos, tem que se ter cuidado com isso. Seria importuno, se os noviços não tivessem o colarinho. Eles têm o direito de vestir o hábito do Instituto... Haveria talvez um meio para acertar tudo. Quando alguém for à cidade daqui em diante com esses ares, quando se fizer notar, quando passear com uma bela bengala, ostentando uma corrente de ouro ou de prata, com cabelos demasiadamente cuidados, a esse tal se devolverá o peitilho, para que não seja considerado Oblato, até que sua cabeleira demasiadamente caprichada, seu ar mundano e vaidoso desapareça... São pequenos desatinos?... É mais sério do que se pensa. Recomendo particularmente ao Padre Rolland que controle isso, e com severidade. Os Superiores das outras casas cuidem também: prestem atenção para que seja feito bem como eu disse.

Hoje vamos falar sobre o voto de obediência. O que é isso e a que nos obriga? A quem devemos obedecer?

Devemos obedecer às Constituições, ao Diretório, ao Costumeiro. A quem mais devemos obedecer? Ao Superior Geral, aos Superiores locais, aos responsáveis que têm uma missão ou outra dentro da Congregação.

A obediência... Foram ditas coisas muito belas sobre a obediência. Essas considerações bonitas, quase não nos impressionam, às vezes; é tão difícil submeter totalmente a vontade e o juízo da gente! Não tentarei, pois, dizer-lhes coisas belas que não os sensibilizam talvez. Eu lhes direi somente: Os Senhores são religiosos; fizeram promessas, votos. Consequentemente estão comprometidos, obrigados. Por que regatear? Por que discutir isso ou aquilo? Por que retomar hoje um pou-

quinho de sua liberdade, num outro dia um tanto mais? Desse jeito vão enfraquecendo a coluna da santidade, a coluna da verdade e da justiça sobre a qual sua alma se apóia.

A Boa Madre Maria de Sales dizia que é preciso ser determinado: É isto o que prometi; vou fazê-lo. Digam-se isso e façam-no, e o assunto está totalmente solucionado. Quais outras considerações poderiam encontrar que justifiquem plenamente sua moleza? Será que querem a felicidade, a paz, a alegria? A paz? Não precisarão mais lutar, desde que estiverem determinados a obedecer sempre. A alegria? A vida dos santos, a nossa experiência nos dizem quais as alegrias inefáveis da alma obediente. A felicidade? Mas está aí a felicidade de toda a sua vida, em cada instante, em cada minuto, passada na obediência, proporcionando-lhes a felicidade moral, sobrenatural...

É difícil obedecer?... Se fôssemos pessoas de grandes meditações, teríamos com o que ocupar a nossa vida, refletindo sobre a obediência de Nosso Senhor, pois toda a sua vida se reduz a isso: Et erat subditus illis (Lc 2,51) (E era-lhes submisso). Será que, se amássemos o Salvador como menino, como adulto - enquanto obedece a uma pessoa que não era senão um humilde operário ou uma simples mulher... - acharíamos a obediência difícil? Nós a consideraríamos divina. Obedeçam, portanto. Isso é colocar-se, de certa forma, à altura do Homem Deus!... Não quero indicar-lhes outros meios a não ser esses dois; consideram as graças que a obediência proporciona.

Sejam determinados, mostrem-se homens de fibra. Os Senhores sabem o que fazem... Deve-se partir daí. será que é duro obedecer, é humilhante?... Uma velha anedota que conto sempre novamente... Na época em que entrei no Seminário Menor, havia ali um certo Padre Trouvé, prefeito de estudos, homem de caráter exigente e difícil. Não sei o que fiz, viro a cabeça, e aí esse homem desce furioso do seu estrado a gritar: "Você vai copiar cem linhas!..." Estou frito! pensava eu. O que fazer? Dizer para ele que não tenho culpa? Não ia me acreditar. Não vou lá. Entrei numa fria, vindo a esta escola!... Comecei a rezar bem baixinho. Vejo ainda o meu lugar na grande sala de estudo... Sim, meu Deus, estou frito! Vou ficar obrigado a obedecer a esse homem nojento! Mas não, não vou obedecer a ele; obedecerei, pois, a Vós, meu Deus; sempre Vos obedecerei. Farei tudo, tudo para aceitar, de vossa parte, o que se me mandar e durante todo o tempo que tiver que ficar aqui... Sustentei a minha palavra diante do Bom Deus e não me saí mal. Certa-

mente, eu devo a perseverança na minha vocação a essa oração aí. Nunca tive que me acusar da mínima palavrinha contra meus professores, jamais reclamei contra a comida ou outra coisa. Eu seguia meu trote com meu briozinho interior; não me sujeitei a ninguém senão a Deus. Se assimilamos um pouco essa idéia, ela nos ajudará talvez na obediência.

O nosso propósito, pois, seja este: ser determinado, ser firme na obediência. Quando lhes dão uma obediência, não fazer objeções. Não é proibido explicar-se, com simplicidade bem salesiana e dispostos a obedecer mesmo assim. Mas quando a ordem for formal, a obediência deve ser incondicional. A primeira e a última palavra, quanto à obediência ao Superior é esta: Vejo naquilo que ele me diz a Vontade de Deus, o próprio Deus. Ver a Deus no Superior nem sempre é fácil: Candor lucis aeternae (Sb 11,7) (esplendor de luz eterna)..., nem física nem moralmente. Importa pôr-se a nível sobrenatural. Trabalho para Deus, faço a Vontade de Deus; que importa se é de um jeito ou de outro.

É inútil falar mais sobre este assunto do Superior. Obedecermos, portanto, à nossa Regra, aos nossos Santos Escritos, e obedecermos aos Superiores. Está nisso toda a obediência. Seremos fiéis a isso. E sabem qual será o resultado? Escutem São Paulo: Pro quo (Evangelio) legatione fungor in catena. (Ef 6,20) (Do qual [do Evangelho] sou embaixador em cadeias). 'Em cadeias', ou seja, submisso a uma dependência pesada como uma corrente, é que cumpro a missão que Deus me legou. Oh! façamos isso mesmo, o serviço de Deus 'in catena', em cadeias da obediência, da dependência. A esse preço é que seremos verdadeiramente ministros de Deus. Nada é mais proveitoso às almas e a nós; nada é admirável senão o que fazemos nas cadeias da obediência, 'in catena'. Acaaba-se julgando essa corrente muito suave; a dureza não se apresenta depois. É como o vento que passou sobre o mar e que traz, sobre os terrenos requentados, o frescor e a fertilidade. Queiram bem, portanto, essa corrente da obediência. Beijem-na dez vezes, vinte vezes por dia. O Bom Deus lhes faça compreender bem o que há de grande, de santo, de forte nisso.

Por que a religião recebe das comunidades religiosas uma ajuda tão grande? Por que são o coração da Igreja, o centro do que há de melhor e de mais caro? É porque as comunidades religiosas estão amarradas por essas correntes da obediência, 'in catena'. A Igreja as ligou com o vínculo do amor, da caridade divina, a tudo o que é de Deus e de sua divina Vontade. O religioso que, ao levantar-se de manhã, não se sente

livre, mas que, nesse primeiro momento, se sente preso a Deus, que continua, durante todo o dia, a carregar essa corrente de amor, na meditação, na Santa Missa, na aula, no estudo, que sente o peso dessa corrente neste encargo, naquele serviço, oh! como esse religioso deve ser feliz! Ele pode exclamar como São Paulo: Propter spem Israel hac catena circumdatus sum (At28,20) (Por causa da esperança de Israel é que estou carregado de cadeias). Oh! como essa corrente é querida, e como eu gosto dela. Sim, a gente quer bem as coisas que assumiu como obrigação.

Era assim na Visitação de Troyes, nos tempos da Boa Madre. Essa obrigação da obediência era querida por todas as Irmãs, sobretudo para as melhores. A gente se efeiçoa a tudo o que custa: a obediência, a pobreza, a mortificação. Apega-se ao que há de difícil nas prescrições da Regra. Isso era tão evidente na Visitação, isso saltava à vista no ambiente delas: era verdadeira felicidade, uma satisfação, algo totalmente sobrenatural e sobre-humano. E elas tinham-se acostumado a isso. Tornou-se fácil para elas e as fez totalmente felizes.

Peço-lhes encarecidamente, meus Amigos: vamos todos nós experimentar isso. Os Senhores têm muitas obrigações, estão rodeados delas, estão sobrecarregados. Todas as vezes que tiverem algum problema, que se encontrarem contrariados, façam empenho, levem-se a gostar daquilo que a Providência lhes envia. Se amarmos o que Deus nos pede, seremos o que todos desejam de nós, o que a gente espera que nós sejamos. Todos os dias recebo cartas que expressam essa idéia: Como é bonito e grandioso ser Oblato!... O que não esperam de nós? Padre Perrot de 'Nossa Senhora dos Ermitões' me disse, há vinte e cinco anos, que os Oblatos são chamados a ocupar um dos primeiros lugares na Igreja de Deus, se forem fiéis. Não há nada a acrescentar, nada a mudar. Que guardem intacto o espírito de sua Regra, de sua fundação e serão assim soldados de elite no exército de Jesus Cristo. Serão generosos; avançarão à conquista das almas.

Padre Rollin, na conferência que lhes fez, contou a opinião de Roma. As cartas que recebo, repito, apresentam todas o mesmo parecer.

Se observarem bem a Regra, se se submeterem ao jugo da obediência, será uma corrente que levam, mas serão verdadeiramente ministros de Deus, e Deus agirá maravilhosamente por intermédio dos Senhores. Serão religiosos perfeitos, santos religiosos. Dedicuemo-nos a isso de todo o coração; sejamos verdadeiramente obedientes, sejamos realmente pobres. Haja uma mudança notável, visível em cada um dos Senho-

res, na comunidade toda. Não estou afirmando que precisamos de uma mudança completa, de uma conversão total... Não, somos bons. Não quero fazer comparações com quem quer que seja, mas afirmo que em nenhuma outra comunidade se encontrará mais do que entre nós um fundo tão bom e excelente, tanta simplicidade, tanto empenho cordial e tanta devoção...; vou mais longe: em nenhuma outra parte se encontra a própria obediência e a simplicidade de juízo (ainda que nem sempre a mostremos), a própria caridade (mesmo que faltemos por demais contra ela). Vejam em que consiste a nossa força, a nossa vitalidade. Temos tudo do que precisamos; já estamos fazendo muito. Por que não faríamos o resto? Devemos assentar as últimas pedras do edifício... Mãos à obra!

O que nos falta? Doutrina? Os Senhores percebem uma coisa a ser mudada? Tem uma só hesitação, tão-somente uma dúvida? Nossa maneira de dirigir-nos ao Bom Deus contém qualquer incerteza? Nosso relacionamento, nossa união com o Salvador, o mínimo desideratum (a desejar ainda)? O nosso evangelho não é o Evangelho de Nosso Senhor, tal qual foi escrito, tal qual foi revelado pelos Evangelistas? O interior de nossas moradias não é como o da casa de Nazaré? Nossas pregações não são as do Salvador? Nossos trabalhos não são os dele?

O que é, portanto, que nos poderá separar do amor total do Salvador? (cf. Rm 8,35) Nada! Só uma coisa ocasionaria isso: nossa infidelidade por não carregar essa cadeia que nos liga a Deus, este liame verdadeiramente indescritível. Empenhemo-nos a isso de todo o coração; e, então, nos tornaremos verdadeiramente gente respeitável, religiosos de verdade. Há em nós alguma coisa. O Salvador encontra em nós uma cópia que lhe parece; nós somos os amigos do seu Coração. Somos aqueles a quem ele comunica tudo, aos quais confia todos os seus segredos, todo o seu pensamento. Nossa teologia é boa, acertada. Repito, temos todo o necessário. Falta só completar o edifício. Este retiro coloque o cunho divino da caridade, do amor, dessa união de caridade, dessa dileção à qual o Salvador prometeu dar a sua bênção.

A Boa Madre me disse: Não os deixarei. Sempre ficarei com os Senhores para que sejam encontrados verdadeiramente dignos de sua vocação... Lamento não poder-lhes dizer tudo o que ela me afirmou sobre esse assunto.

Padre Rollín nos dirigirá ainda uma palavrinha. Espero. E Padre Pernin nos dirá também alguma coisa do que viu e reparou em seus

curiosos de pregação e que possa dar-lhes uma idéia clara sobre o que deve ser um Oblato de São Francisco de Sales.

Finalizando, os conjuro, pelo amor que Nosso Senhor teve por nós, pela graça que ele concedeu, dando-nos a Boa Madre Maria de Sales, para que todos se mantenham unidos como um só coração e uma só alma (cf. At 4,32) durante este retiro. No decorrer destes dias abençoados, ele nos atraiu a si, deu-nos a luz, à qual sua graça nos chama 'a constitutione mundi' (Mt 25,34) (desde a fundação do mundo). Meditem nesses assuntos e a graça desça-lhes na alma, por sua determinação de serem verdadeira e completamente Oblatos de São Francisco de Sales. A graça lhes conceda a obediência à doutrina e ao espírito de nosso Santo Fundador. Assim seja.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

QUINTA PALESTRA

RECAPITULAÇÃO: A CARIDADE, A POBREZA, A OBEDIÊNCIA - O VOTO DE CASTIDADE

Cada um de nós fará firmes propósitos sobre os três pontos que já abordamos: a caridade, a pobreza e a obediência. É absolutamente necessário para cada religioso tirar proveito durante este retiro. Nossas desculpas seriam totalmente sem valor algum, se não progredíssemos.

Cada um de nós se examinará a consciência e decidirá os meios para praticar a **caridade**. Eu os convido a todos para que façam o voto de caridade, por três meses, seis meses, um ano. Cada um verá o que é preciso fazer para observar bem esse voto. Quando se estiver louco para falar e gostaria muito de enfiar uma palavrinha contra o próximo, devemos lembrar que temos a obrigação de nos conter. Ninguém de nós deixe de se acusar dessas faltas na Confissão. Acostumemo-nos a acusar-nos de todas as faltas que cometemos contra o voto de caridade. Seremos todos transformados em pouco tempo, se observarmos bem isso. Claro, não se tratará de conversões muito estrondosas; mas o empenho, o esforço, a boa vontade atrairão sobre nós copiosas bênçãos. Todo mundo logo perceberá isso e ficará feliz. Quanto à duração do seu voto, cada um siga

sua preferência; mas lhes aconselho a não fazê-lo por mais de um ano. É melhor renová-lo mais seguidamente.

No que diz respeito à **pobreza**, façamos igualmente um exame de consciência. Vejamos o que temos que fazer para evitar tal falta, para praticar melhor tal outro ponto fraco. Oh! se a Boa Madre quisesse enviar-lhes algo do espírito de pobreza, mandando isso lá do Céu! Se reinasse entre nós a perfeita pobreza do mosteiro de Troyes, como seria bom! Que dignidade! Se as coisas que nos rodeiam, que utilizamos, fossem limitadas apenas ao necessário! Queiramos bem o Salvador; digamos-lhe: Senhor, vamos fazer como Vós! Sigam esse caminho, peço-lhes encarecidamente. Queria que a pobreza se tornasse a característica especial dos Oblatos. Eliminem decididamente, para fins de edificação e para a prática dessa virtude, todos os pequenos sinais exteriores do supérfluo: correntes de relógio, bengala, etc... Sejam bem pobres em espírito. Temos um espírito; é algo próprio, algo que temos em mãos, um valor que podemos negociar. Não o fazemos, mas poderíamos fazê-lo. Os bens da alma, da inteligência, convém tratá-los como bens materiais; devemos despojar-nos deles, desses bens também: *Beati pauperes spiritu* (Mt 5,3) (Bem-aventurados os pobres em espírito)!! Despojemo-nos da nossa vontade, de nosso julgamento, de nossos pareceres, da convicção de nosso valor pessoal, de nossos meios. Utilizaremos tudo isso não de acordo com a nossa iniciativa, mas somente à medida que nos será indicada. Quanta riqueza se encontra nessa pobreza! Ela é tão grandiosa que o Salvador se extasia: *Beati pauperes spiritu* (id.) (Bem-aventurados os pobres em espírito)! A pobreza exterior na roupa, na alimentação, nos móveis e nos objetos de nosso uso, está bem; isso é o começo; mas tenhamos também a pobreza espiritual; esta mais particularmente deve ser a nossa.

Assimilemos bem esse espírito referente a uma outra pobreza. Quando se trata de conservar alguma coisa, de fazê-la durar, de economizar, de poupar um dinheirinho - seja em viagens seja em casa ou nossa cela - não deixemos de fazê-lo. É preciso que sintamos a necessidade de sermos pobres. Todas as almas grandes que conheci eram amantes da pobreza. É bonita a pobreza! Isso mostra uma alma verdadeiramente superior que está acima da natureza e dos sentidos, acima da mesquinhez e do egoísmo da vida por demais terrena. Examinemos lealmente a consciência referente aos costumes que devemos sacrificar. Se não temos a coragem ainda de fazer este holocausto completo, procuremos o que é mais

urgente para imolar, as duas rolinhas queridas cujo sacrifício o Coração de Deus espera ou o cordeiro mais gordo... (cf. Lc 2,24; Jo 2,14). Procuremos, prometamos e metamos a mão na faca! Degolemos generosamente a vítima. Que caia aos pés do Deus vivente.

Sobre a **obediência** eu não disse muita coisa. Podem ler nos tratados sobre a matéria, em Rodriguez, os numerosos e eloquentes milagres através dos quais Deus encoraja a obediência religiosa. Vi isso durante 35 anos da minha vida; verdadeiros milagres que a obediência religiosa operava, em relação à Boa Madre Maria de Sales.

Cada um veja no seu interior o que lhe custa na obediência. Não estou dizendo que é para dar de um só talho toda a porção, mas pouco a pouco pelo menos, de uma maneira um pouco filosófica, mas com muita determinação. Lembremo-nos que é mesquinhez não fazer o que se prometeu. O Senhor vem passando; ele me chama; não vou responder? E se digo 'Sim, Senhor' e depois não sigo?...

O Oblato de São Francisco de Sales não obedecerá 'perinde ac cadaver' (bem como um cadáver)... Isso cheira mal, um cadáver...; está morto. Nossa obediência deve ser viva e amorosa: é o Sangue do Salvador que circula nela. É bom que a obediência incomode um pouco, que custe... Se se tratasse de um cadáver, a gente não sentiria nada. Estão sofrendo? Então estão vivendo. E que vida? A vida de quem disse: Ut faciam, Deus, voluntatem tuam. (cf. Jo 4,34) (Para eu fazer, ó Deus, a vossa vontade.)

Uma última palavra hoje sobre a **castidade**.

Os Senhores sabem como entendemos a castidade. Há um aspecto positivo e outro negativo. Este é a abstenção dos prazeres da carne, dos sentidos, da imaginação que se encontram na vida comum dos homens. Vos autem genus electum, regale sacerdotium. (1 Pd 2,9) (Mas vós sois a raça eleita, o sacerdócio real). Nós somos a porção eleita que Deus destinou, desde toda a eternidade, para cantar o cântico que ninguém podia aprender cantar e para seguir o Cordeiro divino, quocumque ierit (onde quer que vá) (cf. Ap 14,4; Dt 32,9). Somos chamados a participar deste privilégio com João, o Apóstolo virgem.

A castidade positiva consiste em fazer algo positivo, atos da virtude da castidade. Quais são esses atos? São atos de amizade, de amor para com o Salvador: Jam non dicam vos servos..., vos autem dixi amicos (Jo 15,15) (Não mais vos chamo de servos, mas eu vos chamo de

amigos). A castidade positiva consiste em fazer, por amor de Jesus, coisas que o satisfaçam e lhe alegrem o Coração: o coração atento, o espírito submisso e recolhido durante a meditação, a Visita ao Santíssimo Sacramento, a Comunhão. Este é o mistério de toda a santidade e de toda a pureza... Venhamos adorar o Salvador em sua carne virgem. Ele está aí, na Eucaristia, de corpo e alma, num estado em que ele não é mais material, onde tudo nele está divinizado. Que tesouro de amor e de caridade. Devem amá-lo; são obrigados a isso.

Temos um coração; muita atenção a isso. Ao criá-lo, Deus não se enganou. Nele depositou tesouros de amor e ternura, de acordo com as diferentes vocações às quais ele chama as pessoas. Esse amor deve partir do coração, estender-se, comunicar-se: é a lei de todo o amor. Nós não podemos dirigir-nos a uma criatura em particular; nós não podemos fazer uso desse tesouro para satisfazer um ser semelhante a nós. No entanto, esse amor existe. Muitos filósofos e teólogos não o apreciaram devidamente. Querem que o religioso, o sacerdote, o filósofo se ponham acima de todo o sentimento. É um engano e uma asneira. Temos necessidade de amar alguém... Que faremos com esse amor encalhado? Dirigimo-lo a nós mesmos como acontece por demais: será egoísmo puro. Não devemos ir à criatura: nosso coração tem outro destino. Vamos acima, subamos ao Criador, até o Salvador de nossas almas: ele nos fez para si. O que devemos dar-lhe, íamos dar a outros ou a nós mesmos? Os Senhores têm necessidade de amar, repito. Por que não praticar esse amor? Por que não procuraríamos amar com o amor a Nosso Senhor?

Mas isso é sentimentalismo? Não, é a verdade, é segundo a lógica e é o Evangelho também. Vejam São João. Escutem São Pedro se exclamando: Domine, tu scis quia amo te! (Jo 21,15) (Senhor, tu sabes que te amo). Quando está em perigo, no lago de Tiberíades, na iminência de perecer, caminha sobre as águas... O que é que o sustenta? O amor a Jesus: Jube me ad te venire super aquas (Mt 14,28) (Manda que eu vá ao teu encontro sobre as águas)!

Experimentemos isso, meus Amigos. Não estamos muito acostumados a essa linguagem, não está muito presente em nossos costumes, nosso sistema de vida, nossas praxes. Mais facilmente a admitiríamos entre nossas penitentes... Uma mulher ama seja quem for, inclusive o Bom Deus... Sim, e o coração do homem, maior, mais generoso, mais forte como é, pode amá-lo, e bem mais. Pensemos nisso.

Esta receita que lhes indico para praticar bem a castidade,

talvez não fosse aproveitada muito pelos Senhores até agora. Vamos lá, na meditação, na Visita ao Santíssimo Sacramento, na Santa Missa, todas as vezes que nos encontramos na presença do Salvador. O que é que o separa de nós em nossas casas? Não está ele sempre realmente presente, no meio de nós, de nossas orações, de nosso trabalho, de nossos recreios e de nosso descanso? Seu olhar nos escolta; seu Coração nos acompanha. Em toda a parte estamos na presença dele. Quando rezamos a Missa, não a celebramos a sós. Ele é que fala, ele que diz: "Este é o meu Corpo. Este é o meu Sangue". É ele que o diz, mas nós também o dizemos. Há união perfeita. Jesus e seu sacerdote não são dois! Todas as vezes que se aproximam de Cristo, procurem que o seu coração se encha de amor como o do Bispo de Troyes, São Prudêncio, quando celebrava as sagradas funções, vestindo a alva que Santa Maura lhe tinha confeccionado.

Eu tinha um amigo de infância na Cartuxa, o Padre Retournat. Era Mestre de noviços e, ao mesmo tempo, confessor de hóspedes. Uma manhã, entro em sua cela e vejo o seu genuflexório todo banhado de lágrimas. - O que o Senhor disse ao Bom Deus hoje de manhã? - Uma idéia me tocou tanto que me desmanchei em lágrimas, isto é, o pensamento de rezar para que as criancinhas não percam sua inocência batismal... - Mas por que chorar tanto assim? - Porque, durante a meditação, eu lhe dizia que o amo. Parecia que ele me respondia que também me ama a mim. Vejo que ele é ofendido por esses pecados de gente jovem. Dei largas ao meu coração. Do meu coração a meus olhos sobem as lágrimas e as derramo de amor e desejo... Não era qualquer um, esse Padre Retournat. Já tinha sido confessor do rei Carlos Alberto, durante longos anos. Se entendêssemos um pouco desse segredo, meus Amigos, seria muito bom.

Agora uma palavra sobre o aspecto negativo do voto de castidade.

Não nos assustemos, nas diversas oportunidades, das dificuldades que encontramos na prática do voto de castidade. São às vezes lutas penosas, dolorosas, desgraçadas e que nem sempre terminam com uma vitória bem declarada. "Quem poderá livrar-nos deste corpo de morte?" (cf. Rm 7,24), gritaríamos de bom grado com São Paulo. Pedimos ao Bom Deus que permita que nossa carne seja submissa aos nossos sentidos obedientes. Ter Dominum rogavi, ut discederet a me. Et dixit mihi: Sufficit tibi gratia mea, nam virtus in infirmitate perficitur (2 Cor 12,8) (Três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Respondeu-me, porém: "Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo

o seu poder). Deus responde a nós também: Escutei certamente tuas súplicas e teus gritos de angústia... Mas não, não te darei ajuda exterior; não tirarei a tentação; eu a mantenho para ti; experimentá-la-ás difícil, tão penosa, tão provocadora quanto no passado; *sufficit tibi gratia mea* (2 Cor 12,8) (basta-te a minha graça). Essa graça é que te prometo.

Podemos pedir que sejamos libertados da tentação? Certamente, podemos fazer isso, mas São Paulo não o aconselha. Podemos, claro, pedir que sejamos livrados, desimpedidos desse fardo da carne. Mas é mais valioso, parece, olhar para o Senhor na sua angústia e exclamar: Domine, adjuva nos, perimos (Mt 8,25) (Senhor, salva-nos, estamos perecendo)! Ouvi-lo-emos dizer-nos: *Sufficit tibi gratia mea* (2 Cor 12,8) (Basta-te a minha graça).

Não o esqueçamos nunca; mesmo durante esse tipo de tentação, encontra-se ajuda, recebe-se muita força e muita energia no serviço do Bom Deus. Sempre os homens mais perseguidos, os mais tentados, foram os mais generosos e os mais fervorosos no serviço de Deus. Eu tenderia até a afirmar que, muitas vezes, a tentação é um sinal de amor; constatarão isso quando tiverem consagrado muitos anos de serviço à santificação das almas, à direção espiritual. Então concordarão comigo. Sim, na tentação é preciso repetir-lhe: Senhor, estais me dando um sinal de amor... A medida das tentações que se desencadeiam sobre mim, é a medida do vosso amor para comigo. É um pouco o que afirmava o grande Santo Inácio de Antioquia, encaminhando-se ao martírio, vigiado por soldados maus como leopardos. "A maldade deles," escrevia, "é uma doutrina para mim, uma lição, o testemunho da Vontade e, conseqüentemente, do amor do Salvador" "*Quorum malitia mea est doctrina.*" Até lá quereis conduzir-me, meu Deus; é essa a vossa Vontade; eu a reconheço; eu desejaria amá-la... Valham-se desse meio, meus Amigos.

Quero fazer uma observação prática. Sem dúvida, João virgem é que repousa junto ao Sagrado Coração do Salvador; as almas inocentes é que formam no Céu o cortejo do Cordeiro e cantam eternamente o cântico que só elas sabem cantar (cf. Dt 32,9; Ap 14,4). Sem dúvida, há para essas almas uma felicidade própria, reservada só para elas. Na terra também, essas almas puras e virgens têm muitos privilégios: *Beati mundo corde quoniam ipsi Deum videbunt* (Mt 5,8) (Bem-aventurados os corações puros, porque verão a Deus). Elas vêem Deus desde aqui, dizia a Boa Mãe; elas o enxergam nos penhores do seu amor, nas diversas expressões

da Vontade divina, naquilo que corresponde ao beneplácito ou à permissão de Deus. É privilégio das almas puras ver ao Bom Deus. Especialmente numa vida sacerdotal, que amparo! que apoio! que felicidade! que alegria!...

Mas lanço também uma observação estranhamente verdadeira. Por que, então, o Salvador deu tantas provas de amor, por que revelou tantos segredos de amor a Santos e Santas que começaram como grandes pecadores? Olhem Santo Agostinho, que é representado com o coração ardente na mão. Não parece que o ardor da concupiscência tenha sido transformado em seu ser inflamado de divino Amor? A quem, aqui na terra, o Salvador testemunhou mais amor do que a qualquer outro? A Madalena, da qual saíram sete demônios. Como Jesus, a pureza, a santidade em pessoa, pôde dar a Maria Madalena a graça de um amor sem igual? Remittuntur ei peccata multa, quoniam dilexit multum. (Lc 7,47) (Seus numerosos pecados lhe estão perdoados, porque ela demonstrou muito amor). Portanto, antes de mais nada, desânimo não, desespero nunca. Quando a graça entra nessas almas pecadoras, suscita ali generosos impulsos. Proporcionalmente. A medida das minhas infidelidades será a medida de minha generosidade. Que transformação, que mistérios! Os homens nunca conseguiram compreender essas coisas: nem a razão, nem a filosofia podem elucidar esse problema. É o segredo inefável do Coração de Jesus. Por que amastes Vós a Madalena? Por que amastes a Santo Agostinho? Será que o fariseu Simão não tinha razão ao dizer: Ele não sabe quem é aquela mulher que o toca, que é uma mulher de vida à toa? (Lc 7,39)

Compreendam bem essa purificação da alma que nos torna amigos de Deus; e quando pode tomar conta de um coração culpado que se abriu amplamente, Deus iguala o amor às faltas cometidas. É preciso ajudar essas almas a recuperarem o atraso no amor a Deus. O grau de suas faltas indica o grau do amor de Deus para com a alma pecadora.

Meus Amigos, meditem sobre essas coisas. Essa é a nossa doutrina: é o ensinamento de São Francisco de Sales, da Boa Madre Maria de Sales; é a verdadeira e simples aplicação da palavra e dos fatos evangélicos. Não são projeções da imaginação humana; não são resultados de pensamentos e de pareceres humanos; é a palavra do próprio Salvador, e é muito simples, redondamente esplêndido, todo divino.

Em sua conduta pessoal, na direção espiritual, não esqueçam essas coisas. Seja esse o seu posicionamento; dêem-se conta do temperamento, das circunstâncias, das tentações e dos perigos; conformem-se às

necessidades e às aspirações das almas, quando forem corretas. Bendigamos a Deus, agradeçamos-lhe as graças que nos concedeu, chamando-nos a seu serviço e colocando-nos sob seu estandarte. Prometamos-lhe sinceramente o fiel cumprimento dos nossos propósitos do retiro.

Três dos nossos Padres vão fazer os votos perpétuos logo em seguida, após a exposição do Santíssimo Sacramento. Não os deixaremos sozinhos pronunciarem e renovarem os votos. Participaremos da sua felicidade em poder fazer esse grande passo, ao terminar um bom e santo retiro.

Desejo-lhes todas as bênçãos e a assistência necessárias para que todos cumpramos, digna e santamente, os deveres de nossa vocação.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

II. - RETIRO - SETEMBRO DE 1897

PRIMEIRA PALESTRA

A OBRA DO RETIRO

Retiro pregado em Santo Ouen, em setembro de 1897.

O retiro é sempre uma coisa importante, não somente para nós, mas para todos aqueles que nos rodeiam e estão em relação conosco. Não esqueçamos que eles participam das graças que nós recebemos. Não façamos o retiro, portanto, somente para nós; ampliemos nossas intenções, estendamos nosso campo de ação.

Os Senhores são Oblatos de São Francisco de Sales, têm uma doutrina, uma Regra, têm Constituições, um Diretório; tudo isso procede de Deus, tudo isso é aprovado pela Santa Igreja. Como estamos em relação a essas obrigações que para nós são de vital importância? Cada uma das nossas ações, em virtude desses meios poderosos à nossa disposição, será que é um ato sobrenatural, divino? Participes enim Christi sumus (cf. Hb 3,14) (Pois nos tornamos companheiros de Cristo). - Mas, Padre, durante o retiro, o Senhor deveria dizer-nos coisas mais simples... - Não! Não lhes falarei sobre coisas mais simples, porque sou obrigado a dizer-lhes exatamente as coisas que estou tratando.

Tomem, de fato, meus Amigos, o Decreto da Introdução da Causa da Boa Madre Maria de Sales. O que ele reza? Se o que afirma não é o nosso programa, nós não servimos para nada, não somos a obra que Roma quer constituir e que a Santa Igreja quer abençoar e aprovar. Somos, por assim dizer, água de Batismo que se quereria aplicar fora das condições do Batismo. É isso mesmo, na verdade. Acreditam os Senhores que, se nós fizéssemos de forma diferente do que estou dizendo, Deus teria concedido tantas graças à Boa Madre? Será que a Igreja estaria tão apressada para introduzir a Causa, para aprovar os escritos e louvar as palavras e as obras dela? Será que não seríamos nós mesmos o motivo da introdução da Causa? Quando quisemos pedir que se introduzisse o Processo de Beatificação da Boa Madre Maria de Sales, disseram-nos: Mas já há duas Visitandinas cuja Causa está pendente: A Bem-aventurada Margarida Maria e a Venerável Ana Madalena Rémusat. Não podemos aceitar uma

terceira... Então, apresentamos a Boa Madre não como Visitandina, mas como fundadora e instituidora dos Oblatos de São Francisco de Sales. Sob esse título foi aceita. É, portanto, por motivo dos Oblatos que Roma consentiu em estudar e promover essa Causa e conferir à Boa Madre o título de Venerável, aguardando que seja honrada como Bem-aventurada e como Santa. Representamos, portanto, algo de valor aos olhos da Cúria de Roma.

Ora, Roma, no Decreto da Introdução da Causa, aprova o que a Boa Madre fez e o que ela disse. A Boa Madre - reza esse Decreto - deu o exemplo de uma vida profundamente unida com Deus. Mostrou, constantemente, por todos os exercícios de sua vida, aquilo que repetia muitas vezes, ou seja, que o Céu não é algo extraordinário, estranho, como se poderia pensar a partir da vida de alguns e como a gente frequentemente se imagina. A Boa Madre dizia e repetia - a Igreja também o afirma e reafirma - que cada um pode salvar-se no seu caminho. Ela dizia e insistia com a Santa Igreja que a santidade não consiste na singularidade e no extraordinário da vida, mas na união com Deus, na união da vontade com a Vontade de Deus. E porque ela dizia e fazia tudo isso é que a Igreja quer canonizar a Boa Madre.

Essa doutrina tão prática foi propagada pela Boa Madre através do exemplo de sua vida, através de seus escritos, sobretudo através das almas que ela conduziu a Deus. E hoje, se nós temos Colégios, Obras é só para continuar e aplicar essa idéia da Boa Madre. Fazendo isso, seremos verdadeiros Oblatos de São Francisco de Sales; e só o seremos a esse preço. Isso se deduz claramente do Decreto. E esse Decreto visa sobretudo e em primeiro lugar o que diz respeito aos Oblatos, pois é precisamente por causa dos Oblatos que foi decretado, sendo que a Boa Madre é fundadora dos Oblatos.

Tempos atrás foi escrita uma carta, enviada de Troyes um pouco para todos os lados, na qual se afirmava que a Boa Madre Maria de Sales era uma pessoa venerável, distinta, inteligente em sua direção espiritual, virtuosa; mas não se admitia o sobrenatural em sua vida e a santidade em seus atos. E o Decreto da Introdução da Causa derruba tudo isso. Afirma a santidade da Venerável; uma das grandes razões que apresenta é porque ela foi a instituidora dos Oblatos, esclareceu o caminho em que eles andam, porque os Oblatos são seus filhos e fazem um grande bem no mundo.

Digo de passagem, meus Amigos, se desde o início tivéssemos

sabido compenetrar-nos desse pensamento, todas as nossas casas teriam sido bem-sucedidas. Referente a ter bom êxito, não temos outros meios a não ser os que a Boa Madre nos oferece. Se tivéssemos outros recursos, seríamos outras pessoas. Nossa vida só poderá consistir nisso; e o dia em que estivermos conformes ao que eu disse, as predições que a Boa Madre me fez - das quais uma parte até o dia de hoje já se realizou - ainda se realizarão e por completo... Mas para tanto é preciso fazer como a Boa Madre disse.

Nunca fui tão positivo nas minhas afirmações quanto nisto que estou lhes dizendo: acontece que hoje valho-me das palavras da própria Igreja. Para compreender isso, precisa-se gente inteligente, e Deus é que dá a compreensão. Peçam-na, portanto, a ele. Se a nossa capacidade é tão restrita a ponto de não poder elevar-se a essas coisas, se a nossa vontade não está bem orientada, se não é bastante generosa para reconhecer sua fraqueza, suas misérias, não compreenderemos nada. Se a nossa vontade não é pura, se não é inocente, não entenderemos nada. Significa isso que não se pode ser Oblato se a gente cometeu algumas faltas na sua vida? Não, absolutamente. Mas é preciso que sejamos como aqueles que o Salvador amou mais: Madalena, Pedro, o bom ladrão. É imprescindível o arrependimento e a reparação.

Precisamos, pois de inteligência, virtude, coragem, fidelidade. Com a fidelidade, chegaremos rapidamente àquilo que a Boa Madre pede. É um esforço que teremos que fazer. Se acontece que um dia perdemos um pouco de terreno, é necessário retomá-lo no dia seguinte.

Vamos, portanto, começar esse empenho. Para iniciá-lo, devemos fazer um bom retiro. É necessário pedir ao Bom Deus que nos esclareça a doutrina da Boa Madre. Ela produz verdadeiramente maravilhas. Um dos nossos sacerdotes associados da diocese de Troyes disse há pouco: É uma vida realmente nova e, indiretamente, para os nossos paroquianos. Sentimo-nos mais animados, mais desafiadores ao pedir às almas o que elas devem dar.

Se os Padres de fora compreendem isso, também nós o compreenderemos, com a graça de Deus, e até melhor do que eles. Repito: para compreender bem essas coisas é necessário fazermos um bom retiro.

O retiro é, de fato, o início de um período de nossa vida. São Francisco de Sales dizia que é preciso sempre recomeçar. Para nós, esta é a ocasião de reiniciar. Deixemos o passado à misericórdia do Salvador e comecemos, examinando a nossa consciência. Vejamos o que fizemos e

reparemos também o que o Bom Deus operou em nós. De tempo em tempo, a gente faz o seu exame, mas não se pensa suficientemente em examinar o papel de Deus. Examinemo-nos sobre os mandamentos de Deus e da Igreja, sobre os nossos votos, sobre as promessas feitas a Deus, sobre as graças recebidas... Tenhamos a lâmpada na mão. Scrutabor Jerusalem in lucernis, diz o profeta (Sf 1,12) (Esquadrinharei Jerusalém com lanternas). Examinemos todos os recantos; visitem a sua alma, vistem esse ambiente sagrado, esse sacrário. Visitem e vasculhem toda a sua Jerusalém.

Façam atentamente, portanto, o seu exame e levem ao confessorário uma confissão bem completa, bem humilde, na qual Deus lhes dará o arrependimento sincero e o firme propósito.

Também é preciso fazer o exame sobre o Bom Deus. Quantas fontes de graças temos à nossa disposição: os Sacramentos, a Missa, a meditação... Quantas luzes, quantos confortos recebemos! Sem isso, o que seria de nós? Lembremos os nossos instintos maus no fundo do nosso ser; o que somos por nós mesmos e o que seríamos, se a mão de Deus não nos tivesse protegido, se não tivéssemos recebido essa superabundância de graças? O Bom Deus, no entanto, devia isso a nós? Nunca saberei frisar suficientemente essa graça de escol com que Deus acompanha cada um de nossos passos. A Boa Madre dizia: O Salvador?... Mas ele é todo nosso. É para nós, para cada um de nós particularmente que ele se fez homem... Sua personalidade divina vem como suplemento para cada um de nós. Por que ele trabalha ainda - Pater meus usque modo operatur, et ego operor (Jo 5,17) (Meu Pai continua agindo até agora, e eu ajo também) - se não é para nós?

Os Senhores compreendem, portanto, a santidade de nossa vida, sempre unida à de Nosso Senhor. Este é o abecedário de nossa doutrina. Não é uma projeção de uma imaginação exaltada; é o que a Boa Madre disse; é o que a Igreja aprovou. Se vivemos essa vida, seremos bons Oblatos; mas é preciso começar com um bom retiro.

Esta é toda a nossa vida: estarmos unidos com o Salvador. Quando o tivermos alcançado, teremos chegado à santidade. Será que isso nos impedirá de ser um bom literato, um bom matemático, um bom filósofo? Certamente que não. Pelo contrário, encontrarão nisso uma grande ajuda para ser bem-sucedidos: Deus scientiarum Dominus (Deus é o Senhor das ciências).

Estou lhes dizendo coisas muito simples, meus Amigos. Não ve-

nho dizer-lhes: Usem o cilício! Só comam duas ou três vezes por semana! Nosso grande empenho será afastar o mal, domar a paixão, animar-nos à virtude pela lembrança da presença de Deus, pela boa vontade de estar unidos com ele.

Portanto, vamos fazer um bom retiro, aplicando-nos ao nosso exame de consciência, também ao exame sobre o Bom Deus, executando com capricho cada um dos nossos exercícios. Estes dias de retiro sejam um período de verdadeira santidade e o Bom Deus estará e ficará conosco.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

SEGUNDA PALESTRA

AS TENTACÕES DO OBLATO

Façamos o retiro bem-feito; isso não perderá seus efeitos. Quando a tentação, a aridez, o desgosto invadem a alma durante o retiro, não é um mau sinal. Se tivermos tentações, fiquemos firmes; mantenhamo-nos unidos com o Salvador, bem junto ao seu Coração, e o retiro só poderá ser mais vantajoso para nós. Façamos todo o empenho para que seja um bom retiro; atendamos com exatidão os exercícios do retiro e conformemo-nos a uma dependência de cada momento.

Demasiadamente, parece-me, a gente se engana referente ao retiro. Facilmente o considera uma arena de gladiadores. A gente se esquentava por pensamentos mais ou menos elevados ou mais ou menos estranhos... Isso é censurável? Não, porque toda a obra realizada com boa intenção é, no fundo, uma coisa boa. Mas para julgar bem, é preciso considerar o término. Retiros feitos assim despistam a alma... Às vezes, depois desses retiros, a alma sofre quedas lamentáveis, uma vez que deixou esses exercícios violentos, exagerados. Parece-me muito mais prudente aplicar o método salesiano - que era também o método da Boa Madre Maria de Sales - a saber, cuidar bem para não cometer extravagâncias além das obrigações quotidianas. Manter a alma numa atividade que não ultrapasse a medida das forças. Deve-se fazer tudo comedida e ponderadamente, in mensura et pondere (com peso e medida).

Mas - os Senhores me dirão - isso é pouca coisa, isso não custa muito!... Sim, mas o martírio é sempre o martírio. Sendo decapitados de uma só vez ou sendo mortos pouco a pouco, o fato é que morrerão

igualmente. Nós, em vez de fazer grandes mortificações durante uma semana, por exemplo, fazemos pequenas, mas continuamente. Não vacilo em afirmar que a senda indicada por São Francisco de Sales é, no fundo, mais mortificante do que o caminho das grandes mortificações. Mas os Senhores não podem fazer continuamente atos de grande mortificação. Entre nós, toda a sua vida será uma sucessão de atos de generosidade e mortificação. Meus Amigos, existem em nossa vida, todas as condições de penitência, de reparação, de resgate devidos em consequência das nossas faltas anteriores. Há muito tempo, Jô disse: *Militia est vita hominis super terram* (Jô 7,1) (A vida do homem sobre a terra é uma luta). Isso se aplica a todos os homens. Mas a nós, parece-me, de forma mais particular ainda. *Militia est vita* (A vida é uma luta). Não devemos estar sempre de prontidão? Com nosso Diretório, com nossas Constituições, não estamos sempre equipados com toda a armadura? Desde o primeiro momento do dia, nossa liberdade é acorrentada e o nosso combate começa. Continua durante todo o dia. Não temos que combater incessantemente nossa preguiça inata, nossos pensamentos, nossas inclinações?... Trata-se, de fato, de um tempo de luta e de combate. E esta batalha não é pouca coisa. Reparem essa peleja no próprio São Francisco de Sales; ele precisa combater uma grande vitalidade de caráter, um espírito jocoso também de que poderia ter-se servido facilmente contra seu próximo. As atividades que tinha que desenvolver será que foram numerosas? Eram incessantes. Davam prova de generosidade? São Francisco de Sales, apesar de não jejuar muito, nunca tomava uma refeição sem aplicar uma mortificação; nunca ficava bem à vontade; em casa, tanto a sós quanto na presença de visita, mantinha uma postura modesta, grave, quase incômoda à natureza... Acreditam os Senhores que isso é pouca coisa?... Qual é o caminho mais mortificado, o dos Trapistas, o dos Capuchinhos? Acredito que seja o de São Francisco de Sales. *Militia est* (id.) (É uma luta). Temos, portanto, um combate de todos os instantes a enfrentar. E agora escutem bem o que segue... Prestem atenção especial ao seguinte...

Os Oblatos, ao meu ver, têm e terão ordinariamente mais tentações que os outros religiosos. *Fili, accedens ad servitutem Dei, prae-para animam tuam ad tentationem* (Eclo 2,1) (Filho, se te dedicares a servir ao Senhor, prepara-te para a prova). Por quê? Porque quer chegar mais perto de Deus... Antes de mais nada, é a tentação contra a vocação religiosa. Esta é mais comum e mais forte do que todas as outras. A gente se encontra rodeado de angústias, de trevas. Não é como num nau-

frágio onde a gente ainda pode agarrar uma plancha de salvação. Nesta tentação, plancha não há... A tentação não tem fundo como o mar...

E por que isso, então? Porque Deus nos chama para uma virtude mais elevada, a uma maior intimidade com ele, a uma pureza mais acentuada... Convém, pois, contar com essas tentações contra a vocação. Ela bate em todas as portas, procura abalroar todas as vontades e escurecer todas as inteligências...

Por que, mais uma vez, essa tentação contra a vocação? Porque o ponto onde devemos chegar, o grau de união e de intimidade com o Salvador que visamos requer que Deus nos faça passar por essa porta estreita pela qual ele nos chama a si... Quando um dos nossos coirmãos é tentado dessa forma e está desanimado, importa ter sempre compaixão com ele; é preciso manifestar-lhe muito amor, é necessário rezar muito por ele, porque sua situação é penosa. Ele não consegue agarrar-se em nada para salvar-se... O desânimo toma conta e escurece tudo. Daí, portanto, falo sobre a maior tentação. Ela chega para todos, para uns mais, para outros menos...

O que fazer, então? Domine, salva nos, perimus! (Mt 8,25) (Senhor, salva-nos, estamos perecendo!) - "Senhor, onde estaveis?" - "Eu estava aí, amparando a tua vontade; estava aí dentro do teu coração". Querendo bem a nossa vocação, continuaremos alerta. Mesmo quando a tempestade for grande, nunca abandonaremos o barquinho em que navegamos com o Salvador. Ele dorme; gritemos bem alto para acordá-lo (cf Mt 8,24)!

Se amássemos a nossa vocação... Este sentimento está necessariamente ligado à prática fiel da Regra. Se forem fiéis, também Deus lhes será fiel, tanto mais fiel quanto mais generosos os Senhores forem na sua fidelidade.

Portanto, primeiramente tentações contra nossa vocação, mas também tentação contra a fé religiosa, contra a fé nas verdades fundamentais, tentações contra as quais é necessário reagir com firmeza, porque é o joio que ameaça sufocar o bom grão (Cf. 13,27). Essas tentações contra a fé têm uma característica própria. A Boa Madre dizia que são doenças que o demônio suscita no cérebro. E prova disso é que, muitas vezes, influenciam a saúde do corpo...

Em seguida, há as tentações de sensualidade, a tentação da carne, tentação mais cheia de impressões e de imagens do que as outras, tentação que se estende e invade tudo: os sentidos, o corpo, a alma, a

vontade e a imaginação, o coração e todas as nossas forças. A gente está como no meio de um vapor de enxofre que nos atrapalha a vista e nos faz perder o caminho. Tentação tanto mais violenta já que assumimos o compromisso de ficarmos mais castos e puros, querendo chegar a uma união mais íntima com o Salvador... O demônio, temendo o nosso espírito, nos envolve em provas e dificuldades... Pois, afinal de contas, meus Amigos, tudo o que nos aconteceu até agora nas Obras não se explica de maneira natural. Comenta-se que o demônio causou muitos estorvos a São Francisco de Sales quando redigia o seu Tratado do Amor de Deus... Eu nunca teria acreditado em intrigas desse tipo... No entanto, já que estamos em família, posso lhes afirmar o seguinte... Olhem o que me aconteceu, quando me mandaram embora da Visitação. (Padre Brisson, provavelmente, alude aqui ao dia 19 de julho de 1884, quando Dom Cortet lhe proibiu a cura de almas na Visitação.) No momento em que, após ter confessado, estava saindo da capela, ouvi um barulho inqualificável, estridente, verdadeiramente infernal, partindo do meio do altar e dirigindo-se para o lado da grade. Em seguida, uma risada satânica... As Irmãs porteiras não só ouviram esse ruído, mas se sentiram como erguidas do chão. Não foi efeito de minha imaginação, pois naquele momento não estava pensando em nada que podia excitar-me a imaginação... Entendam isso como quiserem..., mas isso se encaixa bem com o que lhes estou dizendo esta noite. O diabo faz esforços incomparáveis para destruir o bem que podemos fazer pela doutrina da Boa Madre. Então, não é de estranhar que todos os que trabalham nesse sentido sintam as tentações mais violentas. Nossa vida, nesse sentido também, é realmente 'militia' (luta).

No entanto, quando se apresentarem essas tentações, a gente não se deve espantar. Recorram às armas defensivas; combatam se puderem; se não puderem, fujam; ponham-se ao abrigo da muralha.

As tentações reservadas aos Oblatos são as maiores; mas então por que tornar-se Oblato? Outra coisa seria melhor. Escutem o santo homem Jô: Et rursum post tenebras spero lucem (Jô 17,12) (Estaria perto a luz que afugenta as trevas). Façamos como ele; peçamos que a luz suceda às trevas. Após ter dito: Militia est vita hominis super terram (Jô 7,1) (A vida do homem na terra é uma luta), ele acrescenta: Et sicut dies mercenarii dies ejus (Não são seus dias os de um mercenário)? Há o combate, sem dúvida: militia est (é uma luta), mas também há a recompensa. Et sicut dies mercenarii, o mercenário ganha a vida. Também nós,

nesse combate, ganharemos a vida. Quanto maior a refrega, tanto maior também será o galardão. Não esqueçamos: o menor ato de renúncia e o mais simples pensamento no Diretório merecem sua recompensa. Os Anjos de Deus o inscrevem no livro da vida. Nossas lutas mais árduas constituem para nós um penhor de uma recompensa sem limite. Esse prêmio é a graça que Deus nos dará para que tenhamos influência sobre as almas. O empenho que fizerem nessas lutas penosas lhes será devolvido em força e poder sobre as almas, para ganhá-las e conduzi-las a Deus. É através desse trabalho de todo o dia e de todos os dias que adquirimos o talento que valerá o Céu e o mundo. Há nisso um sistema de economia onde as leis que regem o mundo financeiro se encontram reunidas. De fato, temos aí uma conta de poupança: o níquel que aí depositamos não se perde; pelo contrário, ele se multiplica. Com o dinheiro que produzir, poderão comprar o que quiserem... Poderão comprar as almas e o Céu...

Compreendamos em profundidade essa doutrina sobre o combate. Quanto mais assimilarmos esse modo de pensar, tanto mais graças teremos. São Paulo afirma: *Mihi vivere Christus est, et mori lucrum* (Fl 1,21) (Para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro). Também nós podemos dizer que nossa vida pertence ao Salvador, que é um ganho e uma riqueza imensa mortificar-nos e morrer a nós mesmos. Animemo-nos valentemente segundo essa doutrina. Com isso os Senhores têm muito assunto para meditar e vasto campo para trabalhar.

Peçamos a compreensão de todas essas coisas a São Francisco de Sales, à Santa Joana de Chantal, à Boa Madre que me repetia tantas vezes o que acabo de dizer-lhes.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

TERCEIRA PALESTRA

OS VOTOS DO OBLATO, FONTE DE SUA FELICIDADE

Estou voltando de Argenteuil onde apresentei um pedido ao Sangue divino de Nosso Senhor esparramado na sua túnica sagrada. Pedi-lhe que dê a cada um de nós a graça, a força necessária para cumprir a obra à qual somos chamados. Evidentemente, numa comunidade há altos e baixos; existem os que estão animados e outros que só encontram dificuldades. Pedi, pois, ao Sangue de Nosso Senhor a graça necessária para cada

um de nós.

Estou mesmo impressionado pelo fato de que nossa casa de Santo Ouen está na vizinhança de uma relíquia destas. Rezando diante do altar, há um instante, eu disse comigo mesmo: Mas estou tão perto do Sangue de Nosso Senhor quanto esteve Nossa Senhora e São João no Calvário. José Roussel me escreveu que, durante o tempo das experiências químicas que ele fazia com os glóbulos do sangue que manchou a Túnica, tinha pensado muitas vezes em mim e nos Oblatos... Desejo muito que essa oração, que esse pensamento tenha toda a sua eficácia sobre cada um de nós e particularmente sobre aquele que mais precisa disso neste momento. Ó meus Amigos, rezemos fervorosamente. Tenhamos fé. Habete fidem Dei (Mc 11,22) (Tenham fé em Deus). Esta palavra do Salvador eu a repito com muito gosto para os Senhores esta noite.

Tenhamos fé em nossa felicidade sobrenatural! Como todos os homens, devemos tê-la. Mas tenhamos fé também em nossa felicidade atual, temporal. Mas nossos votos será que não se opõem a essa felicidade temporal? Oh! não, meus Amigos, esses votos não são correntes, entaves; pelo contrário, são verdadeiros meios para realizar a nossa felicidade. Quando seguirmos bem pelo caminho que nos é aberto, quando compreendermos bem nossos votos, teremos ingressado realmente no caminho da verdadeira felicidade.

De fato, o que há de mais feliz nesta terra do que a **pobreza** voluntária? A alegria dos Capuchinhos é proverbial. São Francisco de Sales diria: "Todas as Ordens que mais se mortificam não são estas precisamente as Ordens em que mais se constata a manifestação alegre e a jovialidade?" Por que isso? Porque, meus Amigos, Deus é um bom Pai. Os Senhores lhe devotam uma satisfação legítima, um direito; em troca, para compensar-nos, ele dá uma satisfação preferível à que nós lhe oferecemos. Em minha experiência - que vai longe - sempre tenho observado que o religioso amante da pobreza tem alegrias e consolações muito maiores do que aquele que é menos fiel. São Francisco de Assis se serve de graciosas comparações que nos mostram que na pobreza se encontram todas as condições da felicidade perfeita! Ele se desposou com a santa pobreza; todos os dias de sua vida pobre são dias de núpcias e de alegria.

Compreendam bem a pobreza. Privem-se de alguma coisa. Experimentem e verão quanta alegria terão: Beati pauperes!... (Mt 5,3)

(Bem-aventurados os pobres!...) O que é a pobreza? É poupar uma folha de papel, é tampar um marcador, é cuidar da roupa. É privar-se de alguma coisa durante as refeições. "Meu Deus, sou pobre..., mas também Vós fostes pobre. Trabalho, poupo para ganhar a vida, mas Vós também trabalhastes para ganhar o vosso sustento com o suor de vosso rosto..." (Cf. Gn 3,19) E os Senhores não acreditam que - como se expressavam os santos - há dentro da áspera casca e atrás dos espinhos da pobreza um fruto delicioso? Oh! sim, meus Amigos: há um fruto que tem um sabor maravilhoso.

Apliquem-se para tornar-se felizes por meio da pobreza. Então serão como o filho que oferece simplesmente o seu desapego, a mortificação, a obediência, sem desgosto, pelo fato que o seu pai e a sua mãe lhe pedem isso.

Não acreditem que o Bom Deus tenha chamado os religiosos para que não sejam felizes nesta terra... Significa isso que não teremos nada a sofrer? Sim, teremos o que sofrer, mas pouca coisa, por fim de contas. E o que o Bom Deus nos der será melhor e nos tornará mais felizes. Vejam na Vida da Boa Madre o que é dito sobre a pobreza e o que o Bom Deus dava em troca pelos pequenos sacrifícios que lhe eram oferecidos. Mais uma vez, não é imaginação, são fatos e fatos de toda uma vida. Há, portanto, alegria na pobreza.

Veremos em seguida a felicidade na **obediência**.

Quando se quer ser um religioso verdadeiramente obediente, determinado, - quando se dizem de si para si: Fiz o voto de obediência e obedecerei, custe o que custar, - quando, em todas as circunstâncias de sua vida, os Senhores podem dizer: Prometi, sustento a minha palavra..., podem acreditar os Senhores que a gente fica cem vezes, mil vezes mais satisfeito do que ao fazer absolutamente tudo o que se quer? Acreditam os Senhores que a gente seja mais livre e liberto de todas as amarras? É esse o papel de um robô? Não. Quando o Senhor obedece, sente com toda a certeza que é livre; precisa lutar contra sua vontade a cujo jugo caprichoso e egoísta não quer submeter-se. Importa superá-la e vencê-la. Será isso um uso inferior da vontade? Não, porque, onde se precisa mais energia, constância e firmeza do que num ato de obediência? Isso não é abaixar o caráter ou a dignidade humana. Quando tiverem obedecido, quanta tranqüilidade, quanto alívio a gente experimenta! Essa é a verdadeira prática da obediência. Vir obediens loquetur victo-

rias (cf. Pv 21,28) (O obediente falará de vitórias). E a vitória aqui é a felicidade. O que há de mais honroso para o vencedor do que a vitória? Será que isso é uma utopia? Não, experimentem, dediquem-se a isso. Verão que grande felicidade alcançarão. Já não terão mais todas as dificuldades, todos os conflitos, todos os aborrecimentos que acompanham normalmente a execução de sua vontade própria. Sejamos, portanto, obedientes. Prometamo-lo ao Bom Deus. Querem que lhes dê mais um motivo? É a realização do homem interior, secundum Christum (cf. Col 2,8) (segundo Cristo). Jesus não é o modelo que devemos realizar em nós mesmos? Por meio da obediência estamos com Jesus Cristo, em comunhão direta e íntima com ele... A obediência é, portanto, uma grande felicidade.

E, por fim, a felicidade da **castidade**.

Sempre me tenho perguntado por que a moça é mais graciosa, mais amável, mais piedosa, mais dedicada, em geral, do que o rapaz. Mais tarde, depois de algum tempo, quando é casada a flor não se manifesta mais tão fresquinha, tão perfumada, ela não é mais a mesma... Ah! beati mundo corde, quoniam ipsi Deum videbunt... (Mt 5,8) (Bem-aventurados os corações puros, porque verão a Deus...) 'Ipsi', são estes, estes só e não os outros que verão a Deus. No Céu? Sim, mas já na terra verão a Deus, em sua Vontade, naquilo que ele permite, no seu beneplácito. É bom ver o Bom Deus em todas as coisas. Isso ajuda no trabalho, nas dificuldades, nas provações. Ora, é a pureza de coração que nos alcança essa graça. 'Ipsi'... são eles...

Essa castidade está bem definida em nossas Constituições: castidade em nossas palavras, em nossos pensamentos. Ah, a castidade é a felicidade, enquanto a sensualidade e o vício, pelo contrário, são a desgraça para toda a pessoa em geral, mas particularmente para o sacerdote, para o religioso. É um abismo sem fundo... Não é um precipício sem esperança... Mas como é profundo! Como é difícil retirar-se daí, quando os pés já estão diante da porta do inferno...

Portanto, a felicidade, a verdadeira alegria, é o combate, a luta contra a tentação. Como lhes dizia, não tenham medo dessa peleja. Logo que tiverem oferecido a Deus um ato de energia, ele não poderá mais recusar-lhe nada, nem para os Senhores, nem em favor dos outros. Verão, mais tarde, quando tiverem feito a experiência, que as grandes virtudes estão facilmente relacionadas com a impetuosidade das tentações que chegamos a superar vitoriosamente. Por que São Paulo se tornou

um tão grande Apóstolo? É por causa disso. Três vezes pediu a Deus para que lhe poupasse uma provação destas, e três vezes Deus lhe respondeu: Sufficit tibi gratia mea (2 Cor 12,9) (Basta-te a minha graça). É um engano pensar que a tentação seja a derrota... Reparem os guindastes que levantam pesos enormes, desprendendo-os da terra e elevando-os até o alto de um edifício. Eles vencem o enorme peso. Se a gente não pusesse em movimento essas máquinas, o bloco de pedra ficaria inutilmente no fundo da pedreira...

Assim a tentação contra a castidade; é desnecessário explicar a felicidade que a vitória suscita... Considerem o que diz São Paulo: Superabundo gaudio... (2 Cor 7,4) (Transbordo de alegria...) É arrebatado ao terceiro Céu depois de ter superado as tentações. Essa é a doutrina da Igreja. Portanto, o voto de castidade é uma fonte de imensa alegria temporal e sobrenatural. Faz-nos ver a Deus. Eleva a nossa alma, engrandece-a, preparando-a para receber a revelação divina. Nunca encontrei uma alma forte e valente que não tivesse que enfrentar esses combates, que não tivesse que defender-se em lutas formidáveis. Esse voto, portanto, nos será algo muito querido, porque nele encontraremos a energia, a felicidade, a alegria.

Eis os nossos votos. Meus Amigos, lembrem-se vivamente dessa teologia. E quando estiverem pregando ou confessando, apliquem-na e ensinem-na. Quando se apresenta o voto de castidade como um ato de penitência rigorosa e a vida religiosa como uma existência de amarguras, saibam que não é verdade... A gente se engana! Isso acontece quando - depois dos votos - a gente não quer observá-los... Isso se dá quando os Senhores não querem livrar-se da sarcina (trouxa), do fardo incômodo, do cesto que pesa nos ombros e, mesmo assim, querem passar pela porta estreita (cf. Mt 7,14); então os Senhores se machucam os ombros. Os que falaram assim dos votos supuseram que a gente não quer desfazer-se generosamente de si mesmo... Sem dúvida, não quero dizer que não haja necessidade de fazer esforços e grandes esforços... Mas o que quero dizer-lhes é que, quando a luta parece difícil para a natureza, quando nos parece que esteja acima de nossas forças, é que se deve dizer como a Boa Madre: Eu tenho um Salvador... eu o invoco... com ele, estou certo de alcançar um fim feliz.

Preguem, pois, essa doutrina e nutram suas almas com ela. Será que isso diminui ou destrói a virtude da mortificação? Será que isso

impede as austeridades? Não, certamente. Quando se precisa jejuar e se pode, jejua-se. Quando se pode praticar austeridades, quando a graça, a obediência ou a necessidade as impõem, a gente as aceita alegremente. Não são um fardo ou um peso: amans currit, volat, laetatur (quem ama, corre, voa, se alegra), diz a 'Imitação de Cristo'. Quem ama, corre, voa. Ele goza a alegria de sofrer com e por aquele que ele quer bem.

E para compreender bem essa doutrina e fazer bem o retiro, rezemos à Boa Madre para que nos faça entender o sentido dos votos religiosos. Peçamos também a compreensão disso ao Sangue de Nosso Senhor cuja preciosa relíquia está tão perto de nós.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

QUARTA PALESTRA

A CARIDADE

Continuemos o nosso retiro, observando o silêncio, na fidelidade à observância. O exame de consciência dominou os seus pensamentos durante estes primeiros dias. Esta noite e amanhã, pensem em fazer seus bons propósitos. Se lhes parece melhor, apontem-nos... Se não fizessem nenhum, o retiro ficaria comprometido. Façam propósitos, pois, sobre os temas que tratamos juntos; eles suscitam graças. Recomendo-lhes muito que não se distraiam, que guardem cuidadosamente a unção divina no coração.

São João definiu muito bem a Deus - à medida que se pode defini-lo - , a saber, Deus caritas est (1 Jo 4,8) Deus é amor... E São João, na sua velhice, só sabia repetir: Amem-se uns aos outros! (cf. 1 Jo 3,11; 4,7; 2 Jo 5) Esta noite quero falar-lhes sobre a caridade que devem ter uns para com os outros, para com os alunos, para com os coirmãos, em relação ao seu encargo, seu serviço, referente à casa que os abriga e relativo à Vontade de Deus a respeito dos Senhores... Este último aspecto é o derradeiro segredo da caridade, é o que tornou santa a Boa Madre. Ela amava sua comunidade, queria bem o seu ofício.

Os primórdios da fundação das Oblatas foram particularmente penosos. Eu estava quase desanimado com sua maneira de agir. Falavam mal umas das outras; eu considerava isso um obstáculo muito sério para a firmeza do seu estabelecimento. Veio-me a idéia de uni-las pelo voto

de caridade. Aconselhei-o a elas e quase todas o fizeram. A partir daí, pôde-se constatar uma grande mudança entre elas, uma grande facilidade em observar o Diretório. O verdadeiro espírito religioso se implantou entre elas: foi uma completa transformação. Todas o reconheceram.

Nós, meus Amigos, que perigo correríamos se fizêssemos a mesma coisa? Sem dúvida, a nossa tentação não é de ter ciúmes do nosso próximo, de atacar e desfazê-lo. Se o que se diz dos outros, entre nós, não tem essa origem, parte de outro fundo talvez igualmente condenável: a falta de consideração, de respeito, de cordialidade com que a gente encara os seus coirmãos.

Entenda-se, portanto, com seu confessor para o Senhor também fazer esse voto de caridade... Sem dúvida, no começo faltará contra ele por esquecimento. Mas, então, um ato de contrição, um ato de amor a Deus apagará a negligência e o reaproximará de Deus. Uma outra vez será mais fiel; assim, pouco a pouco, chegará a corrigir-se desse mau hábito de julgar, de interpretar desfavoravelmente a maneira de agir do nosso próximo. Vamos experimentar fazer esse voto.

Nos instrumentos musicais de cordas, há sempre uma que vibra mais frequentemente que as outras. Entre nós, essa deve ser a corda da caridade; essa deve ser a corda mais vibrante.

Os motivos que temos para amar-nos uns aos outros, evidentemente, não parecem muito convincentes à primeira vista... Quem entre nós que pode pretender ter suficiente capacidade, inteligência, qualidades de toda a espécie para impor-se por isso mesmo ao afeto e à estima de todos os seus irmãos, fazendo-se reconhecer em todo o momento e sempre? Ninguém é perfeito. E é imprescindível que procuremos nossa base, nosso ponto de apoio mais alto do que na natureza. É preciso voltar à grande origem de todo o dom; é necessário voltar a Deus e ao Sagrado Coração de Jesus.

O Bom Deus ama este caro próximo que nós, de bom grado, detestariamos, enquanto ele nos pede que o amemos. Ele o cumulou de graças. Perguntem ao Coração de Nosso Senhor por que derramou o seu Sangue por ele? Por que o convida aos Sacramentos, a conhecê-lo, a amá-lo, a merecer o Céu? Senhor, se o tendes amado tanto, eu também quero amá-lo... Durante nossa meditação, não tenhamos medo de fazer esses exercícios de caridade. Ah! a caridade para com Deus se compreende. É natural. Mas a caridade para com o próximo é totalmente sobrenatural: *Mandatum novum do vobis, ut diligatis invicem...* (Jo 13,14) (Dou-vos um mandamento no-

vo, que vos ameis uns aos outros...) É o mandamento novo, o mandamento do amor do Salvador, de seu afeto, do seu Coração. Pensemos nisso, meus Amigos, e as bênçãos de Deus virão no dia em que nos amarmos verdadeiramente. Repito: ninguém de nós tem a pretensão de ter aquilo que é necessário para ser amado. Mas comecemos a amar, apoiando-nos no Coração do Salvador, e poder-se-á dizer também de nós o que se dizia sobre os primeiros cristãos: Vejam como se amam! Experimentem esse voto e dediquem um espaço considerável a esse tema entre os seus propósitos.

Vejam, meus Amigos, não devemos fazer-nos ilusões. Amamos alguém ou alguma coisa. Se não amamos o próximo, então amamos a nós mesmos; isso é o egoísmo.

A essência da vida em Deus é o amor. Et vidit quod esset bonum (Gn 1) (E viu que isso era bom). Seu Filho é o término do seu amor. Sem dúvida, este Verbo divino é a luz; mas Deus o gera 'in dilectione'... (cf. Jo 15,10) (em amor).

Nosso valor depende do coração. Em que consiste a grandeza de um artista, de um pintor? Somente na imaginação? Não, mas também no coração, no amor que tem por sua arte, por aquilo que ele cria. Tudo o que é grande tem essa origem. Quando não há mais amor pela pátria, não há mais povo; quando o pai e os filhos não se amam mais, não há mais família.

Façamos, portanto, o propósito de amar os nossos irmãos. Para tanto, aproveitem o meio que lhes indico. Amemos os nossos irmãos; amemos também os nossos alunos, com amor sincero, profundo. E quando esse amor vem de Deus, operam-se maravilhas. Um homem muito distinto, original de Plancy, o Senhor Lenfant, disse-me sobre esse assunto algo muito notável. - O Senhor tem muito motivo para agradecer a Deus - eu lhe disse - por ter ficado tão bom cristão. - Sabe - respondeu - por que fiquei um bom cristão?... Um dia, no Seminário Maior, Padre Fournerot me chamou à parte no jardim. Caminhamos durante quinze minutos, sem trocar uma palavra. Somente no fim, vi no seu olhar um amor tão grande, tão celestial que fiquei impressionado. Esse olhar é que impediu afastar-me de Deus nas várias ocasiões que tive, porque me dizia quanto aquele sacerdote, que era um santo, me queria e desejava a salvação de minha alma. Pois bem, meus Amigos, se houvesse no coração dos Senhores algo assim por seus alunos? Se pudessemos nos comunicar assim com nossos alunos, de alma para alma! Isso se faz na Santa Missa, na meditação, na preparação para o dia: "Meu Deus, eis fulano que precisaria

mais inteligência, mais boa vontade!" Façam isso; falem ao Bom Deus sobre seus alunos e terão uma influência imensa sobre eles.

Amem essas almas; respeitem nelas a imagem de Deus... Pode ser que este rapaz um dia os supere por sua capacidade, por suas virtudes. Tratem-no convenientemente, com respeito. Não acreditem que essa manifestação de respeito, de confiança fique inútil, nem que o ministério que desempenhariam junto às almas - se estivessem numa paróquia - seria mais eficaz do que aquilo que estão fazendo aqui junto aos alunos... Estão lançando na terra uma semente que certamente germinará, porque é jogada num solo bem preparado... Esse afeto que alimentarem para com os alunos lhes será devolvido por eles; podemos ficar certos disso. Saibam ser generosos para com eles. Entre eles há uns que têm chispa e que logo perceberão nos Senhores algum defeitozinho, uma esquisitice, o lado fraco... Perdoem-lhes essas gracinhas e eles o apreciarão, porque verão que os Senhores compreendem que isso não passa de uma brincadeira, uma arte sem malícia. Eles se apegarão aos Senhores, estimá-los-ão, se os virem acolher a travessura com verdadeira superioridade, com largueza de coração e de espírito.

Afeiçoem-se particularmente, portanto, àqueles que poderiam ser-lhes desagradáveis. Evidente que é preciso manter-se cuidadosamente afastado de toda a espécie de fraqueza em seus afetos, de tudo o que os poderia reduzir a serem apenas naturais e sensuais. Logo que a gente perceber esse mau sentimento, é preciso cortá-lo de vez, rezar e pedir conselhos ao confessor sobre as precauções a tomar para não deixar-se dominar por essa tendência. Essas fraquezas, quando não reprimidas, levam infalivelmente à perdição da criança; é o veneno do afeto sensual, do amor. É um narcótico que adormece todas as faculdades do coração e da alma. É um veneno de duplo efeito a faz morrer a alma do menino e a do mestre... Quando virmos esse tipo de tendência em algum dos nossos irmãos, temos que ter a coragem de avisá-lo caridosamente. Ele terá suficiente inteligência e juízo para perdoar-lhes essa pequena correção, sempre um pouco humilhante. Esse é um verdadeiro serviço que lhe terão prestado. Portanto, queiram bem os seus alunos.

Além disso, tenham amor pelo trabalho que os Senhores têm que fazer. Não sejam como aqueles que não gostam do que devem realizar, cuja vontade fica sempre como em suspense... Sempre estão procurando... o que não está ao alcance. Essa atitude, no fundo, provém do egoísmo. O Senhor é vigilante, professor... Queira bem a sua vigilância, o seu es-

tudo...; ponham amor na sua aula!

Depois da minha ordenação sacerdotal, pedi ao Bom Deus que não me desse ministério pastoral, que não me encarregasse de almas; eu tinha medo das responsabilidades... Se fizeram como eu, meus Amigos, têm motivo para agradecer a Deus por não ter-lhes dado outro ministério. O que estão fazendo, de uma forma totalmente restrita, é sem perigo; só requer uma virtude nada comum. Não está tão mal poder limitar sua atividade e consensá-la num âmbito restrito em vez de estendê-la para longe... Não quero dizer que não seja necessário gostar da pregação, do ministério pastoral, etc...; mas se Nosso Senhor não nos pede isso, deve-se agradecer-lo. Queiram bem, portanto, os seus afazeres. Quem, pois, executa bem as suas tarefas? Aquele que gosta muito delas. Não é que São Francisco de Sales pede que se realize apaixonadamente bem tudo o que se faz?... Dêem sua aula com capricho; preparem-na com fé e amor. É tão bom dedicar-se ao trabalho para o qual a gente foi destinado! Mas como? Per gratiam Dei (cf. Rm 3,24) (Pela graça de Deus). Queiram bem o que fazem, isto é, o que Deus lhes pede que façam e o farão bem-feito; amem-no com perfeição e o realizarão perfeitamente. Tomem, portanto, a peito o seu cargo; quando se faz algum serviço sem coração, a gente o faz como robô. Olhem! Deus faz com amor tudo o que realiza: Deus caritas est (1 Jo 4,8) (Deus é amor). E nós, vamos imitá-lo.

Vamos lembrar-nos vivamente de que Deus é amor e que devemos amar os nossos Padres, os alunos, as nossas tarefas. Assim faremos um ato sobrenatural de amor que atingirá o seu fim. O Senhor é ecônomo, encarregado do material? Aprecie as coisas materiais que lhe são confiadas; que se possa perceber tão bem o seu coração quanto a sua inteligência no cuidado que tem por elas. Assim disporá de um meio sobrenatural para sair-se bem.

Faremos o propósito de entusiasmar-nos o coração pelo contato com Deus. Como Salomão, pediremos a Deus um coração grande como o mar... Salomão nos aparece como o mais sábio, o mais inteligente dos homens. Por quê? Porque tinha um grande coração. Observem-no, de fato, naquela rixa entre as duas mulheres; reparem-no na construção do templo, onde faz tudo com tanta perfeição. Por quê? Porque ama o que faz e Aquele para quem o faz. Oh! amem, portanto, o que fazem e o farão bem-feito. Nunca vi a Boa Madre não fazer cordialmente todo o seu empenho nos seus afazeres seja na direção de suas religiosas seja na administração da casa seja em qualquer outra coisa... Por quê? Seu coração,

pois, sempre estava em contato com o Coração de Deus.

Faremos, pois, o pedido de Salomão. Nosso coração - como diz São Francisco de Sales - seja como um ímã... Tomem um ímã e limalha de ferro. À quantidade de ferro que ao ímã aderiu e foi levantado por ele acrescentem outras partículas, pouco a pouco... Conseguirão fazer com que esse ímã aglente um peso considerável, muito superior ao que pôde suportar inicialmente. Demos também ao nosso coração esse grãozinho e outro mais; desafiemo-lo sem cessar; torná-lo-emos capaz de um imenso amor.

Coloquem entre seus propósitos o de pedir ao Bom Deus esse dom de um coração grande que abraça tudo. Não sejam indiferentes com respeito a nada do que Deus lhes envia. São Bernardo dizia a seus religiosos: No começo de minha vida religiosa, considere todos os trabalhos, todos os sacrifícios, todas as dificuldades e as provações que Deus me preparava. Fiz um feixe de tudo isso e o apertei no coração, unindo-o aos trabalhos e aos sofrimentos do meu Salvador. Como São Bernardo, temos que apertar tudo isso no coração.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

QUINTA PALESTRA

"FORMA FACTI GREGIS EX ANIMO..." (1 Pd 5,3)

(Como modelos do rebanho)

No que Padre Pernin lhes dizia na palestra de hoje de manhã, os Senhores viram como insistiu no tesouro que nos é confiado, a doutrina que temos à disposição. Ele partiu do princípio que para aproveitar esses recursos, esta estratégia espiritual tão perfeita, devemos nós mesmos praticar o Diretório. E disse a verdade. O Beneditino Padre Clemente também me disse: São Francisco de Sales é certamente o mais hábil estrategista da vida espiritual.

Quantas vezes ouvimos esta objeção contra nossas obras: Está bem por ora; o resultado ao qual os Senhores chegam é bom e bonito, mas haverá um dia imprevisto que não esperam... Mesmo que os Senhores tiveram a felicidade de obter tais resultados bastante felizes, podem garantir que isso durará?... É pouco provável, com essa inexistência, com essa insignificância de meios mais elementares...!

Essas considerações, do ponto de vista puramente natural, têm certo fundamento, sem dúvida. Como pode ser que outros, com uma organização poderosa não conseguem realizar o que nós obtemos, nós, com essa ninharia de meios exteriores à disposição? Esse é o mistério!... Está totalmente contido na doutrina de São Francisco de Sales.

O primeiro ponto desta doutrina é o seguinte. Querem realizar alguma coisa?... Muito bem. Mas para conseguir resultados, antes de mais nada, os Senhores mesmos devem começar a realizar o que querem que os outros façam. Não esqueçam isto, meus Amigos. *Forma facti gregis ex animo* (1 Pd 5,3) (Como modelos do rebanho). É preciso ser antes o modelo daquilo que querem obter das almas que lhes são confiadas. Se tomaram isso a peito, serão bem-sucedidos, e além do que esperavam.

O Senhor é o soldadinho de São Francisco de Sales. Ele não o arma para a batalha de todos os timpos de armas certeiras, tanto ofensivas quanto defensivas. Ele não lhe apresenta um arsenal de meios exteriores, de organização, de indústrias admiráveis. Não. Só lhes põe nas mãos um livrinho: o Diretório, dizendo-lhes: Eis o seu inspirador e o seu guia! Pondo em prática o conteúdo, os Senhores se tornarão primeiro o que querem que os outros sejam; posteriormente induzi-los-ão facilmente a seguir os seus passos. O Senhor é professor? Como terá bons alunos? É fazendo bem isto: *Forma facti gregis* (id.) (feito modelo do rebanho)... Sua intenção é boa. De acordo com a idéia de São Francisco de Sales, não é do meio, mas sobretudo do operário que depende o valor do que se faz. Ele está certo de alcançar o seu fim; a vitória está garantida, se ele for generoso.

Queremos que os outros trabalhem? Começemos nós mesmos a trabalhar. Queremos pregar aos outros? Pratiquemos antes o que vamos pregar... Sobretudo, não vamos buscar em qualquer livro o que queremos dizer aos fiéis. Procuremo-lo antes em nosso coração, em nossa vida. Querem formar os jovens; pregam a obediência, a dependência, a abnegação para uma comunidade religiosa; essas almas não aproveitarão nada daquilo que lhes disserem, a não ser que os Senhores mesmos já tenham praticado essas virtudes. Todo sacerdote pode dar a absolvição: é a parte indispensável do Sacramento. Sempre tem o seu efeito. Mas o restante, as graças íntimas de luz, de generosidade, todo o conjunto que constitui a perfeição e a santidade, de quem surge?... Uma boa parte, sem nenhuma dúvida, provém do valor pessoal do confessor.

Os Senhores pregam, sem estar nas condições que indiquei:

Cymbalum tinniens... (1 Cor 13,1) (um címbalo que retine). Querem levar os seus alunos à regularidade; sejam os Senhores mesmos pontuais, exatos no trabalho; trabalhem... Façam isso, meus Amigos, e terão um grande poder sobre a vontade de seus alunos, forma facti gregis ex animo (id.) (como modelo do rebanho); não imaginariamente, mas de coração, 'ex animo'.

Só isso devemos levar como fruto do retiro. Mas com isso passaremos um excelente ano.

E quando o Senhor tiver feito alguma coisa e lhe disserem: Mas não aproveitou este ou aquele meio!... É possível, poderá responder, no entanto, vejam o resultado conseguido! A gente fica admirado daquilo que São Vicente de Paulo fazia. Mas considerando a sua vida um pouco mais de perto, vendo quanta caridade desenvolvia relativo a todas as misérias, a gente compreende. O que São Vicente de Paulo era no fundo do coração e no íntimo de sua vida, ele o realizava exteriormente e assim operava maravilhas.

Fala-se muito sobre o Senhor Harmel, o grande empresário do Val-des-Bois, devido às suas grandes obras. Conheço-o de muito perto. O Senhor Harmel dorme em cama dura, jejua, etc... Apresenta pessoalmente, portanto, todas as condições para garantir êxito em todas as suas obras que empreende... São Francisco de Sales deu-se conta de que os meios exteriores são certamente necessários e devem ser utilizados... São, além disso, os únicos que a gente pode constatar e julgar: Ecclesia non judicat de internis... (a Igreja não julga do interior - da consciência). Mas ele reconheceu que por trás existe a alma da Igreja, há vida, está presente a forma gregis... (o modelo do rebanho).

Tomemos, portanto, a firme decisão de pôr-nos no lugar dos nossos alunos. Devem ser estudados? Estudemo-nos a nós mesmos. Coloquemo-nos no lugar dos nossos penitentes. Pregamos-lhes a paciência? Sejam os nós próprios pacientes e amáveis... Assim estaremos à altura de nossa vocação. O Bom Deus dará à nossa atuação uma eficácia incomparável.

Num destes dias eu lhes falei sobre as tentações do Oblato. Devo acrescentar que os Oblatos devem contar com grandes trabalhos. Nossa vida exterior não é dura; mas há entre nós um trabalho enorme para cumprir o nosso dever, para praticar bem o nosso Diretório. É uma corrente, diz São Paulo (Ef 6,20) que devemos carregar desde a manhã até a noite, e da noite até o amanhecer. Por isso, facilmente tendemos

ao desânimo. Mas fiquemos firmes: Sustinete Dominum. Sustentemos o Senhor, suportemos sua vontade, e ele nos dará a força necessária. Ó meus Amigos, queiram bem a sua vocação. Vejam como ela é razoável. Deus nos dá um sinal, ele nos chama. Vamos generosamente, no pleno uso de nossa vontade, de nossa liberdade, com todo o nosso amor. Como São Francisco de Sales compreendeu bem o homem. Como soube suscitar o máximo proveito que podemos render. E isso sem nenhuma referência a um exemplo ou sinal qualquer, mas unicamente em atenção à Vontade divina. Não é uma palavra de ordem que nos empurra; nós é que vamos espontaneamente a Deus.

Durante este ano, se formos fiéis a essas palavras finais que estou lhes dirigindo, estejam certos de que o ano será frutífero, tanto para os Senhores quanto para os outros. Que a Boa Madre peça a Nosso Senhor aquela bênção para os Senhores, aquela bênção que ele dava aos Patriarcas: Dou-lhes a bênção do céu e a bênção da terra..., isto é, uma bênção que se estende a tudo, para que, por parte do céu e do lado da terra, encontremos sempre os meios necessários para chegar ao fim que nos propusemos.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-



PRIMEIRA PALESTRA**O RETIRO**

Desiderio desideravi hoc pascha manducare vobiscum (Lc 22,15) (Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco). Meus caríssimos Amigos, desejei muito este retiro. Os Senhores todos também pediram-no, almejaram-no de todo o coração, porque todos esperam dele um verdadeiro benefício. Cada um de nós, no caminho, perde sempre um pouco do seu fervor inicial. É necessário que nos renovemos no Bom Deus e que angariemos novas forças. Se, para cada um de nós, o tempo traz certas avarias e enguiços, o tempo traz ainda mais fadiga e descuido numa comunidade. Um dia há um relaxamento num ponto da Regra, outra vez, num outro. O empenho diminui, o olhar não fica mais fixado no regulamento: a gente não enxerga mais, não se compreende mais; e a consequência de tudo isso é a negligência, a infidelidade, a ausência da graça.

Faremos este retiro, portanto, com o desejo de tornar-nos verdadeiros religiosos. Não precisamos tomar medidas extraordinárias: observar bem a nossa Regra, cumprir bem os nossos exercícios de cada dia, é essa a maneira eficaz para correspondermos à nossa vocação e tornar-nos fervorosos religiosos.

Meus caros Amigos, os retiros que se faziam na presença de Nosso Senhor tinham uma palavra de ordem. Nosso Senhor, numa dessas circunstâncias, disse aos seus Apóstolos: Venite seorsum in desertum locum et requiescite pusillum (Mc 6,31) (Vinde vós, sozinhos, a um lugar deserto e descansem um pouco). É o que vamos começar a fazer hoje. Recolhamo-nos: criemos silêncio em volta de nossa alma. Passaremos este dia, relembRANDO-nos das graças que o Bom Deus nos concedeu desde o início de nossa vida. Entre todos os que nos rodeiam, entre todos os que conhecemos, quem é que foi cumulado de tantas graças quanto nós? Olhem ao redor, reparem as almas que se aproximam dos Senhores e comparem as graças que elas receberam com as de que os Senhores foram acumulados. Não só vale a pena parar diante dessa consideração, mas é também um grande meio para aumentar em nós a graça, para corroborá-la e torná-la mais eficaz.

Hoje vamos começar, relembrando a graça de nosso Batismo, a da educação cristã que a mãe nos deu. Recordemos os cuidados dispensados em nossa infância na família, nos estabelecimentos onde fomos educados. Lembremos nossa Primeira Comunhão, nossa vocação para a vida religiosa, as graças das diversas Ordenações, a assistência pessoal que o Bom Deus deu a cada um de nós para a conservação de uma conduta correta. Traguemos à memória também as graças que o Bom Deus nos colocou nas mãos para distribuir os seus Sacramentos e no coração para anunciar a sua palavra, para fazê-lo conhecer e amar. Não nos esqueçamos das graças concedidas para conservar nossa vocação sacerdotal, para reerguer-nos, se tivemos a desgraça de cair. Estarão com Deus, com Nosso Senhor. Venite seorsum (id.) (Venham, sozinhos), ele nos diz; que não haja ninguém entre vocês e mim.

Será que se trata só de uma recordação árida, de uma simples reminiscência? Não, seja uma rememoração cordial, piedosa que possa ser cheia de unção e vida, para que sua alma realmente fale com o Bom Deus. Passem assim o dia e lembrem o que estou-lhes dizendo agora, para que levem outros a fazerem o mesmo nos dias de recolhimento que os Senhores tiverem que dirigir.

Deixem para amanhã o exame de suas faltas. Hoje ocupem-se exclusivamente com as graças recebidas. Não esqueçam tampouco a graça que Deus lhes deu por participarem deste retiro, vindo descansar espiritualmente nele, renovando a consciência e o ânimo, o que contribui para que não ajam mais segundo seus critérios pessoais, segundo sua vontade própria, mas somente de acordo com o Salvador.

Para aproveitar bem o retiro, é preciso observar algumas precauções. Guardem o silêncio durante o retiro. Escutem o que São Bernardo disse um dia a seus religiosos que estavam colhendo uvas: Os Senhores esmagam o fruto da videira e o colocam em grandes recipientes, em pipas; mas, se as pipas estivessem furadas, todo o suco das uvas estaria perdido. Assim a língua nos fura a alma e esta perde as graças que o Bom Deus nos dá.

Além disso, meus Amigos, é preciso sermos muito pontuais nas práticas da Regra. Já lhes disse muitas vezes: O retiro depende do retiro. Os exercícios do retiro cuidadosamente atendidos é que constituem o retiro. Esses exercícios operam um pouco como os sacramentais; proporcionam à alma graças superabundantes. Façam-nos, portanto, com exatidão e de boa vontade, não como máquinas que agem de forma inconscien-

te, mas como anjos que cumprem a Vontade de Deus no céu: "sicut angeli in coelo" (cf. Mt 22,30). Não atuem como robôs, repito, como fantoches, mas como almas generosas, como bons religiosos. Encontram-se nisso, para os Senhores, auxílios previstos e luzes reservadas. Não as deixem perder-se.

"Sicut angeli in coelo" (como anjos no céu); o céu, meus Amigos, em última análise, é isso, diz São Tomás, como, pelo contrário, o inferno consiste na desordem. Deus me quer, neste momento, em tal lugar: na capela, na meditação, na Missa, na reza do Ofício, no refeitório, no recreio. Obedecendo, cumprimos a Vontade de Deus. Estamos em ordem; isso é o início do céu. Sejam pontuais, portanto, seja isso uma decisão bem determinada; façam esse propósito desde já.

Isso quanto ao exterior. Relativo à alma, deve-se evitar todo o tipo de pecado, de falta voluntária, todo o pensamento leviano, toda a consideração contra a caridade, a obediência, a vocação, numa palavra, tudo o que pode entristecer Nosso Senhor deve implacavelmente ser banido. Nossa alma seja muito pura durante este retiro. Além disso, venham com toda a boa vontade, toda a fidelidade de que forem capazes.

Agora, meus caros Amigos, ei-los todos decididos a começar o retiro com os meios que acabo de indicar. Mas entre as almas dos Senhores há diferenças; as nuances espirituais talvez sejam mais acentuadas do que as distinções exteriores. Uns podem gostar do retiro; outros podem não sentir-se atraídos de forma alguma; até podem experimentar uma certa repugnância, uma repulsão, algo que talvez chegue a irritar. É necessário, no entanto, fazermos todos o retiro e com toda a boa vontade.

Primeiramente, àqueles para os quais o retiro representa uma coisa insuportável e odiosa, eu diria: Beati estis! (Bem-aventurados são)... Se soubessem que doçura há escondida nessa amargura; que preciosidade e gostosura estão presentes atrás dessa casca dura; se soubessem aproveitar isso, mantendo-se numa atitude de profunda humildade ao dizer: Meu Deus, não sou ninguém, não sou capaz de nada. Se for necessário ficarei sob essa pressão, sob esse peso de chumbo, talentum plumbi, que esmaga a minha vontade, porque o mereci: De profundis clamavi ad te, Domine. Domine, exaudi vocem meam... (Sl 130) (Das profundezas clamo a ti, Senhor: Senhor, ouve o meu grito!). Façam assim, meus Amigos. Conheço uma quantidade de almas e santas pessoas que os acompanha nesta senda penosa. Escutem, acima de todas as outras, a voz do

Salvador no Jardim das Oliveiras e acompanhem a ele nas dificuldades, nas provações, na tentação.

Não resta dúvida que o retiro é uma ocasião de tentações de todos os tipos: tentação de desânimo, tentações contra a pureza, talvez..., contra a obediência, contra a vocação: Fili, accedens ad servitutum Dei, praepara animam tuam ad tentationem (Eclo 2,1) (Filho, se te dedicares a servir ao Senhor, prepara-te para a prova). Não temam a tentação, especialmente a tentação do retiro. O Salvador estará com os Senhores, ajudando-os, instruindo-os. O retiro se tornará - para muitos talvez, pelo menos para diversos - um meio para aprender; os Senhores compreendem melhor a grandeza de sua vocação e terão a luz para superar a tentação.

E, sendo que o próprio retiro tem algo de repousante, cheguem perto do Salvador para descansar: Requiescite pusillum (Mc 6,31) (Descansai um pouco). Venham dizer-lhe com Pedro e João: Domine, bonum est nos hic esse; faciamus hic tria tabernacula... (Mc 9,4) (Senhor, é bom estarmos aqui. Façamos, pois, três tendas). Então, hoje não se ocupem com suas faltas. Amanhã a gente se prepara para a Confissão, para dirigir-se aos confessores designados.

Quanto a isso, há bastante tempo tem existido um grave erro entre nós, isto é, confessar-se uns com os outros, um pouco ao acaso. O confessor tem um cargo considerável. Deve sustentar o seu penitente, dar-lhe conselhos às vezes delicados e graves. E não é qualquer um que é capaz disso. No futuro, em todas as nossas casas, o Superior, o Assistente, ou - se a comunidade é numerosa - mesmo um terceiro Padre designado, deverão só eles atender as confissões. Se alguém precisa de outro confessor, o Superior verá em consciência a quem confiar esse encargo. Evitem tanto quanto for possível confessar-se fora. Mais de uma vez um espiritualmente transtornado veio dizer-me: Fui procurar um Padre idoso, um que tem muita experiência, sendo um versado teólogo, e ele me disse que eu faria bem ao deixar a Congregação. Esses bons sacerdotes podem ser tão bons teólogos quanto quiserem, mas não têm a graça de estado para dirigir os Senhores. E eles podem enganar-se... E muitas vezes se enganam!

Resumindo, meus Amigos, eu lhes digo: Passem o dia com Deus. Retomem o caminho por onde sua existência tem passado até hoje. Observem os meios utilizados por Deus para atraí-los a ele. Repassem os episódios em que o Bom Deus lhes tem falado e lhes disse, como aos Apóstolos.

los: Vos autem dixi amicos! (Jo 15,15) (Eu, porém, vos chamo amigos!)

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

SEGUNDA PALESTRA

A CONFISSÃO

Meus Amigos, queremos fazer um bom retiro. Vamos começar, pois, com todo o empenho. Um retiro é para a gente andar direito na vida espiritual; mas quando se quer andar direito é indispensável usar meios corretivos: importa curar e cicatrizar as feridas, dissipar as apatias, as disposições pecaminosas, como disse São Francisco de Sales. Dediquemo-nos corajosamente a esse trabalho. Talvez eu tenha verdades de grosso calibre para dizer-lhes.

Começo expressando o que penso do meu auditório. Qual a minha idéia?... Não me engano na minha opinião sobre a Congregação. Estamos aqui umas sessenta a oitenta pessoas reunidas... Se o Geral dos Jesuítas ou dos Dominicanos viesse dizer-me: - O Senhor quer fazer uma permuta? Padre Brisson, nós temos entre nós sábios, teólogos, santos. O Senhor tomará da nossa turma, e eu ficarei com estes. Amavelmente eu responderia: - Não, muito obrigado. Prefiro os que tenho aqui. Eu os conheço e estou certo deles. - Mas então, Padre Brisson, o Senhor tem só excelentes e perfeitos religiosos aqui? Religiosos que, sem exceção, compreendem os seus deveres e que nunca falham? Religiosos que estimam acima de tudo sua Congregação e praticam a caridade exemplar para com seus irmãos? - Não! Espero um dia chegar a isso. Mas reconheço que ainda não chegamos bem a isso por ora. - Então, por que o Senhor prefere os seus religiosos a todos os outros? - Tenho dois motivos para tanto: um motivo extrínseco e outro intrínseco.

O motivo extrínseco são as promessas que me foram feitas e que, em parte, já se realizaram. Essas promessas me dão certeza de um bom porvir para nossa Congregação.

O motivo intrínseco é que cada um dos nossos Padres é bom. Não vejo em nenhum deles nem orgulho desproporcional, nem paixões violentas, nem má vontade ou mau caráter. Estou convencido de que em qualquer outra comunidade, entre sessenta ou oitenta religiosos, se encontrarão bem mais que apresentam dificuldades ou problemas.

Sim, meus Amigos, o dia em que observarmos fielmente as nossas Constituições, o nosso Diretório poderemos contar-nos entre os melhores religiosos do mundo. Nenhuma Ordem religiosa está preparada melhor do que nós para responder às necessidades.

Ultimamente recebi diversas visitas. É difícil nomear aqui as pessoas e nem seria muito conveniente talvez. Encontrei o Assistente de uma Congregação de Missionários; manifestou-me o desejo de ver um dia a fusão dos nossos dois Institutos. O espírito de São Francisco de Sales, a doutrina da Boa Madre Maria de Sales o atraem: - Somos boa gente - ele me disse - mas precisaríamos desse espírito. Já que temos a mesma finalidade, por que não andaríamos de mãos dadas? O Superior de um estabelecimento educacional considerável perto daqui veio pedir as nossas Constituições. Antes de voltar para o seu Colégio, foi fazer um retiro em Soyhières. - Ah! - disse-me - se eu tivesse os meios que os Senhores têm nas mãos! Se os meus colaboradores fizessem parte de uma associação com o espírito, a Regra dos Senhores, quanto bem eu poderia realizar!

Todos os dias recebo manifestações destas. Acabo de abrir uma carta da Visitação de Orléans. Pedem-me encarecidamente que eu deixe Oblatas irem para lá, para que elas preparem os Oblatos ali. Todo mundo pede Oblatos.

Isso é o que eu penso sobre os Senhores, meus Amigos. Se eu lançar, portanto, algumas observações bastante duras, não é para machucá-los, mas para encaminhá-los no rumo, na direção que a comunidade deve seguir. É para que apliquem toda a sua inteligência e façam todo o empenho no trabalho de formação religiosa para alcançarmos o fim e realizarmos o objetivo para o qual fomos fundados. Não deve ser que o ponto de apoio, o centro de gravidade nos falte. Não devemos ser como astros errantes, sidera errantia. Ninguém deve isolar-se e ninguém queira ficar com sua maneira de ver e pensar. O dia em que compreendermos e todos tivermos o mesmo centro de referências, a mesma idéia, o mesmo espírito, a mesma vida seremos fortes. É necessário que cada um de nós tenha um juízo bastante bom e que tenha um espírito suficientemente religioso para poder dizer: Quero ser um bom Oblato. É isto o que é preciso fazer para ser um bom Oblato!

Quando todos cantam em uníssono, o canto sai harmonioso e bonito. É isso o que vamos começar a fazer durante o retiro. E, mais uma vez, eu lhes asseguro, eu não desejaria ter outra platéia, outros padres, outros religiosos. Com outros não me sentiria tão à vontade como

na presença dos Senhores. Perceberia - tenho certeza disso - na maior parte deles, como uma repulsão, porque o espírito, a vontade, a mentalidade deles não seria igual à dos Senhores. Sejamos, pois, bons religiosos, bons Oblatos.

A que meio vamos recorrer primeiramente? Meus Amigos, antes de mais nada, façam uma boa Confissão. - Mas nos confessamos bem!... - Eu não estou dizendo que se confessam mal. Mas digo que não se confessam bastante bem e vou dar-lhes a prova disso. Os Senhores se confessam de pecados que cometem contra os mandamentos de Deus, mas talvez haja pecados muito reais, muito sérios que fazem e que não pensam em acusar suficientemente, por exemplo, contra a obediência, contra a pobreza, até contra a castidade. E se isso se torna um costume, os Senhores não se exporiam ao perigo de encontrar-se um dia numa situação muito perigosa, mesmo muito culposa? Leiam; encontrarão isso nos tratados de Teologia.

Não são religiosos? Não fizeram os votos? E o que são, então, - na sua opinião - a vida religiosa e os votos?... E os Senhores acreditam que é suficiente confessar-se como as pessoas do mundo sobre as faltas contra os mandamentos de Deus e da Igreja... Desejo que durante o retiro se reaprenda, se é necessário, o catecismo e a Teologia.

Os mandamentos de Deus e da Igreja, os Senhores os sabem e os praticam. Além disso, têm os três votos, têm os mandamentos da vida religiosa que obrigam todo o religioso da mesma forma como o decálogo obriga todos os cristãos. Uma falta grave contra o voto de obediência, de pobreza, de castidade não são pecados mortais? Consultem a todos os teólogos; eles lhes responderão. Dir-lhes-ão também que uma falta contra a virtude da pureza é muito mais grave, quando cometida por um religioso, por um homem consagrado a Deus. Se não se confessarem cuidadosamente de todas as faltas cometidas contra os votos, não se confessam suficientemente bem!

O primeiro remédio contra o estado de negligência - muito lamentável, tratando-se da vida religiosa - é, portanto, uma boa, uma muito boa Confissão de retiro. Precisam confessar-se com igual arrependimento de todos os seus pecados, seja dos que foram cometidos contra o decálogo seja dos que se fizeram contra os votos religiosos. E com o mesmo desejo de se emendar, com o mesmo propósito; sim, é preciso confessar-se de todos os pecados que tiverem cometido contra a pobreza religiosa, a obediência, a castidade. Se fizessem isso, seriam religiosos

melhores do que são, porque a graça da absolvição operaria, perdoadolhes todos esses pecados... Prestem muita atenção; esses pecados que parecem não afetar tanto a alma, no entanto, lhe causam tanto mal quanto os outros. Comprometem a salvação de forma igualmente séria. Se os Senhores lessem os anais das Ordens religiosas, se lessem São Bernardo, o que disse no Claraval, sobre religiosos negligentes que não observam sua Regra, então os Senhores reconheceriam a doutrina que estou-lhes apresentando. Se tomassem São Tomás, constatariam como, pelo contrário, ele coloca o religioso fiel nas categorias mais elevadas no Paraíso...

Ora, meus Amigos, somos religiosos. Devemos, pois, cuidar disso e zelar para examinar-nos e confessar-nos de todas essas faltas, e pormenorizadamente. Um certo número dos Senhores atendem as confissões das Visitandinas; reparem como elas se confessam bem e façam como elas. - Mas são Senhoras!... - Eu desejaria muito que fôssemos um pouco como elas nesse sentido. Gostaria muito que não tivéssemos menos coragem e menos energia do que elas. Não sabemos lutar sempre suficientemente. Elas, sim, lutam e são vitoriosas.

Confessemos-nos bem, portanto, de todas as faltas cometidas contra os votos, faltas - repito - que podem tornar-se graves e nos ocasionar a morte espiritual. Essas faltas, infelizmente!..., foram a origem da morte para diversas... Será que voltarão dessa morte? Atenção! São fatos que estou-lhes apresentando

Confessar-se-ão das faltas cometidas contra os votos, contra as Constituições, contra o Diretório. O Diretório, como sabem, conforme leram nas Constituições, é obrigatório para nós. Confessar-se-ão das faltas principais que fizerem contra isso, ainda que essas não lhes pareçam muito importantes. Observando bem o Diretório, tornar-se-ão verdadeiros e santos religiosos. Sem o Diretório serão seres que nem nome não têm. A qual categoria pertencem? Não à de Ordens religiosas, pois não observam nada da vida religiosa. Nem ao clero diocesano, pois não fazem parte do mesmo. Como se deverá chamá-los, pergunta o Apocalipse? Onde encontrar-lhes um nome?...Qual será sua fisionomia? O que é que são?... Acusem-se fielmente de suas faltas contra o Diretório.

Meus Amigos, aprendamos a confessar-nos bem. Amanhã vão confessar-se. Eu disse hoje de manhã que é muito conveniente que se escolha bons confessores em cada comunidade, que possam dar um valioso estímulo à vida religiosa. Eles têm um encargo dos mais importantes, pois têm nas mãos, de certa maneira, o destino e o porvir dos que se dirigem

a eles. Daqui em diante, repito, serão designados nominalmente os confessores para cada casa, conforme eu disse. Haverá o Superior, o Assistente; nas casas de membros mais numerosos, se indicará um terceiro. E esses confessores, salvo em caso de impossibilidade, serão escolhidos entre nós.

Vai-se a um outro confessor, como lhes contei hoje de manhã; e depois, num belo dia, alguém vem me dizer: - Não me sinto bem na Congregação... Um santo sacerdote, um santo religioso me aconselhou que eu deixasse os Oblatos... Sim, ele lhe aconselhou isso e, afinal de contas, tinha razão! Viu que o Senhor não tinha, nem na cabeça nem no coração, o que era necessário para ser Oblato, já que precisava andar às tontas, não compreendendo o benefício da sua vida de Oblato... O conselho dele está certo, nem tenham dúvida! Sim, que todos os que necessitam de conselhos semelhantes vão logo à cidade procurá-los. Terão só o que merecem: somente receberão o conselho que lhes cabe.

Confessem-se bem, meus Amigos, e amarão a sua vocação. Corrigir-se-ão de suas faltas, encontrarão a paz, a felicidade e a abundância na vida que empreenderam. Não são palavras aéreas; eu lhes digo o que tenho visto e experimentado. Pode haver alguém mais feliz do que o Oblato que pratica o Diretório? O Bom Deus está com ele. Naturalmente, ele tem dificuldades; sempre as há; e tanto mais terão quanto mais quiserem pertencer ao Bom Deus. O diabo os tentará tanto mais e tanto mais serão abandonados e criticados pelos homens. Mas o Oblato está feliz no seu interior, porque está com Deus. Não precisa de criaturas; o que ele tem supera toda a criatura. E o Bom Deus trabalha com ele e conduz almas a ele, as quais deve dirigir e sobre as quais terá a graça de uma santa e eficaz influência.

Portanto, recomendo a todos os nossos confessores para que se apliquem com muito cuidado às suas funções; quando o penitente não se acusar, que se interrogue sobre os votos, as Constituições e sobre o Diretório. Eu lhes disse hoje como devíamos confessar-nos. Amanhã lhes direi como devemos confessar os outros. Mas nós mesmos devemos formar o costume de confessar-nos em profundidade. Por que não observa bem a sua Regra? Por menosprezo, por presunção... Digam-no na Confissão... Por que é infiel? Por falta de energia... Digam-no. Por que outros em volta cometem faltas... por respeito humano e sedução... São Francisco de Sales lhes dirá: Os Senhores são meus filhos. Percorram tudo o que escrevi... Será que uma única vez dei o exemplo dos outros como fundamento

das virtudes, como motivo das ações que eu prescrevia? O que sempre e tão-somente pedi foi que cumprissem a Vontade de Deus, expressa nas Constituições, no Diretório...A Vontade de Deus, é só isso o que se deve fazer. Se o seu vizinho a cumpre ou não, não tem importância! Isso não lhes diz respeito. O Senhor não depende do seu vizinho. Escute só o que lhe digo.

O antigo secretário de Dom Mermillod, Padre Clemente, que era Beneditino, chamou minha atenção a isto: São Francisco de Sales quer o homem inteiramente livre, independente de toda a influência. Deve acolher em sua alma uma só influência, um só raio de luz: o da divina Majestade e Bondade. Nada, portanto, é mais livre e mais independente do que o Oblato; mas nada também é mais pessoal. Sejam o que devem ser, mas não o sejam forçosamente. Não o sejam porque obedecem a tal conceito mais ou menos mundano, mas porque obedecem a Deus.

Nada de desculpas, meus Amigos!... Essas são as duas tábuas da lei para os Senhores: os mandamentos da vida cristã, escritos sobre uma, e os mandamentos da vida religiosa, na outra. Ao redor dos Senhores, a lei de Deus é pisoteada...; ambas as tábuas estão atiradas no chão... O povo se tornou incrédulo. Religiosos em demasia talvez sejam infiéis... Os Senhores, meus Amigos, levantem essas duas tábuas com solicitude, apertem-nas no coração e cumpram-nas com amor.

Não esqueçamos, durante o retiro, a Boa Madre Maria de Sales. Os que a ela rezarem com fé e confiança compreenderão tudo o que ela disse e tudo aquilo que eu lhes exponho. Essa doutrina é louvada, aprovada, declarada boa pelos teólogos, pela própria Santa Igreja. Acertamos valiosamente ao avançarmos por esse caminho. Amém.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

TERCEIRA PALESTRA

A CARIDADE

Ontem à noite, meus caros Amigos, eu lhes disse que não nos confessávamos bastante bem, porque não acusávamos suficientemente as nossas faltas contra as Constituições, contra o Diretório, contra os votos. Estes, especialmente, são para nós uma obrigação imperiosa. Se

não os cumprimos devidamente, se não nos confessamos bem disso, podemos expor a alma ao perigo de pecado grave. Acrescento ainda, neste contexto, que pecamos quando vamos de encontro às diversas obediências que nos são dadas pelos Superiores das diferentes casas para o bom andamento dos estudos ou outra finalidade; a obediência é uma virtude cristã e religiosa, e desobedecer é cometer um erro.

Hoje lhes farei também a repreensão de não se confessar bem de certas faltas que nos passam despercebidas, e são a origem de numerosas falhas podendo ocasionar até - se a gente não cuidar bem - a ruína da Congregação. O Espírito Santo diz que a gente deve acautelar-se das raposas pequeninas que devastam a vinha do Senhor (cf. Ct 2,15). Há uma quantidade de faltas que se cometem contra a Caridade e que realmente estragam a vinha do Senhor. É importante que nos demos conta desses defeitos e precisamos acusar-nos disso suficientemente. Isso talvez seja, entre nós atualmente, o grande mal que mina a vida da comunidade, que lhe tira a energia e também o renome e os meios de ação. Não podemos dar-nos conta - pelo menos cada um individualmente - do mal que se origina dessa falta de caridade. No entanto, ela chama a atenção e me é comentada. Todo mundo diz que, a respeito disso, uma reforma se torna imperiosa; e quase todo mundo comete o mesmo pecado. Até fora se percebe isso e a gente o constata. Bastam umas palavras imprudentes para espalhar isso para fora e dar à Congregação - não sei como expressar-me - uma aparência desfalecida, um aspecto de nulidade, de miséria que inspira, não compaixão, mas afastamento.

Não quero fazer-lhes um sermão sobre a caridade, mas quero dizer-lhes que ela é para nós uma obrigação muito séria. Afinal, o que somos? Oblatos de São Francisco de Sales. Ora, não temos grandes mortificações ou penitências austeras, que todos os religiosos devem fazer e observam. O bom Padre Capuchinho, que foi encarregado de fazer a revisão final de nossas Constituições, constatou, de certa maneira informado, essa ausência de mortificações exteriores: - Afinal de contas, esses Oblatos não são religiosos. Todos os religiosos fazem penitência, jejuam!... Não posso aprovar e assinar isso!... O venerável Presidente da Comissão assumiu a nossa defesa. - Se os Oblatos - disse ele - observarem bem suas Constituições, creio que farão tanto quanto os Capuchinhos com seu jejum! E eu acrescento que jejuarão mais, pois, de todas as penitências, uma das mais árduas, das mais difíceis é não reagir quando se é ofendido, incomodado, quando não se agüenta mais; é não

desculpar-se. Essas são certamente mortificações dez vezes maiores do que privar-se de um pedaço de pão ou um copo de água. Nossa penitência é observar a nossa Regra.

Pois bem, meus caros Amigos, a nossa Regra é toda caridade, é toda condescendência, é toda delicadeza para com o próximo. Encontra-se, nessas práticas freqüentes de caridade, o com que satisfazer à Justiça de Deus. Todo o religioso tem a missão de satisfazer à Justiça divina com Jesus Cristo. Ele deve trazer em si a mortificação de Nosso Senhor: *Semper mortificationem Christi circumferentes* (cf. 2 Cor 4,10) (sempre trazendo a agonia de Cristo). *Adimpleo ea quae desunt passionum Christi* (cf. Col 1,24) (completo o que falta das tribulações de Cristo). Nós também trazemos essa agonia de Jesus Cristo e fazemo-la presente na fidelidade às Constituições e, especialmente, na prática da caridade. Daí, se não praticarmos de forma especial a caridade, onde estão nossas mortificações, nossas penitências? Em que se manifesta que somos religiosos? O que fazemos que não façam até os piores seminaristas e os Párocos menos fervorosos?

É imprescindível, portanto, praticarmos a caridade e praticá-la para com todos, tanto em relação aos de casa quanto aos de fora. Precisa-se praticá-la para com os estranhos como também para com nossos irmãos, com a comunidade, com todos os que vivem conosco, com nossos alunos, com as almas que vêm a nós para a Confissão, para a direção espiritual. Importa praticá-la nas diversas obras das quais somos encarregados.

Essa mortificação é muito produtiva; ela opera na Igreja maravilhas maiores que todas as mortificações exteriores que se possa praticar. Que vantagem tem o próximo, se eu me privo de um pedaço de pão? O que ganha ele com isso? O Senhor é bom, condescendente, obsequioso, realiza práticas de caridade; não somente o Senhor mesmo, mas todos ganham com isso; a graça acompanhará suas palavras e seus atos e os fará surtir efeito.

Este retiro comunique a todos o desejo e a vontade de ingressar nesse caminho. Salvaremos assim a Congregação; comunicar-lhe-emos realce frente à Igreja; dar-lhe-emos uma força incomparável. Em nenhuma outra parte, de fato, a caridade poderá ser exercida melhor, pois essa prática faz parte essencial de nossa vida, de nossas obrigações.

Vou dizer-lhes mais uma vez o que já contei em muitas oportunidades. Há muito tempo, bem no início, eu estava totalmente desanimado

referente às Oblatas. Tanto em relação ao mundo fora quanto entre elas mesmas havia todo o tipo de provações e problemas. Eu estava disposto a largar tudo. A Irmã Maria Genoveva me diz um dia... (Olhem, eu não lhe tinha dito nada; ela não era minha confidente, e a gente não faz essas confidências a ninguém.) Ela, pois, me diz à queima-roupa: - O Senhor vai abandonar as Oblatas? Não deve fazê-lo. - O que é que a Senhora diz, Irmã? - Sim, o Senhor não quer mais ocupar-se delas. Deve continuar, pois o Bom Deus as fará realizarem coisas boas. Serão muito úteis. - Mas então, Irmã, a quais meios recorrer? - Talvez, se o Senhor as levasse a fazerem o voto de caridade... É o que fiz. E quase imediatamente em tudo restabeleceu-se a ordem. Os sacrifícios que elas faziam - e é preciso fazer sacrifícios para observar a caridade - atraíam bênçãos. As Oblatas têm continuado fazendo o voto de caridade. Todas as pessoas que vêm visitá-las saem edificadas. A Congregação delas tem uma boa reputação; goza de bênçãos muito especiais. Isso se deve - estou convencido disso - especialmente a seu voto de caridade. Por que os Oblatos não fariam como as Oblatas? Se todos nós pudéssemos decidir-nos a fazer esse voto!... O Bom Deus enviaria a nós também nosso pão de cada dia. Daria à Congregação o realce de que precisa.

As outras Congregações não estão comprometidas da mesma forma com a caridade como nós. Um dia eu visitei um bom Trapista que me falava de seus coirmãos com grande liberdade de expressão. Quanto ao Mestre de noviços, me contou certas coisas que me pareciam muito fortes. Mas observem o seguinte: são pessoas que não comem e não dormem; precisam de uma grande liberdade de pensamento e de palavra. Têm necessidade de expressão livre. É importante que possam dizer tudo o que lhes passa na cabeça, senão explodiriam. Não poderiam conter-se. Se nós o fizéssemos, certamente não teríamos as desculpas como esse bom Padre Trapista.

Dediquemo-nos à prática da caridade. Meus Amigos, se o Bom Deus nos concedesse essa graça, que felizes seríamos! Tornar-nos-íamos bons e santos religiosos, e as graças e bênçãos acompanhariam todos os nossos passos.

Pode-se realizar isso? É possível? Por que não nos dedicáramos a isso? Cada um dos que nos vêm de perto sairia dizendo: "Isso é muito bonito!" Repetiriam a palavra que o Papa Leão XIII me disse. Eu lhe falava sobre a Boa Madre: - Santo Padre, a Madre Maria de Sales não faltou em nada contra a caridade para com o próximo. Pelo contrário, embora sendo Superiora a formar mais Irmãs, era sempre sumamente deli-

cada, caridosa e devotada... - Isso é excepcional! - disse o Papa. - Isso é a santidade.

Precisamos chegar a isso, meus Amigos. Mas qual o meio de que valer-se? Seria necessário pôr um pouco mais de devoção em nossa vida. Devoção a quem? A Nosso Senhor, a seu Sagrado Coração, a sua Vontade divina. Precisar-se-ia um pouco de teologia de devoção. Seria mister reler e meditar o começo do Evangelho de São João: Omnia per ipsum facta sunt, et sine ipso factum est nihil quod factum est (Jo 1,3) (Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito de tudo o que existe). Tudo foi feito pelo Verbo. Queiramos bem o que o Verbo fez. Reconheçamos em cada próximo o que o Verbo fez. Sempre há alguma coisa do Verbo, uma pequena emanção do Verbo; essa amaremos e protegeremos. Essa luzinha, como diz o Evangelho (cf. Mt 12,20), não apagaremos com um sopro. Omnia per ipsum facta sunt (Jo 1,3) (Tudo foi feito por meio dele)... Essas palavras me lembram um episódio de minha infância. - Estou falando, repetindo diversas vezes - Sendo seminarista bem jovem, eu tinha escrúpulos... Eu estava passando pelo jardim com um amigo meu, um santo jovem. Ele arranca uma flor e a leva a seus lábios. - Isso não é ser mortificado. - eu lhe disse. - São Luís Gonzaga não teria feito isso: cheirar uma flor!... - Eu não olfatearia - ele me respondeu. - Eu a beijei. Não está no Evangelho: Sine ipso factum est nihil quod factum est (Jo 1,3) (Sem ele nada foi feito de tudo o que existe)? Eu estou contente, levando a meus lábios alguma coisa que o Verbo fez... Ele tinha razão, meus Amigos; era realmente um santo jovem... Gostava do que o Bom Deus fizera; queria prestar homenagem a Nosso Senhor. Nós aproveitaremos esse pensamento para nos ajudar a amar o próximo. Onde conseguir a força e a coragem a não ser no próprio centro da vida do Salvador, isto é, no seu Coração? Sejamos devotos a esse Coração, meus Amigos.

Se eu tivesse tempo para dizer-lhes o que a Boa Madre me inspirava nesse sentido, e como ela sabia atrair a alma e introduzi-la nos mistérios do divino amor... Ela chamava isso percorrer as diversas moradias do Coração do Salvador.

Entra-se primeiro por meio de algumas renúncias que o Salvador solicita; avança-se mais por certas complacências, pela fidelidade ao que o amor pede; mas não se penetra totalmente senão ao oferecer o amor para com o próximo. E aí se fica, nessas moradias misteriosas, habitações muito reais, que preparam para a grande morada do Céu. Desta são

como o vestibulo e dela oferecem um antegosto. Acolhamos essas idéias, meus Amigos; a caridade será imprescindível.

Meditarão, portanto, sobre a caridade; mas não será ainda o meio eficaz. Os Senhores vão procurar a caridade no Coração de Nosso Senhor. Somente ali encontrarão a força e a coragem necessárias. Será que praticamos a caridade dessa maneira? Cada um de nós, no fim de sua Confissão do retiro, diga ao seu confessor: "Padre, o Senhor não me permitiria fazer o voto de caridade" Para três meses, seis meses ou por um ano?" Depois pedirão licença para renová-lo. Se fizerem isso, meus Amigos, serão Oblatos, serão santos. - Puxa! Santos?... Por quê?... Pois ser santo é difícil; e isso também custa muito, muitíssimo... Vamos confessar-nos com muito cuidado, no futuro, de nossas faltas contra a caridade para com o próximo. Iremos procurar a caridade no Coração de Nosso Senhor. Exercitá-la-emos. Prepararemos essas práticas com muito cuidado, na meditação matutina. Diremos: Hoje vou encontrar tal pai, aquele aluno, determinada pessoa. Tenho esta reunião, aquele ministério. Desagrada-me por completo a pessoa com quem terei que tratar: caráter, temperamento, aparência. Faça-o para o Salvador. Serei o que devo ser. Farei esforço para dominar minhas impressões. Empenhar-me-ei para ver esse próximo no Salvador.

São Bernardo dizia a seus noviços: Encarem sempre o próximo como observam os peixes. Enxergam-se os peixes sempre através da água. Nunca olhem o próximo a não ser através do divino Salvador, para que, vendo-o todo envolto em graça e amor, os Senhores se deixem penetrar por divinas impressões. Através do Salvador!... Seremos devotos, em boa parte por causa disso... Os Senhores vão confessar-se; confessem-se bem! Juntos fizemos o exame. O seu confessor os ajude valiosamente para tirar as últimas conseqüências; ele os anime e os leve a fazer o voto de caridade. No dia em que cada um de nós tiver feito bem esse voto - venho repetir-lhes isso já umas cinquenta vezes; perdoem-me, meus Amigos - veremos realizado o que a Boa Madre, no leito da morte, teria gostado de enxergar. "Ver-se-á," ela disse, "o Salvador caminhar pelo mundo... Eu teria gostado muito de ver isso... Oh! que lindo seria!..." A Boa Madre, meus Amigos, sempre me disse a verdade. Ora, observando a mim mesmo e reparando os Senhores, eu não vejo que isso seja agora já tão bonito! "A Senhora, então, me enganou, Boa Madre?" Não, eu acredito que no dia em que todos assumiremos esse caminho a que me referi, a profecia da Boa Madre se realizará. Compreendamos isso. É essa a nossa

vocação. Todas as almas que tiverem muito amor a Deus, quererão bem os Oblatos. Todas as pessoas que procurarem sinceramente pertencer a Deus, virão de bom grado aos Oblatos. Todos os dias, meus Amigos, - acreditem-me - recebo provas disso. A gente julga que os Oblatos... são realmente Oblatos!... Quando e como chegarão a isso? Pela santa e divina caridade. Já que estamos tratando destas coisas, vou fazer uma observação. O que prova que nos falta alguma coisa é o fato de que nossos Padres longínquos são mais caridosos; são mais unidos entre si do que nós. As cartas que recebo o mostram claramente. Hoje recebi uma carta de Pella, contando que Padre Sollier acabou de fazer sua Profissão. Essa carta é muito bonita e me tocou profundamente. Ela indica a profundidade do espírito e da vida religiosa que existe entre nossos Padres do rio Orange e a dimensão de sua união e sua caridade. Eles sofrem mais do que nós; a vida deles é mais penosa; eles se apegam mais entre si, como acontece na ponte de um navio em perigo. Seguram-se pelas mãos para não cair. Seu bem-querer, sua dedicação mútua é maior do que entre nós. No entanto, aqui em Troyes, formamos o centro, o polo, o eixo ao redor do qual tudo deve girar. Nós devemos dar o impulso e o exemplo.

Realmente nos falta alguma coisa; isso se sente. Vamos, pois, ocupar o nosso lugar corretamente, dedicando-nos à nossa tarefa, à nossa santificação pessoal e à da Congregação. Temos uma incumbência a cumprir na Santa Igreja; situemo-nos bem no lugar que nos corresponde. Salvemos a caridade entre nós! Sejamos religiosos! Sofreremos, padeceremos, faremos penitência, não só por um determinado número de mortificações isoladas, mas nossa vida será uma penitência contínua; estaremos constantemente sob o jugo e carregaremos animadamente os cargos uns dos outros. Com isso, todo mundo agirá corretamente. Essa cruz, meus Amigos, a gente acaba querendo-a bem. A gente a quer nas circunstâncias penosas, oriundas disso ou daquilo. Termina-se, amando também o que nos ajuda a ir para o Céu, aquilo que põe à nossa disposição um verdadeiro tesouro, talentum auri (um considerável peso de ouro), com o qual compraremos a vida eterna, pois a isso nos leva.

Peçamos à Boa Madre que nos envie a cada um de nós uma parte dessa graça tão maravilhosa que o Papa Leão XIII admirou nela: "Isso é excepcional!..." Só então teremos verdadeiramente uma comunidade, uma Ordem religiosa especial; ocuparemos um lugar, um lindo lugar na Santa Igreja e, mais tarde, ao lado do Salvador no Céu. Assim seja.

QUARTA PALESTRA

A CARIDADE PARA COM OS SUPERIORES - A MORTIFICAÇÃO

Amanhã teremos a Missa fúnebre em sufrágio da Senhora Trouset. Ela tem sido uma das grandes benfeitoras de 'São Bernardo'. Prometemos-lhe lembrá-la junto a Deus; sustentaremos a nossa palavra.

Meus Amigos, animem-se bem. O retiro sempre é penoso. Custa-nos mudar os costumes. Não temos mais a alimentação habitual, nem os exercícios costumeiros; não estamos em casa. Não dispomos de nada daquilo que normalmente nos rodeia. A seqüência sacrificante dos exercícios do retiro, a vida a sós, a solidão, a aceitação daquilo que o Bom Deus permite e a resistência que o diabo insinua, o trabalho, o sofrimento: esse é o retiro. Sejam corajosos. Importa considerar o benefício que esse padecimento traz consigo. Primeiramente obterão o perdão de suas faltas. Para tanto, é só acusá-las; o sacrifício que se impõem ao acusá-las não é tão difícil. A pena, o sofrimento físico ou moral que acompanharém isso durante o retiro são valiosamente meritórios aos olhos de Deus.

Hoje de manhã lhes falei sobre a caridade para com nossos irmãos e esta noite quero dirigir-lhes a palavra sobre o amor diante da Congregação e para com os que a dirigem: o Superior Geral - mais tarde teremos Superiores Provinciais - e os Superiores locais. Acredito que nisso também há um exercício meritório, muito meritório. Um exercício que talvez não toque tão de perto o coração quanto as relações, as fricções diárias com os irmãos, mas que, no entanto, proporciona a oportunidade de oferecer a Deus muitos sacrifícios e leva a vontade, o juízo e as ações a se submeterem incessantemente. Tudo isso normalmente é difícil. É necessário que a nossa caridade envolva e englobe isso.

Reparem o que dizem as Constituições: **Ninguém causará o mínimo prejuízo para a reputação dos Oblatos, sobretudo referente aos Superiores. Evitar-se-á toda a censura e todo o descrédito no que diz respeito ao que se faz na Congregação.** (XXI,10 - 1898)

Isso não é só um conselho piedoso, mas uma lei. Comprometeram-se a observar as Constituições; é isso o que dizem as Constituições. É necessário, portanto, observá-lo.

Muito freqüentemente, meus Amigos, quando não se pensa nisso,

considera-se a pessoa do Superior sob o aspecto da sua autoridade. A pessoa não é nada; seu caráter, sua maneira de agir não são nada... Não combina com o seu gosto?... Que diferença faz? O próprio Deus será que faz tudo conforme o desejo de todos? Será possível encontrar um Superior que não desagrade às vezes à opinião, ao parecer dos Senhores? A Constituição lhes diz: Não se queixem, não murmurem. Isso é proibido. Será que o Superior - quem quer que seja - terá a pretensão de acertar melhor que todo mundo, melhor que todos os seus irmãos? Isso seria absurdo. Certamente, não é mais perfeito do que qualquer outro. Sua maneira de agir depende do seu caráter, do seu temperamento. Sempre, em tudo o que ele fizer, se perceberá esse caráter e esse temperamento. Importa obedecer e sujeitar-se porque a Constituição o manda. Não se deve obedecer ao Superior porque ele fala bem, porque ele tem razão, mas porque se deve obedecer-lhe. Os verdadeiros religiosos fazem isso. Na Visitação de Troyes, durante 40 anos, eu não encontrei o mínimo pensamento de censura contra os Superiores. Entretanto, há três religiosos - eu acho - que formaram uma exceção. Uma morreu doida numa casa de saúde; a segunda era epilética; a terceira foi enviada pelo Bispo para uma outra casa, um hospital. A não ser essas três cabeças, não vi outras contrariarem a obediência aos Superiores... Quando se compara isso com o que acontece entre nós!... A proporção talvez seja a mesma, mas no sentido inverso, trocando os papéis: três obedientes entre quarenta... Devo dizer-lhes claramente a verdade!...

"Mas as Visitandinas são senhoras; é mais fácil para elas obedecer do que para nós..." Os Senhores conhecem o ditado antigo: Quando quiserem encontrar maus caracteres, quando quiserem ouvir queixas e discussões, vão a um convento de senhoras!... Poucas comunidades escapam dessa miséria. Mesmo assim sustento o que vi na Visitação de Troyes.

Se quiserem ser Oblatos, é preciso mudar isso. Nenhum Superior tem o direito de dizer: Obedeçam, porque tenho mais juízo e experiência do que o Senhor. Além disso, ninguém terá jamais a pretensão de fazer isso. Mas o Superior dispõe certamente da graça de Deus, recebe uma ajuda toda especial para exercer sua função e dar ordens. Isso não podem negar e não podem ignorar. O Superior tem necessariamente a luz. Deus a deve a ele, não aos outros. Ele manda em nome da Vontade de Deus. Este não o abandona; e o que ele diz é necessariamente a Vontade de Deus para aqueles a quem ele fala. É preciso saber isso, meus Ami-

gos, e é preciso acreditá-lo.

Examinem-se ainda em relação a isso. Façam firmes propósitos a respeito. Reparem o que acontece entre os Padres Jesuítas: nas conversações deles, os Senhores nunca ouvem algo contra os Superiores, contra seus irmãos, contra a Congregação... Não por isso acredito que, no fundo, bem no fundo, eles sejam mais caridosos do que nós. Olhem, meus Amigos, não quero rebaixá-los... Há tanta caridade entre nós, de fato, - eu acho - quanto existe em três quartos das Congregações existentes. Mas - como lhes disse hoje de manhã - a caridade é para nós, Oblatos, uma obrigação especial. Por isso, a nossa deve ser muito maior do que a de todos os outros. Continuemos com essa caridade, a partir dos nossos irmãos, estendendo-a aos nossos Superiores. Os que agem em espírito de fé o farão. É como na direção da Igreja: uma ordem vem do Papa; a gente precisa submeter-se a isso. Discutir seria pelo menos impróprio, senão culpável. E, além disso, não serviria para nada. É preciso, portanto, em nossos propósitos, em nosso voto de caridade, incluir especialmente a caridade para com os Superiores.

Mas, Padre, então nós somos párias! Párias desse tipo são raros, meus Amigos! Acho, pelo contrário, que é preciso ter descendência nobre para ter no sangue esse princípio, esse espírito. É simplesmente heroísmo: Meu Deus, eu me entreguei cegamente à Congregação. Mas essa ligação não lembra a corrente que São Paulo desejava para todos os que amam a Cristo?

Façam isso presente no seu voto de caridade, quando o fizerem. E se, pela graça de Deus, a Boa Madre passasse por aí, ela se alegraria e diria com toda verdade: Oh! como é bonito agora!... Sendo que estamos nos examinando e começamos a ver o que não devemos fazer, continuemos.

Recebo de diversos Superiores das nossas casas, de vários membros do Conselho, verdadeiras avalanches de repreensões, porque não proíbo fumar. Um Superior me escreve: Devemos representar a Nosso Senhor. Será que Nosso Senhor fumava?... Lembro-me que um dia eu vi, na casa paroquial de uma aldeiazinha de uma região vizinha, um cabide próprio para cachimbos pendurado na parede, com uma série de lindos exemplares, em meio a quadros de santos, de ladinho um bonito de São Pedro... Se eu seguisse minha opinião pessoal, eu não eliminaria por completo o fumo. É uma pequena fraqueza, sem dúvida..., mas não desprezo tanto o fumo quanto alguns dos nossos Padres... No entanto, já que se reclama, proíbo fumar sem licença explícita. Se a gente acha ter uma

razão para fazê-lo, que se peça permissão. De outra forma, proíbo-o formalmente. Que diferença haverá entre nós e os Padres diocesanos, se nos acostumamos como eles a fumar, se nos vulgarizarmos a ponto de tornar-nos semelhantes às pessoas do mundo? E, além disso, não é necessário que nós pratiquemos a mortificação? Façam esta, então, de não fumar. Se não querem mortificar-se em nada, não valia a pena tornar-se religiosos.

Mas, dirá alguém, e os missionários? Sim, os missionários têm licença de fumar. Quase não é possível para eles fazer de outra forma: a temperatura, a saúde, a solidão... Quando voltam à França, eles cuidam de esconder-se como faz o bom Dom Simon... Escondam-se bem, portanto, se não fumar lhes dá dor de cabeça, senão, é melhor não fumar de forma alguma.

Reclamam também contra certos abusos. Há quem sai para jantar na cidade... As Constituições são explícitas nesse particular; não adianta discutir. É absolutamente proibido jantar na cidade, participar duma festa ou diversão, sem permissão expressa que não poderá ser dada a não ser por motivos sérios. A quem compete dar essa permissão? Na cidade onde reside, o Superior Geral; cabe a ele de direito. É também a ele que se deve recorrer todas as vezes que o motivo parece não ser muito urgente ou se a ocasião se repete de vez em quando.

Nos casos em que essa razão de maior importância se apresentar fora de Troyes, quando um motivo grave, uma circunstância excepcional surge, sem que haja qualquer inconveniência; também quando se for prestar um serviço a um Pároco, celebrar uma Missa solene, e ele os convida para almoçar, cabe ao Superior local julgar, dando a permissão, se a consciência dele o aprova, ou - em caso de dúvida - recorrer ao Superior Geral, ou se a circunstância há de se repetir.

Devo proibir ainda uma falta que não se dá mais, que, no entanto, se cometeu às vezes em vários lugares. Tinha-se percebido, em diversas ocasiões, que certos Padres tinham, em seu armário, garrafas de licor e se permitiam tomar isso a gosto e até oferecer aos seus coirmãos. Isso é proibido. O Superior da casa é obrigado em consciência de tirar do quarto, de quem quer que seja, toda a espécie de licor. Se a saúde de um religioso precisa absolutamente de algo desse tipo, cabe ao Superior dar a licença de tomar o necessário, mas não no quarto. Se, portanto, se trata de um verdadeiro remédio, de extrato de eucalipto, por exemplo, pode-se permiti-lo, mas licor não.

O que mais devemos evitar? A Constituição proíbe contatos frequentes com senhoras, sob título qualquer, seja por motivo de direção espiritual seja de saúde seja de parentesco. É da alçada do Superior examinar o caso e, se ele tiver algum receio, opor-se a esses contatos. Nenhuma mulher deve jamais entrar no quarto de um religioso. As visitas frequentes ou prolongadas na sala de visitas, sobretudo fora de casa, são proibidas. É da responsabilidade do Superior que isso seja observado. **Exporão ao Superior**, dizem as Constituições (VII,4 - 1898), **os motivos que os obrigam a entrar em contato com pessoas do outro sexo, quer religiosas quer pessoas do mundo, e conformar-se-ão à obediência recebida, tanto relativo ao tempo quanto ao modo dessas comunicações.**

Tomemos cuidado disso, meus Amigos. Todos os frutos que se desprendem da árvore e caem no chão, o fazem por motivo de infrações nesse sentido. Pobre do religioso que se deixou arrastar por essas afeições insensatas!... É um pecado original que ele leva consigo todo o resto de sua vida. Sempre lhe ficará alguma coisa, alguma mancha, algum rasgo em sua veste sacerdotal, em sua veste religiosa. É da obrigação do Superior de cada casa - repito - vigiar cuidadosamente, sem ter medo de ultrapassar os seus direitos; esses direitos devem ser exercidos com caridade e justiça, em prol do próprio religioso e em benefício da Comunidade.

Graças a Deus, meus caros Amigos, as proibições que expressei não atingem, atualmente, nenhum dos nossos Padres em particular e, menos ainda, ninguém dos que estão aqui; é uma satisfação constatar isso. Mas é preciso cuidar-nos e garantir-nos. Temos um temível inimigo à frente: leo rugiens quaerens quem devoret (1 Pd 5,8) (um leão a rugir, procurando quem devorar). Meus Amigos, o diabo é muito hábil: só lhes digo isso. Não posso dizer-lhes tudo o que penso a esse respeito, nem tudo o que sei... Mas vale a pena repetir: Cave canem (cuidado com o cachorro)! Todo mundo preste muita atenção e os Superiores vigiem todos e tudo. Apelo à consciência deles. Conto absolutamente com eles para que cuidem da observância desse ponto.

Só mais uma palavra. Por amor a Nosso Senhor crucificado, por amor ao Salvador que vivia como pobre, que passava sede, que sofria fome, cujos Apóstolos precisavam esfregar espigas de trigo nas mãos para matar a fome, eu gostaria de ver entre nós uma verdadeira mortificação. Será preciso, então, privar-se do necessário? Não. Será necessário não comer conforme o apetite? Tampouco. Como fazer então? Ofereceremos ao

Bom Deus o que na comida nos agradar mesmo. E quanto mais gostarmos, não sairemos nunca da mesa sem ter feito alguma mortificação, sem ter-nos privado de alguma coisa.

Sabem o que acontece, meus Amigos? A tentação chega e ela é violenta. É como um relâmpago. Até aonde os levará? Os Senhores são mortificados? Deus estará aí e não os deixará cair na tentação: "et ne nos inducam in tentationem"... (não nos deixeis cair na tentação). Cortaram o prazer de uma satisfação; sobrevém a tentação. Vai levá-los de arrasto, parece, tão forte ela é! Não, ela não seguirá seu curso. É parada como uma onda diante de um dique, porque os Senhores praticam a mortificação. Leiam as Constituições. A castidade lhes é prometida, se forem mortificados, se se privarem de algumas satisfações que poderiam permitir-se. Isso acontece automaticamente. O que se tira de um lado, diminui-se do outro simultaneamente.

Meus Amigos, permitam-me dizer-lhes essas coisas. Seria tão bonito, tão bom, se fizéssemos isso em união com Nosso Senhor. Em cada refeição, sentemo-nos perto do Menino Jesus, de Jesus jovem, na casinhola de Nazaré. Comamos como ele o pão da pobreza; comamos os alimentos da miséria. Façamos isso e encontraremos abundantemente tudo o que precisamos para enfrentar generosamente toda a luta, todo o combate. É tão bom sentar-se perto dele à mesa, trabalhar no mesmo serviço, assimilando os mesmos sentimentos, ao observá-lo e fazer como ele próprio fazia.

O que faz entender as coisas bonitas da Teologia ou da Sagrada Escritura? É exatamente essa maneira de agir. Reparem São João Evangelista. O que revelou a São João os mistérios inefáveis que ele nos desenvolve no seu evangelho, os mistérios da geração divina e os mistérios da intimidade do homem com Deus? Tratava-se do discípulo que Jesus amava. Façamos como São João: comamos com Jesus, bebamos com ele, trabalhe-mos com ele. Assim cumprimos o desejo da Boa Madre Maria de Sales. E tudo o que pudermos desejar, nós também o alcançaremos por esse meio.

Mais uma vez, meus Amigos, queiramos bem as nossas Constituições, essas correntes que nos ligam a Nosso Senhor. Amemos essas mortificações que unem nossa vida à dele. A nossa respiração se misture com a dele; que as batidas do nosso coração pulsem em unísono com as do Coração dele. Esse é o mistério da vida dos santos; eis o mistério da vida religiosa; está nisso o segredo de que fala o Apocalipse; é o li-

vro selado com sete selos (cf. Ap 5,1). Um selo é uma coisa não muito agradável. Quando um selo fecha um livro, não se pode lê-lo! Quando um selo está na porta de uma casa, não é possível entrar! Mas sob este selo se encontra a vida, a luz... Assim é a vida religiosa. Sim, toda a revelação da vida religiosa, da santidade, toda a união da alma com Nosso Senhor. Então, como dizia a Boa Madre Maria de Sales, não podemos imaginar as conseqüências para nós da mínima ação nossa realizada nesse espírito. São um mistério e um tesouro incomparáveis. Jesus nasceu, viveu, sofreu e morreu: nossos atos religiosos são a continuação ininterrupta desses mistérios da vida do Salvador. Isso é tão verídico que São Paulo se exclamou: Vivo jam non ego, vivit vero in me Christus (Gl 2,20) (Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim). Todos os exercícios da vida religiosa que realizamos conduzem para lá infalivelmente. Vale a pena empenhar-se para chegar a isso.

Mais uma vez, meus Amigos, tenham muita coragem; quanto mais sofrerem, tanto mais méritos também terão. E quanto mais derem, tanto mais receberão. Assim seja.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

QUINTA PALESTRA

O CREDO DA BOA MADRE

Meus caros Amigos, somos Oblatos de São Francisco de Sales: temos um nome próprio e uma maneira de agir particular. Não é nós que inventamos e ordenamos isso. Dom de Ségur veio um dia a Troyes, e eu lhe disse: - Seria muito conveniente que houvesse Sacerdotes de São Francisco de Sales... - Meu amigo, o Senhor quer ser fundador? - Não, Senhor Bispo, mas o Senhor compreende o que disse a Boa Madre... - Tem plena certeza de que a Boa Madre seja uma santa? - E o próprio Senhor Bispo tem? - Oh! sim. Estou totalmente certo! Escute. Para começar uma comunidade, é preciso ser santo. Se uma comunidade inicia com as idéias de um fulano qualquer, isso não vingará. Comece com a Boa Madre Maria de Sales; isso, sim, dará certo. Avance sem medo!...

Hoje de manhã, meus Amigos, desejo fazer com que conheçam bem a Madre Maria de Sales. Desejo fazer-lhes ver claramente como ela é nossa mãe e como nós somos os seus herdeiros. Eu gostaria de introdu-

zi-los naquilo que é nosso terreno, nosso patrimônio, nosso tesouro particular, para que compreendamos que devemos conduzir-nos como os filhos da Boa Madre, devendo viver o seu espírito ao fazermos o que ela desejou. Um certo número de pessoas dentre nós não entende bem isso; uma boa parte o compreende. Escutem o que dizem os que não o entendem: Os Oblatos de São Francisco de Sales são como as outras Congregações. A Madre Maria de Sales é uma santa como qualquer outra... Olhem! Pode-se formar um Oblato com isso? Não mais do que se poderia formar um Jesuíta com um noviço que não considerasse sua Companhia como o que há de melhor no mundo...

É necessário que os Senhores sejam os filhos da Boa Madre. É imprescindível que a compreendam e apreciem. Devem interessar-se por ela. Precisam ser os herdeiros e os propagadores da doutrina dela. À primeira vista, a doutrina da Boa Madre não parece ter muita importância para a direção espiritual, para a pregação, para a compreensão da vida religiosa e da vida cristã. Não se enganem! É da maior importância. E se não derem valor a essa doutrina, nunca serão Oblatos de São Francisco de Sales.

Não pretendo dar-lhes um curso de Teologia, mas é necessário que tenham idéias precisas e claras sobre este tema. Quantos dogmas principais constam no Credo? Cinco, diz o catecismo: a Trindade, a Encarnação, a Redenção, a Igreja, a Vida Eterna. Vejamos o que a Boa Madre Maria de Sales disse sobre esses cinco dogmas, como ela os entendia e os aplicou na prática de sua vida.

A Santíssima Trindade. As relações das Pessoas divinas entre si eram o assunto de suas meditações contínuas. A Boa Madre disse sobre isso coisas maravilhosas, teologicamente perfeitas que parecem, às vezes, afirmações de São Tomás. Nessas questões nunca errou ou se desviou? Em Roma, não se pensou assim, pois aprovaram os seus escritos. O que ela disse sobre a comunicação das Pessoas divinas entre si, sobre a vida interior da Santíssima Trindade, sobre as obras ad extra (para fora de si) do Pai, do Filho e do Espírito Santo consta ou nas cartas a Padre Regnouf, ou nas suas palestras à comunidade; encontram-se expressas aí coisas maravilhosas, certas, completas.

Como é profundo e verdadeiro o que ela diz sobre o **Pai** a quem se atribui mais particularmente a criação, ainda que seja a obra das três Pessoas divinas: *Omnia per ipsum facta sunt et sine ipso factum est nihil quod factum est* (Jo 1,3) (Tudo foi feito por meio dele e sem

ele nada foi feito de tudo o que existe). A Boa Madre via na criação das coisas materiais a grande manifestação da caridade de Deus Pai. Daí, a nossa obrigação de usar essas coisas com espírito religioso, tratando-as com respeito, como sendo a obra de Deus, que proporcionam graça. No trabalho material, então, e no emprego das coisas materiais, pode-se encontrar a graça, a santificação. Benzendo-as, podemos torná-las meios de santificação das pessoas com as quais temos contato. Abençoemos os alimentos nas famílias, nas comunidades; benzamos o que damos aos pobres. Ajudemos os pobres com nossas esmolas, com nossas boas palavras; mas compreendamos também a assistência através das coisas que santificam.

A Encarnação é obra do Filho. O Filho de Deus se fez homem não somente para nos salvar, mas para ser o nosso modelo, para que tudo, ao imitá-lo e reproduzi-lo, seja unido, de certa forma, à sua Divindade. Sangue humano circula abundantemente nas veias de um Deus e o homem se assemelha a Deus pela vida sobrenatural e a graça que é a vida divina em nós. Oh! que lindo tratado de Teologia, esse sobre a Encarnação! O efeito da Encarnação se comunica a cada alma de acordo com sua condição, conforme seu dever e segundo a Vontade de Deus e também à medida do empenho de cada alma para parecer-se ao Salvador. O comerciante, o lavrador, o operário, unidos no sangue de um Deus, encontram na Encarnação a base de suas atividades, de seus pensamentos, de seus projetos. O Verbo de Deus pode estar com cada pessoa e cada pessoa deve esforçar-se para assemelhar-se a ele... Será que isso é uma utopia? Não. As almas fiéis à doutrina da Boa Madre encontraram nessas considerações a verdade. Essa é uma formosa página de Teologia e, ao mesmo tempo, é muito prática. Quando pregarem, quando confessarem, lembrem-se disso. Encontrarão nisso luz e força para as almas. Ver-se-á, então, realizar o plano divino. Por que o Salvador veio ao mundo? Não foi só para estar aí, durante 33 anos: *Instaurare omnia in Christo* (Ef 1,10) (Recapitular tudo em Cristo). Ele quer renovar tudo. Essa é a obra que devemos realizar com o Salvador. A doutrina da Boa Madre a respeito é clara e explícita: é preciso que cada um de nós se empenhe para reproduzir Nosso Senhor e para fazer os outros o reproduzirem à medida de sua atuação junto às almas. Ela voltava muitas vezes a falar sobre essa idéia. Nós somos os herdeiros da Boa Madre; é preciso servir-nos dessa doutrina, pregá-la, pô-la ao alcance dos que nos ouvem. Claro, não vão pregar às crianças de catequese, nos mesmos termos, a palestra que lhes estou fa-

zendo hoje!... É preciso que nos compreendam o que nos escutem! Mas encontrarão na doutrina - que acabei de expor - a base, o fundamento e também o impulso, a orientação, o sentido do que os Senhores vão dizer.

A obra do **Espírito Santo** é a graça suficiente, eficaz, vitoriosa, à qual se deve ser plenamente fiel e que importa deixar aplicar-se à sua alma em toda a amplitude. Nosso Senhor disse: Eu vou, mas deixo-lhes o Espírito Santo (cf. Jo 16,5.7). É ele que, de agora em diante, irá permanecer na Igreja, dirigindo-a, sustentando-a, protegendo-a, dando luz e inspirando-lhe boa vontade. Se na direção espiritual, se em nossas alocuções pudéssemos fazer entender essas coisas, se pudéssemos pôr as almas em relação com o Espírito Santo, ensinando-lhes a agir de forma fielmente sobrenatural! Se pudéssemos nós mesmos receber esse sopro! São coisas maravilhosas; são grandes verdades. Como a Boa Madre amava ao Espírito Santo! Como ela mesma era fiel e ensinava aos outros a serem fiéis à graça!

Sobre a **Redenção** há muitíssimo a dizer, mas não podemos demorar... A Redenção, mistério de dor, de sofrimentos, que nos ajuda a suportar nossas provações, unindo-as e acrescentando-as aos padecimentos e méritos do Salvador: Adimpleo ea quae desunt passionum Christi (cf. Col 1,24) (Completo o que falta das tribulações de Cristo). Devemos assimilar profundamente essa doutrina divina, a maravilhosa eficácia do sofrimento; é muito consoladora e benfazeja para a alma que está sendo provada.

A Igreja. A Boa Madre tinha grande veneração para com o Chefe Supremo da Igreja, nosso Santo Padre, o Papa. Considerava-o como o Vigário de Jesus Cristo e a expressão viva de sua Vontade, da Vontade de Deus na direção da Igreja. Quando eu disse a Pio IX que a Boa Madre tinha-me encarregado de pedir-lhe uma bênção especial para ela e sua comunidade, para que fossem as filhas mais submissas, as mais dependentes do Pai comum, disse o Papa: "Que ela reze por mim; os tempos são difíceis!" Pio IX tinha confiança na Boa Madre e nas orações dela. Leão XIII também confiava nela. Tive, referente à Boa Madre, um verdadeiro diálogo que já lhes relatei em várias ocasiões. O Santo Padre manifestava, em relação à Boa Madre Maria de Sales, uma confiança maior ainda do que eu mesmo tinha.

Como é a doutrina da Boa Madre sobre a própria Igreja, sobre o **Sacerdote**? Era uma doutrina de absoluta confiança nos ensinamentos da Igreja; para ela havia como uma auréola em volta do Padre. O caráter

sacerdotal, o poder do Sacerdote, esta união íntima, em toda a verdade, em toda a caridade, do Sacerdote em relação ao Salvador, inspiravam-lhe um elevado respeito pelo Sacerdote. Como ela compreendia bem o Sacerdote! E, também, como é bom para o Sacerdote o que ela ensinava! Vão a Roma e lá lhes repetirão as palavras do Cardeal Vigário, do Cardeal Parocchi: A doutrina da Madre Maria de Sales é boa para os fiéis, mas é boa sobretudo para os Sacerdotes. É a verdadeira doutrina sobre o Sacerdote. É preciso que ele viva disso e encontrará nela a renovação. São essas as palavras de um homem que é a luz da Cúria Romana. Quer ter o retrato da Boa Madre sempre à vista... Sim, meus Amigos, eis aquela que é a luz do Sacerdote, ei-la cuja doutrina deve impregnar e iluminar toda a nossa vida... Vemos os felizes resultados da doutrina da Boa Madre entre os nossos Padres associados, em Paris, e um pouco, aqui em Troyes. Como se constata nessas reuniões que os Sacerdotes que vêm a nós encontram, por intermédio da Boa Madre, as luzes do Bom Deus e as graças mais singulares. Contam-nos coisas muito boas, muito consoladoras. Eles experimentam felizes frutos produzidos nas almas, por meio dessa doutrina. Com essa a gente se santifica e santifica a sua paróquia.

A Boa Madre - repito - tinha uma veneração incomparável para com o Sacerdote. Quando um Sacerdote lhe falava, ela se recolhia como se ouvisse o próprio Deus falar. Ela percebia a presença e a ação do Salvador no Sacerdote; nós não pensamos suficientemente nisso; não nos destacamos muito nesse sentido, não somos muito conscientes disso.

Há alguns dias, me encontrei com o Assistente de uma Congregação que tem quase o mesmo nome como nós: "Levamos o nome de São Francisco de Sales," ele me disse, "Nós poderíamos mudar o rótulo, porque de São Francisco de Sales temos bem pouco. Os Senhores," continuava ele, "os Senhores têm tudo... Não seria possível unir-nos?" O antigo Superior deles, um grande pregador, homem muito esclarecido e bem apostólico, disse-lhes algumas horas antes de falecer: "Com a Boa Madre de Sales pode-se converter o mundo!" Esse Superior era um dos mais fervorosos admiradores da Boa Madre jamais vistos.

A doutrina da Boa Madre Maria de Sales é a da Igreja católica: Credo in Sanctam Ecclesiam catholicam (Creio na Igreja santa, católica). Deus lhe inspirava, quando estava ainda no noviciado, o desejo de fundar uma Congregação de Sacerdotes destinados a espalhar amplamente, no mundo inteiro, o espírito de São Francisco de Sales. Trabalhou nisso

toda a vida; era a obra preferida, era sua Obra. Todas as suas orações, todos os seus trabalhos, todos os seus sofrimentos se destinavam a essa finalidade.... Não pensamos suficientemente nisso, meus Amigos; não fazemos bastante para corresponder a isso. Os de fora que chegam a nós se maravilham ao ver nossa obra. E nós? "Sim, sim...", dizem alguns, "a Madre Maria de Sales era uma santa mulher..." Mas não, meus Amigos, não se trata disso, não mesmo!... Importa converter-nos; é necessário compreendermos o que Deus, que nos deu a vocação, espera de nós.

Na última vez em que estive em Roma, agradei o Cardeal Vigário por aquilo que fazia para agilizar a beatificação da Boa Madre. "Não faço nada de especial," respondeu-me, "a Causa corre por um impulso inerente. É a mais bela Causa," acrescentou, "que vi desde o pontificado de Leão XIII."

Olhem o que se diz sobre a Boa Madre fora do nosso círculo, meus Amigos. E nós o que dizemos? O que fazemos? O que quer dizer isso? Os sinais que Deus deu, além disso, são bastante fortes. Leiam a Vida da Boa Madre. O que é que me sustenta a mim nas dificuldades, nas contradições de todo o tipo, que tenho encontrado e que continuo encontrando, nas provações de toda a espécie?... O que me dá força são os testemunhos indiscutíveis que tive da Vontade de Deus. A aparição de Nosso Senhor; é inútil repetir-lhes os detalhes; os Senhores os sabem. Quando o Bom Deus permite coisas tão extraordinárias, é para que a gente acredite nele e lhe obedeça. Quando ele permite que a Boa Madre venha trazer-me o dinheiro que acabei de pedir a Deus como sinal, quando ele permite que uma pobre imbecil me cite a passagem de São Tomás que eu tinha copiado antes, já é absolutamente necessário que eu me sujeite. Não posso escapar-me disso. A aparição de Nosso Senhor durou uns vinte minutos... O que ele me ordenou? "Faze o que diz a Madre Maria de Sales!" Isso me custou, eu tinha uma aversão profunda. Foi mesmo necessário forçar-me.

Sim, a Boa Madre Maria de Sales é uma grande santa para fazer coisas como essas. Sim, tinha uma missão particular, muito nítida e bem definida que provinha diretamente de Deus. Essas coisas acontecem muitas vezes? Na história da Igreja, isso se encontra a cada passo? Os Senhores acreditam que um Papa diga frequentemente a comunidades, a Ordens religiosas iniciantes: "Estou convosco? Eu trabalho convosco? E todos os que trabalham convosco fazem pessoalmente tudo aquilo que Deus lhes pede?" Se o que o Papa diz não é nada, se o que o Bom Deus diz não

é nada, então o que terá algum valor?

Quero eu também fazer aqui uma pequena confissão: Os Christi Evangelium est (O rosto de Cristo é o Evangelho). Nosso Senhor apareceu-me de rosto sério. Eu também deveria, talvez, mostrar-me severo, rigoroso. Mas é tão difícil! E, além disso, não se pode fazer das tripas o coração, não é? Fiz todo o possível, conforme minhas forças físicas e morais...; mas talvez eu não soubesse bem começar... Os Christi Evangelium est (o rosto de Cristo é o Evangelho). Teria sido preciso, sem dúvida, mostrar-me mais rigoroso para com aqueles que não obedecem, agir com maior energia e força...

Seja como for, meus amigos, isso não diminui nem um pouco as nossas esperanças. Isso não diminui as nossas obrigações. Compreendam bem o que estou dizendo. Até agora nunca falei com tanta liberdade. Até agora tampouco jamais percebi em sua alma, em sua consciência a mesma consonância. Vejo claramente suas vontades se voltarem rumo ao Bom Deus. Os Senhores sabem que o auditório repercute frequentemente a palavra do pregador e remete-lhe o eco. Essa repercussão, durante este retiro, chega a mim como um eco de piedade, de boa vontade, como o eco de almas que amam o Bom Deus e querem cumprir a sua santa Vontade.

É preciso terminar, falando sobre a **Vida Eterna**. A fé da Boa Madre na vida eterna estava à altura de tudo o que vimos no Credo. A Boa Madre estava em contato contínuo com o outro mundo. Durante trinta e cinco anos, eu também podia crer muito nessa fé prática na vida eterna, pois cada dia, na Visitação, eu tinha um verdadeiro jornal de notícias contínuas do Céu. O que me diziam a Boa Madre e também a Irmã Maria Genoveva, como é possível que isso acontecia sempre no dia e na hora em que elas tinham dito que ocorreria? Muitas dessas promessas já se realizaram. A Boa Madre me falava não somente do que devia acontecer na terra, mas também daquilo que se passava no Céu. Tratava-se de palavras aéreas? Eram palavras geradas pela fantasia? O que devia acontecer a curto prazo era por demais confirmado pelos fatos exatos para a gente poder duvidar da origem divina dessas comunicações.

- Boa Madre, - eu lhe disse um dia, - não vale mesmo a pena ir para o Céu... Estamos tão bem aqui... - Não se deve dizer isso; isso causaria escândalo... - Mas temos certeza de estar de acordo com a Vontade de Deus, estamos certos de que ele nos ama, certos de estar com ele... - Não se deve dizer isso... Mas está correto até determinado ponto... É o Céu sobre a terra, a Vontade de Deus amada e cumprida.

Este é o Credo da Boa Madre, meus caros Amigos. Seja também o nosso, o Credo de nosso espírito, de nosso coração, das nossas obras. Amém...

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

SEXTA PALESTRA

NOSSOS ESTUDOS

Hoje de manhã lhes falei sobre a teologia da Venerável Madre Maria de Sales. Acredito que, para compreender bem o que lhes dizia, seria necessário que os Senhores todos tivessem a Vida da Boa Madre. Importa que cada religioso a tenha à disposição; cada um a leia e releia; seja para os Senhores um manual. Os nossos manuais devem ser o Novo Testamento, as Constituições e o Diretório, a Teologia e a Vida da Boa Madre. Para isso será necessário pôr um certo número à disposição do Superior de cada casa.

Como aproveitam a leitura da Vida da Boa Madre? Como uma história comum? Não valeria a pena. Leiam-na com atenção devota. Leiam capítulo por capítulo como se espreme o cacho da uva, segundo a expressão do nosso Santo Fundador, para examinar o suco e como se comprime o favo para obter o mel. Nunca pensei, escrevendo esse livro, que estivesse fazendo uma coisa extraordinária. Além disso, posso afirmar que não fui eu quem o escreveu. Eu dizia comigo mesmo: Boa Madre, eu me coloco a seu lado; inspire-me o que devo escrever, palavra por palavra. Expresso-me bem assim? Deve-se pôr aquilo? O que me convence que o Bom Deus liga graças à leitura desse livro - isso me escrevem de toda a parte - é que eu fiquei quase alheio... Se eu comecei a escrevê-lo, é porque Dom de Ségur me disse um dia: - Padre Brisson, quem é seu confessor? - É Padre Gilbert. - Diga-lhe de minha parte que lhe recuse a absolvição... Repetiu-me isso umas cinquenta vezes... - O Senhor não está escrevendo a Vida da Boa Madre? Não se sabe nada dela! O que o Senhor quer que se faça? Obedeci a Dom de Ségur, mas a contragosto... E eu não fiquei orgulhoso ao escrever esse livro. Aos 71-72 anos de idade, a gente quase não se orgulha mais, não é?

Façam, portanto, da Vida da Boa Madre o seu livro de cabeceira. Peguem-no. Leiam um capítulo e receberão do Bom Deus alguma coisa.

E o que ele lhes der através disso será o espírito da vocação dos Senhores. Se não se identificarem com as idéias desse livro, não realizarão nada, não serão Oblatos, não serão nada. Lendo esse livro, receberão muito, como recebem quando lêem a Regra e as Constituições. é o maná saboroso; tem diversos gostos. Tem o sabor que corresponde às suas necessidades espirituais do momento. O que muito me chamava a atenção, nos primeiros tempos em que estava na Visitação, é que a Superiora sempre se apoiava em São Francisco de Sales, em nossa Santa Madre de Chantal. "Está escrito!", se dizia. E com isso estava tudo dito. A gente vive e se nutre desses santos escritos. E é isso, meus Amigos, o que origina a união numa Congregação. Se cada um traz o seu espírito pessoal, o seu humor e caráter próprios, vindo com o que traz do ambiente onde se criou, com os estudos especiais que fez, haverá uma série de seres justapostos, mas não haverá uma verdadeira união. Em que consiste a união numa comunidade? Não é a soma dos corpos, mas a união das almas, dos corações, dos espíritos. Isso é precisamente o que devemos estabelecer entre nós.

Como chegaremos a isso? Partiremos do princípio de que a vida e a doutrina da Boa Madre devem ser a norma de nossos pensamentos, das nossas apreciações, dos nossos atos, da nossa piedade, da nossa vida religiosa e apostólica.

Reparem que a doutrina da Boa Madre não é outra coisa senão a doutrina de São Francisco de Sales. A Boa Madre era realmente a filha do seu bem-aventurado Pai. Ela compreendia, reproduzia e explicava admiravelmente o pensamento dele. Ao escutarmos a Boa Madre, ouvimos São Francisco de Sales falar; ouvimos um Doutor da Igreja. A Boa Madre - dêem-se conta disso - nunca disse: "Eu digo isso, eu digo aquilo", mas: "Nosso Santo Fundador disse isso ou aquilo".

As palavras da Boa Madre são a explicação mais completa, a aplicação mais coerente da doutrina de São Francisco de Sales. Por isso é preciso nutrir-se de sua vida e de seus escritos. Devem fazer disso, de uma forma ou outra, sua leitura quotidiana. Importa que saibam tudo isso de cor como sabem o Evangelho. Então possuirão um fundo de doutrina, terão um tesouro à sua disposição... Será que isso quer dizer que os Senhores lerão exclusivamente isso? Absolutamente! Mas isso será o substrato, a base. Será a atmosfera na qual respirarão. Será o início de todo o impulso e é também a finalidade para a qual farão convergir todas as suas faculdades, todo o seu empenho intelectual, todos os seus

estudos e todo o seu trabalho.

Estudarão não somente a Boa Madre Maria de Sales. É preciso que cada um estude tudo aquilo que o Bom Deus e o dever lhe solicitam que estude. O que? Primeiramente a Teologia. Devemos dedicar-nos a isso pelo menos três horas por semana; está prescrito, é obrigatório. Mas esforcem-se, meus Amigos, para compreender o verdadeiro espírito da Teologia. Não seja somente uma ciência árida, ressequida, descarnada, mas uma ciência viva que envolverá sua vida e que vivificará a catequese que forem chamados a dar, as pregações que fizerem e os retiros que orientarem, a direção espiritual que lhes confiarem. Eu gostaria muito reencontrar meus cadernos de Teologia da época do Seminário Maior, particularmente minhas anotações do curso de Dogmática. Padre Sêbille sabia tornar esse curso sumamente interessante e prático. Lembro-me como ele era admirável no tratado sobre a Eucaristia. Estávamos entusiasmados e compenetrados: *Nonne cor nostrum ardens erat in nobis?* (Lc 24,32) (Não ardia o nosso coração?) A gente gosta dessa teologia viva, concreta, prática. É a maneira certa de ensiná-la, de estudá-la e de compreendê-la.

Estudem a Sagrada Escritura junto com a Teologia. Leiam a Bíblia com atenção, depois de invocar as luzes do Espírito Santo. A Sagrada Escritura é a base, a substância, a própria vida da Teologia. Leiam a Sagrada Escritura, visando a aplicação prática como lhes dizia, referente à Teologia: leiam-na para seu próprio proveito e para as almas que Deus lhes enviar. Leiam-na para encontrar ali o seu alimento e o delas. Vejam Bossuet, São Bernardo, São Crisóstomo; o que há nos sermões deles? A Sagrada Escritura, antes de mais nada. Reparem as Meditações sobre o Santo Evangelho de Bossuet ou suas Considerações sobre os Mistérios. O que há nisso além do texto sagrado? Quase nada. Bossuet lê o texto, ele o assimila, inspira-se nele e percebe, numa visão radiante, o que esse texto lhe diz. Isso não é tanto porque é um gênio, mas antes e sobretudo porque ele é santo, porque sua oração o iluminou. Como disse o Papa ao Senhor Brunetiére: "Bossuet pertence a todos os tempos."

Leiam a Sagrada Escritura em benefício dos seus alunos, em favor das almas das quais os Senhores estão encarregados. Se confessarem, se pregarem, se derem catequese, lembrem-se de que é na Sagrada Escritura que encontram a luz divina. Não fazemos uso suficiente da Bíblia. Estava lhes falando há pouco sobre Bossuet e São Bernardo. Olhem também

São Francisco de Sales, particularmente em seus sermões. Reparem todos os Santos Padres.

Estudemos, mas façamos estudos práticos; de outra maneira, não fazemos um serviço que preste. O marceneiro preguiçoso afia continuamente os dentes de sua serra, a lâmina de sua plaina, mas não as usa. Para que lhe servem as suas ferramentas? Recolhamos e apliquemos tudo o que estudamos, no sentido como nós encaramos a Teologia, isto é, em prol de nós mesmos e para o bem das almas das quais somos encarregados, das almas dos nossos alunos, para o bem daqueles e daquelas que evangelizamos em nossas obras. Para quem o pai de família faz economia? Para seus filhos. Estudem dessa forma e estudarão de uma maneira interessante. Sejam homens de estudo prático.

Nossos deveres de estado, nossas atividades de professores, na maioria, fazem com que nossos compromissos não se limitem à Teologia a à Sagrada Escritura. Pois é necessário também que cada um faça todo o esforço para que seus estudos profissionais sejam sérios e produtivos. O Senhor tem que ensinar a gramática latina, a gramática francesa; não encontrará nisso grande satisfação. Ensine isso por amor ao Bom Deus. Saiba bem o que ensina; faça com capricho o que está fazendo. O Bom Deus abençoará o empenho que fizer. A isso ligará a sua graça. O Bom Deus salva as almas por intermédio de uma gota de água. Reparem a eficácia divina dada à matéria nos sacramentos e nos sacramentais. Através de seu trabalho, por meio do esforço de suas mãos, por intermédio do que há de ingrato no seu serviço, devem comunicar o Bom Deus às almas que ele lhes enviou. Estudem os autores clássicos, a matemática, sob esse ponto de vista. Então, não terão a tentação de dizer que os seus estudos ressecam-lhes o coração, os distraem, impedindo-os de observar o Diretório; nem dirão que seu espírito, jogado à direita e à esquerda, não pode estar junto ao Bom Deus. Será que é uma utopia o que estou lhes dizendo? Não, é nossa norma de conduta; é a nossa maneira de agir; é o que deve ser a base de todos os nossos estudos e de todas as nossas ações. É o pão com que os Senhores se alimentam e com o qual nutrirão os outros; é essa a água de sua cisterna. Como disse o Papa Clemente VIII a São Francisco de Sales, no dia do seu exame, em Roma: "Bibe aquam de cisterna tua... (Tome água do seu poço...) Meu filho, tome a água de sua cisterna e o líquido do seu poço. Que suas fontes transbordem e forneçam águas nas praças publicas.

Distribuem essas águas fecundas no meio dos povos e nas praças

públicas. O que tiverem ajuntado em matéria de ciência e conhecimentos, vivifiquem-no. Irradiem e entreguem-no! Não se trata apenas de uma maneira de ver e de pensar. Não! Mas seja isso a nossa norma. Não é uma idéia aérea; deve ser um fato concreto, uma coisa palpável. Estudem assim, façam todos os seus estudos nesse sentido. Agindo assim, meus caros Amigos, sentirão as graças de Pentecostes se renovarem nos Senhores. Chamas descerão sobre os Senhores como sobre a cabeça dos Apóstolos. Serão as mesmas línguas de fogo, provindo do mesmo espírito. Darão vida a tudo o que ensinarem. O estudo dos sábios é algo santo e sagrado. Acusam-nos de não sabermos nada, de não estudarmos Teologia. Em geral, sabemos pelo menos tanto quanto muitos dos outros Sacerdotes talvez. O que em breve vamos organizar em Roma nos colocará no nível desejável. Poder-se-á constatar, então, que os Oblatos sabem um pouco de Teologia, quando os jovens Padres, que enviaremos para Roma, voltarem com o título de Doutor e esses serão nossos professores de Teologia. Irão estudar em Roma, como sabem, em nossa casa ali. Serão os vizinhos mais próximos do Papa; com simplicidade e pobreza, moraremos perto do Pai comum.

Vejam o que os Senhores vão fazer, meus Amigos, com a graça de Deus. Devem animar-se bem. Precisam dirigir-se a Deus com toda a generosidade, embalo e alegria de coração. A Boa Madre não queria que considerássemos o Bom Deus como estando longe de nós. É preciso, dizia ela, andar em volta dele, como o filho se move ao redor do seu pai. Ele está perto de nós, lança sobre nós o seu olhar, observa tudo o que fazemos, tudo o que dizemos. A união com ele seja íntima, total, completa, a ponto de - se vier a tentação - esta não possa nada contra nós. A gente, então, se sente apoiado; a gente mantém o coração elevado e em paz, porque, de certa maneira, é Deus que se encarrega de tudo. Avancamos com segurança, porque caminhamos com ele de mãos dadas.

Experimentem isso, rogo-lhes com instância, meus Amigos. Estudem, trabalhem dessa maneira. Imitem as abelhas, disse São Francisco de Sales. Elas pousam sobre as flores desagradáveis, sobre horrorosos cardos que picam os dedos; elas sabem tirar mel daí. Os estudos mais áridos e mais ressequidos, realizados com Deus, servirão como qualquer outra coisa, e mais que qualquer coisa, para santificarmos os demais. Encaremos nesse espírito - repito - nossos estudos profissionais, a Teologia, a Sagrada Escritura, a Vida da Boa Madre. Em tudo isso é necessário querer encontrar o Bom Deus e comunicá-lo às almas que estão ao

nosso redor. Assim realizaremos o desejo da Boa Madre: Oh! como será bonito!... (Até agora não foi tão bonito assim!)

Meus Amigos, digo e penso que vai começar a ser assim. O que o Bom Deus lhes está concedendo nesse retiro me impressiona profundamente. Vejo que a Congregação vai assumir, em Roma, solidez, aprumo e estabilidade. Lá vai se embeber nos mananciais do Salvador. Desenvolverá lá sua vida, seu modo de agir. Vai entrar plenamente no Caminho do qual a Boa Madre falava: Eu gostaria muito de ver isso... Oh! como será bonito! Amém.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

SÉTIMA PALESTRA

A DIREÇÃO ESPIRITUAL

Seria muito difícil, num retiro, tratar todos os assuntos que reclamam nossa atenção. Vou dizer-lhes umas palavras, esta manhã, sobre a direção espiritual.

Além de termos deveres muito particulares para conosco próprios, temos também obrigações a cumprir em relação às almas que nos são confiadas. Praticamente todos estamos encarregados do bem espiritual de outros. Todos, professores, diretores de obras, vigilantes, confessores, pregadores estamos envolvidos no serviço às almas. Para tanto precisamos aproveitar o método de São Francisco de Sales. Em que consiste esse método? Primeiramente observem o Diretório, pratiquem a reta intenção, especialmente. Iniciem, santificando-se a si próprios. Já falamos sobre isso e vamos abordá-lo novamente. Depois de fixar esse primeiro ponto, que é absolutamente necessário e já está estabelecido, temos que seguir adotando uma norma. Não deve ser que o Oblato de São Francisco de Sales, por mais capaz, inteligente e até piedoso que seja, acredite que possa haurir do seu interior tudo o que é necessário, tudo o que é apropriado. Começemos desconfiando de nós mesmos e agarrando-nos firme e inabalavelmente à idéia principal que já lhes indiquei.

Na Confissão. Atendamos a Confissão com o método de São Francisco de Sales. O que ele nos ensina é perfeito e muito consoante às normas que Santo Afonso de Ligório traçou depois. Assimilemos bem essa doutrina, porque é certa. Assim é que atrairemos as almas para Deus.

Não sejamos demasiadamente severos e rigorosos. Não acompanhamos certos teólogos antigos, como Collet, que nos foi explicado durante o primeiro ano de Teologia, no Seminário Maior de Troyes. Esse bom Collet, durante toda a sua vida, só tinha confessado uma senhora idosa. E ainda a mandou embora sem dar-lhe a absolvição!...

Digo-lhes mais uma vez, não ajam a partir de sua maneira de ver pessoal, mas de acordo com os princípios que lhes indico. Leiam as Constituições e o Diretório. Leiam São Francisco de Sales e Santo Afonso de Ligório; adiram a essa doutrina de amabilidade e de misericórdia para com os pecadores.

Não posso entrar em todos os detalhes referentes a este assunto da Confissão; os Senhores entendem. Aqui só quero dar-lhes as linhas gerais. E acrescento um conselho muito prático.

Ao confessarem os seus penitentes, ajudem-nos, quando for necessário, com umas palavras, por meio de algumas perguntas prudentes, as que julgarem necessárias e que farão com muita discrição e reserva. Mas cuidado para não apresentar-lhes toda a Teologia moral. Em certos assuntos delicados, é melhor ficar aquém do que passar além, indo demasiadamente longe, causando perturbação ou mesmo escândalo e, talvez, despertando para cometer o mal.

Todas as vezes que os Senhores conseguiram que o seu penitente dissesse uma palavra a ponto de lhes dar a impressão séria de que ele está convencido de ter dito tudo reconhecendo sinceramente a sua falta e de ter feito uma confissão completa - tratando-se sobretudo de matéria delicada - então contentem-se com isso. A confissão dele é boa. Seus penitentes não são teólogos! Aquele fez a sua confissão a ponto de poder-se dizer que confessou mesmo tudo; não precisa mais nada.

Essa maneira de agir, meus Amigos, eu a aprendi de um dos maiores teólogos de nossos dias, o Cardeal Gousset, e eu o ouvi repetir isso muitas vezes. Em Roma é que ele aprendeu esta doutrina. É a prática dos Penitenciários em Roma, os confessores encarregados para as grandes circunstâncias, os jubileus, etc... Essa maneira de agir é correta.

Em assuntos de vocação, sejam prudentes também. Deixem as almas se abrirem. Rezem muito para que o Bom Deus lhes dê o senso, a compreensão nessas circunstâncias tão delicadas e difíceis. Raramente o Bom Deus recusa essa graça, quando a gente a pede. Não falem e nem ajam segundo seus cálculos, suas impressões e seu humor, mas de acordo com a

Vontade de Deus tal como a discernirem.

É preciso fomentar a vocação religiosa nas almas. Hoje em dia, as vocações religiosas são muito abaladas no mundo. Encontram-se ainda vocações femininas; elas são protegidas pela educação, por sua natureza também que parece tornar-lhes mais fácil a prática das observâncias religiosas. Entre os homens isso tende a tornar-se muito mais raro. Estudem a vocação entre crianças. Dom Dupanloup disse que o homem moral, o homem religioso se forma em nós aos 11 ou 12 anos de idade. Estudem a vocação a partir dessa idade. Tenham cuidados especiais com os que - conforme lhes parecer - sejam chamados por Deus. Sobretudo rezem. Procurem também preservar essa plantinha e conduzi-la a produzir, no tempo próprio, não só flores mas também frutos saborosos. Percebe-se - e isso é bem visível - que os sacerdotes, os religiosos que suscitam vocações ao redor deles são os que rezam, que são piedosos, prudentes, zelosos. Nossos rapazes, nossas moças, conduzidos com prudência, têm a coragem de seguir com perseverança a sua vocação.

Pensem nisso, meus Amigos, procuremos vocações, peçamo-las ao Bom Deus. É uma coisa muito importante, porque - repito - as vocações religiosas estão se tornando cada vez mais raras.

Na direção espiritual de pessoas do mundo, apliquem-se para entender bem a doutrina de São Francisco de Sales, da Boa Madre Maria de Sales, dos Oblatos, essa doutrina a qual lhes prego continuamente, a saber, que a nossa tarefa neste mundo é exatamente aquilo que nos conduzirá para o Céu. A atividade cotidiana de cada um, é essa o seu que-fazer, o seu negócio: *Simile est regnum coelorum homini negotiatori* (Mt 13,45), diz Nosso Senhor (O Reino dos Céus é semelhante a um negociante). Com isso é que ele compra o Céu. Com aquilo que cada um tem na mão é que junta o seu tesouro. Com isso é que deve santificar-se e não através de outros meios, por meio disso deve unir-se com Deus.

Dai, meus Amigos, o ponto essencial de nossa direção espiritual é de colocar-nos na ótica das obrigações das pessoas que orientamos. Uma senhora tem compromissos para com seu marido, para com seus filhos e frente a seu lar. Todas as vezes que a sua devoção ou o seu diretor espiritual a levarem a algo incompatível com o cumprimento perfeito de suas obrigações, será um engano e não mais a verdadeira devoção. A primeira e mais acertada devoção de uma mulher casada é a de executar fielmente todos os seus deveres, orientando invariavelmente sua intenção para o Bom Deus. Amar a Deus acima de tudo, muito bem!

Abandonar-se ao amor de Nosso Senhor de forma especial, é perfeito! Mas não devem querer levar as almas a isso pelos meios próprios dos Senhores e, sim, pelo meio de Deus, que é o dever, pelas graças ligadas ao cumprimento do dever. A devoção não deve consistir nas confissões, nos sermões, em longas orações. Não são essas coisas a serem consideradas as mais importantes. Seria uma direção espiritual mal orientada pedir a um religioso ou a uma religiosa qualquer coisa que não estivesse de acordo com o espírito de sua Regra e de suas observâncias. Sobretudo não se atrevam a querer criticar ou fazer modificar essas observâncias conforme suas idéias! Seria uma extrema imprudência. Olhem o que a Regra, a observância pede; reparem quais as obediências dadas pelos Superiores e contentem-se com essas. Tudo o que se fizesse em outro sentido seria uma intervenção lamentável. Os Senhores perturbariam a ordem estabelecida e criariam cunfusão!

Quantos jovens confessores, quantos jovens religiosos se formam uma idéia própria sobre a perfeição e pretendem impô-la às pobres almas. Isso é contra o bom senso! Querem resolver um problema; partam de princípios sãos e chegarão às conclusões. A última verdade está intimamente ligada à primeira. São contas de um terço que se encadeiam e que se sustentam mutuamente. Fora disso, não há mais nada de verdadeiro e de acertado nesta ciência. A ciência. A ciência de conduzir almas é uma geometria exata e rigorosa. Partam de princípios e chegarão às conclusões. Querem imiscuir-se, agir conforme seu parecer pessoal... Oh! não é proibido de forma alguma, se sua contribuição combina com a maneira como se chega ao resultado final; mas a sua participação é pimenta em vez de sal, e quem vai comer o molho?... Falem com os que os Senhores dirigem sempre de acordo com o espírito da Regra e das Constituições; partam sempre das ordens que lhes foram dadas, sem discuti-las ou enfraquecê-las. Reduzam o que disserem sempre à obediência aos Superiores. O Superior, que representa a Deus em seu governo, fará muito bem para o religioso que obedece; o confessor, só por conta própria, não fará nada. Por exemplo, o caso de um religioso doente; é necessário fazer isso, precisa fazer aquilo... Antes de mais nada, vale considerar: o que diz a Regra? Na Visitação, nada se faz sem a Superiora.

Com relação a religiosos, o que devem fazer, em primeiro lugar, é compenetrar-se bem do espírito do texto de suas Constituições. Os Senhores têm que ajudar as almas para que avancem nesse caminho, que é o rumo deles, e não num outro que os Senhores prefeririam. Envolvam,

portanto, toda a sua capacidade intelectual, todo o seu coração para realizar essa obra. Será que têm mais uma coisa a fazer ou algo melhor? Não.

Que dignidade, meus Amigos, que sabedoria e também quanta força se encontra ao dirigir as almas assim. Isto é, quando a gente as ensina a deixar-se dirigir pelo dever, pela Vontade de Deus que lhes é indicada. Isso é o que é verdadeiro, bom e bonito! É muito mais inteligente, sem dúvida, compreender e ensinar-lhes o que devem fazer de acordo com a Regra estabelecida e aceita do que a gente mesmo pretender encontrar em si próprio, diretamente, as inspirações apropriadas para as necessidades de cada alma que encontrar em seu caminho.

Essa é a norma áurea de nossa direção espiritual, meus Amigos! Isso precisamos começar a compreender nós mesmos e fazer os outros compreenderem.

Há diretores que facilmente insistem nos meios exteriores e fazem procurar a piedade nos aspectos exteriores, por assim dizer. Recorrem a exercícios, a retiros, à participação de todas as palestras na paróquia, a associações e confrarias, etc... Tudo isso é muito bom, mesmo necessário, até certa altura. Mas esse método, que exclui muitas almas que não têm tempo nem os meios nem a força nem o gosto para esses múltiplos exercícios, não é a nossa maneira de direção espiritual.

Importa - repito - que cada alma que chega a nós aprenda a encontrar sua piedade, sua luz, seu sustento, seu conforto naquilo que ela tem que fazer todos os dias, isto é, nos seus deveres de estado. Ela precisa compreender que por esse caminho é que ela chegará ao Céu. Ensinemos à pessoa que chegar a nós a descobrir perto dela; ele lhe coloca nas mãos tudo o que é necessário. A graça de Deus não só será suficiente, mas tornará a alma vitoriosa e fará com que supere as misérias e as necessidades da vida. São esses os degraus para subir ao Paraíso. Façamos as almas compreenderem isso. Essa é a nossa missão, é a direção que convém às almas que Deus nos envia seja nas Obras seja no confessional, em toda a parte.

Nosso método de direção espiritual, portanto, deve ter essa característica. Primeiramente, falando bem certo, não pretendemos nunca dirigir alma alguma. Nossa tarefa é ajudar as almas para encontrar a união com o Bom Deus. Ele é o verdadeiro e único Diretor. Nós iremos buscar no Salvador o que é necessário dizer a essas almas, ensinar-lhes, recomendar-lhes para que não ponham obstáculos, mas, pelo

contrário, favoreçam sua união com ele.

Não é, portanto, o que nós poderemos fazer através do nosso empenho pessoal que levaria a grandes resultados. Não ponhamos nada de pessoal nesse serviço de apostolado. Se nos dirigimos às almas, baseando-nos em nós mesmos, com o emprego das nossas faculdades, das nossas capacidades, erramos a estrada. Ensinemos as almas a santificar-se e, para tanto, vivifiquemos e intensifiquemos sua união com o Salvador; com ele a tarefa se torna fácil. Constataremos que nosso ministério terá sido bom para as almas. E aqueles dentre nossos Padres que aplicaram esse método podem dar testemunho disso, comentar o bem que se pode fazer para as almas, quando a gente lhes ensina a dirigir-se para Deus pela confiança e a docilidade e por todos os meios encontrados ali.

Meus Amigos, dou suma importância a este artigo sobre a direção espiritual. Cuidar das almas, ensinar-lhes a avançar pelos caminhos de Deus com o método, com os meios indicados por São Francisco de Sales os quais ele mesmo praticava, com os meios nos quais a Boa Madre confiava... Naturalmente, a Boa Madre não era confessor. Mas na direção religiosa, nos conselhos que dava às suas Irmãs, ela era muito eficaz; era vitoriosa sobre todas as resistências. Quando se conseguiu conduzir uma comunidade como ela fazia durante quarenta anos - tornando-a, como se dizia sobre a Visitação de Troyes, o vestíbulo do Paraíso - deve-se reconhecer nisso a aplicação de uma prudência e de uma sabedoria pouco comuns. É a grande ciência, esta de ensinar as almas a escutarem Deus. É uma ciência que, em nossos dias, talvez não se tenha cultivado sempre suficientemente. Nos livros das bibliotecas, pouco se o menciona. Há uns opúsculos que formaram o conteúdo de um livro em oitavo. Mas é uma ciência que nós, Oblatos, devemos estudar de maneira toda especial. É um assunto que nos interessa ao máximo. O bem, que somos chamados a realizar na Igreja, realizá-lo-emos exatamente por esse meio de dirigir as almas. Virão a nós precisamente para isso. "Se quiserem ouro, vão ao ourives," dizia São Francisco de Sales.

Dessa parte do nosso ministério precisamos fazer um estudo profundo. Essa doutrina deve orientar nosso critério, dirigir nossos estudos teológicos; sobretudo, deve levar-nos a uma íntima união com Nosso Senhor, à prática fiel e amorosa de nosso Diretório. O que nós próprios somos é que comunicaremos aos outros.

Nós somos Oblatos de São Francisco de Sales para sustentar e executar essas coisas. Essa é a nossa tarefa própria. Não interessa

aonde forem, quando derem isso às almas, todo mundo lhes dirá: "Sim, é o que precisamos! Estávamos procurando há muito tempo, nós o desejávamos; chegou afinal!

Não estou dizendo - reparem bem - que outras maneiras de direção espiritual não sejam boas e que não sejam capazes de levar as almas à perfeição e para o Paraíso. Digo que, em nossa sociedade atual, as almas precisam mais do que nunca ir com simplicidade e confiança ao Salvador, apoiar-se somente sobre ele, viver com ele na união e na intimidade. A doutrina e a maneira de agir de São Francisco de Sales respondem admiravelmente a essa necessidade. Ela atinge o âmago, traz à alma o apoio, a tranquilidade e a segurança. É grandioso e é muito importante o ministério que nos foi confiado.

Como chegaremos a cumpri-lo? Pelo estudo da doutrina de São Francisco de Sales; Santo Afonso de Ligório tem isso em síntese; mas a plena explanação está em São Francisco de Sales que precedeu Santo Afonso. Não vão procurar a norma de proceder dele em outra parte. Sobretudo, não a procurem na cabeça própria, na sua opinião pessoal.

Mais uma vez, nossa Congregação foi fundada especialmente para esta direção espiritual conforme as necessidades do momento presente e as exigências da época que estamos vivendo. No mundo, as almas não podem mais dispor das luzes, dos recursos que tinham, quando a sociedade era cristã. Agora precisam apoiar-se em Deus mais que no homem. O Bom Deus nos ilumine e nos faça compreender bem a nossa missão; ele nos ampare; que nos dê tudo o que necessitamos para as almas que nos destina. Peçamos essa graça para os Oblatos e para as Oblatas; e que saibamos aproveitá-la. Assim seja.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

OITAVA PALESTRA

A PREGAÇÃO E A TENTAÇÃO

Meus caros Amigos, o retiro demasiadamente curto não me permite tratar todos os assuntos que teria desejado abordar nem todos os temas necessários. Direi umas palavras sobre a pregação; em seguida, passarei a um assunto muito sério.

A pregação, meus Amigos, escutem bem o que é. Quis (quem)?

Quid (o que)? Com isso vão pregar.

Quis (quem)? Encontram-se diante de quem? Quem são os seus ouvintes?

Quid (o que)? sobre que devem falar-lhes? Qual é o tema preciso que essas almas lhes pedem, e que é importante dizer-lhes?

Quis (quem)? Os Senhores têm um auditório composto de crianças, de escolares. Sejam muito claros também. O que adiantaria, se eles não os entendem? Têm uma platéia de moças, de moços, de pessoas do interior e de agricultores, de pessoas da cidade ou de negociantes. Digam-lhes o que possa interessar, o que lhes fará bem, aquilo de que precisam; e digam-no de uma maneira que os escutem e compreendam, de um modo que os convença e os toque.

Quid (o que)? Precisam falar sobre a oração. Expliquem às crianças que eles devem rezar. Apresentem motivos ao alcance deles para rezar, motivos que impressionem e os toquem, razões que elas compreendam e lembrem. Expliquem, em seguida, como se deve rezar; cativem a vontade das pessoas. Se os Senhores tiverem copiado as páginas de um manual de pregações, perderão tempo e aborrecerão o seu auditório.

Dêem-se conta daquilo que devem dizer, das pessoas que formam o seu auditório ao qual se dirigem; estejam conscientes dos meios necessários para cada um realizar o que os Senhores pedem que façam. Solicitarão coisas bem diferentes dos moços e das moças, dos lavradores ou dos comerciantes da cidade.

Leiam São Crisóstomo; ele empolgava os seus ouvintes. Pregava para as senhoras de Constantinopla como se deve falar para damas; falava para os marujos e para os marinheiros conforme precisavam; e quando ele se dirigia aos religiosos, também lhes pregava conforme suas necessidades. As coisas que ele diz e a maneira como as diz variam completamente segundo as categorias diversas de ouvintes às quais ele se endereçava.

Sei muito bem que é mais fácil tomar de um livro de pregações um tema já elaborado antes, dividido em dois ou três pontos e recitá-los tal qual; mas, então, ninguém entende, ninguém se interessa e ninguém escuta. Dom Mermillod disse que lamentava muitíssimo que não pudessem continuar o Concílio Vaticano (I); iam pedir reformas gerais quanto à pregação... Por favor! que o orador fale para as pessoas diante de si e que diga para cada uma aquilo de que individualmente necessita.

Cairemos, por causa disso, numa vulgaridade deplorável? Não, é imprescindível que a palavra de Deus seja tratada com grande respeito, conforme todas as conveniências. Falem corretamente, mesmo com distinção, de acordo com o seu assunto, sempre digno de Deus, sempre digno do auditório ao qual se dirigem. Todas as vezes que partirem desse princípio, que falarem em nome de Deus, não é preciso ter medo de caírem na vulgaridade e na inconveniência.

Façam as suas alocuções dessa maneira. Preparem-nas, recolham dados, tenham cadernos de suas leituras; tomem notas; nessas anotações, mencionem claramente que em tal volume, em tal página, encontraram esse fato, aquela mensagem, essa reflexão, tal coisa que poderá servir de apoio para seus raciocínios sobre determinado tema, que poderá ajudá-los para sua pregação. Assim sempre terão algo à mão para dizer. Mais uma vez, porém, isso requer trabalho. Um pregador não se forma num só dia; e uma preleção é o trabalho de toda uma vida.

Assumindo o método que lhes indico, os Senhores evitarão o grande inconveniente dos pregadores. Todos nós temos o nosso acervo de reserva, nosso arquivo. Lá vamos procurar o que queremos dizer; é daí que devemos tirar nossas provisões... Se não saímos dali, se damos volta sempre no mesmo círculo, logo aborreceremos aqueles a quem nos dirigimos, apresentando-lhes sempre a mesma coisa. Todos os nossos trabalhos, todos os nossos estudos devem servir-nos para renovar continuamente as nossas reservas.

Muito lhes recomendo o Evangelho e toda a Sagrada Escritura para suas palestras e seus sermões como também para suas aulas de catequese. Aproveitem de bom grado os exemplos da História Sagrada. Nutram o seu falar com a palavra divina. Há uma graça e uma eficiência especial na citação e no aproveitamento dela. Reparem São Bernardo; seus sermões estão tão repletos da Sagrada Escritura que às vezes, frequentemente até, as palavras do texto sagrado perpassam todo o seu discurso. Não estou dizendo que seja fácil fazer bem como ele, mas poderão constatar que força isso dá à palavra dele.

Uma das minhas lembranças de infância... Quando cheguei no Seminário Menor de Troyes, tinha um colega do primeiro ano, natural de Arcis-sur-Aube. Falava-me sobre o Pároco de Arcis que tinha a reputação de ser um bom pregador, e ele acrescentou: "Gosto muito de escutar a pregação do Pároco. Seus sermões são bem diferentes dos de outros Padres. As palavras que ele diz, as histórias que ele conta me impressio-

nam e me interessam muito mais do que as pregações dos outros. Eu não sei onde ele acha tudo o que diz." Algum tempo mais tarde, esse colega me disse radiante: "Descobri por que o Pároco é tão eloquente. É da Bíblia que ele tira o que prega. Lá encontro suas belas histórias e tudo o que me agradava tanto em seus sermões." O instinto natural daquele menino não o havia enganado. O Pároco era eloquente, porque pregava aproveitando a Bíblia.

Utilizemos amplamente a Bíblia. Todos os textos que lhes parecerem apropriados para expor uma ou outra verdade ou para impressionar as almas que os Senhores têm que estimular, todos os fatos que poderão ser citados para apoiar favoravelmente a doutrina que têm que ensinar ou para consolar e confortar as almas em circunstâncias difíceis, recolham-nos sollicitamente. Os Senhores estão haurindo na fonte. Não é Bossuet que disse que com a Bíblia e uma chave bíblica pode-se iluminar a Igreja com esplendores desconhecidos?

Que os Oblatos de São Francisco de Sales falem assim, aproveitando suas anotações, de modo simples, piedoso e sobrenatural... Falem em vez de pregar ruidosamente e serão bem-sucedidos.

Uma observação que já mencionei muitas vezes e que me alegrou, é uma reflexão do Senhor Bispo de Autun, o Cardeal Perraud, a qual Padre Chevalier me contou. (Padre Chevalier fazia os sermões quaresmais na catedral de Autun e era hóspede do Bispo.) O Cardeal interrogava o seu pregador, que anteriormente era professor, por algum tempo, no 'São Bernardo', sobre nossa maneira de agir, nosso modo de pregar. Resumindo a conversação, o Cardeal disse: "Sim, compreendo, Padre Brisson e os Oblatos não pregam, eles falam." Meus Amigos, que se diga isso sempre sobre nós: eles falam.

Nossos Padres que se dedicam à pregação podem testemunhar que isso efetivamente é o grande meio para fazer o bem às almas. São Francisco de Sales tinha esse método. No início de sua carreira, o seu pai, que tinha alguma formação literária, achava que o filho pregasse de forma demasiadamente simples e que não mostrava suficientemente os seus conhecimentos. "No meu tempo," dizia, "os pregadores faziam diferente; utilizavam mais latim e grego num sermão que tu em dez."... O Preboste concordou e continuava a pregar de maneira a ser compreendido. Continuava falando, conversando. Nós seremos fiéis imitadores de São Francisco de Sales.

Esta noite, meus Amigos, não quero falar-lhes somente sobre a pregação. Gostaria de tratar de um outro assunto também muito importante: et ne nos inducas in tentationem (Mt 6,13) (e não nos exponhas à tentação). Os Oblatos de São Francisco de Sales devem imitar Nosso Senhor; sua vida deve ser a continuação de toda a vida dele. Acontece que as tentações que Nosso Senhor experimentou são exatamente as tentações dos Oblatos.

Primeiramente, Nosso Senhor foi conduzido ao deserto para ser tentado (Mt 4). A primeira tentação: Dic ut lapides isti panes fiant (Mt 4,3) (Manda que estas pedras se transformem em pães). É a tentação do prazer diante da austeridade do dever. É a voluptuosidade, a sensualidade, a moleza nas afeições. O que dizer? O que fazer nesta situação? Non in solo pane vivit homo (Mt 4,4) (Não só de pão vive o homem). O homem não vive só de sua satisfação. Não vive em função do seu prazer. Vive da palavra do Pai que está nos Céus; vive de sua confiança em Deus. É isso o que diremos, é o que faremos na hora da tentação.

A tentação de sensualidade, como todas as tentações, ocupa o seu lugar na ordem providencial. Será que é um sinal de maldição? Será que a alma tentada é abandonada por Deus? Certamente que não. Quando a tentação for enfrentada como deve, suportada como deve, torna-se um meio precioso de santificação. E a alma mais tentada, a mais provada, Deus não só não a repele, mas a chama; ele quer que ela venha diante dele, frente a seu trono como se diz sobre os Anjos que aparecem diante do trono dele. Aonde o Senhor vai mandá-la? A conquistar almas. A virtude celeste, a força e a energia desceram nela em consequência da tentação. E Deus a escolheu para ser o braço de sua onipotência. As almas mais tentadas, quando tiverem sido fiéis na tentação, tornam-se as mais ardentes no serviço de Deus. Quem é o Apóstolo que mais conversões conseguiu? Será aquele cuja palavra teve mais forte repercussão e, ao mesmo tempo, apresentou mais vigor e vida? Será que não é São Paulo esbofeteado pelo anjo de Satanás? Não se desanime, portanto, quem é tentado, mas - pelo contrário - sirva-se de suas tentações como ponto de apoio, como alavanca com a qual erguerá o mundo. Dele se poderá pedir atos de coragem, de força, que não se encontrarão nas almas que não sofreram a prova de tentações.

Continuem imitando Nosso Senhor na tentação. A segunda tentação: Mitte te deorsum (cf. Mt 4,6) (Atira-te para baixo). É a tentação

de jogar-se para baixo, ou então, para fora de sua vocação. Isso já foi a tentação de mais de um Oblato, jogar-se para fora da obediência, da Regra, do Diretório, do espírito que se quer transmitir-lhe. Mitte te deorsum (id.) "Deixem de lado todos esse liames humilhantes, diz o demônio; livrem-se desses constrangimentos." Para uns até, chegou a dizer-lhes: - Largue a vida religiosa! - Mas não corro perigo? - Que nada - responde ele. - Não está escrito: Quoniam angelis suis mandavit de te, ne forte offendas ad lapidem pedem tuum (cf. Mt 4,6) (Ele dará ordem a seus anjos a teu respeito... para que não tropeces em alguma pedra.). Não tenha medo, encontrará anjos para acolhê-lo. Mas não! meus Amigos, se forem infiéis à sua vocação, os anjos não estarão aí para acolhê-los, nem os Anjos do Céu nem mesmo os da terra. Os Bispos não estarão aí - como talvez pensem - sempre prontos a recebê-los. Estou vendo agora, e cada vez mais: os Bispos não parecem desejosos de abrir as portas de suas dioceses para os religiosos infiéis à sua primeira vocação. Parece uma resolução tomada pelo episcopado, a saber, não recebê-los a não ser opondo muitas dificuldades. Em algumas dioceses, até, reina o princípio de não recebê-los de forma alguma. Nossos Bispos se mostram pouco entusiasmados pelas sobras e os restos das Congregações. Não hesito em comunicar-lhes essa constatação que eu mesmo pude verificar já diversas vezes... Se alguém dos Senhores estiver assaltado pela tentação, reflita e aja com conhecimento de causa. Non tentabis Dominum (Mt 4,7) (Não tentarás ao Senhor). Não, meus Amigos, não tentem o bom Deus com cálculos, com previsões mais ou menos tenebrosas. Não escutem os conselhos mentirosos que o espírito mau lhes inspira. Tomem cuidado!... Que situação para um religioso que leva o seu sacerdócio de arrasto, quando nenhum Bispo o quer receber?... Não são casos hipotéticos que eu lhes estou apresentando. Sei o que estou dizendo. Estão avisados.

E ainda que os anjos da terra consentissem em acolhê-lo, os Anjos do Céu continuarão com o Senhor? Pensem seriamente nos compromissos que assumiram. Os votos valem muito; a profissão religiosa, a vida religiosa são coisas importantes. Os compromissos vitalícios que assumiram, na presença da Igreja, não se reduzem a uma simples fórmula que deixaram escapar dos seus lábios. Não devemos ser como madeira flutuante que não oferece ponto fixo de apoio; não sejamos caniços agitados que se dobram de acordo com o vento. Quid existis videre? (Que fostes ver?) Arundinem vento agitatam? ((Um caniço agitado pelo vento?)) (cf.

Mt 11,7) Digo-lhes isso com direito e autoridade especial, já que o caráter especial da doutrina de São Francisco de Sales é a estabilidade. No tempo de Revolução, todos os conventos da França foram supressos. Disseram aos religiosos e às religiosas: Estão livres! Alguns respiram a vida do mundo e se consideraram realmente livres dos seus votos. Havia um certo número, em todas as Ordens, em quase todas as comunidades. Isso não aconteceu na Visitação. Logo que puderam, retomaram a vida em comunidade e quando não encontraram meios para voltar para a comunidade, ficaram religiosas no mundo. Cita-se em Troyes, no entanto, que uma Visitandina se dispensou dos votos; pois bem, verificou-se que era doída!

A estabilidade é a característica determinante dos filhos de São Francisco de Sales. Se não possuem essa estabilidade - estou me dirigindo aos noviços e aos jovens professores - é um sinal de que não são chamados a fazer parte da família dele. Reflitam, enquanto há tempo. O diabo é mentiroso. Os anjos não estarão aí para acolhê-los. Não percam sua vocação! Não se esquivem da mínima obediência, não se retirem do espírito que deve conduzi-los, não se lancem para fora da atmosfera que devemos respirar, para fora do que é nosso. Não sabem onde iriam cair! Non tentabis Dominum (Mt 4,7) (Não tentarás ao Senhor).

Mais uma tentação: a última, a menos freqüente, a menos perigosa também, porque é demasiadamente grosseira. O diabo transporta ao Senhor a uma alta montanha de onde lhe mostra todo o seu poder, sua riqueza, seus reinos. "Dar-te-ei tudo isso, si cadens adoraveris me (se, prostrado, me adorares) (Mt 4,9). Esta tentação da ambição dos cargos ainda não se manifestou entre nós, que eu saiba... Encontrei-a algumas vezes, no entanto, na Visitação, esse desejo de destacar-se, de dominar, de mandar, de realizar grandes coisas... Um belo dia, de repente, a gente se encontra frente a essa idéia; será que é pecado? Não, se a gente não se deleita nisso; tentação não é pecado. Há pecado no que diz o diabo: si cadens adoraveris me (se, prostrado, me adorares) (id.). "Pisoteia a Regra, a obediência, teus votos; passa por cima de tua consciência, dobra o teu joelho diante de mim; abandona o caminho do dever; hae omnia tibi dabo (Mt 4,9) (tudo isso te darei)." É para lá que infalivelmente conduz o uso de toda a espécie de meios que tendem a tornar-nos independentes da obediência e independentes de nossos Superiores. O diabo fará com que dobrem o joelho. Ele é o pai do orgulho, o

amante da independência, o partidário da sensualidade, o inspirador dos maus conselhos. Seu sopro suja tudo o que é puro e bom.

Que esta tentação de dominar, de mandar, possa entrar na cabeça dos filhos de São Francisco de Sales sempre achei estranho. Geralmente, na Visitação, aquelas que eu vi empenhadas nisso eram pobres figuras, um pouco taradas. Era uma verdadeira loucura entre elas querer ser conselheiras, superiores, querer realizar fundações... Meus Amigos, não estou percebendo isso entre nós. Só que ainda somos recentes. Ainda não fizemos muita experiência de nossas forças. É possível que essa tentação chegue um dia e é bom preveni-los contra ela.

Meus Amigos, o que se diz sobre o Salvador? Ele não superou o demônio e não o despistou, a não ser usando palavras da Sagrada Escritura. É o que devemos fazer em todas as tentações que nos assaltarem: a sensualidade, o orgulho, o amor próprio, a ambição. Sirvamo-nos das palavras de Nosso Senhor para cortar rente. Confiemo-nos humildemente à Nossa Senhora, à Boa Madre e obteremos ajuda como resultado de nossas orações.

O assunto desta noite é muito sério. Cada um se examine para ver por qual tipo de tentação sua alma está sendo assediada. Que reze. Peça a Deus a graça para combater; tome bons propósitos. E quando a tentação for incessante e obsessora, que combine com o Bom Deus uma senha a qual dirá no auge da luta: Meu Deus, eu não consinto! Meu Deus, sou vosso para sempre! A luta e os combates terminarão ao findar a nossa vida: *Militia est vita hominis super terram...* Et sicut mercenarii dies eius (Jô 7,1) (A vida do homem sobre a terra é uma luta... Seus dias são como os de um mercenário). Devemos comer o pão, fruto do nosso trabalho. Tudo o que fazemos de bem nos custa; é inevitável contrariar a vontade e passar por cima do próprio coração. Continuemos o bom combate: *Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi. In reliquo reposita est mihi corona justitiae quam reddet Dominus his que diligunt adventum eius.* (cf. Tm 4,7) (Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça, que dará o Senhor, justo Juiz, aos que tiverem esperado com amor a sua Aparição.)

Meus Amigos, revisamos a máquina, absolutamente toda a máquina... Oh! bem sei, não é bem uma máquina. Pelo menos, é uma máquina que compreende e que quer,... uma boa máquina. Uma boa máquina vale mais do

que um instrumento que não presta; produz muito melhor. Importa que a conservemos em bom estado, essa nossa máquina, projetada e montada de acordo com as normas. É preciso que cada máquina, cada peça esteja bem ajustada conforme a norma. Compreendamos isso, meus Amigos. E - mais uma vez, mais umas dez ou vinte vezes! - nós seremos mais capazes e inteligentes fazendo isso do que executando coisas que nós mesmos inventamos. Isso é que os Senhores devem dizer aos religiosos e religiosas: A Regra, o dever, a obediência, o Diretório, isto é, a vida do dever com Deus e para Deus... Quando tratarem com as pessoas, ensinem-lhes essas coisas; ensinem-nas em nossas obras para jovens; ensinem-nas às pessoas instruídas. Eles os compreenderão e escutá-los-ão. As ocupações deles não sofrerão por causa disso. O antigo chefe da estação de Troyes, o Senhor Chapelle, observava o Diretório, e isso não o impedia de viver, ao mesmo tempo, sua vida. Durante todo o tempo em que estava encarregado do serviço do trem entre Paris e Troyes, durante mais de vinte anos, nunca ocorreu um acidente. Ele praticava a reta intenção; oferecia a Deus mil pequenos sacrifícios, sempre no contexto do seu serviço. Seu confessor o encorajava. E, com seus compromissos de chefe de estação, foi ocupar um belo lugar no Paraíso...

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

NONA PALESTRA

O CAMINHO

Lendo a vida da Boa Madre, observem, meus Amigos, que muitas vezes se fala sobre 'o Caminho'. Está-se 'no Caminho'. É preciso 'entrar no Caminho'. O Bom Deus deseja que 'se fique no Caminho'. Que se deve entender por essa palavra 'o Caminho'?

Essa expressão chamou a atenção de todos os que leram a Vida da Boa Madre. Formularam-se várias apreciações, diversas versões sobre esse termo. Os oponentes viram nisso algo misterioso que tendia ao aniquilamento da ação humana e que levaria, mais ou menos inevitavelmente, ao quietismo. Apareceu sobre o assunto um artigo que levantou bastante poeira. Foi refutado vitoriosamente pelo Padre Fragniêres, doutor em Teologia e professor no Seminário Maior, em Friburgo. Um Padre Jesuíta,

por sua vez, o Padre Hagen, diretor do observatório de Washington, respondeu não com menos sucesso a esses ataques. Os Senhores leram, nos Anais Salesianos, nos últimos tempos, o trabalho do Reverendíssimo Padre Hagen, que é muito bem fundado e inatacável.

Parece que ele compreendeu bem a Boa Madre e os meios do 'Caminho'. Ele está em contato com diversos mosteiros da Visitação na América. Compreendeu, tem saboreado e praticado essas coisas. Devemos ter confiança total naquilo que ele afirma sobre essa doutrina. Eu digo a mesma coisa com relação ao Padre Fragnières. Mas eu não sei, se tanto um quanto outro captaram por completo tudo o que essa idéia de 'o Caminho' compreende. Padre Fragnières vê nisso sobretudo a caridade, a bondade, a misericórdia de Deus. O Reverendíssimo Padre Tissot, o antigo Superior dos Missionários de Annecy, dizia a mesma coisa. Comparava 'o Caminho' com a devoção ao Sagrado Coração. Percebia nisso um novo alimento para a piedade, uma forma de devoção especial. Todas essas interpretações são boas, sem dúvida. Mas eu digo que 'o Caminho' é como um prisma que reflete um raio de luz. Observem-no diametralmente de frente, e parece azul. Inclinando-o à direita, matiza-se de verde; inclinando-o à esquerda, parece violeta. Ele muda de cor conforme o ângulo em que se olha. 'O Caminho' é um pouco assim, parece-me. É tudo o que esses dignos e piedosos autores comentaram; e é outras coisas mais. Isso depende do aspecto, de como se o considera.

Nós, Oblatos, como devemos compreender e explicar praticamente 'o Caminho' da Boa Madre?

Sem dúvida, devemos ver nisso a caridade, a misericórdia infinita do Salvador; graças novas, graças profundas. Sim, mas eu gostaria que considerássemos sobretudo a correspondência às graças profundas, solicitada por Deus. Observemos nisso, antes de mais nada, a fidelidade em imitar Nosso Senhor: "Ego sum via." Eu sou o caminho, ele nos diz. "Nemo venit ad Patrem nisi per me" (Jo 14,6) Ninguém vem ao Pai a não ser por mim. 'O Caminho' é a fidelidade em caminhar com Jesus, em apresentá-lo de novo e imitá-lo em tudo. 'O Caminho' é a obediência amorosa a todos os nossos deveres; é a correspondência à graça; é a fidelidade ao Diretório, à reta intenção; **"os que quiserem prosperar e adiantar-se no Caminho do Senhor..."** (Dir. - III); é a prática amorosa e fiel, ao máximo, a nossos votos de pobreza, castidade e obediência, como indicados nas Constituições. 'O Caminho' para nós é, pois, a Regra. 'O Caminho' é o conjunto de nossa vida conforme à vida de Nosso Senhor. Esse é

'o Caminho' primeiramente, como o entendia a Boa Madre. É, portanto, uma coisa clara, positiva e prática. Realiza-se pela devoção ao Salvador e pela imitação dele: comprometemo-nos a ser fiéis e dedicados à pessoa do Salvador; vivemos em união de coração e de atividade com ele. Esse é 'o Caminho'.

A palavra 'Caminho' que a Boa Madre empregou é freqüente na Sagrada Escritura. Um santo Bispo, aquele que me ordenou sacerdote, Dom de Prilly, Bispo de Chalôns, compreendia bem 'o Caminho'. Sobre isso escreveu uma pequena obra, uma seqüência de meditações muito bonitas e piedosas onde revela sua alma de santo. Tomou como texto para essas meditações todo o Salmo "Beati immaculati in via" (Sl 118) (Felizes os íntegros em seu caminho), que recitamos todos os dias nas horas intermediárias do Ofício. Eu já o recitei mais de 20.000 vezes na minha vida!... Podemos encontrar, na recitação quotidiana desse Salmo os elementos para uma alimentação abundante de nossa fé, de nossa piedade e nosso fervor para avançar no 'Caminho' no qual a Boa Madre nos quer. Há aí 176 versículos sobre o Caminho, porque se trata sempre dele, sob nomes diferentes: mandamentos, ordens, lei, justificações, testemunhos, etc... E esses termos se repetem em cada versículo, até freqüentemente duas vezes. A palavra ou a idéia de Caminho se retoma, portanto, mais que 300 vezes nesse Salmo que bem se pode chamar "o Salmo do Caminho". É muito conveniente para nós, portanto, fazer um estudo carinhoso disso, já que o recitamos todos os dias de nossa vida. Temos nisso a fonte onde podemos renovar-nos a piedade. Com esse Salmo inspiraremos nossas orações e nossas meditações. Encontraremos aí verdadeiras delícias espirituais. O livrinho de Dom Prilly mostra a riqueza teológica e piedosa das palavras do Salmo sobre o Caminho.

Se é importante que façamos os outros compreenderem que o Caminho insiste particularmente na fidelidade, é muito fácil deduzir que o Caminho nos obriga a nós mesmos.

Primeiramente nos obriga à prática fiel e amorosa do nosso voto de obediência: Tu mandasti mandata tua custodiri nimis... (Sl 118,4) (Tu promulgaste teus preceitos para serem observados). In via testimonium tuorum delectatus sum (Sl 118,14) (Eu me alegro com o caminho dos teus testemunhos). Testimonia tua (id.) (Teus testemunhos): A palavra de Deus na obediência, eis o testemunho que Deus nos dá ao espírito e ao coração. Temos nessa idéia, nessa convicção, uma fonte inesgotável de coragem e de força. Consideremos o nosso voto de obediência; encare-

mos os outros votos nesse sentido do Caminho. Sejam religiosos a partir dessa ótica. O dia em que obedecermos assim, saberemos fazer, para a obediência, os sacrifícios mais penosos; e esses sacrifícios, ofereceremos-los de todo o coração e de toda a alma, sacrifícios de nossa vontade e de nosso juízo.

Já que mencionei o juízo, abro um parêntese, pois gostaria de repetir-lhes o que muitas vezes já lhes disse, a saber, que por submissão do juízo não se deve entender que seja sempre necessário mudar o julgamento próprio para aderir ao parecer do Superior. Não é nada disso. Se o seu Superior considera branco o que o Senhor tem por preto, não é obrigado que o Senhor o julgue branco também. Mas terá que fazer o que o Superior lhe disser. Quando os outros ascetas dizem que a obediência é o ponto difícil da perfeição, não se deve entender isso no sentido de que deveríamos obedecer em detrimento do nosso juízo. Não somos obrigados a isso absolutamente. Pode-se sempre submeter o julgamento próprio no sentido que expus, executando a ordem dada sem ter que levar em consideração o juízo próprio.

No que diz respeito ao voto de pobreza, o que nos dirá o Caminho? Ensinar-nos-á uma quantidade de segredos. Quem é um dos maiores teólogos do amor de Deus? Não é São Francisco de Assis, o santo pobre? O que lhe abriu as sendas escondidas do amor? A paixão pela pobreza. São Francisco de Sales mesmo talvez não fizesse o voto de pobreza, mas pelo menos soube praticá-lo de maneira admirável. Os Senhores se lembram do episódio de Santa Joana Francisca de Chantal que lhe confeccionava uma segunda batina? "Mas, minha filha, eu não gasto uma batina por ano! Aquela do ano passado está boa!"

Querem encantar o Coração de Deus? Sejam pobres em algo. Tenham gosto nisso. Na época da fundação da Visitação, durante os primeiros anos, era sumamente edificante ver com quanto amor as primeiras Irmãs praticavam a pobreza; e uma pobreza sumamente austera, em meio à qual encontravam ainda o jeito de fazer muita caridade. O Santo Fundador satisfeitíssimo via maravilhas se operarem naquelas almas. Entre elas procurava as lições do seu Tratado do Amor de Deus... A luz, a coragem, a consolação são os frutos do desprendimento oferecido a Deus, da mínima coisa que a gente lhe oferta. Então, ele esquece, de certa maneira, o que ele é e o que nós somos, dizia a Boa Madre. Conformem-se a esses segredos, meus caros Amigos; ponham-se em condições de apreciar o resultado desses pequenos sacrifícios e dessas ninharias. Na roupa,

por exemplo: não haja despesa que não seja absolutamente necessária. Considerem o que têm para o seu uso como algo confiado a si pelo Bom Deus. Não é propriedade sua, não lhes pertence, mas ao Salvador. Recebam-na das mãos dele. Com quanto respeito São Luís Gonzaga recebia uma batina nova! Beijava-a devotamente, agradecia a Deus por tê-la dado para ele. "Mas essas coisas são ninharias!" Sim, e levem ao Bom Deus.

Devemos praticar fielmente essa pobreza, pois não podemos dispor de nada, nem quanto à roupa nem referente à comida. Nunca podemos gastar nada para nós. São sacrifícios mais ou menos penosos, mais ou menos dolorosos que devemos fazer em cada momento. Sacrifícios? Não, antes são pérolas preciosas que não devemos deixar perder-se. Aproveitem-nas, meus Amigos, e não se esqueçam. Pratiquem o voto de pobreza de maneira que agradem a Deus: esse é 'o Caminho'.

Chamo a atenção a uma irregularidade, uma maneira de ver que lhes faço notar de passagem; há quem se prende a isso ou àquilo, no quarto, na mobília, no enfeite, a este ou àquele objeto. Existem religiosos para quem a pobreza não oferece nenhuma dificuldade: entregam tudo de boa vontade e se alegram por não possuir nada. Outros religiosos estão apegados um pouco a certas coisas. E, finalmente, outros religiosos estão muito agarrados. Isso depende da natureza de cada um. Nem todos podem ter a mesma maneira de agir e pensar. Há entre nós a quem a pobreza não custa evidentemente nada; existem diversos que - como dizia a Boa Madre - têm um temperamento completamente religioso e são desprendidos de tudo. Vejo outros, no entanto, que parecem agarrar-se muito às coisas que são para seu uso pessoal. O que fazer? Despojar-nos de todo o apego; e quando houver necessidade de fazer um verdadeiro sacrifício - esse sacrifício maior e mais penoso - será tanto mais meritório. São esses os degraus da escalada rumo ao Paraíso. Quais os elementos que tornaram a obra de São Francisco de Assis tão bonita? Quais foram os seus primeiros colaboradores? Non multi potentes, non multi nobiles, sed quae stultitia sunt mundi elegit Deus. (cf. 1 Cor 1,26.27) (Não muitos poderosos, não muitos nobres, mas o que é loucura do mundo Deus o escolheu). São Francisco de Assis jogou-lhes, sobre os ombros, velhos mantos remendados. Ensinou-lhes a amar a pobreza, e cobriram a terra.

Amem a pobreza. Compreendam as graças que nela se encontram. Tenham sua pequena prática favorita de pobreza. Conservem cuidadosamente e sempre alguma coisa que lhes faça sentir a pobreza. Isso lhes uni-

rã poderosamente a alma com Deus. Isso os fará semelhantes Àquele que disse: "Vulpes foveas habent et volucres caeli nidos, sed Filius hominis non habet ubi caput reclinare (Mt 8,20) (As raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça). É isso 'o Caminho'. Não lhes prego uma pobreza difícil, diferente da que têm. Aproveitem a pobreza de sua vida quotidiana. Sejam bastante inteligentes e hábeis para não deixar nada perder-se dos tesouros que os Senhores têm nas mãos. Haec est via, ambulate in ea (Is 30,21) (Este é o caminho, segui-o).

O que eu disse sobre a pobreza, não se deve aplicar somente à pobreza que se pratica na vida religiosa. Tem sua aplicação também para as pessoas do mundo. Pode-se amar e praticar a pobreza no mundo. E a experiência me mostrou mais de uma vez, que uma ou outra pessoa que realizavam atos de virtude de pobreza, por conseguinte receberam graças preciosas. Não quero citar aqui nomes próprios, mas mentalmente refiro-me a dois ou três exemplos em particular. Por que fulano era tão grande cristão? Por que tinha grande e boa influência e por que fez tanto bem em torno de si? Vivía como todos os outros, mas conseguia - sem que os outros o percebessem - praticar efetivamente a pobreza, não gastar um centavo a mais do que era realmente necessário. Vir altissimae paupertatis (Homem da mais destacada pobreza). E a medida das graças que ele recebia era proporcional à extensão de sua pobreza.

Tomem essas coisas a peito; realizem-nas carinhosamente: os Senhores vêem que 'o Caminho' não é outra coisa.

O voto de castidade. A castidade para nós não é somente a castidade negativa, a que consiste na abstenção de faltas que desagradam a Deus. Nossa castidade envolve o coração. E nós damos o coração afetuosamente a Nosso Senhor. Não é o afeto terreno, é um sentimento sobre-humano, sobrenatural, de uma intensidade, de uma intimidade sem igual. Essa é a castidade 'do Caminho'.

O coração do homem será capaz de amar assim a Nosso Senhor? As santas, sim... Os Senhores acreditam, meus Amigos, que os santos amam a Nosso Senhor menos que as santas?... Eu lhes mencionei Dom de Prilly. Eu poderia citar-lhes ainda Dom de Ségur e muitos outros. Sim, eles amavam a Nosso Senhor...

Meus Amigos, queiramos bem a Nosso Senhor. Amando-o, teremos tudo. Amemo-lo na Missa, na meditação, em todas as nossas ações. O amor

a Nosso Senhor nos proporcionará a influência, o mérito. Por que não temos, no coração, um lugarzinho reservado para Nosso Senhor? Nunca vimos, então, em nossa vida, sua Pessoa divina inclinar-se sobre nós? Nunca sentimos, então a ação de sua graça sobre nós? Então, nunca compreendemos a Santa Comunhão? Então, ele nunca disse nada ou fez nada para nós? Nosso coração, então, não gosta de nada e não ama a ninguém? "Não! meu coração nunca sentiu nada por ninguém." Sim, meu Amigo, ele tem muito egoísmo... Não sejamos inertes, meus Amigos, não sejamos uns defuntos. Não tenhamos uma pedra no peito! Não vivamos para nós... Vive-se tanto mais para si quanto menos se vive para os outros. Queiramos bem a Nosso Senhor. Amemo-lo na Santa Comunhão, na Santa Missa, quando recebemos o perdão dos pecados, quando damos a absolvição, quando damos a Comunhão, quando pregamos a palavra divina. Amemo-lo sempre e em toda a parte. E estaremos 'no Caminho'. Essa é a castidade 'do Caminho'.

Assim é que seremos interiormente semelhantes a Nosso Senhor: pela prática dos votos. Mas nós, religiosos Oblatos, temos mais uma obrigação, ou seja, a de parecer-nos exteriormente com Nosso Senhor... Devemos assemelhar-nos a ele na roupa, nas palavras, em todo o nosso relacionamento com o próximo, em toda a maneira de agir. "Ver-se-á ainda o Salvador caminhar pelo mundo," dizia a Boa Madre.

Quanto à roupa, tenhamos muito cuidado de nossa batina, nosso hábito religioso. Tratemo-la com muito respeito... Na aparição de Nosso Senhor que tive, eu observava a dobra de sua veste. Não me animava a olhar o seu rosto... Encontrei naquilo o que era para mim uma verdadeira revelação. Tive uma sensação que, sem dúvida, se deve experimentar no Paraíso. Não precisava mais nada. Fixar o olhar nessa dobra de sua roupa - parecia-me - seria suficiente para minha felicidade eterna. Com quanta dignidade Nosso Senhor usava sua vestimenta!

Unamo-nos a ele tanto interior quanto exteriormente. Usemos com fé, respeito e amor o nosso hábito religioso. O Salvador não trocava muitas vezes a roupa; não tinha condições para tanto! Cuidemos de nossa roupa como ele tinha cuidado com a dele. Nada inspira maior devoção do que a santa Túnica de Argentueil, tecida pelas mãos de Nossa Senhora. Essa vestimenta comunica graça. José Roussel escreveu-me nesses dias que ele, por ordem da autoridade eclesiástica obrigado a fazê-lo, acaba de analisar quimicamente as manchas dessa santa Túnica e ele reconheceu cristais de sangue humano. Fazendo esse estudo, - ele me es-

creveu - o pensamento no Senhor e na Congregação dos Oblatos não me saía nunca da cabeça. Enquanto eu tocava o sangue de Nosso Senhor, não podia deixar de lembrar-me dos Senhores...

Assim é que avançaremos no 'Caminho', parecendo-nos a Nosso Senhor, quanto à roupa, com sua atitude exterior e na maneira de agir. "Ver-se-á ainda o Salvador andar pelo mundo..."

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

DÉCIMA PALESTRA

AÇÃO DE GRAÇAS

Meus Amigos, temos que agradecer ao Bom Deus por este retiro. Acredito que a sua graça tem operado valiosamente em muitos de nós. Todos levarão uma boa impressão, e espero que os frutos sejam duradouros em nós e ao nosso redor.

Apliquemo-nos. Tornemo-nos assiduamente os religiosos da Boa Madre Maria de Sales, os religiosos 'do Caminho'. Realizemos os votos da Santa Igreja. Essa finalidade é realmente bastante boa, e podemos dizer com Davi: Funes ceciderunt mihi in praeclaris (Sl 15,6) (O cordel mediu para mim um lugar delicioso). A parte que o Bom Deus me assinalou é bonita. Por que bonita? Porque é a parte que ele fez e escolheu para mim; é aquela que foi feita à medida da minha capacidade, correspondente a minha índole, condizente com meu juízo e meu coração. Acho-a bonita e não desejo outra.

Lembrem-se disto, meus Amigos, que é necessário agradecer muito o Bom Deus por sermos Oblatos. Desafio-os a todos, um por um, a procurar em outra parte graças maiores do que as que recebem aqui. Em nenhum outro lugar encontrarão as mesmas ajudas, as mesmas inspirações, os mesmos recursos fáceis e seguros para dirigir-se ao Bom Deus e para fazer os outros chegarem a ele. Agora, que os frutos deste retiro se façam sentir na Congregação. Queiram-se bem uns aos outros. Cada um de nós, em seus momentos, reze pela comunidade, por este ou aquele Padre; por uma determinada necessidade nossa, por uma ou outra das nossas múltiplas Obras. Por parte de cada um de nós, haja todos os dias uma lembrança, uma oração toda especial e muito fervorosa pela comunidade, por fulano ou beltrano...

Nossas missões sofreram muito ultimamente; mas observei uma coisa que me consolou. Apesar dos seus sofrimentos, nenhum dos nossos missionários lamenta sua vocação; ninguém gostaria de trocar e fazer outra coisa. Em todas as cartas deles, encontro essa opinião uníssona. Eles gostam de sua vocação, são muito afeiçoados a ela; e lá fazem muito bem.

Temos uma Procuradoria recentemente fundada em Roma. Rezemos por Padre Rollin, para que o Bom Deus lhe dê a saúde necessária e possa continuar a obra tão felizmente iniciada. O Santo Padre se dignou testemunhar sua satisfação em ver os Oblatos estabelecidos em Roma, e muito perto dele. Estamos lá como modestos inquilinos, ocupando uma pequena parte de uma grande casa, com toda a humildade e simplicidade. Eu gosto muito disso. Prefiro isso a uma grande residência com cartaz anunciando que se trata de uma propriedade nossa. Dir-se-ia: "Vivem num palácio!" Sim, moramos num palácio, mas num cantinho bem humilde. E para entrar passamos por uma discreta e humilde portinhola. Mais uma vez: peçamos ao Bom Deus, que dê ao Padre Rollin a saúde necessária. Sua missão é de muitíssima importância. Ele é o que mantém a Congregação em contato permanente com o Sumo Pontífice e as Congregações Romanas. É ele que suaviza os atritos e as asperezas que surgem nas engrenagens de toda a administração. Ele me disse que era velho demais para cumprir bem essa tarefa; ainda tem um pouco de amor próprio, esse Padre Rollin!... Soube unir perfeitamente a estima e o afeto de todos os que se aproximam dele, em Roma, e faz estender-se até nós essa estima e esse afeto de todos.

Após este retiro, meus Amigos, que todos percebam que somos verdadeiramente Oblatos. Nihil nisi grave, moderatum, ac religione plenum prae se ferant (Comportem-se unicamente com gravidade, moderação e muito espírito religioso). Na igreja, comportemo-nos de modo conveniente, numa atitude condizente com religiosos mortificados; mantenhamo-nos retos, sem apoiar-nos relaxadamente, sem passar a mão no rosto, a ponto de edificar a todos. No caminhar, sejamos simples; não tentemos nada de afetado fora de casa e nas ruas. Cada um se comporte e caminhe convenientemente e com simplicidade. Os Padres Jesuítas se vestem todos de forma igual. Eles procuram imprimir em todos os seus religiosos a mesma maneira de comportar-se, de caminhar, de mover os braços, etc... Longe de mim criticar essa maneira de agir. Pelo contrário, admiro e respeito isso. Nós, Oblatos, não podemos assumir o estilo dos Padres Jesuítas;

mas, pelo menos, andemos simples e singelamente, sem nada de afetação.

Evitemos, antes de mais nada, tudo aquilo que poderia causar o mínimo prejuízo à reputação de nossa virtude. Devemos evitar familiaridades que podem ocasionar observações maliciosas ou interpretações mal-intencionadas. Temos que vigiar sobretudo, para que a nossa vida seja santa e imaculada, mas - ao mesmo tempo - que se manifeste a todos. É preciso isso.

Iremos renovar nossos votos. Para não estender a cerimônia - pois são numerosos - cada um os renovará interiormente e em voz baixa. Dois de nossos Padres vão pronunciar seus votos perpétuos. Em seguida, cada Superior local virá renovar publicamente os votos, em seu nome e em nome dos religiosos que lhes são confiados.

Espero que surta um grande benefício, para o Instituto, desta cerimônia como encerramento do nosso retiro. É um ato de elevada religiosidade que vão realizar, um ato sumamente meritório e que derramará em suas vidas e nas almas dos outros graças seguras e abundantes. Amém.

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-